



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIDADES, TERRITÓRIOS,
IDENTIDADES E EDUCAÇÃO – PPGCITE**

NAÍR MIRANDA DA COSTA

**RIQUEZA LEXICAL DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA ARAPAPUZINHO: UMA
PROPOSTA DE ATLAS LINGUÍSTICO SEMÂNTICO-LEXICAL**

ABAETETUBA-PA

2025

NAÍR MIRANDA DA COSTA

**RIQUEZA LEXICAL DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA ARAPAPUZINHO: UMA
PROPOSTA DE ATLAS LINGUÍSTICO SEMÂNTICO-LEXICAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Cidades: Territórios, Identidades e Educação, da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Cidades, Territórios, Identidades e Educação. Linha de pesquisa Identidades: Linguagens, Práticas e Representações.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Brayna Conceição dos Santos Cardoso

Coorientador: Prof.^o Dr.^o Alexandre Assis Tomporoski

ABAETETUBA-PA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C837r Costa, Nair Miranda da.
Riqueza lexical do território quilombola Arapapuzinho: uma
proposta de Atlas linguístico semântico-lexical / Nair Miranda da
Costa. — 2025.
210 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Brayna Conceição dos Santos
Cardoso
Coorientador(a): Prof. Dr. Alexandre Assis Tomporoski
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Abaetetuba, Programa de Pós-Graduação
em Cidades, Territórios, Identidades e Educação, Abaetetuba,
2025.

1. Variação Linguística. 2. Riqueza Lexical. 3. Território
Quilombola Arapapuzinho. 4. Dialetoлогия. 5. Geolinguística..
I. Título.

CDD 306.44

NAÍR MIRANDA DA COSTA

**RIQUEZA LEXICAL DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA ARAPAPUZINHO: UMA
PROPOSTA DE ATLAS LINGUÍSTICO SEMÂNTICO-LEXICAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Cidades: Territórios, Identidades e Educação, da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Cidades, Territórios, Identidades e Educação. Linha de pesquisa Identidades: Linguagens, Práticas e Representações.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Brayna Conceição dos Santos Cardoso (orientadora)
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Dr. Alexandre Assis Tomporoski (coorientador)
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof^ª. Dr^ª. Talita Rodrigues de Sá (membro externo)
Universidade do Estado do Pará – UEPA

Prof. Dr. Marcelo Pires Dias (membro externo)
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof^ª. Dr^ª. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa (membro interno)
Universidade Federal do Pará – UFPA

DEDICATÓRIA

*Dedico este estudo aos meus pais,
José Magno e Ana Maria,
que me ensinaram a valorizar e respeitar as
diversidades linguísticas e socioculturais
antes de conhecer as bases teóricas.*

AGRADECIMENTOS

Sou fruto de raízes profundas e asas que me impulsionam, pois toda grande jornada é feita de encontros significativos e trocas genuínas. À minha família, professores e amigos, meu mais sincero obrigado por me incentivar, por me encorajar com muito carinho, e por fazerem dos dias longos dias de aprendizagem e por serem pontos de apoio na concretização deste sonho. Portanto, este estudo é, antes de tudo, um tributo à força coletiva que me sustenta.

À minha família, que sempre me incentivou e me guiou no caminho da educação com tanto carinho e amor: obrigada por cada renúncia, cada sacrifício silencioso e cada gesto de amor traduzido em incentivo e cuidado. Vocês me ensinaram, que a educação transforma e que valorizar as diversidades linguísticas e culturais é um ato de resistência e respeito a história dos grupos acêtricos, que por meio da fala carrega memórias, afirma identidades e honra trajetórias. Minha eterna gratidão por transformarem meus medos em coragem e meus dias difíceis em esperança, vocês são minha mais profunda inspiração.

Aos amigos que estiveram ao meu lado nas pausas para recarregar as energias, nas risadas compartilhadas e nas conversas que aqueceram as longas noites de estudos. Meu reconhecimento profundo. Obrigada por todo carinho e paciência, pois vocês me acolheram e celebraram minhas conquistas com muito amor.

Ao meu amado companheiro de vida, que compartilhou ao meu lado este processo com muito carinho e cuidado, me encorajando nos momentos difíceis e me acompanhando nas idas e vindas ao território quilombola Arapapuzinho durante o percurso da pesquisa de campo. Desta forma, obrigada por ser companheiro, amigo constante e por partilhar com muita alegria a concretização dos meus sonhos.

À minha estimada orientadora, prof.^a. Dr^a Brayna Conceição dos Santos Cardoso, meu reconhecimento por ter partilhado comigo este caminho por vezes turbulento, porém de muitas alegrias e aprendizados. Sua condução nesta trajetória, não apenas como orientadora, mas como presença inspiradora, tornaram os momentos de insegurança mais leves, pois suas palavras me firmaram e me ensinaram que a pesquisa é também um momento de escuta, pausas e responsabilidade. Além de tudo, conduziu esta caminhada com rigor e delicadeza, direcionou as rotas e me deixou livre para compartilhar meus saberes e vivências. Muito obrigada por ter acreditado em mim e reforçado meu potencial. Esta pesquisa transcende a junção das nossas discussões, o trabalho árduo de pesquisa, as contribuições significativas dos moradores do Território Quilombola Arapapuzinho, permitindo que os saberes se construíssem de maneira ética, sensível e comprometida com os objetivos deste estudo.

Ao meu querido coorientador, prof. Dr. Alexandre Assis Tomporoski, meu caloroso agradecimento pela humildade intelectual, pelas orientações e pelo tempo dedicado ao longo desta jornada. Suas observações criteriosas, seu olhar humano e respeitoso sobre as riquezas lexicais do território quilombola Arapapuzinho ampliou minhas percepções acerca da relevância dos léxicos como marcas da identidade cultural e histórica do *in loco* desta pesquisa. Assim, suas contribuições durante este processo foram fundamentais para fortalecer cada etapa desta trajetória.

Ao Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Educação (PPGCITE), expresso minha gratidão por ser um espaço de comprometimento, troca de saberes, e de incentivo a pesquisa. Também, agradeço ao corpo administrativo por serem sempre solícitos e por contribuírem para um cenário construtivo para o florescer desta pesquisa.

Aos professores do programa que, com didática, reflexões e humildade, contribuíram com o desejo de apreender e de compartilhar. Assim, meus sinceros agradecimentos, a cada aula, conversas e estímulo, pois fortaleceram meus horizontes na pesquisa e como profissional.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), minha gratidão pelo suporte financeiro ofertado por meio da bolsa de estudos. Uma vez que, o incentivo foi essencial para dedicação integral a este estudo, permitindo que esta dissertação de mestrado se constituísse com foco, tranquilidade e compromisso acadêmico.

Aos colegas de turma, minha gratidão pela parceria e incentivo ao decorrer desta trajetória. Foi entre debates, risos, angústias e aprendizados, que fizeram a diferença na construção deste percurso acadêmico. Portanto, obrigada pelo carinho e admiração.

Aos moradores do território quilombola Arapapuzinho, minha mais profunda e afetuosa gratidão. Muito obrigada por abrirem as portas de suas casas e de suas histórias, por compartilharem saberes, memórias e riquezas lexicais e culturais de tantos significados. Assim, esta pesquisa foi construída das raízes e da resistência das memórias linguísticas dos habitantes do quilombo Arapapuzinho.

Finalizo, portanto, cheia de gratidão e com a consciência que os saberes se constroem com o compartilhar, pois seria impossível caminhar sozinha para construção desta pesquisa acadêmica. Agradeço a cada palavra, cada gesto e cada silêncio de apoio, pois se constituíram como fios que entrelaçaram está escrita. Para tanto, desejo que o impacto desta pesquisa retribua, em forma de respeito e compromisso, tudo o afeto que recebi ao decorrer desta trajetória no mestrado.

A todos que foram caminhos, rios ou luar nas noites escuras: minha eterna gratidão!

EPÍGRAFE

Raízes da resistência

*“Minha pele é negra, meu coração é forte
Minha história é rica, minha voz não é fraca
Eu sou descendentes daqueles que vieram
Em navios negreiros, mas não perderam a fé.*

*Resistência negra, raízes profundas
Nossa luta é longa, mas não é vã
Nós somos a força, que não se quebra
Resistência negra, nossa história se faz.*

*Nós somos filhos de Zumbi e Dandara
Nós somos netos de Machado de Assis
Nossa cultura é rica, nossa música é viva
Nossa resistência é chama que não se apaga*

*Nossa resistência é luz que nos guia
Nossa história é força que nos faz viver
Nós somos resistência negra, viva e forte
Nossa luta é árdua que nos faz crescer”*

(Mony Tarler Rodrigues)

RESUMO

Esta dissertação apresenta o estudo intitulado Riqueza lexical do Território Quilombola Arapapuzinho: uma proposta de Atlas Linguístico semântico-lexical. De maneira específica, o objeto de estudo desta pesquisa está pautado no falar quilombola dos moradores do território Arapapuzinho. A escolha desta temática se justifica por tratar o léxico do território quilombola Arapapuzinho como peça fundamental para valorização dos grupos minoritários da Amazônia, especialmente na região do Baixo Tocantins no Pará, que possui uma rica diversidade cultural. Uma vez que, este projeto é inédito na região do Baixo Tocantins, abordando aspectos sócio-históricos e culturais herdados da cultura afro-brasileira, contribuindo para a preservação e reconhecimento da identidade da comunidade de Arapapuzinho. Além disso, este estudo busca contribuir com as pesquisas no âmbito acadêmico sobre a riqueza lexical dessa comunidade. O objetivo geral é registrar o falar do território do quilombola Arapapuzinho de acordo com sua identidade sócio-histórica e cultural, visando a construção de Cartas Linguísticas Semântico-lexical como forma de valorizar a riqueza lexical da comunidade quilombola e as suas vivências como forma de documentar o seu patrimônio lexical. O *in loco* desta pesquisa é o território quilombola Arapapuzinho localizado no Baixo Tocantins no município de Abaetetuba/PA. O quadro teórico constitui-se a partir das contribuições dos estudos de Munanga (1996), Silva (2008), Santos (2023), Barbosa (2015), Latour (2012), Barbosa (2009), para dar base as histórias, memórias e vivências, que tornam o quilombo Arapapuzinho um espaço de pertencimento simbólico da cultura e identidade Afrobrasileira; Fiorin (2008), Lunardi (2005), para compreendermos os aspectos da linguagem, linguística e interdisciplinariedade; Cardoso (2010), Mollica (2004), nos referenciam sobre a Dialetologia e Sociolinguística na perspectiva desta pesquisa; Thun (1998), Dantas e Carlos (2020), para tratar sobre os princípios pluridimensionais e o fazer geolinguístico que complementam os estudos da Dialetologia e Sociolinguística; Ramos (2010), nos auxiliara a respeito do método cartográfico de análise; Pelegrini e Funari (2008), Ciampa (1987), Rajagapolan (2003), Hall (2006), Labov (1972), para embasarmos a importância das discussões acerca da diversidade linguística, identidade e variação lexical; Bagno (2014), Biderman (2001), Seabra (2015), Pereira (2017), a respeito do patrimônio lexical do território quilombola Arapapuzinho; Padronov e Freitas (2013), Cardoso e Razky (2015), Alkmin (2001), Ferreira e Cardoso (1994), Thun (2008), para dar base ao contexto metodológico deste estudo, a respeito das teorias, procedimentos e estratégias metodológicas; e Bechara (2011) e Oliveira (2015), para fomentar as análises acerca dos registros das riquezas lexicais, considerando os saberes linguísticos, culturais e identitários dos

falantes do território quilombola Arapapuzinho. A metodologia desenvolvida nesta dissertação seguiu os métodos preconizados pela pesquisa de campo de caráter quantitativo, de acordo com Prodanov e Freitas (2013). Desta maneira, o tipo de estudo registra-se na abordagem dos estudos da Dialetologia, sendo então uma pesquisa de caráter quantitativo a qual dispõe das três ciências da linguagem: a linguística, a Dialetologia e a Sociolinguística. Os procedimentos metodológicos da pesquisa combinam as abordagens da Dialetologia e da Sociolinguística utilizando os princípios pluridimensionais para analisar as riquezas lexicais registradas. Na Dialetologia, foi utilizado o método cartográfico para mapear cartograficamente as variantes lexicais, coletadas por meio do Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A) e entrevistas com vinte sujeitos pertencentes ao território quilombola Arapapuzinho. A Sociolinguística, nos dará base para compreender de que maneira esses aspectos sociais, como gênero/sexo (diassexual), faixa etária/geração (diageracional), escolaridade (diatrática) e uma análise aprofundada a partir do Dicionário de Língua Portuguesa e o Vocabulário terminológico cultural Paraense, a partir da coleta de dados, influenciam o uso lexical no território quilombola Arapapuzinho. Quanto aos princípios pluridimensionais são incorporados somente na etapa de cruzamento dos dados, ou seja, quando considerados os fatores de gênero/sexo, faixa etária e escolaridade. Os resultados desta pesquisa, predispõem da construção de vinte e seis (26) Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do quilombola Arapapuzinho, as quais sintetizam as variações linguísticas sob as perspectivas dialetológica e sociolinguística, destacando o diferencial desta pesquisa pela integração dos aspectos linguísticos, culturais e identitários, revelando como a língua não apenas reflete, mas também constitui as práticas culturais e os processos de construção identitária da comunidade analisada, permitindo compreender a diversidade linguística em sua relação com o espaço, as dinâmicas socioculturais e as expressões identitárias dos falantes, contribuindo para uma análise mais rica e contextualizada da linguagem. Neste sentido, busca-se com a elaboração deste trabalho uma contribuição significativa para o conhecimento da realidade linguística brasileira.

Palavras-chave: Variação Linguística; Riqueza Lexical; Território Quilombola Arapapuzinho; Dialetologia; Geolinguística.

ABSTRACT

This dissertation presents the study entitled *Lexical Wealth of the Arapapuzinho Quilombola Territory: a Proposal for a Semantic-Lexical Linguistic Atlas*. Specifically, the object of study of this research is based on the quilombola language of the residents of the Arapapuzinho territory. The choice of this theme is justified by treating the lexicon of the Arapapuzinho quilombola territory as a fundamental piece for the valorization of minority groups in the Amazon, especially in the Baixo Tocantins region in Pará, which has a rich cultural diversity. Since this project is unprecedented in the Baixo Tocantins region, it addresses socio-historical and cultural aspects inherited from Afro-Brazilian culture, contributing to the preservation and recognition of the identity of the Arapapuzinho community. In addition, this study seeks to contribute to academic research on the lexical wealth of this community. The general objective is to record the speech of the Arapapuzinho quilombola territory according to its socio-historical and cultural identity, aiming at the construction of Semantic-lexical Linguistic Maps as a way of valuing the lexical richness of the quilombola community and their experiences as a way of documenting their lexical heritage. The locus of this research is the Arapapuzinho quilombola territory located in Baixo Tocantins in the municipality of Abaetetuba/PA. The theoretical framework is constituted from the contributions of the studies of Munanga (1996), Silva (2008), Santos (2023), Barbosa (2015), Latour (2012), Barbosa (2009), to provide a basis for the stories, memories and experiences that make the Arapapuzinho quilombo a space of symbolic belonging to Afro-Brazilian culture and identity; Fiorin (2008), Lunardi (2005), to understand the aspects of language, linguistics and interdisciplinarity; Cardoso (2010), Mollica (2004), refer us to Dialectology and Sociolinguistics from the perspective of this research; Thun (1998), Dantas and Carlos (2020), to deal with the multidimensional principles and geolinguistic practice that complement the studies of Dialectology and Sociolinguistics; Ramos (2010), will help us regarding the cartographic method of analysis; Pelegrini and Funari (2008), Ciampa (1987), Rajagapolan (2003), Hall (2006), Labov (1972), to support the importance of discussions about linguistic diversity, identity and lexical variation; Bagno (2014), Biderman (2001), Seabra (2015), Pereira (2017), regarding the lexical heritage of the Arapapuzinho quilombola territory; Padronov and Freitas (2013), Cardoso and Razky (2015), Alkmin (2001), Ferreira and Cardoso (1994), Thun (2008), to provide a basis for the methodological context of this study, regarding theories, procedures and methodological strategies; and Bechara (2011) and Oliveira (2015), to encourage analyses of the records of lexical riches, considering the linguistic, cultural and identity knowledge of the speakers of the Arapapuzinho quilombola

territory. The methodology developed in this dissertation followed the methods recommended by quantitative field research, according to Prodanov and Freitas (2013). In this way, the type of study is recorded in the approach of Dialectology studies, being then quantitative research which has the three sciences of language: linguistics, Dialectology and Sociolinguistics. The methodological procedures of the research combine the approaches of Dialectology and Sociolinguistics using multidimensional principles to analyze the lexical richness recorded. In Dialectology, the cartographic method will be used to cartographically map the lexical variants, collected through the Adapted Semantic-Lexical Questionnaire (QSL-A) and interviews with twenty subjects belonging to the Arapapuzinho quilombola territory. Sociolinguistics will provide us with the basis for understanding how these social aspects, such as gender/sex (diasexual), age group/generation (diagenerational), education and an in-depth analysis based on the Portuguese Language Dictionary and the Pará Cultural Terminological Vocabulary, based on data collection, influence lexical use in the Arapapuzinho quilombola territory. As for the multidimensional principles, they are incorporated only in the data crossing stage, that is, when the factors of gender/sex, age group and education are considered. The results of this research predispose the construction of six (26) Semantic-Lexical Linguistic Charts of the Arapapuzinho quilombola territory, which summarize the linguistic variations from the dialectological and sociolinguistic perspectives, highlighting the differential of this research by the integration of linguistic, cultural and identity aspects, revealing how the language not only reflects, but also constitutes the cultural practices and identity construction processes of the analyzed community, allowing an understanding of linguistic diversity in its relationship with space, sociocultural dynamics and the identity expressions of speakers, contributing to a richer and more contextualized analysis of language. In this sense, the elaboration of this work seeks to make a significant contribution to the knowledge of the Brazilian linguistic reality.

Keywords: Linguistic Variation; Lexical Richness; Arapapuzinho Quilombola Territory; Dialectology; Geolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do município de Abaetetuba/PA	34
Figura 2 – Cartografia social do território quilombola Arapapuzinho	36
Figura 3 - Acesso ao território quilombola Arapapuzinho pelo rio	38
Figura 4 - Acesso ao território quilombola Arapapuzinho pelo ramal	38
Figura 5 - Igreja católica padroeiro São Sebastião	39
Figura 6 - Barracão do quilombo Arapapuzinho	41
Figura 7 - E.M.E.I.F São João Bosco	42
Figura 8 - Plantio de açaí	43
Figura 9 - Colheita e debulho do açaí	43
Figura 10 - Açaí colhido, distribuído nas rasas, pronto para venda	44
Figura 11 - Preparo da terra para o plantio da mandioca	45
Figura 12 - Plantio da mandioca	45
Figura 13 - Atividades desenvolvidas no grupo de mulheres: Artesãs da terra: mãos quilombolas, produtos naturais	48
Figura 14 - Atividades desenvolvidas do projeto Craque's do Amanhã	50
Figura 15 - Festa junina da escola São João Bosco com a participação dos moradores do quilombo Arapapuzinho	52
Figura 16 - VI FIEQ – Feira Integrada das Escolas Quilombolas	54
Figura 17 - Divisão do aporte teórico-metodológico	72
Figura 18 - Esquema por meio de cruz (aspectos pluridimensionais)	73
Figura 19 - Vivências Pré-campo	81
Figura 20 - Pesquisa de campo	83
Figura 21 - Captura de tela da janela inicial do software de geoprocessamento (QGIS)	86

Figura 22 - Carta base do mapeamento cartográfico no compositor de impressão do QGIS...	87
Figura 23 - Paleta de cores base utilizadas na produção das cartas lexicais	88
Figura 24 - Carta Monoléxica/questão 02 do QSL-A (Curupira)	95
Figura 25 - Carta L01/questão 01 do QSL-A (Inambu)	100
Figura 26 - Carta L02/questão 10 do QSL-A (Cuandu)	103
Figura 27 - Carta L03/questão 03 do QSL-A (Cuamim)	107
Figura 28 - Carta L04/questão 17 do QSL-A (Fruta-pão com semente)	112
Figura 29 - Carta L05/questão nº 18 do QSL-A (Fruta-pão-de-massa)	115
Figura 30 - Carta L06/questão nº 19 do QSL-A (Croeira)	118
Figura 31 - Carta L07/questão nº 20 do QSL-A (Taboca)	121
Figura 32 - Carta L08/questão nº 09 do QSL-A (Aninga)	125
Figura 33 - Carta L09/questão nº 15 do QSL-A (Mata)	129
Figura 34 - Carta L10/questão nº 22 do QSL-A (Cartucheira)	134
Figura 35 - Carta L11/questão nº 24 do QSL-A (Pia)	137
Figura 36 - Carta L12/questão nº 27 do QSL-A (Prensa)	140
Figura 37 - Carta L13/questão nº 29 do QSL-A (Paneiro)	143
Figura 38 - Carta L14/questão nº 32 do QSL-A (Capturar)	145
Figura 39 - Carta L15/questão nº 33 do QSL-A (casa de forno)	147
Figura 40 - Carta L16/questão nº 34 do QSL-A (Crivo)	149
Figura 41 - Carta L17/questão nº 36 do QSL-A (Tapagem)	151
Figura 42 - Carta L18/questão nº 21 do QSL-A (Cesto)	153
Figura 43 - Carta L19/questão nº 23 do QSL-A (Canoa)	157
Figura 44 - Carta L20/questão nº 44 do QSL-A (Mau-olhado)	162

Figura 45 - Carta L21/questão nº 45 do QSL-A (Samba)	165
Figura 46 - Carta L22/questão nº 46 do QSL-A (Festa)	167
Figura 47 - Carta L23/questão nº 47 do QSL-A (Rezas)	170
Figura 48 - Carta L24/questão nº 43 do QSL-A (Assombrado)	173
Figura 49 - Carta L25/questão nº 42 do QSL-A (Feitiço)	177
Figura 50 - Carta L26/questão nº 40 do QSL-A (Fantasma)	181

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARQUIA	Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombola das Ilhas de Abaetetuba
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
GELINDA	Grupo de Estudos Linguísticos da Diversidade da Amazônia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INTERP	Instituto de Terras do Pará
QSL-A	Questionário Semântico - Lexical Adaptado
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
DLP	Dicionário de Língua Portuguesa
VTa	Vocabulário Terminológico de Abaetetuba

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos sujeitos que compõem a pesquisa: gênero/sexo feminino e masculino.....	77
Tabela 2 - Campos semânticos do questionário semântico-lexical adaptado.....	78
Tabela 3 - Perfil dos sujeitos que compõem esta pesquisa (feminino e masculino)	90
Tabela 4 – Cartas linguísticas semântico-lexicais que não compõem as análises deste estudo.....	96
Tabela 5 - Campo semântico I- Fauna	98
Tabela 6 - Campo semântico II- Flora	110
Tabela 7 - Campo semântico III- Utensílios domésticos: pesca, caça e roça	132
Tabela 8 - Campo semântico IV- Religiosidade e Crenças	160
Tabela 9 - Registros dos resultados por gênero/sexo (diassexual)	185
Tabela 10 - Registros dos resultados por faixa etária (diageracional)	186
Tabela 11 - Distribuição das lexias de acordo com a análise no Dicionário de Língua Portuguesa e no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba	188

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Perfil dos sujeitos gênero/sexo	91
Gráfico 02 – Faixa etária dos sujeitos entrevistados	92
Gráfico 03 – Escolaridade dos sujeitos entrevistados	93
Gráfico 04 – A ocupação socioeconômica dos sujeitos entrevistados	94
Gráfico 05 - Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L02/questão 10 do QSL-A (cuandu)	104
Gráfico 06 - Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L02/questão 10 do QSL-A (cuandu)	105
Gráfico 07 - Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L03/questão 09 do QSL-A (cuamim)	108
Gráfico 08 - Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L03/questão 09 do QSL-A (cuamim)	109
Gráfico 09 - Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L07/questão nº 20 do QSL-A (Taboca)	122
Gráfico 10 - Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L07/questão nº 20 do QSL-A (Taboca)	123
Gráfico 11 - Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L08/questão 09 do QSL-A (aninga)	126
Gráfico 12 - Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L08/questão nº 09 do QSL-A (aninga)	127
Gráfico 13 - Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L09/questão nº 15 do QSL-A (mata)	130
Gráfico 14 - Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L09/questão nº 15 do QSL-A (mata)	131
Gráfico 15 - Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L18/questão nº 21 do QSL-A (cesto)	154

Gráfico 16 - Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L18/questão nº 21 do QSL-A (cesto)	155
Gráfico 17 - Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L19/questão nº 23 do QSL-A (canoa)	158
Gráfico 18 - Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L19/questão nº 23 do QSL-A (canoa)	159
Gráfico 19 - Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L24/questão nº 43 do QSL-A (assombrado)	174
Gráfico 20 - Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L24/questão nº 43 do QSL-A (assombrado)	175
Gráfico 21 - Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L25/questão nº 42 do QSL-A (feitiço)	178
Gráfico 22 - Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L25/questão nº 42 do QSL-A (feitiço)	179
Gráfico 23 – Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L26/questão nº 40 do QSL-A (fantasma).....	182
Gráfico 24 - Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L26/questão nº 40 do QSL-A (fantasma)	183
Gráfico 25 – Percentual das lexias de acordo com a análise no Dicionário de Língua Portuguesa e no Vocabulário terminológico de Abaetetuba	187

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
HISTÓRIA E MEMÓRIA DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA ARAPAPUZINHO....	28
1.1 Rememorando o passado para compreender a formação identitária do Quilombo Arapapuzinho.....	28
1.2 Caminhos para conhecer o território quilombola Arapapuzinho	33
1.3 Saberes e vivências: aspectos identitários e culturais do território quilombola Arapapuzinho.....	47
QUADRO TEÓRICO.....	57
2.1 Linguística, Linguagem e Interdisciplinaridade	57
2.2 Dialetoлогия e Sociolinguística.....	59
2.2.1 Dialetoлогия com ênfase nos princípios pluridimensionais e o fazer Geolinguístico	61
2.2.2 Método cartográfico no contexto da pesquisa.....	63
2. 3 Diversidade cultural, identidade e variação lexical	64
2. 4 Patrimônio Lexical do Território Quilombola Arapapuzinho	67
METODOLOGIA DA PESQUISA	71
3. 1 Contexto da pesquisa	71
3.2 Método cartográfico	75
3.3 Rede de pontos: quilombo Arapapuzinho	76
3.4 Seleção e caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	77
3.5 Os instrumentos da coleta de dados.....	79
3.5.1 Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A).....	80
3.6 O material técnico.....	81
3.7 Pré-campo: delineando caminhos.....	81
3.8 Imersão ao campo de pesquisa	82
3.9 Transcrições e sistematização da coleta de dados	84
3.10 O <i>corpus</i> da pesquisa.....	85
3.11 O tratamento do <i>corpus</i> e procedimento de análise.....	85
3.12 As cartas lexicais: delineando sua construção	86
PATRIMÔNIO LEXICAL CARTOGRAFICO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA ARAPAPUZINHO.....	90
4.1 Perfil dos sujeitos entrevistados	90
4.2 Cartas monoléxicas: não designadas para exposição	96
4.3 Análise das riquezas lexicais do quilombo Arapapuzinho	98
4.3.1 Campo semântico: fauna	99

4.3.2. Inambu.....	100
4.3.3 Cuandu.....	103
4.3.4 Cuamim	107
4.3.5 Campo semântico: flora	111
4.3.6 Fruta-pão com semente	112
4.3.7 Fruta-pão-de-massa	115
4.3.8 Croera.....	118
4.3.9 Taboca	121
4.3.10 Aninga	125
4.3.11 Mata.....	129
4.4. Campo semântico: utensílios domésticos: pesca, caça e roça	133
4.4.1 Cartucheira	134
4.4.2 Pia.....	137
4.4.3 Prensa	140
4.4.4 Paneiro.....	143
4.4.5 Capturar.....	145
4.4.6 Casa de forno.....	147
4.4.7 Crivo.....	149
4.4.8 Tapagem.....	151
4.4.9 Cesto.....	153
4.4.10 Canoa.....	157
4.5 Campo semântico: religiosidade e crenças.....	160
4.5.1 Mau-olhado	162
4.5.2 Samba	164
4.5.3 Festa	167
4.5.4 Rezas	170
4.5.5 Assombrado.....	173
4.5.6 Feitiço.....	177
4.5.7 Fantasma.....	181
4.5.8 Considerações gerais sobre os resultados: o léxico como expressão de identidade no território quilombola de Arapapuzinho	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	191
REFERÊNCIAS.....	194
APÊNDICE	198
Apêndice 1: Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A).....	198

Apêndice 2: Ficha do Sujeito	204
Apêndice 3: Ficha da Localidade	206
ANEXOS.....	209
Anexo 01: Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	209

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como título a Riqueza Lexical do Território Quilombola Arapapuzinho: uma proposta de Atlas Linguístico semântico-lexical e se aporta nos estudos da linguagem considerando a Interdisciplinaridade, suscitando os aportes da dialetologia, a sociolinguística, os princípios pluridimensionais, teoria lexical, diversidade linguística e variação linguística, para dar base as investigações linguísticas a partir da variação lexical e os saberes linguísticos, culturais e identitários dos falantes do território quilombola Arapapuzinho.

Esta pesquisa propõe uma descrição dos estudos do léxico no território quilombola Arapapuzinho - Região do Baixo Tocantins como forma de valorização dos patrimônios lexicais dos grupos acêntricos¹, a fim de garantir que a língua e as formas de expressão desses grupos sejam reconhecidas e respeitadas, além da preservação de uma identidade cultural única, ajudando a fortalecer o pertencimento e a autonomia das comunidades quilombolas. Ao mesmo tempo, promove a conscientização sobre a importância da diversidade linguística e cultural no Brasil, dando visibilidade a esses grupos que frequentemente são marginalizados nas pesquisas acadêmicas e nas políticas públicas. Portanto, a pesquisa busca compreender como as palavras e o uso da linguagem na comunidade quilombola Arapapuzinho contribui para a construção e manutenção de seus patrimônios culturais, e como esses léxicos podem ser valorizados como parte essencial da identidade e da história dos moradores do Arapapuzinho.

Para tanto, este estudo marca o início do processo de construção do Atlas Quilombola do Baixo Tocantins, sendo o primeiro mapeamento linguístico desenvolvido com esse propósito no âmbito do Grupo de Estudos Linguísticos da Diversidade da Amazônia (GELINDA), o qual insere-se em uma das etapas empíricas para a construção desse Atlas Quilombola. Neste sentido, esta pesquisa consiste no mapeamento linguístico semântico-lexical considerando os aspectos linguísticos, culturais e identitários do território quilombola Arapapuzinho, com objetivo de registrar o falar do território quilombola Arapapuzinho de acordo com a sua identidade sócio-histórica e cultural, visando a construção de Cartas Linguísticas Semântico-lexicais como forma de valorizar a riqueza lexical da comunidade quilombola e as suas vivências como forma de documentar o seu patrimônio lexical. Mais específico, registrar o léxico do território quilombola Arapapuzinho; identificar variação lexical na fala dos moradores do território quilombola Arapapuzinho; e construir Cartas Linguísticas Semântico-lexicais do território quilombola Arapapuzinho, de acordo com sua história memória e identidade,

¹ Os grupos acêntricos são os grupos que na sua maioria são marginalizados e invisibilizados nos movimentos sociais e políticas.

contribuindo com a valorização do léxico falado pelos quilombolas do Baixo Tocantins, visto que o processo de colonização deste território, no que se refere a sua formação histórica, possui aspectos da cultura Afro-brasileira, a qual expressa forte conexão histórica com as raízes culturais da ancestralidade africana. Deste modo, a proposta de construção das Cartas Linguísticas Semântico-lexicais foi constituída por meio da aplicação do questionário semântico-lexical adaptado (QSL-A), elaborado com base nos aspectos de representatividade da identidade cultural e linguística quilombola, a partir das vivências no território quilombola Arapapuzinho.

Para dar base a este estudo foi utilizado no quadro teórico as contribuições de Munanga (1996), Silva (2008), Santos (2023), Barbosa (2015), Latour (2012), Barbosa (2009), para fomentar as discussões acerca da história, memória e os saberes e vivências do território quilombola Arapapuzinho; Fiorin (2008), Lunardi (2005), para compreendermos os aspectos da linguagem, linguística e interdisciplinariedade; Cardoso (2010), Mollica (2004), nos referenciam para compreendermos a Dialetologia e Sociolinguística; Thun (1998), Dantas e Carlos (2020), a respeito dos aspectos pluridimensionais e o fazer geolinguístico que complementam a análise dos dados deste estudo; Ramos (2010), nos dar base teórica para entender os mecanismos do método cartográfico de análise; Pelegrini e Funari (2008), Ciampa (1987), Rajagapolan (2003), Hall (2006), Labov (1972), para complementar as discussões a respeito da Diversidade cultural, identidade e variação linguística; Bagno (2014), Biderman (2001), Seabra (2015), Pereira (2017), sobre os aspectos de Patrimônio Lexical do território quilombola Arapapuzinho; Padronov e Freitas (2013), Cardoso e Razky (2015), Alkmin (2001), Ferreira e Cardoso (1994), Thun (2008), darão base aos procedimentos metodológicos desta pesquisa; e Bechara (2011) e Oliveira (2015), para fomentar as análises das Cartas Linguísticas, considerando os saberes linguísticos, culturais e identitários dos falantes do território quilombola Arapapuzinho.

Quanto a metodologia adotada nesta pesquisa, terá como ponto central a análise da língua, baseada nas abordagens teóricas da Dialetologia e da Sociolinguísticos com aspectos pluridimensionais para investigar as variações linguísticas no território quilombola Arapapuzinho. Na perspectiva dialetológica, foi aplicado o método cartográfico, a fim de mapear as diferenças linguísticas regionais, coletadas por meio da aplicação do QSL-A, elaborado com base nas vivências culturais e identitárias do território quilombola Arapapuzinho, e entrevistas estruturadas, que com moradores da comunidade quilombola Arapapuzinho, visando à coleta de dados lexicais e semânticos que serão sistematizados em mapas linguísticos, os quais evidenciam as peculiaridades linguísticas de *in loco* desta pesquisa.

Quanto à vista sociolinguística, serão considerados os impactos de fatores sociais, como gênero/sexo (diassexual) a faixa etária/geração (diageracional) e a escolaridade (diastrática), buscando compreender como essas variáveis moldam as práticas linguísticas dos falantes. E nos aspectos pluridimensionais, serão utilizados como suporte para o cruzamento dos fatores sociais, tais como, gênero/sexo, faixa etária, e a escolaridade dos entrevistados. Desta forma, a integração entre os enfoques regional e social permitirá uma compreensão mais ampla da diversidade linguística, considerando tanto os aspectos geográficos quanto as dinâmicas socioculturais que influenciam a variação da linguagem no território quilombola do Arapapuzinho.

A principal motivação desta pesquisa surge ao longo da trajetória nos estudos linguísticos, durante a minha construção acadêmica, o qual inicia-se na Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa, posteriormente no curso de Pós-Graduação em Linguística e Produção Textual, trajetórias estas que me proporcionaram conhecer as bases teóricas dos estudos da linguagem e atrelá-las as práticas e vivências educacionais. Foi a partir desse processo educacional que surgiu a compreensão da necessidade de registrar o léxico do território quilombola Arapapuzinho, reconhecendo-o como um elemento fundamental de pertencimento linguístico, cultural e identitário do Baixo Tocantins. Concomitante a esse contato com a academia as vivências sociais em territórios quilombolas do Baixo Tocantins – Alto, Médio e Baixo Itacuruçá, Médio Acaraqui, Bacuri e Piratuba, se consolidou o interesse pelo tema proposto. Além do mais, no território quilombola Arapapuzinho, os moradores preservam aspectos culturais e geográficos da cultura Afro-brasileira, que marcam a história e a memória do seu povo. Esse contexto contribuiu para a compreensão de que a diversidade linguística é parte integrante do pertencimento dos grupos étnicos e deve ser respeitada, reconhecida e preservada como um patrimônio lexical da identidade quilombola do Arapapuzinho.

O estudo se justifica ao tratar do léxico como peça fundamental, pois pesquisar o léxico do território quilombola Arapapuzinho é contribuir para os trabalhos voltados à valorização de grupos minoritários da Amazônia especificamente da Região do Baixo Tocantins, dado toda sua heterogeneidade que demarca sua identidade, além de tratar-se de um projeto inédito na Região do Baixo Tocantins, uma vez que ainda não foram realizadas pesquisas deste teor no território quilombola Arapapuzinho, sendo este o território com muitos anos de reconhecimento, desde o ano de 2002 conforme declarado pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA), que apresenta traços sócio-históricos específicos herdados da cultura Afro-brasileira.

Destaca-se, também, que durante muitos anos só se chegava ao território Quilombola Arapapuzinho de casco a remo², caracterizando a entrada a comunidade somente pelas águas, assim a estrutura da comunidade se formou de frente para o braço de rio. No entanto, há aproximadamente seis anos que foram implantadas políticas públicas para abrir o acesso pelo ramal, o qual foi implementado por trás do centro da comunidade que é demarcado pela igreja católica, a escola e o barracão dos festejos, assim a estrutura de assentamento da comunidade se caracteriza como forma de refúgio, pois a comunidade localiza-se no meio da floresta, em torno a fauna e a flora, que são elementos de preservação e que fazem parte do pertencimento do quilombo. Para tanto, compreende-se a relevância desta pesquisa por registrar as riquezas linguísticas do território quilombola Arapapuzinho considerando seus aspectos culturais e identitários, além de se tratar de um estudo que busca ampliar a visibilidade aos moradores do quilombo. Bem como contribuir para as próximas pesquisas voltadas à importância do léxico dos grupos acêntricos da Amazônia, particularmente da Região do Baixo Tocantins, como um patrimônio lexical e cultural.

Mediante ao exposto, levanta-se a seguinte questão de investigação a ser validada durante o percurso dessa dissertação: Existe um léxico específico na fala dos moradores do território quilombola Arapapuzinho considerando seus aspectos culturais, linguísticos e identitários? Portanto, considera-se a hipótese de que o acervo semântico-lexical falado pelos moradores do território quilombola Arapapuzinho é parte da sua história, memória e pertencimento da sua identidade cultural e linguística.

Portanto, a proposta desta dissertação é registrar o falar do território do quilombola Arapapuzinho com base na sua identidade sócio-histórica e cultural, propondo a elaboração de Cartas Linguístico como forma de apreciar as riquezas lexicais da comunidade quilombola e as suas práticas em comunidade, como forma de evidenciar sua história, memória e seu patrimônio lexical. Tendo em vista que ao possuir uma linguagem o homem traz consigo diversos fatores, tais como, sua cultura, sua identidade, suas lutas e histórias. Além do preconceito suportado por gerações. Assim, se faz necessário os estudos em torno da variação linguística, visando que vai além de um estudo para compreender o assunto, se trata de lutar pela valorização de culturas, de valores e de falares de um povo que carrega sua história de luta contra o preconceito há anos.

Para tanto, este estudo encontra-se distribuído em quatro seções as quais tratam sobre a história e memória do território quilombola Arapapuzinho; o quadro teórico; a metodologia da pesquisa; o patrimônio lexical cartográfico do território quilombola Arapapuzinho e,

² A expressão “casco a remo” é utilizada pelos moradores do território quilombola Arapapuzinho para denominar-se a prática de conduzir o casco com auxílio de um remo para locomover-se sobre as águas do rio Arapapuzinho.

posteriormente, as considerações finais e as referências que embasam a produção desta pesquisa.

HISTÓRIA E MEMÓRIA DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA ARAPAPUZINHO

Esta seção tem por finalidade apresentar a história e memória do território quilombola Arapapuzinho, por meio dos relatos orais dos moradores do território, bem como apreciar os aspectos socioculturais, socioeconômicos e identitários, registrados durante a imersão a campo. Desse modo, refletir inicialmente com base nos dados teóricos a respeito das comunidades quilombolas, para então delinear a essência da subsistência do quilombo Arapapuzinho.

1.1 Rememorando o passado para compreender a formação identitária do Quilombo Arapapuzinho

A palavra "quilombo" tem, de fato, uma etimologia profundamente conectada às línguas bantas, conforme aponta Munanga (1996, p. 58). A raiz *kilombo* nos idiomas bantos, em sua forma aportuguesada *quilombo*, carrega o significado de um local de abrigo ou refúgio. Esse conceito de “refúgio” não se refere apenas ao espaço físico, mas também ao contexto de acolhimento e pertencimento das pessoas que ali vivem, criando um ambiente de proteção, resistência e preservação cultural.

O quilombo, enquanto espaço simbólico de pertencimento, representa mais do que um território físico: constitui-se de um espaço de afeto, lutas e de continuidade histórico-cultural. Além de ser um lugar de laços comunitários fortes que resguarda suas práticas culturais, identitárias e espirituais, o qual luta contra as imposições externas, frequentemente marcadas por processos históricos de dominação e exclusão, pois o quilombo emerge como território de resistência. Desse modo, para os quilombolas do Arapapuzinho, o termo “quilombo” carrega um significado profundo, que vai além da geografia: é símbolo de resiliência, de luta por reconhecimento e de afirmação identitária, os seus costumes e o modo de vida são preservados e reafirmados como expressões vivas da memória histórica e da resistência cultural frente às adversidades impostas ao longo do tempo.

Para tanto, esse significado vai além da definição de refúgio, abrangendo um lugar onde se estabelece a construção de um coletivo, no qual as relações sociais e culturais são fundamentadas em laços de pertencimento, compartilhamento e solidariedade. Portanto, o quilombo é mais do que um local físico de resistência, é um símbolo de identidade, de luta pela liberdade e de preservação do modo de vida dos seus habitantes.

No Brasil, as comunidades quilombolas existentes apresentam um quantitativo expressivo. Segundo dados do IBGE (2022), 1,3 milhão de pessoas se identificam como

quilombolas e cerca de um terço dos quilombolas do Brasil estão na Amazônia Legal. Essas comunidades representam resistência, cultura e identidade de um povo que lutou por anos pela sua própria sobrevivência. Desta forma, os estudos sobre a história e memória dos povos tradicionais vai além de valorizar suas riquezas, pois faz-se necessário manter viva as raízes socioculturais desses territórios que durante anos foram marginalizados.

Portanto, é fundamental conhecer a história e a memória do Quilombo Arapapuzinho, especificamente no que se refere à chegada dos africanos às regiões ribeirinhas do município de Abaetetuba, nos territórios que hoje compõem as comunidades tradicionais localizadas no entorno do *in loco* desta pesquisa. Desta forma, com base nos relatos orais dos moradores, residentes da comunidade, é possível reconstruir aspectos do povoamento e das origens dessas comunidades quilombolas do Baixo Tocantins.

As narrativas compartilhadas durante as entrevistas, nos revelam a trajetória histórica e cultural dos ancestrais da comunidade, a qual demarcou o início do povoamento do território Quilombola Arapapuzinho. Conforme os relatos orais dos moradores mais antigos do Quilombo Arapapuzinho, especialmente o senhor E.C., há cerca de cento e sessenta a duzentos anos, um grupo formado por aproximadamente trezentos escravizados fugiu da região conhecida como Cafezal. De acordo com as memórias transmitidas por gerações, esse grupo era liderado por um jovem, cujo nome não se conservou nas lembranças da comunidade. Assim, os entrevistados, narram que o Cafezal, naquela época, era um centro importante de engenhos, descrito como uma casa-grande que havia até mesmo um alçapão onde os escravizados considerados rebeldes eram trancafiados como forma de punição.

Conforme os relatos, a fuga se deu por uma das rotas que hoje corresponde à estrada de Igarapé-Miri, em direção às margens de Abaetetuba, até chegarem no Quilombo Alto Itacuruçá. O local possuía terra firme que descia até a beira do rio, repleta de árvores de grande porte, das quais ainda podem ser vistas na região, principalmente nas cabeceiras do rio, como na área onde reside o senhor Procópio, um dos moradores mais antigos do Quilombo Alto Itacuruçá. Tendo em vista que seriam perseguidos pelos capitães do mato, os escravizados buscaram estratégias de proteção, portanto, ao longo do trajeto no território Alto Itacuruçá, se depararam com um cenário peculiar: troncos grandes caídos, muitos buracos no chão e sinais de atividade natural intensa, marcados pelas quedas frequentes de raios. Além disso, os informantes contam que a região era conhecida pela presença de grandes aranhas, que construíam suas teias entre os troncos dificultando a visão dentro das toras de pau escuras. Diante disso, os escravizados utilizaram desses troncos ocos para se esconderem e com as aranhas, ao refazerem rapidamente suas teias, camuflaram completamente os esconderijos, ou seja, mesmo quando os capitães do

mato passaram pelo local e perceberam vestígios de passagem, jamais imaginaram que os fugitivos estavam escondidos dentro dos troncos ou buracos no solo cobertos pelas teias das aranhas.

Quanto ao tempo de permanência dos escravizados nesses locais são incertos, mas podemos rememorar a partir dos relatos que foi um período demarcado pelo sofrimento, pelas mortes dos idosos, crianças e por muitos doentes após este episódio. Diante disso, o mais surpreendente ao longo das narrativas foi o espanto expressivo nos rostos dos entrevistados quando detalhavam o perfil dos capitães do mato, pois na maioria dos casos, eram também negros escravizados há anos, armados e autorizados a capturar, espancar ou até matar os que fugiam.

A partir de então, os sobreviventes começaram a migrar e ocupar outras áreas sem torno do Alto Itacuruçá, dentre eles, desceram para o Médio e Baixo Itacuruçá, estabelecendo-se nas regiões que hoje correspondem às comunidades de Arapapu, Ipanema, Acaraqui, Tauera-Açu, Genipaúba, entre outras. Assim, conforme afirmam os mais velhos, esses territórios foram se formando ao redor do campo da natureza como é conhecido na região, o que nos mostra ser coerente ao visitarmos a região ao que foi transmitido oralmente.

Observa-se, portanto, que o relato dos moradores do Quilombo Arapapuzinho, ultrapassa o campo do registro factual e assume a função de mito fundante, pois diante das narrativas explicam a origem do seu povo e seu modo de vida. Os episódios da fuga dos escravizados, que encontraram refúgio em troncos ocos com teias de aranha, representa um sentido simbólico de nascimento da comunidade enquanto sujeito coletivo, na qual a natureza torna-se aliada dos fugitivos, fortalecendo a relação sagrada com o território, configurando uma memória de resistência e preservação. Quanto ao sofrimento dos escravizados mais fragilizados, como crianças e idosos, durante o esconderijo nas matas, expressa uma travessia dolorosa que dá origem a um novo ciclo de vida e identidade. Dessa forma, a narrativa não apenas documenta um episódio da história local, mas funciona como instrumento de transmissão de valores éticos, de resistência e de pertencimento, além da rememoração desses fatos relatados narrados ao longo dos anos por gerações transforma-a em patrimônio imaterial coletivo, essencial à preservação da memória e à afirmação histórica e identitária do povo quilombola.

Conforme Silva (2008) relata:

os escravizados procuravam reagir contra a escravização de diversas maneiras. Algumas mulheres chegavam a provocar abortos para evitar filhos que nasceriam sob a condição de escravizados; era muito comum também a prática do suicídio por

enforcamento, ou por envenenamento. As fugas individuais ou coletivas eram constantes. Alguns fugitivos procuravam a proteção de alforriados que viviam nas cidades. Também ocorriam rebeliões durante as quais agiam com violência contra senhores e feitores; reduziam ou paralisavam as atividades; sabotavam a produção quebrando ferramentas ou incendiando plantações (Silva, 2008, p. 42).

Para garantir a subsistência e dificultar sua captura os negros escravizados buscavam estratégias para não serem encontrados. Com base na observação do autor, entende-se que foi desta forma que se formavam os territórios, por meio da organização social própria, chamada quilombo. Diante disso, no caso narrado pelo senhor EC, para formação do quilombo Arapapuzinho e os demais territórios em seu entorno, não foi diferente do que Silva (2008) revela, eles utilizaram dos seus conhecimentos oriundos das atividades desempenhadas nas matas e das estratégias para sobreviver durante dias, porém nessa jornada muitas pessoas não resistiram pela fome, sede ou pelas doenças que acabaram adquirindo.

A origem das comunidades quilombolas está intimamente ligada ao fim da escravidão no Brasil, pois foi a partir de então que surgiram inúmeros territórios tradicionais em várias regiões, sendo disseminadas e constituindo-se legalmente das suas terras garantindo seus direitos após a liberação dos escravizados. Portanto, de acordo com Silva (2008) as comunidades remanescentes dos quilombos foram reconhecidas a partir da Constituição brasileira:

a constituição brasileira promulgada em 1988 reconhece o direito definitivo dos remanescentes dos quilombolas às terras que ocupam, cabendo ao Estado providenciar os títulos de propriedade. O artigo 68 do ato das Disposições Constitucionais transitórias estabeleceu esse princípio após anos de luta em tribunais em tribunais do país. Deve-se ressaltar que os artigos 215 e 216 fazem também menção ao direito de preservação e manifestação cultural, de natureza material ou imaterial. (Silva, 2008, p. 44).

Desse modo, os remanescentes de quilombo do Baixo Tocantins, ao longo dos anos, após as conquistas advindas das leis, foram lutando pela titulação das suas terras, para cuidar e preservar as suas raízes ancestrais. Conforme Santos (2023, p. 45) “Não fizemos os quilombos sozinhos. Para que fizéssemos os quilombos, foi preciso trazer os nossos saberes da África”, ou seja, para construção dos quilombos foram necessários os saberes ancestrais advindos da África, seja as estratégias de sobrevivência, saberes culturais, ou saberes agropecuários dos territórios. Assim, foi por meios do quilombo que os sujeitos afrodescendentes passaram a exercer o papel de sujeitos ativos na formação sócio-histórica do Brasil, pois a essência do quilombo e resistência são peças fundamentais para agnição da história dos negros no Brasil.

Portanto, em um recorte da entrevista concedida pelo senhor EC ele relata:

o pessoal nosso daqui foi o que mais sofreu eu costumo dizer que somos descendentes de Africanos, não de escravos, pois a escravidão foi algo imposto para a gente, prova tanto que eles fugiram desse sistema perverso, imoral, indecente e covarde, que foi a escravidão. Então, os quilombolas que povoaram o Arapapuzinho foram os mais lascados e os mais quebrados, eles lutaram muito para construir o território, preservar os nossos saberes, nossas terras, e até hoje é um dos únicos quilombos que ainda preserva as origens dos Africanos. (Entrevista concedida em 06/11/2024).

Com base no relato do morador, senhor EC, o território quilombola Arapapuzinho foi uma das tantas comunidades tradicionais que os negros fugitivos se abrigaram, e a partir de então cuidaram e preservaram o território como parte do seu pertencimento. Neste sentido, Santos (2023) observa:

chegamos como habitantes, em qualquer ambiente, e vamos nos transformando em compartilhantes. No quilombo somos compartilhantes, desde que tenhamos nascido aqui ou que tenhamos uma relação de pertencimento. E quando digo da relação de pertencimento com o quilombo, falo da relação com o ambiente como um todo, com os animais e as plantas. Somos apenas moradores quando não temos uma relação de pertencimento, quando estamos aqui, mas partimos na primeira possibilidade que tivermos. (Santos, 2023, p. 38).

Considerando a observação de Santos (2023), entende-se que para os quilombolas do Arapapuzinho, o território não é apenas um espaço de terra, mas um lugar que representa sua ancestralidade, identidade e pertencimento. No que concerne à formação do território, pode-se refletir que surge por meio de lutas por território. Os moradores resistiram, transformando seu espaço em compartilhamento, para que a comunidade viesse a existir sem deixar seus traços da cultura, valores e identidade. Nessa perspectiva, Barbosa (2015) relata que o autor “Milton Santos nos ensinou a compreender o território como aquilo que nos pertence” (p. 1), ou seja, o território é comparado como aquilo que faz parte do pertencimento, o que podemos relacionar com a observação de Santos (2023) e no relato do senhor entrevistado, sendo o Quilombo Arapapuzinho um espaço de história, memória e da identidade cultural, social e linguística dos sujeitos que o habitam.

Quanto a estrutura de assentamento da comunidade Arapapuzinho se caracteriza como forma de refúgio, pois o território localiza-se no meio da floresta, em torno da fauna e da flora, que são elementos de preservação e que fazem parte do pertencimento do quilombo. Como podemos observar no relato da senhora MJ a seguir:

a mata é mesmo que ser uma mãe para nós, você tá doente quer um leite de pau você vai na mata e tem, quer uma casca de pau pra se curar você vai na mata ela te dá, você quer uma fruta ou uma caça pra matar sua fome a mata te dá, se você tem cede na mata tem os cipós que a mata te dá, então a mata é como uma mãe ela nos traz tudo e temos que cuidar e preservar ela. (Entrevista concedida em 12/11/2024).

O território quilombola Arapapuzinho considera a mata como seu pertencimento. Sua relação com a fauna e a flora são advindos dos seus ancestrais, uma vez que seus saberes são repassados de geração em geração. A senhora MJ em seu relato, nos remete a observação de Santos (2023, p. 90) quando diz “a terra dá o que ela pode e o que a gente merece”, ou seja, ao fazer a comparação da mata como uma mãe para os quilombolas do Arapapuzinho, a entrevistada expressa que a terra dá tudo que pode de mais valioso, no entanto, em troca os quilombolas cuidam e preservam suas riquezas para manter vivo seu legado. Portanto, ao longo das vivências no território foi possível concretizar que seus saberes e viveres estão interligados com suas heranças Africanas, de cuidar e preservar para próximas gerações.

Na próxima subseção, apresenta-se os caminhos para conhecer o território quilombola Arapapuzinho, traçando seus caminhos pela terra firme e pelas águas, desde seu município de origem Abaetetuba até o chão do Quilombo Arapapuzinho.

1.2 Caminhos para conhecer o território quilombola Arapapuzinho

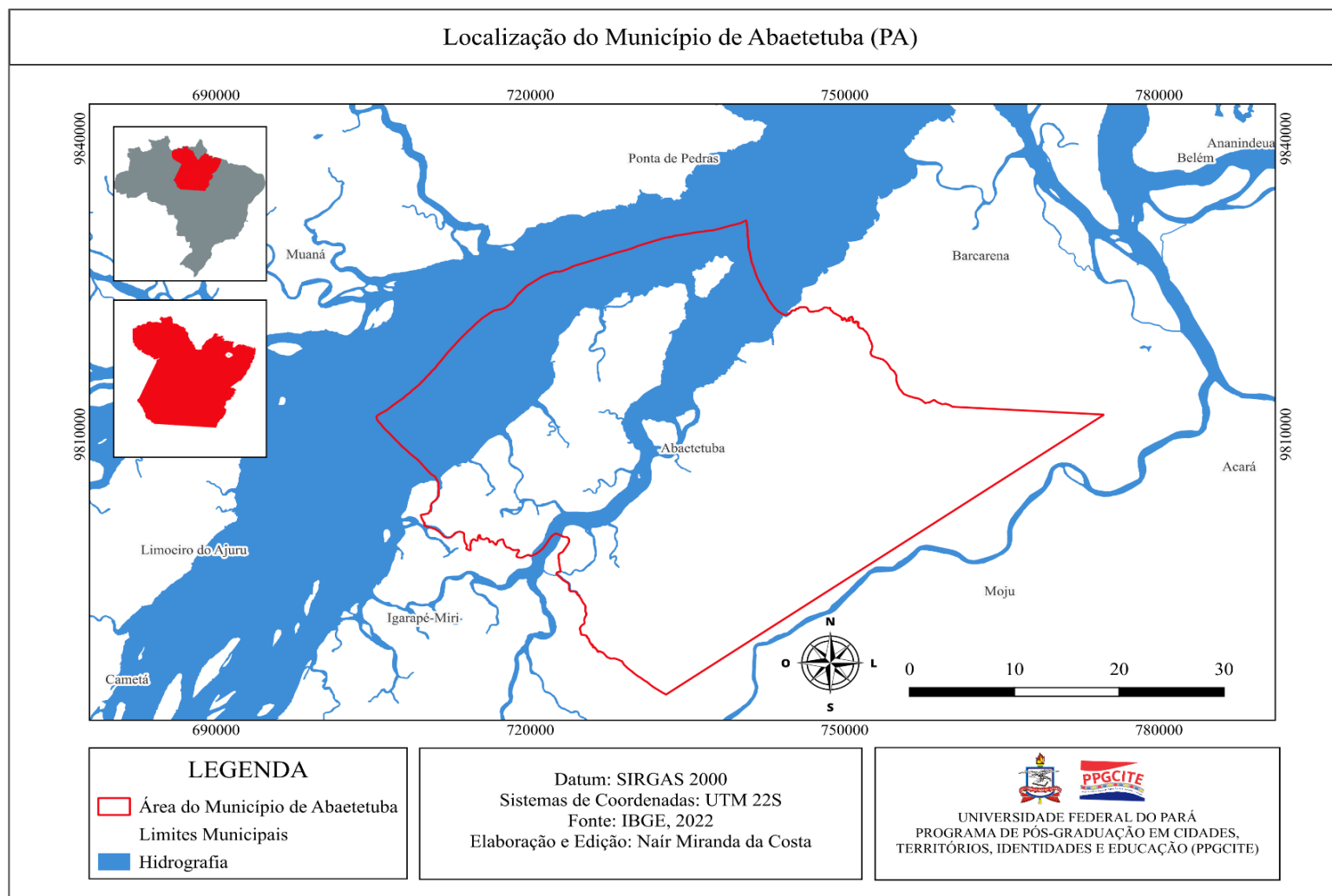
O Território Quilombola Arapapuzinho compõe um conjunto de comunidades tradicionais do território quilombola das ilhas de Abaetetuba, dentre essas comunidades, destaca-se o Baixo Itacuruçá, Médio Itacuruçá, Alto Itacuruçá, Arapapu, Campompema, Rio Tauera-Açú e Jenipaúba. Todas essas comunidades são representadas pela Associação dos Remanescentes de Quilombos das Ilhas de Abaetetuba (ARQUIA).

A Associação dos Remanescentes de Quilombos das Ilhas de Abaetetuba (ARQUIA) foi fundada no dia 14/09/2001, possuindo registro CNPJ 04.712.322/0001-14. A sede da associação fica localizada na Comunidade Quilombola Rio Baixo Itacuruçá, no município de Abaetetuba – PA. A associação tem como foco principal de atuação as atividades de associações de defesa de direitos sociais, tais como, operação de centrais de disque denúncia, proteção de minorias étnicas, defesa do meio ambiente e movimentos ecológicos, conforme o código CNAE S-9430-8/00. Também são desenvolvidas atividades de organização associativas interligadas a arte e a cultura, como, associações de arte, clube de artesanato, organização associativa de colecionadores, clube literário, musical e cultural, segundo o código CNAE S-9493-6/00. Também são desenvolvidas atividades de organizações associativas diversas criadas para defesa de causas de caráter público, como exemplo, atividades comunitárias, cuidados com pais e filhos, proteção aos animais, fraternidade e associação em defesa do alcoolismo e jogos, de acordo com o código CNAE S-9499-5/00. Nesse sentido, essas atividades desenvolvidas pela ARQUIA, têm como objetivo promover e fortalecer a atuação das associações culturais e

artísticas, proporcionando um ambiente colaborativo e de intercâmbio entre os membros, além de contribuir para o enriquecimento cultural das comunidades associadas.

Os caminhos para situar o território quilombola Arapapuzinho inicia-se na localização do município brasileiro do Estado do Pará, Abaetetuba, pertencente a Microrregião de Cametá. A cidade de Abaetetuba está localizada na Região do Baixo Tocantins as margens do Rio Tocantins. Conforme o mapeamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a cidade tem uma área Territorial de 1.610,654 km² cerca de 158.188 pessoas residentes ao município tendo como gentílico Abaetetubense. O município se destaca por sua vasta produção de artesanato de miriti, a qual é uma palmeira nascente em grande quantidade nas regiões ribeirinhas do município. A cidade é intitulada como a Capital Mundial do Brinquedo de Miriti, a qual comemora todos os anos com um grande festival de cores e sabores para celebrar a diversidade cultural e identitária do brinquedo do miriti que representa a força, a criatividade, a história e memória do povo abaetetubense. Neste sentido, para melhor destacar a localização do município de Abaetetuba no Estado do Pará, observa-se abaixo a figura 1 que ilustra o mapa elaborado conforme as bases do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

Figura 1 - Mapa de localização do município de Abaetetuba/PA.

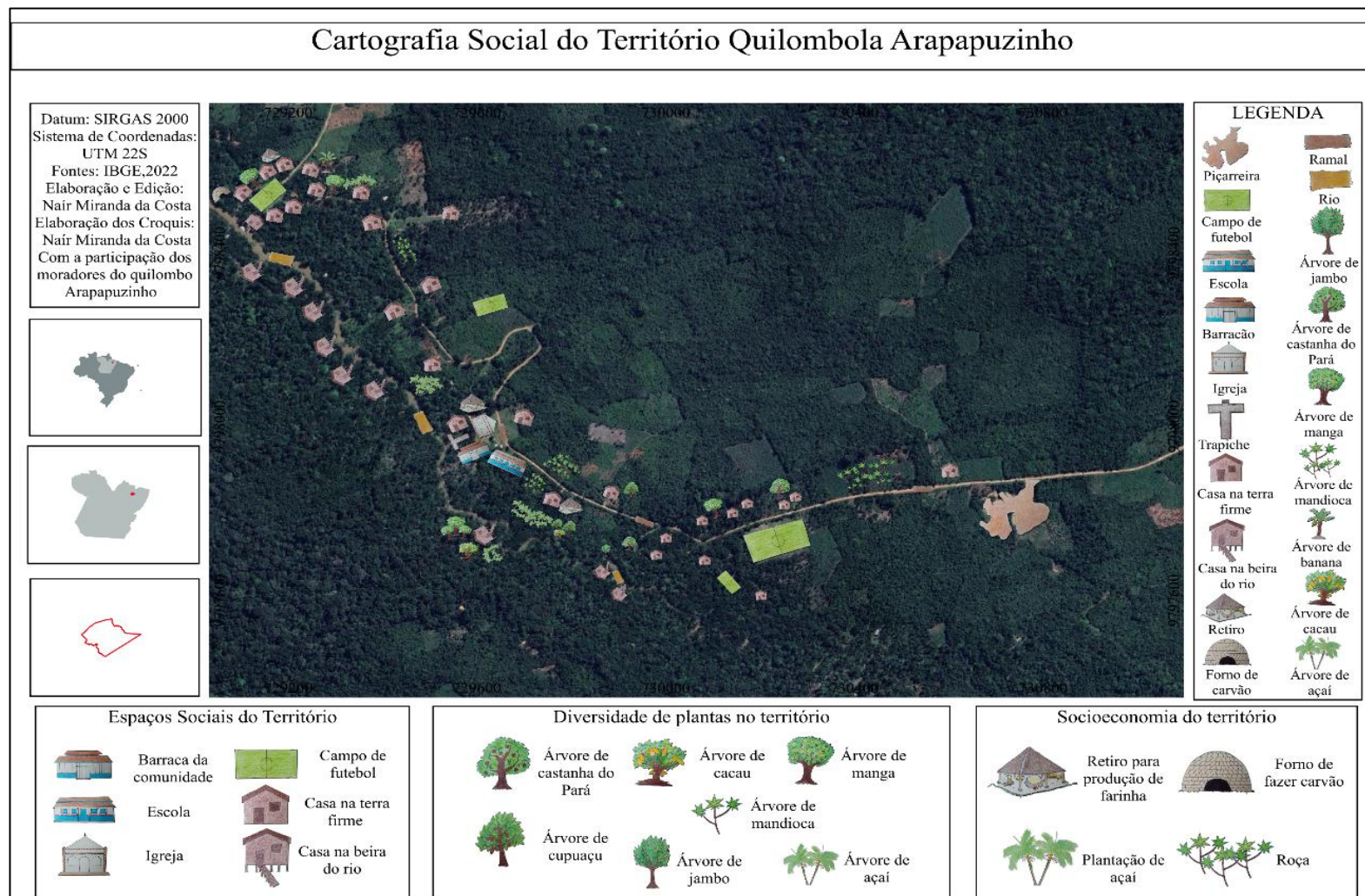


Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Conforme a ilustração do mapa, o município de Abaetetuba/PA está cercado pelos municípios de Barcarena, Moju, Igarapé-Miri, Muaná e Ponta de Pedras. Para tanto, o município destaca-se por sua vasta extensão territorial de comunidades ribeirinhas, quilombolas e camponesas. No município de Abaetetuba há cerca de 73 Ilhas e destas 12 são territórios quilombolas titulados, dentre essas comunidades ressaltamos o território quilombola Arapapuzinho, que está entre os primeiros Territórios a se formar na Região do Baixo Tocantins. Diante disso, tomando como base os relatos orais dos moradores mais idosos, a comunidade de Arapapuzinho, situa-se a um “braço” do rio Arapapu, outro território quilombola situado na região das ilhas de Abaetetuba, o qual faz parte do Estado do Pará e fica localizado na Região Norte do Brasil tendo como capital a cidade de Belém.

O território quilombola Arapapuzinho fica a cerca de 60 km do município de Abaetetuba/PA, portanto, dispomos a cartografia social, sendo uma forma de representar as riquezas do quilombo Arapapuzinho, conforme apresenta a figura 2 abaixo:

Figura 2 – Cartografia social do território quilombo Arapapuzinho



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Conforme ilustrado na legenda da cartografia os croquis representam os aspectos sociais, territoriais e socioeconômicos do território quilombola Arapapuzinho. Os croquis foram elaborados com base nos registros fotográficos tirados ao decorrer das visitas a comunidade e elaborados com a participação dos moradores do território, em seguida durante a elaboração cartográfica para melhor exemplificar os croquis foram divididos em três grupos. O primeiro grupo representa, os espaços sociais do território, o qual destaca a barraca da comunidade, escola, igreja, campo de futebol, casas na terra firme e casa na beira do rio. No segundo grupo são ilustrados por meio dos croquis, a diversidade de plantas no território, sendo estas, árvore de castanha do Pará, árvore de cupuaçu, árvore de jambo, árvore de mandioca, árvore de manga e árvore de açaí. Quanto ao terceiro grupo, são destacados os elementos socioeconômicos da comunidade, como, ritiro para produção de farinha, plantação de açaí, forno de fazer carvão e a roça. Desse modo, os croquis exibidos no mapa revelam os elementos que fazem parte do pertencimento identitário do Quilombo Arapapuzinho, pois a elaboração da cartografia foi pensada em destacar a realidade social, cultural, econômica e identitária do território estudado.

Portanto, com base na cartografia apresentada, observa-se que o acesso ao território quilombola Arapapuzinho pode ser realizado tanto pelo rio (apreciar **figura 3**, a seguir) quanto pelo ramal (observar **figura 4**, a seguir). O acesso à comunidade por via fluvial depende da maré cheia, pois segundo os moradores quando a maré está vazante o fundo do rio apresenta muita pedra, o que inviabiliza o percurso. Além disso, pode-se chegar à comunidade pela Rodovia PA-151 (estrada de Igarapé-Miri), entrando no Ramal Curuperé-Miri, depois no Ramal do quilombo Médio Itacuruçá, dobrando à direita no Ramal do Tauera-Açu e em seguida a esquerda no Ramal do Quilombo Arapapuzinho. Desta forma, o trajeto pode ser realizado dessas duas formas, ambos apresentam um percurso demorado de cerca de 40 min a 1 h de viagem, com certas dificuldades, seja pelas fortes maresias ou pela instabilidade do ramal. Vejamos as formas de acesso demonstradas nas figuras 3 e 4 seguintes.

Figura 3 - Acesso ao território quilombola Arapapuzinho pelo rio.



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

Figura 4 - Acesso ao território quilombola Arapapuzinho pelo ramal



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

Diante do exposto, vale ressaltar que durante muitos anos só era possível o acesso ao território de casco a remo, caracterizando a entrada a comunidade somente pelas águas, assim a estrutura da comunidade se formou de frente para o braço de rio. No entanto, há aproximadamente seis anos, foram implantadas políticas públicas para abrir o acesso pelo ramal, o qual foi construído por trás do centro da comunidade. Diante disso, ao chegar no Quilombo Arapapuzinho nos deparamos com o ponto principal da formação da comunidade, que é demarcado pela igreja católica, a escola e o barracão dos festejos. Conforme ilustrado na figura 5 a seguir:

Figura 5 - Igreja católica padroeiro São Sebastião



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

A religiosidade dos quilombolas do Arapapuzinho tem uma forte ligação os pertencimento e resistência da comunidade, pois segundo relatos dos moradores o território começou a ser constituído pelos momentos de celebração ao padroeiro São Sebastião.

Segundo o senhor EC relata:

a formação da comunidade tem muitos anos, quando a família do pai do seu Severino, uma das famílias mais antigas chegaram na comunidade, trouxeram o São Sebastião que a patroa deles deu de presente, pela maneira que eles eram, deram mina de presente para eles, era colher de ouro de prata, machado de duas bocas, e outras coisas. E aí eles começaram a fazer as rezas nas casas, quando eles chegaram com São Sebastião na data de 20 de janeiro, que é a data da festividade, mas era rezado a ladainha antiga, era criado porco, feito biju chica, farinha de tapioca. Nesse dia tinha os noiteros, que eram os responsáveis para ajudar nas rezas e no final tinha a festa. As próprias famílias faziam a farinha e guardavam um dinheiro para ajudar, era comprado uma cachaça que passava por um processo que era chamada de canalha, era guardada em um quartinho e no dia era dada só pra pessoas de responsabilidade. Quando os Padres Xaverianos chegaram nas comunidades formando onde já tinha essa tradição foi mais fácil, mas teve comunidade que teve muita resistência, por exemplo a nossa comunidade que tem a cultura da matriz africana, pois eles não chegaram com o entendimento de respeito. (Entrevista concedida em 06/11/2024).

Conforme a narrativa a comunidade foi se constituindo conforme os quilombolas realizavam suas manifestações religiosas, culturais e identitárias. No entanto, durante muitos anos as manifestações de cunho religioso aconteciam nas casas dos moradores, durante anos de lutas e compartilhamento seja da terra para construção da igreja, do barracão e da escola, ou materiais e mão de obra foi possível construir esses marcos que representam a força, cultura e identidade dos moradores do Arapapuzinho. Na figura 6 abaixo pode-se apreciar o barracão onde acontece todos os movimentos da comunidade, reuniões, festejos e eventos escolares.

Figura 6 - Barracão do quilombo Arapapuzinho



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental São João Bosco fica localizada no centro do território quilombola Arapapuzinho, desenvolvendo uma função fundamental no acesso a educação infantil e fundamental. A instituição atende crianças desde o maternal ao ensino fundamental, nos turnos matutino e vespertino, e o prédio possui poço artesiano para atender a demanda da escola. Quanto a estrutura da escola é composta por uma secretaria administrativa, uma cozinha, três salas de aula que acolhem os diferentes níveis de ensino em turnos diferentes. Ademais, a banheiros masculinos e femininos, uma área de convivência que exerce um papel multifuncional, não apenas serve como local para o lanche dos alunos, mas também é utilizado para atividades recreativas, quando necessário um espaço maior para atender além dos alunos membros da comunidade os eventos acontecem no barracão da comunidade. Desta forma, a escola São João Bosco mantém seu compromisso com a integração dos saberes socais as práticas pedagógicas as tradições e conhecimentos próprios da comunidade são valorizados e incorporados às vivências da sala de aula, criando um ambiente educacional que dialoga diretamente com a realidade cultural dos alunos, mesmo enfrentando desafios significativos em função da estrutura do prédio, pois a instituição necessita de políticas

públicas efetivas que ampare os investimentos em melhoria estruturais, para garantir um espaço adequado, seguro e moderno para as crianças e a equipe pedagógica.

Figura 7 - E.M.E.I.F São João Bosco



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

A comunidade é constituída aproximadamente de 70 (setenta) famílias conforme os dados declarados pela coordenadora da Associação dos Remanescentes de Quilombos das Ilhas de Abaetetuba (ARQUIA), as quais ficam situadas nos caminhos e as margens do braço de rio, em sua maioria em terras herdadas de geração em geração, pois mesmo possuindo título expedido pelo ITERPA, os moradores sabem a delimitação de terra que lhe pertence.

Conforme os relatos dos colaboradores da pesquisa, atualmente, a comunidade tem como principais fontes de renda e de consumo o açaí, a farinha de mandioca e o pescado. Na sua maioria, os moradores organizam seus plantios de açaí em seus próprios sítios, realizam também o plantio da mandioca em tarefas de roça muitas vezes próximo de sua residência ou até mesmo em terrenos cedidos por vizinhos, amigos ou parentes. Quanto ao pescado, fazem a retirada no próprio rio que passa em frente à casa dos moradores, elencando pontos estratégicos para a pescaria conforme o movimento das marés. De acordo com os registros fotográficos a seguir:

Figura 8 - Plantio de açaí



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

Figura 9 - Colheita e debulho do açaí



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

Figura 10 - Açaí colhido, distribuído nas rasas, pronto para venda



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

Conforme ilustrado o açaí é uma fonte de renda e de consumo dos moradores do quilombo Arapapuzinho. O processo de plantio do fruto inicia na preparação das mudas, que são plantados os caroços em terra adubada, em seguida são replantados no solo (**figura 8**). Após alguns anos a planta se torna frutífera e os cachos são colhidos pelos moradores que segundo os moradores são conhecidos como peroneiros. Depois de colhido o açaí é desbulhado, com auxílio de uma desbulhadeira. Assim, o açaí é distribuído nas rasas (**figura 10**) que serve como medida para então ser comercializado.

Além do açaí o território quilombola Arapapuzinho em como fonte de renda e alimentação os plantios de mandioca e macaxeira. O processo de plantio inicia com o preparo da terra para receber a plantação, sendo limpa e adubada, em seguida é plantado o caule chamado de maniva e com cerca de dez meses é realizado a retirada da mandioca que consiste na raiz da planta. Portanto, nas figuras a seguir é ilustrado este processo que garante a renda e complementa a alimentação dos quilombolas do Arapapuzinho.

Figura 11 - Preparo da terra para o plantio da mandioca



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

Figura 12 - Plantio da mandioca



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

Desta maneira, o processo para plantação das roças inicia com a escolha da melhor época de plantio, sendo está no início da estação de inverno amazônico. Em seguida, é o momento de preparo da terra para o plantio (**figura 11**). O plantio é realizado com pedaços do caule de plantas maduras, chamada no território de maniva (**figura 12**) as quais são cortadas em pedaços com cerca de dez centímetros e inseridas em covas feitas na terra, e por fim cobertas de terra. Diante disso, esta prática se configura como parte do pertencimento dos moradores do quilombo Arapapuzinho, pois este processo é ensinado de geração em geração.

Quanto ao pescado, de acordo com relatos dos moradores devido as mudanças climáticas e a poluição dos rios da região, não é possível capturar muitos peixes e camarões como em anos anteriores. Mas, durante a imersão a campo foi possível notar a forte relação dos moradores com as águas, o cuidado em pescar e selecionar os peixes e camarões maiores que fosse suficiente para sua alimentação. Desta forma, essas riquezas naturais que nutrem e dão sustento alimentar as famílias do Arapapuzinho.

Esses são alguns alimentos plantados, cultivados ou capturados pelos quilombolas do rio Arapapuzinho, os quais são cuidados e preservados pelos moradores para garantir sua alimentação. Além do mais, ainda se encontra no território quilombola Arapapuzinho várias árvores de grande valor identitário, preservados ao longo das gerações e mantidos até hoje. Dentre essas árvores de grande porte podemos citar, pequiazeiro, castanheira, bacurizeiro, cedreiro, sumaumeira e castanheira. Já as arvores frutíferas de pequeno porte ainda encontramos em volta das casas, árvore de bacaba, tucumã, pupunha, inajá, pupunheira e cupuaçuzeiro, mangueiras, entre outras. Também foi comum encontrar, durante as vivências no território, na beira do rio, as anhingas em grande quantidade, árvores de arumã e miritizeiros. Diante disso, os alimentos e as árvores são parte do pertencimento dos moradores do Arapapuzinho, suas plantações são produzidas para sua subsistência e as árvores deixadas pelos seus ancestrais e cuidadas por eles hoje servem para produção de suas casas, sobrevivência dos seus animais e até para confecção de adereços para suas manifestações culturais.

Na subseção a seguir, serão apresentados os saberes e vivências dos quilombolas do Arapapuzinho que fazem parte da sua identidade, manifestadas por meio das práticas culturais, religiosas e educacionais, que fazem parte da resistência quilombola mantida na comunidade.

1.3 Saberes e vivências: aspectos identitários e culturais do território quilombola Arapapuzinho

Os saberes e as vivências herdadas pelos moradores do quilombo Arapapuzinho resistem até o cenário atual, suas atividades são de resistência cultural, religiosa e educacionais. Essas práticas fazem parte das vivências cotidianas no território realizadas por homens, mulheres e crianças, que se reúnem com o objetivo de lutar contra o desaparecimento dos saberes deixados por seus ancestrais. Portanto, todos se divertem e compartilham saberes.

Das práticas de resistência desenvolvida no quilombo Arapapuzinho, apresenta-se o grupo, “Artesãs da terra: mãos quilombolas, produtos naturais”, liderado por mulheres que desenvolvem atividades culturais de preservação aos saberes desenvolvidos por suas gerações anteriores, mães e avós. O grupo integra as mulheres quilombolas, que compartilham seus saberes umas com as outras, se reunindo a cada quinze dias na casa de um dos membros do grupo, durante esses encontros elas buscam discutir temáticas acerca da importância da mulher quilombola no meio social, seus direitos e de que forma podem ser representantes ativas na sua comunidade e em outros espaços. Também, nessas reuniões elas fazem oficinas ministradas para compartilhar seus saberes, as mulheres que se identificam com o artesanato de crochê se reúnem em um pequeno grupo, as que mais se identificam com a produção de sabões, vinagre e óleos de materiais sustentáveis integram outro pequeno grupo. Diante disso, para as mulheres do quilombo Arapapuzinho, o essencial é encontrar no ato de compartilhar uma forma afirmar seu espaço ativo e transformador na sociedade.

Nos registros a seguir apresenta-se (**figura 13**) os momentos de compartilhamento dos saberes ancestrais das mulheres quilombolas do Arapapuzinho, nos quais ilustram as artesãs na oficina de artesanato produzidos a partir dos artefatos reciclados da natureza e alguns produtos desenvolvidos pelas artesãs em outros encontros.

Figura 13 - Atividades desenvolvidas no grupo de mulheres: Artesãs da terra: mãos quilombolas, produtos naturais



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

Os encontros do grupo acontecem quinzenalmente, sendo realizados na casa de um dos membros do grupo, em sistema de rodízio, para que todas tenham a oportunidade de receber as integrantes do grupo em sua residência. Além disso, durante os encontros são discutidas temáticas que busquem fortalecer a identidade quilombola e aprimorar os conhecimentos transversais, proporcionando uma visão holística e integra dos movimentos e práticas sociais que integram a sociedade. Quanto as atividades desenvolvidas pelo grupo destaco a produção de sabão artesanais, vinagre natural, crochê e biojoias, as quais revelam a riqueza dos saberes tradicionais da comunidade quilombola, demonstrando a valorização da cultura local, a criatividade e a sustentabilidade presentes em suas práticas cotidianas. Desta maneira, as práticas desenvolvidas pelo grupo fortalecem a autonomia das integrantes, promovendo o empoderamento coletivo e incentivam a geração de renda por meio da economia solidária, bem

como, revelam a importância de compartilhar dos debates e reflexões, tornando os espaços de educação popular, articulando os conhecimentos acadêmicos e saberes ancestrais, contribuindo para uma formação integral e crítica, por meio do exercício de resistência cultural, fortalecimento da identidade quilombola.

Portanto, de acordo com Barbosa (2015) é “no território que tudo se junta, todas as forças e fraquezas, todas as virtudes e perversidades; enfim, todas as ações que envolvem as pessoas, as instituições, as empresas” (p. 1). Ou seja, o território quilombola Arapapuzinho, refere-se a um espaço social que é moldado por práticas culturais, políticas, econômicas e identitárias, onde as relações humanas se desenvolvem por meio das suas práticas. O território do Arapapuzinho não é estático, mas sim dinâmico e em constante transformação, refletindo as interações e significados atribuídos pelos indivíduos que nele habitam. O território é fundamental para a construção da identidade quilombola e para a formulação de políticas públicas que garantam direitos, cidadania e a inserção dos atores nas associações, para garantir as dinâmicas sociais e promover mudanças efetivas.

No território quilombola Arapapuzinho, também, é desenvolvido o projeto Craque's do Amanhã, de cunho educacional e socioesportivo que utiliza o futebol como intermédio para o desenvolvimento integral de jovens e adolescentes. A seguir expõe-se um panorama das atividades desenvolvidas no projeto Craque's do amanhã:

Figura 14- Atividades desenvolvidas do projeto Craque's do Amanhã



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

O projeto Craque's do Amanhã é liderado por Jucileide Sena da Silva, mulher quilombola do Arapapuzinho, que realiza as mediações dos encontros semanais do projeto ministradas por professores de Educação física. O projeto tem por finalidade atender as crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade social, alunos de escolas da rede pública de ensino e moradores de territórios minoritários de baixa renda, transformando as partidas de futebol em um momento de reflexão e debate de assuntos importantes para formação cidadã, combater a violência e estimular o respeito a inclusão dos grupos acêntricos. Diante disso, o projeto vem promovendo aos jovens e adolescentes a ressignificação da cultura quilombola, entretenimento e convívio por meio da prática coletiva.

Após a apreciação da figura, podemos refletir sobre as contribuições de Latour (2012), que, ao pensar nas políticas públicas para os territórios, defende que elas devem ser adaptativas e sensíveis às dinâmicas em constante transformação dos sujeitos, reconhecendo a relevância

das práticas sociais e dos significados que os indivíduos atribuem ao espaço. Para o autor, é fundamental que o estado atue como mediador, promovendo infraestrutura e resolvendo conflitos entre diferentes grupos, de forma a garantir a efetividade das políticas. Observa-se, então, que o projeto de futebol, vinculado a práticas educativas, vem sendo conduzido por meio das ações sociais de forma a considerar aqueles que habitam os territórios e, mais além, a pensar no território como um espaço de pertencimento desses sujeitos. Nesse contexto, vale ressaltar que são essas pessoas que formam o tecido social e que atribuem significados às diversas manifestações históricas, culturais, linguísticas e identitárias, colaborando para a construção e transformação contínua de seus espaços.

Para tanto, além dos projetos sociais que revelam aspectos identitários do território quilombola Arapapuzinho, destaca-se os momentos de festejos na comunidade de cunho educacional e cultural. Um dos momentos festejados todos os anos, é a festa junina da Escola São João Bosco, a qual faz parte do calendário escolar, mas que é um momento compartilhado para todos do território, onde a pesquisadora teve o privilégio de experimentar. Para acontecer esse momento, todos compartilham seus saberes, sejam para produção das roupas ou para ensaiar as coreografias das danças, cada professor e morador do território tem uma função para esse momento ser celebrado. Diante disso, a festa junina configura-se como um ato de celebração da ancestralidade, expressa pelas mãos e pelos gestos do povo quilombola do Arapapuzinho, evidenciando a potência cultural que emerge da coletividade.

Nessa perspectiva, a festa junina nos revela ser mais do que um evento festivo, trata-se de uma prática social que simboliza a integração entre educação, cultura e identidade, refletindo diretamente na construção de uma cidadania ativa e plural. Tendo em vista, que ao envolver todo o território, comunidades próximas e a escola transforma o espaço educativo em território de convivência, de compartilhamento e valorização das diferenças. Assim, pode-se observar abaixo, o momento de festejo registrado em junho de 2024 durante as vivências a campo:

Figura 15 - Festa junina da escola São João Bosco com a participação dos moradores do quilombo Arapapuzinho



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

Por meio dessas práticas sociais e comunitárias, torna-se evidente a relevância de integrar a valorização da cultura quilombola ao processo educacional. Uma vez que os saberes oriundos do território são inseridos no espaço escolar, ampliam-se as possibilidades de construção de uma educação plural, capaz de contemplar as diversas realidades e identidades que compõem o território brasileiro. Então, a cultura quilombola, enraizada no território e nas práticas sociais da comunidade, deve ser compreendida como parte fundamental da formação cidadã. Nesse, sentido, Barbosa (2009) afirma que “A cidadania pode ser definida como arte de viver com outros – diferentes de nós mesmos - mas que compartilham os mesmos direitos à vida e à felicidade” (p.1), isto é, no âmbito escolar é possível vivenciar as variedades culturais e lexicais faladas por sujeitos que habitam nos vários territórios, sejam eles quilombolas, ribeirinhos, indígenas ou urbanos, que podem apresentar um falar específico estando intimamente relacionado com seu pertencimento cultural e identitário. Assim, o ato de compartilhar os festejos organizados pela escola São João Bosco com todas as famílias do quilombo evidencia o compromisso da direção escolar e dos professores em promover uma educação que respeita e valoriza a riqueza da diversidade cultural, linguística e identitária da

comunidade. Essa prática fortalece os laços comunitários, promove a inclusão social e contribui para garantir não apenas a felicidade plena do território, mas também o sentimento de pertencimento, a autoestima coletiva e o reconhecimento das tradições como pilares essenciais para o desenvolvimento sustentável da comunidade.

Destaca-se, também, a manifestação cultural e educacional vivenciada pelos alunos e moradores do quilombo Arapapuzinho com sua participação na VI Feira Integrada das Escolas Quilombolas (VI FIEQ). Os preparativos para as exposições na feira acontecem meses antes, os quilombolas do Arapapuzinho se reúnem para confecção das roupas, adereços, e artefatos para exposição, tudo é compartilhado entre todos do território e cada morador contribui com os seus saberes. Assim, a feira é um momento de fortalecimento a cultura quilombola, que visa a valorização de uma educação antirracista, além de fortalecer a participação ativa dos alunos quilombolas.

O evento é sediado pela Prefeitura Municipal de Abaetetuba em parceria com outros órgãos, aberto ao público. O evento aconteceu em 2024, sendo dividido por coletivos que integravam as escolas quilombolas, dentre elas, a escola São João Bosco, a qual partilhou seus saberes com mais três escolas: Escola Santo André, Perpetuo Socorro, e Santo Antônio. A solenidade ocorreu na escola Santo André no território quilombola no Baixo Itacuruçá, foi um momento de troca de saberes e vivências, a fim de enaltecer e fortalecer a identidade quilombola e suas memórias por meio de apresentações culturais, artísticas e acadêmicas. Portanto, a VI FIEQ foi um momento de aprendizagem e valorização da identidade quilombola, em especial o quilombo Arapapuzinho.

Em seguida, podemos prestigiar os registros desse momento de partilha dos saberes ancestrais:

Figura 16 - VI FIEQ – Feira Integrada das Escolas Quilombolas



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

Pelos fatos discutidos, acredita-se que o espaço escolar se evidencia, como parte da inclusão de um trabalho diversificado e interdisciplinar, ao considerar iniciativas para que o processo pedagógico venha interferir em mudanças sociais. Com isso, sabemos que a origem deste ambiente se adequou ao longo do tempo, conforme as propostas culturais e sociais nas quais se está inserido, sendo que a educação como um todo visa sua qualidade e bem-estar. Portanto, os saberes e as vivências no território quilombola Arapapuzinho se cruzam nos diversos espaços, sejam eles, cultural, esportivo e educacional, nos revelando a importância de estudos que busque preservar os aspectos identitários deste território, ou seja, as manifestações são expressões a resistência, que garante que estas práticas e conhecimentos sejam transmitidos de geração em geração, respeitando a pluralidade de vozes e experiências que formam uma rede cultural de valorização dos saberes quilombola.

Na próxima seção, será discutido o quadro teórico que dará base a esta pesquisa, tendo em vista o valor linguístico e identitário dos moradores do quilombo Arapapuzinho.

QUADRO TEÓRICO

O quadro teórico desta pesquisa inicia-se com as contribuições dos estudos da linguística e linguagem considerando a interdisciplinaridade, trazendo os aportes da dialetologia, sociolinguística, aspectos pluridimensionais, diversidade linguística, identidade e variação lexical e o patrimônio lexical do território quilombola Arapapuzinho. Desse modo, as subseções a seguir fomentam as discussões sobre as teorias mencionadas atreladas aos saberes linguísticos, culturais e identitários dos falantes do quilombo Arapapuzinho, a fim de discutir e compreender as particularidades, linguísticas, culturais e identitárias da comunidade, valorizando suas particularidades e fortalecendo sua capacidade de resistir, transformar e prosperar em um contexto de reconhecimento e inclusão.

2.1 Linguística, Linguagem e Interdisciplinaridade

A linguística é a ciência da linguagem humana que se ocupa dos mais diversos aspectos da linguagem e de seu uso. Fiorin (2008) discute que a linguística tem por finalidade explicar os mecanismos da linguagem humana por meio da descrição das diversas línguas faladas mundialmente. Mecanismos estes, como as variedades lexicais de uma língua conforme as regiões de fala e as múltiplas variáveis lexicais de uma língua usada por sujeitos de diferentes classes sociais, idades, gênero/sexo ou escolaridade, os quais podem ser considerados nas características inerentes ao *in loco* pesquisado. Diante disso, utiliza-se das observações realizadas por Lunardi (2005), quando descreve que o papel da linguística é promover uma educação democrática, de respeito as diversidades linguísticas, culturais e identitárias dos grupos acêntricos.

Partindo deste pressuposto, Fiorin (2008) apresenta as seguintes concepções sobre Linguagem:

a linguagem é onipresente na vida de todos os homens. Cerca-nos desde o despertar da consciência, ainda no berço; segue-nos durante toda a nossa vida, em todos os nossos atos, e acompanha-nos até na hora da morte. Sem ela, não se pode organizar o mundo do trabalho, pois é ela que permite a cooperação entre os seres humanos e a troca de informações e experiências. Sem ela, o homem não pode conhecer-se nem conhecer o mundo. Sem ela não se exerce a cidadania, porque ela possibilita influenciar e ser influenciado. Sem ela não se pode aprender. Sem ela não se podem expressar sentimentos. Sem ela, não se podem imaginar outras realidades, construir utopias e sonhos. Sem ela não se pode falar do que é nem do que poderia ser. (Fiorin, 2008, p. 29).

Assim, cabe considerar a importância da linguagem como objeto de estudo, pois como apresentado por Fiorin (2008), a linguagem é fundamental e está presente em todos os aspectos da vida humana, desde a infância até a morte, moldando nossa consciência e interações. Além de ser essencial para a organização social, permitindo a cooperação, a troca de informações e o aprendizado, além de ser a base da cidadania, possibilitando a influência mútua entre indivíduos. Assim, sem a linguagem, não conseguimos expressar sentimentos, imaginar novas realidades ou discutir o que é e o que poderia ser, limitando nossa capacidade de compreender e transformar o mundo ao nosso redor.

Por meio das observações empreendidas por Fiorin (2008), a compreende-se que a linguagem é objeto de estudo que perpassa por múltiplos campos do saber, tais como, os estudos, culturais, sociais ou geográficos. Conforme Fiorin (2008) explanou:

[...] a linguagem é multiforme e heteróclita e, portanto, a interdisciplinaridade é da sua natureza, poderíamos continuar a mostrar a interdisciplinaridade da linguística com outras ciências, em suas diferentes formas, ao longo da história. (Fiorin, 2008, p. 45)

Por esse motivo, vale destacar a importância de abordar nesta pesquisa a interdisciplinariedade na valorização das riquezas lexicais do quilombo Arapapuzinho, pois a linguagem, sendo multiforme e heterogênea, naturalmente se relaciona com diversas disciplinas, o que torna a interdisciplinaridade uma característica intrínseca ao seu estudo. Isso permite que a linguística se conecte com outras ciências, como a Dialetologia, a Geolinguística e a Sociolinguística, tais ciências que darão base a esta pesquisa, as quais são dialogadas nas próximas subseções. Assim, a interdisciplinaridade na linguística não é apenas uma possibilidade, mas uma realidade que enriquece a compreensão da linguagem em contextos variados.

Para tanto, a interdisciplinaridade envolve a interação entre diferentes disciplinas, onde elas se cruzam e se influenciam mutuamente. Isso significa que as áreas de estudo podem compartilhar conceitos, metodologias e técnicas, levando a uma reorganização do conhecimento. Desse modo, essa busca por elementos de outras ciências enriquece a pesquisa e promove uma compreensão mais integrada e abrangente dos fenômenos estudados.

Com isso, Fiorin (2008, p. 39) destaca que “a interdisciplinaridade pressupõe, de um lado, a transferência de conceitos teóricos e de metodologia e, de outro, a intersecção de áreas”, ou seja, a interdisciplinaridade envolve, primeiramente, a transferência de conceitos e métodos de uma disciplina para outra, permitindo que ideias e abordagens de diferentes campos se complementem. Ademais, ela se refere à intersecção de áreas, onde múltiplas disciplinas se

unem para abordar problemas comuns de maneira colaborativa. Diante disso, a interdisciplinaridade não apenas amplia a perspectiva sobre a linguagem, mas também revela suas interações com aspectos culturais, sociais e cognitivos da experiência humana, resultando em uma pesquisa mais rica e diversificada, que pode levar a novas descobertas e entendimentos.

A pesquisa aqui apresentada utilizará a linguagem como objeto de estudo da Linguística, a qual tem como finalidade explicar os mecanismos da linguagem, a partir da descrição das diferentes línguas faladas no mundo, ou seja, registrar o léxico do quilombo Arapapuzinho como parte da sua identidade, considerando a interdisciplinariedade como característica fundamental nos estudos linguísticos. Diante disso, a seguir será abordada a Dialetoologia e a Sociolinguística como disciplinas fundamentais para a valorização dos grupos acêntricos, uma vez que essas áreas do conhecimento possibilitam que as variações linguísticas e culturais, evidenciem as particularidades dos falantes que, historicamente, foram marginalizados e silenciados.

A seguir, discutiremos a Dialetoologia e a Sociolinguística, para compreender a relevância do seu uso neste estudo para o reconhecimento da riqueza e diversidade dos saberes do território quilombola Arapapuzinho, fortalecendo a identidade e a resistência cultural deste grupo acêntrico.

2.2 Dialetoologia e Sociolinguística

A Dialetoologia é um campo da linguística que se dedica a estudar as variações de uma língua, levando em conta como essas variações se distribuem geograficamente, socialmente e ao longo do tempo. Além de identificar e descrever as diferentes formas de uso da língua, considerando fatores como localização e contexto cultural dos falantes, características estas inerentes ao *in loco* pesquisado. Assim, a Dialetoologia contribui para a compreensão da diversidade linguística e das particularidades de cada léxico.

Para tanto, Cardoso (2010) atribui as seguintes considerações sobre esta disciplina e o fazer dialetológico:

a dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição social, sociocultural e cronológica. (Cardoso, 2010, p. 15).

Dessa forma, os estudos dialetológicos, quando lança mão do seu método de estudo, a Geografia Linguística e combinado a Sociolinguística, tornam-se essenciais para uma

compreensão mais completa da variação linguística. Esses campos abordam o estudo sistemático dos dialetos, com base no levantamento dos traços regionais, sociais, culturais e identitários dos grupos acêntricos, com foco no *in loco* pesquisado, o território quilombola Arapapuzinho. A variação da língua nesse contexto é influenciada por fatores históricos e socioculturais específicos da comunidade. Esse tipo de estudo permite descrever detalhadamente o fenômeno da variação linguística, explicando como ele se dá dentro do meio social, levando em conta as narrativas individuais e coletivas que são construídas por meio da língua. Assim, a análise da linguagem utilizada por cada pessoa revela os aspectos culturais, sociais e identitários que moldam a comunicação e a interação no território quilombola".

Na Dialetoлогия, portanto, "[...] o falante é visto como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas direções" (Cardoso, 2010, p. 63), ou seja, o falante é considerado não apenas como um indivíduo que ocupa um espaço geográfico, mas também como alguém que está inserido em contextos sociais e culturais diversos. Isso significa que a forma como uma pessoa utiliza a língua é influenciada por sua localização geográfica e por suas interações sociais, refletindo sua identidade e experiências. Portanto, faremos uso da Dialetoлогия para compreender como essas dimensões geográficas e sociais se entrelaçam na variação linguística existente no Território Quilombola Rio Arapapuzinho.

Quanto a Sociolinguística busca analisar as diversidades lexicais sistematizando os fatores que influenciam nesta diversidade. Para conceituar esta disciplina Mollica (2004, p. 10) fundamenta:

a sociolinguística considera em especial como objetivo de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. [...] (Mollica, 2004, p. 10).

Diante desta concepção, entende-se que a Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre linguagem e sociedade, focando em como fatores sociais, de classe, gênero, idade e etnia, influenciam o uso da língua. Além de investigar as variações linguísticas que ocorrem em diferentes contextos sociais e buscar entender como essas variações refletem nas identidades e relações de poder. Desta forma, a Sociolinguística também se preocupa com a aplicação de seus achados em contextos educacionais, promovendo uma compreensão mais inclusiva da diversidade linguística.

Com base no exposto, considera-se que a Dialetoлогия e Sociolinguística são disciplinas as quais se debruçam nos estudos da língua falada, a serem consideradas para este estudo como base teórica. Para tanto, a Dialetoлогия e a Sociolinguística estão interligadas, pois ambas

estudam a variação linguística, mas com enfoques diferentes: a Dialetoologia foca na descrição das variações geográficas da língua, enquanto a Sociolinguística analisa como fatores sociais influenciam essas variações. Juntas, elas oferecem uma compreensão mais abrangente da linguagem, considerando tanto o contexto geográfico quanto o social dos falantes. Essa relação é fundamental para o reconhecimento e valorização das diversas formas de expressão linguística em um contexto educacional e cultural.

Nesta perspectiva, os itens lexicais selecionados para compor esta pesquisa, se inserem dentro de quatro compôs semânticos, como fauna; flora; utensílios domésticos: caça, pesca e roça; e religiosidade e crenças, as quais são representações essenciais para entender a diversidade linguísticas de expressão no território quilombola Arapapuzinho. Neste sentido, as variações linguísticas registradas nesta pesquisa, tais como, nambu, tapera, aturá, visagem, entre outras, refletem não só a variação regional, mas também a construção identitária dos falantes, que utilizam essas lexias para afirmar sua conexão com a cultura do seu território.

Portanto, o uso da Dialetoologia neste estudo nos auxilia na compreensão de como essas lexias podem variar em diferentes contextos sociais, como entre gênero/sexo, faixa etárias, ou entre sujeitos com diferentes níveis de escolaridade. Quanto a Sociolinguística oferece uma análise mais profunda sobre as condições sociais que motivam essas variações. Assim, a língua torna-se um elemento fundamental para o mapeamento e valorização dessas variantes, com foco de fortalecer o sentimento de pertencimento e contribui para a preservação das riquezas lexicais e cultural da comunidade.

A seguir, exploraremos a Dialetoologia com ênfase nos princípios pluridimensionais e o fazer geolinguístico que serão utilizados como embasamento neste estudo.

2.2.1 Dialetoologia com ênfase nos princípios pluridimensionais e o fazer Geolinguístico

A Dialetoologia com ênfase nos princípios pluridimensionais, tem por finalidade ampliar os horizontes de estudos da Dialetoologia tradicional ao incorporar, os aspectos para além da variação diatópica, ou seja, considerar as dimensões da variação linguística, como fatores sociais, históricos e culturais que condicionam o uso da língua em contextos marcados por identidades, resistência e pertencimento linguístico, como é o caso do território quilombola Arapapuzinho. Portanto, a escolha metodológica do uso da Dialetoologia ancorada aos aspectos pluridimensionais permite uma análise articulada entre a variação linguística e as dimensões diatópica, diastrática, diassexual e diageracional, considerando as particularidades linguísticas

e culturais do território quilombola, contribuindo para um mapeamento cartográfico consciente das riquezas lexicais locais atreladas as particularidades do quilombo Arapapuzinho.

Conforme os estudos de Thun (1998):

[...] Dialetologia Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialetologia tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais. (Thun, 1998, p. 706).

Para tanto, compreender as riquezas lexicais nos territórios tradicionais, marcados historicamente pelas resistências e preservação cultural, como o território quilombola Arapapuzinho, exige um olhar que complemente a abordagem tradicional da Dialetologia. Uma vez que, os estudos da Dialetologia Pluridimensional defendidos por Thun (1998), revela uma proposta metodológica alinhada aos objetos desta pesquisa, pois segundo o autor, os registros das variações linguísticas não se limitam aos “dialetos puros”, ou seja, nos revela a importância de considerar a Dialetologia incorporada as vertentes pluridimensionais ao considerar as particularidades culturais e identitárias dos quilombolas do Arapapuzinho. Assim, a reflexão do autor reforça a necessidade dos estudos que resulte de múltiplos fatores que constituem os falares, sobretudo nos territórios tradicionais quilombolas, na qual a língua é parte intrínseca das práticas culturais e modos de vida específicos, como ato de valorização do patrimônio linguístico quilombola.

Para tanto, Dantas e Carlos (2020) explicam que:

a Dialetologia Pluridimensional considera o parâmetro contatual na descrição da variação linguística, dada a importância de serem consideradas também as línguas minoritárias, o bilinguismo, além das condições em que realiza o contato linguístico. (Dantas e Carlos, 2020, p. 16).

Essa abordagem reconhece que a variação linguística não se dá apenas em função do espaço geográfico, mas também está profundamente relacionada a fatores sociais, contextos de uso e transformações históricas, considerando as riquezas lexicais dos grupos minoritários importantes para descrição e documentação das línguas. Portanto, o fazer geolinguístico é considerado nesta pesquisa como o mecanismo para materialização das Cartas Linguísticas, a diversidade linguística registrada no território quilombola Arapapuzinho.

Desse modo, de acordo com Cardoso (2010):

firma-se, assim, que a geografia linguística como método por excelência da dialetologia e vai se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados. (Cardoso, 2010, p. 46).

Nesta perspectiva, o fazer geolinguístico é ressignificado de maneira diferente nos aspectos pluridimensional deste estudo, pois passa a ser uma prática investigativa multifacetada, nos auxiliando na representação, interpretação e visualização dos dados linguísticos, deixando de ser apenas a apresentação cartográfica de traços linguísticos. Ademais, o fazer geolinguístico alinhado ao olhar plural dos princípios da Dialetologia com aspectos pluridimensionais, ao contrário no contexto deste estudo, não se restringe apenas ao mapeamento lexical puramente espaciais, pois considera os sujeitos quilombolas do território Arapapuzinho por meio das suas diversidades linguística e identitária, como manifestação de saberes culturais, modos de vida e práticas da história e memória de seu povo. Portanto, o fazer geolinguístico é considerado nesta pesquisa como o mecanismo para materialização das Cartas Linguísticas, atreladas a diversidade linguística, cultural e identitária, registrada no território quilombola Arapapuzinho.

Com base nas discussões apresentadas, compreende-se que esta pesquisa está baseada nos fundamentos da Dialetologia de acordo com Cardoso (2010), no que se refere a coleta de dados e representação cartográficas dos dados linguísticos, considerando a sistematização metodológica dos estudos geolinguístico e sociolinguísticos. Entretanto, ao incorporar os pressupostos pluridimensionais, amplia-se a visão sobre os aspectos da variação linguística, pois reconhece o léxico do território quilombola Arapapuzinho pertencente dos múltiplos fatores, sejam eles, sociais, históricos, culturais e identitários. Desta maneira, a abordagem aqui proposta não rompe com os princípios dialetológicos, mas a ressignifica, ao conjugar a dimensão espacial com a complexidade sociocultural dos sujeitos investigados, pois neste estudo o procedimento metodológico busca compreender a língua como patrimônio imaterial e instrumento de resistência, possibilitando um mapeamento linguístico cartográfico que não só descreve, mas também valorize e salvide as riquezas lexicais do território quilombola Arapapuzinho.

A seguir, o método cartográfico de análise mencionado como método utilizado pela Dialetologia será descrito no contexto desta pesquisa para construção das Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do território quilombola Arapapuzinho.

2.2.2 Método cartográfico no contexto da pesquisa

A partir do exposto sobre o contexto do trabalho da dialetologia, evidencia-se que esta ciência faz uso do método cartográfico para apreciação diatópica dos dialetos e expressões linguísticas. Desta forma, considerando a construção das Cartas Linguísticas proposto neste estudo, partiremos dos estudos de Ramos (2010) para compreender o que se propõe:

atualmente, na confecção de atlas linguístico, a pesquisa em Geografia Linguística é realizada através do método cartográfico possuindo como característica: ser uma pesquisa *in loco*, definindo as localidades que comporão a rede de pontos; ter o perfil do informante, baseado no sexo, na escolaridade na idade, no estrato social; basear-se em um questionário padronizado para toda a rede de pontos; haver a gravação e o armazenamento de todas as entrevistas para posterior análise. (Ramos, 2010, p. 125).

Conforme exposto pelos autores a construção das Cartas Linguísticas é realizada por meio do método cartográfico de análise, o qual de acordo com Cardoso (2010) o método cartográfico deve ser "inteligente e racional", referindo-se à necessidade de uma abordagem metódica e fundamentada na análise dos dados linguísticos. Isso implica em utilizar técnicas e ferramentas adequadas para a coleta, organização e interpretação dos dados, garantindo que a cartografia linguística seja precisa e significativa. Diante disso, a percepção de Cardoso (2010) dialoga com o objetivo deste estudo, uma vez que se busca integrar aspectos sociais, culturais, linguísticos e identitários dos moradores do rio Arapapuzinho como parte integral das Cartas Linguísticas Quilombola.

Na subseção a seguir, discutiremos sobre a relevância da diversidade cultural, identitária e variação lexical como parte do pertencimento dos quilombolas do Arapapuzinho

2. 3 Diversidade cultural, identidade e variação lexical

Com a homogeneização cultural a partir dos avanços da industrialização e dos meios de comunicação surge a diversidade cultural como uma categoria para exemplificar a expansão dos movimentos sociais e culturais, porém mesmo com seu destaque ainda haveria possibilidades de a diversidade cultural ser afetada pela homogeneização. No entanto, segundo Pelegrini e Funari (2008, p. 22) a “variedade cultural humana mostrou-se muito mais poderosa e importante do que muitos estudiosos haviam pensado”. Desta forma, a resistência das diversidades culturais retrata a permanência dos grupos acêntricos, como exemplo, o território quilombola rio Arapapuzinho, o qual é constituído historicamente de lutas pela existência de sua identidade cultural e linguística.

Conforme afirma Pelegrini e Funari (2008):

a valorização da diversidade humana não pode ser desvinculada da eclosão das reivindicações do reconhecimento do valor de identidades sociais e, portanto, da contestação dos conceitos de cultura monolítica e homogênea. Partindo do pressuposto de que as pessoas de um mesmo grupo compartilham valores, de que se sentem partícipes, formulou-se o conceito normativo de “pertencimento” (Pelegrini; Funari, 2008, p. 23).

Desse modo, compreender o território quilombola como somente pertencente ao passado escravista, tampouco configurar esses territórios não constituintes de diversidades culturais, linguísticas e identitárias repassadas de geração em geração é desvalorizar as nossas raízes históricas oriundas das culturas afro-brasileiras. Além do mais, diversas comunidades quilombolas da região do Baixo Tocantins mantem-se vivas, lutando pelos direitos da existência de suas heranças socioculturais, como é o caso do quilombo Arapapuzinho, o qual ainda desenvolve práticas culturais que fazem parte do pertencimento da comunidade.

Partindo desta ideia, compreende-se que a cultura é o que torna o sujeito ser o que é conforme sua existência e suas formas de resistir a força da globalização que almeja homogeneizar as diversidades. A cultura de um povo pode ser considerada como um campo simbólico que possibilita uma gama de interações sociais, por meio da prática, da linguagem e dos valores. Nesse contexto, a comunidade do Arapapuzinho passa a ser compreendida conforme suas particularidades culturais, linguísticas e territorial.

Por sua vez, a respeito de identidade Ciampa (1987) explica que:

dizer que a identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural é aceitável pela grande maioria dos cientistas sociais [...] Com efeito, se estabelecermos uma distinção entre o objeto de nossa representação e a sua representação, veremos que ambos se apresentam como fenômenos sociais [...] Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos biológicos, psicológicos, sociais, etc. que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação [...] (Ciampa, 1987, p.64-65).

Neste sentido, podemos considerar as observações de Ciampa (1987) sobre a concepção de identidade, a qual o autor diz que os aspectos biológicos, sociais e culturais, os quais os sujeitos estão submetidos são indissociáveis. Ademais, o autor mostra que a identidade de um povo está intrinsecamente ligada à sua cultural, já que as pessoas que fazem parte de cada sociedade e suas respectivas culturas são constantemente expostas ao conjunto de conhecimentos que formam as práticas culturais. Dessa maneira, percebe-se que a cultura tem grande influência na formação da identidade do sujeito, ajustando-a segundo suas práticas e costumes.

No que concerne à identidade dos sujeitos Rajagapolan (2003), afirma que as características notáveis da identidade linguística nesses tempos pós-moderno é a mestiçagem, da qual todas as línguas estão sujeitas hoje em dia. Assim, essas diversas mudanças nos espaços sociais de convívio acabam por atuar diretamente na identidade das pessoas, pertencentes hoje a um mundo globalizado.

Desse modo, os estudos a respeito da temática identidade remetem às observações feitas por Hall (2006), as quais nos permite refletir sobre a concepção do sujeito pós-moderno, sendo considerado como o indivíduo sem identidade fixa ou permanente. Portanto, Hall (2006) afirma:

[...] o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (Hall, 2006, p.13).

Nesse sentido, a observação de Hall (2006) a respeito do sujeito pós-moderno está baseada ao nosso cenário atual, uma vez que vivemos em uma sociedade de contínuas mudanças, no meio das informações, das mais diversas culturas, valores e lugares diversos. Assim, essas diversas mudanças nos espaços sociais de convívio acabam por atuar diretamente na identidade das pessoas, pertencentes hoje a um mundo globalizado.

Observa-se, portanto, que somos uma sociedade mutável, a maneira como nos expressamos em sociedade também muda com o tempo, pois vivemos em constante transformação. E com a nossa língua não é diferente, as mudanças que ocorrem na nossa língua são sincrônicas e acontecem naturalmente. Essas variantes constituem o objeto de análise da sociolinguística. Diante disso, buscando explicações sobre como os fenômenos de variação linguística na comunicação influenciam nas relações de poder e desenvolvimento cultural e social, a sociolinguística a partir do seu surgimento se caracterizou como a área da linguística voltada para a pesquisa das descrições das variações e dos fenômenos em pleno processo de mudança relacionados à língua.

Para Labov (1972):

“a teoria da variação e mudança linguística tem como o objeto de estudo a variação e mudança da língua, levando em consideração o caráter sociolinguístico, a estrutura e a evolução da língua no contexto social de uma comunidade de fala”. (Labov, 1972, p. 236).

Considerando as reflexões delineadas pelos autores, cabe-nos levantar observações acerca da importância de se pensar sobre rememorar os aspectos culturais, lexicais e identitários das comunidades tradicionais, tais como do território quilombola Arapapuzinho, uma vez que

se identificou características da identidade afro-brasileira que perpassa por anos na comunidade, mas com a influência da globalização pode aos poucos ir se perdendo. Nesse sentido, quando identificamos grupos que ainda têm características na sua identidade, que podem ser considerados como patrimônios, acredita-se que esses traços não podem ser perdidos, mesmo com a fragmentação das identidades pós-modernas, necessitando, urgentemente, ser registradas.

Atualmente, podemos notar como é raro encontrar comunidades que não estejam completamente envolvidas com a globalização, tendo em vista que está presente cada vez mais em nossa sociedade. Assim sendo, entendemos a necessidade de levar esses aspectos do quilombo Arapapuzinho para ser discutido no âmbito acadêmico, dando maior visibilidade e referência para novas pesquisas que valorize os fatos culturais e lexicais das comunidades tradicionais. Para tal, apresentamos na subseção seguinte as riquezas lexicais do território quilombola a ser considerado como patrimônio lexical, dado seu valor para os moradores do território.

2. 4 Patrimônio Lexical do Território Quilombola Arapapuzinho

A língua pode ser considerada como um mecanismo de poder, uma herança valiosa para sua comunidade de fala, pois a partir dela podemos nos comunicar, expressar nossos pensamentos e interagir conforme a situação sociointerativa requerida. Seguindo esse raciocínio Bagno (2014) relata:

a língua é um fato-fenômeno de natureza sociocognitiva, ou seja, ela existe no cérebro de cada indivíduo, mas também depende das interações sociais para ser ativada e permitir a integração desse indivíduo na herança cultural que é a dele. (Bagno, 2014, p. 22).

Em constante mudança, a língua humana é como uma máquina no tempo, pois ela nos informa muito do que aconteceu em nosso passado e do que pode vir a acontecer em nosso futuro. Compara-se também a um museu onde se guarda relíquias de várias épocas.

Segundo Bagno (2014):

todas essas comparações têm a intenção de despertar a nossa consciência para o fato e que nenhuma língua humana viva, é um bloco compacto, homogêneo, pronto e acabado. A língua como tudo mais no universo não para e está sempre se transformando. (Bagno, 2014, p. 80).

A variabilidade da língua é um fenômeno presente em todas as sociedades humanas, entende-se que a variação dos falantes é influenciada por fatores estruturais e sociais. Ou seja, a língua tende a se adaptar de acordo com os componentes, histórico, social, regional e estilo de cada indivíduo. A língua está sempre em formação, em decomposição e recomposição, perde coisas com o tempo e ganha outras também, tudo isso sempre entrelaçado com o desenvolver social, sempre ao sabor das transformações culturais e cognitivas dos falantes. Desta forma, faz-se necessário estudos que registrem a variedade lexical presente no Baixo Tocantins na perspectiva de valorização cultural, linguística e identitária.

A relação com as mais variadas comunidades de fala nos demonstra o quanto a língua é variável e como podemos trocar saberes através das vivências com as diversas culturas que estão inserida no nosso território amazônico, pois nós somos indivíduos integrados da diversidade cultural e linguística. Nesse sentido, conhecer as riquezas lexicais, tais como as variantes lexicais registradas no território quilombola Arapapuzinho, fomenta nossos conhecimentos e concretiza as bases de pertencimento e representatividade dos grupos acêntricos.

Na perspectiva lexical, Biderman (2001) afirma que:

o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história, acervo este que é transmitido por essa comunidade de uma geração a geração seguinte. (Biderman, 2001, p. 158).

De acordo com o exposto pela estudiosa, compreende-se que a fala dos sujeitos pertencentes aos grupos acêntricos devem ser registradas e documentadas, com objetivo de valorizar as diversidades linguísticas representadas por meios geográficos, bem como as riquezas lexicais presentes no território quilombola Arapapuzinho, as quais não podem ser esquecidas juntamente com a evolução humana. Assim, considerar as riquezas lexicais do quilombo Arapapuzinho reverbera no não apagamento da identidade linguística trazida pelos seus ancestrais africanos.

Com base nos estudos de Pelegrini e Funari (2008) podemos considerar que:

Patrimônio, em nosso cotidiano, surge como os bens de valor, aquilo que temos e que declaramos no imposto de renda. Desse sentido material, chegamos ao figurado: aquilo que é de valor para nós, mesmo que não tenha um preço. [...] (Pelegrini; Funari, 2008, p. 27).

As contribuições dos autores acerca do patrimônio imaterial, nos direciona a entrevista concebida pela senhora ZN a respeito da sua língua como pertencimento. Assim, analisamos abaixo seu relato:

os nossos dizeres quilombolas são parte da nossa essência, muitas palavras que a gente fala era o que nossa mãe e pai dizia, muitas coisas nos ainda preservamos e tem palavra que só aqui no Arapapuzinho que falamos. Os nossos dizeres fazem parte da nossa história. (Entrevista em 28/06/2024).

Considerando a observações de Pelegrini e Funari (2008) e o relato da entrevistada, podemos definir os patrimônios lexicais, como pertencimento linguístico e cultural dos falantes do território quilombola Arapapuzinho, uma vez que para os moradores sua língua tem um valor significativo de pertencimento linguístico, cultural e identitário. Portanto, aprofundaremos os estudos teóricos desta pesquisa concebendo a fala como parte da história e memória dos grupos acêntricos, especialmente, do território quilombola Arapapuzinho.

Nessa perspectiva do léxico, Seabra (2015) expõe:

considerando a dimensão social da língua, podemos ver, no léxico, o patrimônio cultural de uma comunidade. Transmitidos de geração a geração como signos operacionais, é através dos nomes que o homem exerce a sua capacidade de exprimir sentimentos e ideias, de cristalizar conceitos. Assim, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade [...] (Seabra 2015, p. 73).

Desta forma, com base nas considerações de Seabra (2015) as riquezas lexicais do território quilombola Arapapuzinho podem ser consideradas um patrimônio lexical devido ao seu profundo significado cultural e histórico para os moradores. As lexias mapeadas, muitas vezes transmitidas de geração em geração, representam a identidade local, as práticas culturais e a memória coletiva da comunidade. Portanto, as variantes linguísticas são fundamentais para o fortalecimento do pertencimento ao território, funcionando como símbolos de resistência cultural e preservação das tradições ancestrais.

Para Pereira (2017):

as línguas não apenas se encaixam na categoria de referências culturais de natureza imaterial, sendo elas mesmas elementos marcantes da identidade e cultura das sociedades, como são também veículos de transmissão e manifestações culturais. (Pereira, 2017, p. 11).

Neste sentido, compreende-se que as riquezas lexicais da língua fazem parte da linguagem viva dos falantes e pertence à história, memória, costumes e a identidade de um povo, o qual está em constante mudança. Considerando esses aspectos os grupos acêntricos são dotados de patrimônios lexicais trazidos ao decorrer da sua história como artifício da comunicação oral dos seus falantes. Assim, caracterizam-se como herança linguística e identitária de seu povo.

Partindo dessa ideia, os patrimônios linguísticos e culturais dos moradores do território quilombola Arapapuzinho podem ser considerados como pertencimento da identidade dos moradores da comunidade. Além de rememorar a história de luta do processo de formação da comunidade, que por meio da linguagem o léxico foi se demarcando de geração a geração, podendo com a constante mudança linguística não serem mais reconhecidos seus significados. Desse modo, destaca-se a relevância de manter viva a história e memória das comunidades tradicionais, por meio do mapeamento linguístico semântico-lexical do surgimento da cultura e das características linguísticas e identitárias do quilombo Arapapuzinho.

Na próxima seção será discutido a metodologia adotada neste estudo, desde o contexto da pesquisa à apresentação da construção das Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do quilombo Arapapuzinho.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa visa a construção das Cartas Linguísticas Semântico-Lexical como forma de valorizar a riqueza da fala dos moradores do território quilombola Arapapuzinho e as suas práticas culturais e identitárias, além de documentar o seu patrimônio lexical, por meio da aplicação do Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A), o qual foi elaborado com base no Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), a partir das vivências no quilombo Arapapuzinho, permitindo a sua construção e adaptação conforme a realidade linguística, cultural e identitária do território. Ademais, a proposta do QSL-A foi discutida dentro do Grupo de Estudos Linguísticos da Diversidade da Amazonia, que traz reflexões acerca da valorização linguística, cultural, identitária e da memória da comunidade, como elementos fundamentais a serem considerados nas pesquisas dialetológicas, tornando-se um grupo pioneiro nesta discussão, a fim de servir como base para as próximas pesquisas de cunho dialetológicos. Desse modo, a metodologia adotada neste estudo está ancorada em uma perspectiva interdisciplinar, tendo como eixo central a linguagem, articulados aos fundamentos da Dialetologia sendo utilizada por meio do método cartográfico, para representação geográfica dos dados coletados, com ênfase nos aspectos pluridimensionais para cruzamento dos aspectos sociais, tais como, gênero/sexo, faixa etária e escolaridade e da Sociolinguística, para a consideração de qual forma os fatores sociais influenciam as riquezas lexicais do território quilombola Arapapuzinho.

3. 1 Contexto da pesquisa

Esta pesquisa tem como ciência principal a linguagem, com aportes da Dialetologia, uma vez que foi utilizado o método cartográfico, a Sociolinguística, com ênfase nos aspectos pluridimensionais para trabalhar a diversidade linguística presente na fala dos sujeitos pertencentes ao território quilombola Arapapuzinho. Para o desenvolvimento do presente trabalho foi realizada uma pesquisa de campo de cunho quantitativo. Segundo Prodanov; Freitas (2013, p. 59), a pesquisa de campo “Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorre espontaneamente, na coleta de dados dos referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para a analisá-los”. Para tanto, serão utilizadas as seguintes estratégias de investigação: levantamento de material bibliográfico, pesquisa de campo, aplicação de questionário e entrevista para análise dos dados coletados. Portanto, esta pesquisa assume a

tarefa de analisar a linguagem por meio da fala dos moradores para evidenciar as questões identitárias e lexicais na comunidade quilombola do rio Arapapuzinho.

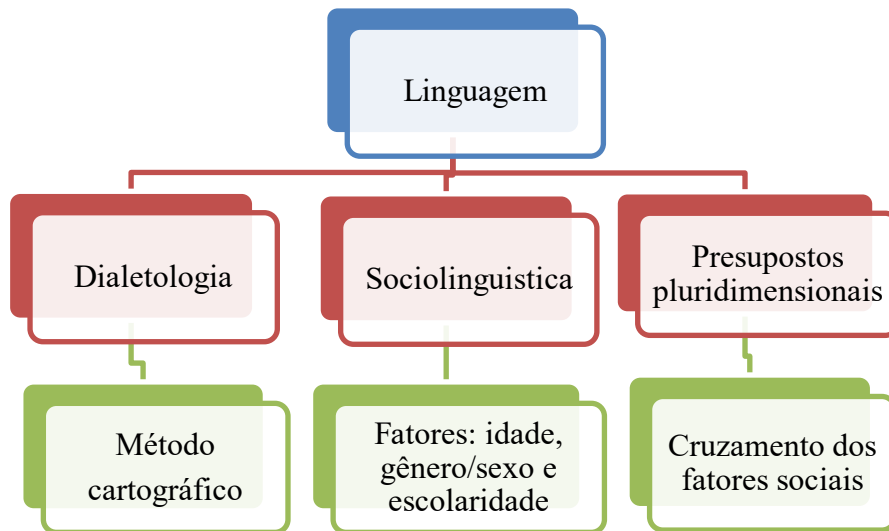
Para a composição do *corpus*, adotou-se a metodologia da Dialetoлогия, aqui compreendida em sua vertente pluridimensional, a qual amplia os pressupostos adotados pela Dialetoлогия tradicional ao considerar múltiplas dimensões da variação linguística, além da percepção geográfica, os aspectos sociais, históricos e culturais. Esta abordagem, também, faz uso do método cartográfico para realização da análise e representação espacial dos dados linguísticos registrados. De acordo com Cardoso e Razky (2015):

a Geografia Linguística é compreendida como um ramo da Dialetoлогия, tendo por foco o estudo da variação linguística no espaço geográfico, por meio da confecção de atlas linguísticos dos falares regionais sejam eles cultos ou populares, urbanos ou rurais, pertencentes a regiões desenvolvidas ou subdesenvolvidas. (Cardoso; Razky, 2015, p. 114).

A observação de Cardoso e Razky (2015) se interrelaciona com o foco desta pesquisa, mas aqui é expandida por meio da proposta pluridimensional, uma vez que ao investigar as riquezas lexicais do território quilombola Arapapuzinho, abordamos uma análise geolinguística e sociolinguística das variações lexicais, considerando os fatores sociais (gênero/sexo, faixa etária e escolaridade) no contexto específico do quilombo. Por meio do levantamento das particularidades linguísticas dos moradores, podemos entender como a geografia social e histórica desse território influencia o uso da língua, revelando aspectos culturais e identitários da comunidade quilombola, e, em contrapartida, como essas variações se conectam ao conceito de patrimônio lexical, fundamental para a preservação e valorização da diversidade linguística local.

Quanto a seleção dos sujeitos provém da base Sociolinguística, que é aparato dos estudos dialetológicos, apresentando como estratificação fatores linguísticos e extralinguísticos. Conforme Alkmim (2001, p.33) “O objeto da Sociolinguística é estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”.

Diante do exposto, segue abaixo a ilustração do aporte teórico-metodológico, que orienta este estudo, sintetizando as principais estratégias metodológicas adotadas:

Figura 17 - Divisão do aporte teórico-metodológico

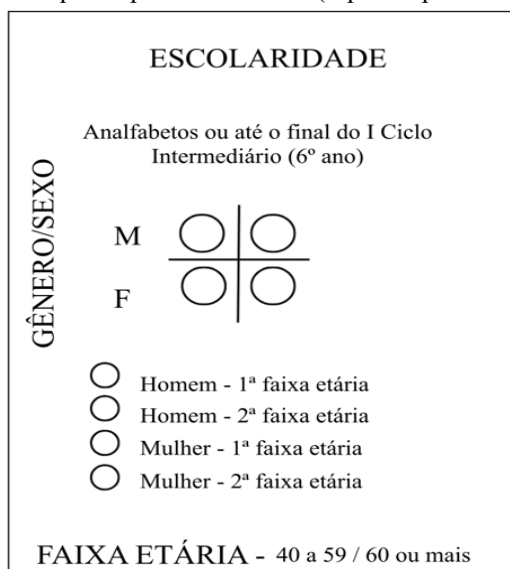
Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

De acordo com Ferreira e Cardoso (1994, p. 23-36) apresentam-se quatro principais etapas para a conclusão da investigação dialetal. Assim, iniciaremos as reflexões sobre a pesquisa listando os passos que envolvem a metodologia da pesquisa dialetológica.

- 1) Preparação da pesquisa;
- 2) Execução dos inquéritos;
- 3) Instrumentos da pesquisa;
- 4) Divulgação dos resultados.

Na preparação da pesquisa escolheu-se o campo linguístico a ser estudado, ou seja, o semântico-lexical. Em seguida, partimos para a seleção da localidade, da qual utilizaremos a ficha da localidade para coletar alguns dados importantes para realização da pesquisa. Posteriormente, selecionaremos os sujeitos, com base nos critérios obtidos na aplicação da ficha de colaboradores.

Para tanto, a seleção dos sujeitos que compõem este estudo foi orientada por critérios sociolinguísticos utilizados em estudos dialetológicos, especificamente nos que abordam perspectiva pluridimensional, como ilustra o esquema abaixo, os quais consideraram três fatores principais: gênero/sexo (masculino e feminino), faixa etária (40 a 59 anos e 60 ou mais), e escolaridade (analfabetos ou até o 6º ano), relacionados aos aspectos de pertencimento linguístico, cultural e identitário do território quilombola Arapapuzinho. Desse modo, podemos observar o esquema a seguir que ilustra os critérios pluridimensionais utilizados nas Cartas Linguísticas.

Figura 18: Esquema por meio de cruz (aspectos pluridimensionais)

Fonte: Costa (2025) com base em Thun (2008)

Desse modo, os círculos representam um perfil de informante, de modo a garantir um recorte que respeita as variações sociais e favorece uma representação mais rica da diversidade lexical da comunidade. Portanto, conforme exposto na seção 2.2.1, este estudo adota os princípios sociolinguísticos para a seleção dos sujeitos e a abordagem pluridimensional para análise da variação lexical, considerando fatores diastráticos, díassexuais e diageracionais, pois se trata de um estudo que busca catalogar as riquezas lexicais no território quilombola Arapapuzinho a luz dos aspectos de pertencimento linguístico, cultural e identitário.

Como instrumentos da pesquisa serão utilizados um questionário semântico-lexical (QSL-A), adaptado a realidade da comunidade pesquisada, tomando como base os campos semânticos que fazem parte do pertencimento da comunidade estudada, a ficha com as características do sujeito e o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), o qual comprova que o trabalho seguiu todas as normativas éticas solicitadas. Para confecção das cartas foram utilizados quatro campos semânticos lexicais que fazem referência a Flora; Fauna; Utensílios domésticos- caça, pesca e roça e Religiosidade e Crenças.

Dos dados coletados, foram feitas as transcrições para realizar as análises qualitativas para registrar a história e resgatar a memória do território quilombola rio Arapapuzinho. Também, farei análises quanti-qualitativas para compreender a diversidade linguística presente no quilombo e registrarei o léxico por meio da produção de Cartas Linguísticas. Nas cartas constarão as variantes lexicais que demonstram a variação diatópica, considerando gênero/sexo e escolaridade.

Por fim, a aplicação de todos os procedimentos se desdobrará na construção das Cartas Linguísticas do Território Quilombola Arapapuzinho. Esta contribuição é apenas o início da construção de um projeto maior, atrelado ao grupo de Estudos Linguísticos da Diversidade da Amazônia (GELINDA), que visa a confecção do Atlas Quilombola do Baixo Tocantins, baseado em aspectos linguísticos que representem as riquezas lexicais por meio da identidade, memória e cultura. Desta forma, a seguir serão apresentados os métodos de estudos utilizados contextualizados ao *in loco* desta pesquisa como a comunidade quilombola do Arapapuzinho aqui em evidência.

3.2 Método cartográfico

O método cartográfico, adotado a partir da Dialetologia, foi empregado na construção das Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do quilombo Arapapuzinho, para representar visualmente as riquezas lexicais do território em mapas linguísticos, facilitando a análise das ocorrências registradas na fala dos moradores do território quilombola Arapapuzinho. Assim, o mapeamento cartográfico foi, portanto, uma extensão da análise dialetológica, permitindo que as variações não apenas fossem descritas, mas também representadas geograficamente, facilitando a compreensão das dinâmicas linguísticas do território estudado.

A princípio, considerou-se a localização espacial dos dados como um elemento importante para aplicação do método cartográfico, sendo o território quilombola Arapapuzinho. A pesquisa tem em vista a distribuição geográfica das variações linguísticas intrinsecamente do território quilombola, considerando as variantes linguísticas no âmbito, diatópico, diassexual e diageracional. Assim, contribuiu para entender como o ambiente social e cultural está presente no uso da língua no quilombo Arapapuzinho.

Em seguida, foram coletados os dados por meio de entrevistas, com a utilização do questionário semântico-lexical adaptado (QSL-A) com base nos aspectos de pertencimento do quilombo, no qual os participantes foram convidados a falar sobre temas relacionados aos campos semânticos, fauna, flora, utensílios domésticos: caça, pesca e roça e, religiosidade e crenças, permitindo identificar as peculiaridades linguísticas do território. Portanto, as perguntas foram elaboradas de maneira a possibilitar o mapeamento de variantes que demarcassem a identidade linguística e o pertencimento lexical e cultural do quilombo.

Envolveu na análise, também, os fatores sociais como gênero/sexo, faixa etária e escolaridade dos falantes, visto que esses aspectos estão diretamente ligados as variações linguísticas dos quilombolas do Arapapuzinho. Assim, foi possível observar como diferentes

grupos dentro da comunidade utilizam o vocabulário e as expressões de maneira distinta, refletindo o impacto dessas variáveis sociais na língua falada.

Para tanto, com os dados organizados, o próximo passo foi o georreferenciamento das variações linguísticas, por meio da utilização do programa QGIS, iniciou-se o processo de elaboração das cartas. Por meio desse processo, as variantes foram destacadas no ponto de inquérito, sendo este o território quilombola Arapapuzinho. Assim, o mapeamento possibilitou observar cartograficamente as variações linguísticas registradas no território no ponto de vista, diatópico, diasssexual, diageracional e a escolaridade.

A construção das Cartas Linguísticas Semântico-Lexicais que compõem este estudo foi a principal aplicação do método cartográfico. As cartas construídas ilustram, de forma gráfica, a distribuição geográfica das variações linguísticas, permitindo uma análise visual das variantes usadas pelos moradores do quilombo. Portanto, a aplicação do método cartográfico proporcionou uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais que influenciam o uso da língua.

Portanto, a próxima subseção descreve a rede de ponto empreendido nesta pesquisa.

3.3 Rede de pontos: quilombo Arapapuzinho

O ponto de inquérito escolhido para realização deste estudo foi o território quilombola Arapapuzinho, o qual conforme os dados do Instituto de Terras do Pará e a Fundação Pró-Índio de São Paulo compõe as terras quilombolas tituladas no estado do Pará. Como mencionado na seção I o quilombo Arapapuzinho fica localizado nas ilhas e ramais, a cerca de 60 Km, do município de Abaetetuba/PA. De acordo com os relatos dos moradores que participaram da pesquisa a origem do nome da comunidade Arapapuzinho surge:

há alguns anos o Arapapuzinho foi chamado de Alemanha, primeiro porque era só negro do beço virado, do nariz grande e por conta que as outras comunidades apelidavam eles e se defendiam na pancada, naquele tempo não tinha diálogo, então a comunidade do Arapapuzinho sempre foi um território de maior resistência que eu conheço, então eu tenho orgulho de fazer parte dessa comunidade. (Entrevista concedida em 06/11/2024).

Além disso, em outro recorte da entrevista o morador complementa:

segundo o relato de um dos moradores mais antigos aqui da comunidade esse nome surgiu porque tem o rio maior que é o rio Arapapu e o nosso rio que é um braço do rio Arapapu, quando acessamos o rio maior Arapapu, adentrando no Arapapuzinho o “braço” do rio vai ficando mais fino. Porém, nosso braço de rio não tem saída, ele finaliza ali no campo da natureza, por isso Arapapuzinho por ser um “braço” do rio Arapapu. (Entrevista concedida em 20/06/2024).

Desse modo, nota-se que o ponto de inquérito escolhido para composição das Cartas Linguísticas está ligado intimamente com a história e memória do surgimento do quilombo. Além de ser um espaço que ecoa a herança cultural, histórica e linguística, da identidade Afro-brasileira. Diante disso, observa-se que o território quilombola Arapapuzinho se constituiu com base nas vivências e nos saberes dos moradores da comunidade, pois conforme os relatos dos moradores a representatividade da identidade é a essência do quilombo Arapapuzinho, portando destaque a importância de escolher este território como ponto de inquérito.

Na próxima subseção, será discutido a seleção e caracterização dos sujeitos da pesquisa considerando esses aspectos de resistência da comunidade.

3.4 Seleção e caracterização dos sujeitos da pesquisa

Para seleção dos sujeitos foram considerados os aspectos de estudos da Sociolinguística que foram aplicados com base no método Geossociolinguístico, em consonância com os pressupostos pluridimensionais da Dialektologia adotados neste estudo. Também, utilizou-se as fichas adaptadas com base na realidade sociocultural da comunidade para caracterização dos sujeitos, considerando seus aspectos linguísticos e sociais. Para tanto serão adotados os seguintes requisitos:

1. **Sujeitos do sexo feminino e masculino:** para obter representações do falar de ambos os gêneros.
2. **Serem nativos da comunidade pesquisada:** faz-se necessário que o sujeito permaneça em sua comunidade sem manter relação de vivência em outro território, para manter a identidade da sua fala.
3. **Faixa etária:** adultos de 40 a 59 anos e idosos de 60 anos ou mais. A escolha desta estratificação ocorre pela impossibilidade de recobrir todas as faixas etárias existentes, além de encontrar no território a fala mais antiga e termos um número elevado de sujeitos que nunca saíram da comunidade.
4. **Com relação à escolaridade, os sujeitos podem ser:** analfabetos ou ter cursado até o final do I Ciclo Intermediário (6º ano), de acordo com a realidade educacional da comunidade.

O quadro a seguir apresenta a estratificação social dos sujeitos que compõem a pesquisa:

Tabela 1 - Perfil dos sujeitos que compõem a pesquisa: gênero/sexo feminino e masculino

Localidade	Nº de sujeitos	Gênero/Sexo	Escolaridade	Faixa etária
Quilombo Arapapuzinho	1	Feminino	Analfabetos ou ter cursado até o final do I Ciclo Intermediário (6º ano)	1º Faixa etária
	2	Feminino		2ª Faixa etária
	3	Feminino		1º Faixa etária
	4	Feminino		2ª Faixa etária
	5	Feminino		1º Faixa etária
	6	Feminino		2º Faixa etária
	7	Feminino		1º Faixa etária
	8	Feminino		2º Faixa etária
	9	Feminino		1º Faixa etária
	10	Feminino		2º Faixa etária
	11	Masculino		1º Faixa etária
	12	Masculino		2ª Faixa etária
	13	Masculino		1º Faixa etária
	14	Masculino		2ª Faixa etária
	15	Masculino		1º Faixa etária
	16	Masculino		2º Faixa etária
	17	Masculino		1º Faixa etária
	18	Masculino		2º Faixa etária
	19	Masculino		1º Faixa etária
	20	Masculino		2º Faixa etária

Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Seguindo os critérios apresentados e as informações coletadas por meio da aplicação da ficha do sujeito, na qual foi possível obter dados pessoais, como escolaridade, idade e alguns aspectos socioeconômicos relevantes para este estudo. Portanto, foi possível delinear o perfil dos colaboradores que mais estivesse de acordo com a realidade identitária da comunidade, considerando a relevância desses aspectos identitários para compreensão de uso das possíveis variantes registradas. Nas subseções a seguir detalharemos os instrumentos utilizados para a coleta de dados desta pesquisa.

3.5 Os instrumentos da coleta de dados

Como instrumentos da pesquisa serão utilizados um Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A) a realidade sociocultural da comunidade pesquisada, a ficha para coleta dos dados da comunidade, a ficha com as características do sujeito e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e apreciação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com documentação cadastrada na Plataforma Brasil, para atribuição do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE), no qual garante que o trabalho segue as normas éticas solicitadas para o desenvolvimento de pesquisa com seres humanos a partir do critério que envolve estudos com o grupo dos povos originários quilombolas.

Para confecção das Cartas Linguísticas foi utilizado o Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A) que ficou composto de 47 questões distribuídas em quatro (4) campos semânticos lexicais que fazem referência aos aspectos culturais e identitários da comunidade.

Segue abaixo a ilustração da distribuição do Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A) por campo semântico:

Tabela 2- Campos semânticos do questionário semântico-lexical adaptado

Nº do campo semântico	Nome do campo semântico	Nº de perguntas por campo
I	Flora	10
II	Fauna	10
III	Utensílios domésticos: caça, pesca e roça	15
IV	Religiosidade e crenças	12
		TOTAL: 47

Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Quanto a ficha de catalogação dos dados da comunidade tem como objetivo coletar dados específicos para aprofundamento da pesquisa. A ficha é composta de vinte e três (23) questões abertas, as quais fazem referências a história e memória do território, o número de habitantes, e os aspectos estruturais e educacionais da comunidade. Assim, a ficha mencionada foi destinada aos moradores que residem na comunidade desde o surgimento do território e para a coordenadora da comunidade, considerando sua relação afetiva de pertencimento ao quilombo.

Em relação a ficha dos sujeitos tem por finalidade coletar os dados individuais de cada colaborador da pesquisa, tais como, idade, escolaridade, se considera e gosta de ser identificado como quilombola, e se o sujeito considera seu léxico como um patrimônio cultural imaterial, conforme Pelegrini e Funari (2008). A ficha compõe-se de treze (13) questões abertas e foi aplicada com os 20 colaboradores da pesquisa, os quais foram selecionados com base nos requisitos já mencionados. Portanto, ambas as fichas foram aplicadas seguindo mecanismos metodológicos geossociolinguísticos (CARDOSO, 2010), para deixar o sujeito entrevistado confortável, para produzir o relato de modo mais espontâneo possível, trazendo à tona o seu vernáculo, para assim narrar a história de sua comunidade.

Na subseção a seguir, veremos os detalhes de construção do Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A), elaborado especificamente para este estudo com base nos aspectos de pertencimento do território quilombola Arapapuzinho.

3.5.1 Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A)

A construção do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A) surge através de uma proposta formulada para esta pesquisa, a qual posteriormente foi incorporada pelo grupo de Estudos Linguísticos da Diversidade da Amazônia (GELINDA). O instrumento passou a ser adotado como base metodológica fundamental no desenvolvimento de estudos futuros do grupo que seguem o cunho dos estudos da Dialetologia. Desse modo, as etapas de elaboração do QSL-A se deram a partir das vivências no território quilombola Arapapuzinho, abordando os aspectos de pertencimento do território.

A princípio, para elaboração do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A), realizou-se um levantamento teórico-metodológico com base em estudos semântico-lexicais e na análise de instrumentos previamente utilizados, como os do Projeto ALiB. Em seguida, foram definidos eixos temáticos alinhados às práticas socioculturais da comunidade, contemplando aspectos do cotidiano, saberes tradicionais, meio ambiente e pertencimento territorial. A partir desses eixos, elaboraram-se os itens lexicais do questionário, priorizando-se termos com relevância semântica e representatividade cultural. O instrumento passou, então, pela validação da professora Orientadora Brayna Cardoso, também, coordenadora do Grupo de Estudos Linguísticos da Diversidade da Amazônia (GELINDA), com contribuições essenciais para os ajustes necessários. Por fim, realizou-se uma aplicação-piloto do QSL-A com alguns moradores do território, com objetivo de avaliar a pertinência e fluidez dos possíveis resultados, possibilitando nos últimos ajustes necessários. Neste sentido, a versão final do QSL-A resultou

em cinquenta e sete (57) questões distribuídas em quatro campos semânticos: fauna, flora, utensílios domésticos da caça, pesca e roça, e religiosidades e crenças, caracterizando-se como ferramenta metodológica atrelada aos saberes linguísticos, culturais e identitários da comunidade quilombola Arapapuzinho.

3.6 O material técnico

Para realizar este estudo, foi necessário fazer uso de materiais específicos para garantir o sucesso da pesquisa: gravador, pilhas, celular, papel A4, caneta, lapiseira, diário de campo, prancheta e quando necessário imagens. Além desses gastos básicos da pesquisa, é importante ressaltar o uso de sombrinha, roupas leves e calçados confortáveis, pois durante este processo requer do pesquisador caminhadas longas, vivências nos rios e matas para chegar até os sujeitos que atendem os critérios empregados na pesquisa.

3.7 Pré-campo: delineando caminhos

O momento pré-campo teve início em dois mil e vinte e quatro (2024), com levantamento preliminar de informações e o estabelecimento de contato com as lideranças da Associação dos Remanescentes Quilombolas das Ilhas de Abaetetuba-PA (ARQUIA), bem como com os membros da coordenação da comunidade e da direção da escola São João Bosco, localizada no território quilombola Arapapuzinho. Nesse momento, por meio de documentos foi solicitado a autorização para desenvolvimento da pesquisa no território. Após a assinatura dos documentos se deu a primeira imersão a Campo em abril de 2024, com enfoque primeiramente em realizar uma visita para vivenciar a realidade sociocultural da comunidade, onde obtive informações que direcionaram a incursão nos demais momentos de práticas sociais realizadas pela comunidade.

Observa-se a seguir alguns registros no momento pré-campo afim de conhecer o território e suas práticas sociais para construção do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A) em seguida iniciar a imersão a campo.

Figura 19 -Vivências Pré-campo



Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

No próximo subtópico apresenta-se a imersão no campo de pesquisa, que se deu após criar laços afetivos com a comunidade para proceder e fazer a realização das entrevistas afim de registrar as riquezas lexicais que evidenciam a identidade da comunidade pesquisada

3.8 Imersão ao campo de pesquisa

A incursão na pesquisa de campo iniciou em dezenove de abril de dois mil e vinte e quatro (19/04/2024), onde a pesquisadora realizou visitas à comunidade com pretensões mais definidas e direcionadas, para além de um diálogo, foi agendado uma reunião com a diretora, funcionários da escola João Bosco, e alguns moradores da comunidade, para me apresentar e

dialogar juntamente com eles as próximas visitas. Neste mesmo encontro, com o auxílio dos moradores visitei alguns pontos importantes do território, a igreja, o barracão dos festejos, os campos de futebol, e o trapiche que dá acesso a comunidade. Após esse primeiro contato a campo dividi em dois momentos os próximos passos, sendo estes, o momento de práticas e vivências no território quilombola e em seguida a aplicação do questionário e entrevistas.

No momento intitulado, práticas e vivências no quilombo Arapapuzinho, a pesquisadora buscou ouvir, acolher, ser acolhida e criar vivências com os moradores do quilombo, pois seria crucial participar ativamente das práticas sociais, culturais e econômicas, desenvolvidas pelos moradores para alcançar o objetivo desta pesquisa. Então, participei dos momentos de plantação, colheita e do processo final da produção da farinha de mandioca, participei dos momentos de captura de camarão e pescados junto com os moradores. Além de aproveitar os festejos na comunidade, tais como, a festa junina, os encontros de mulheres e os jogos de futebol para apreender mais sobre a importâncias dessas práticas como fortalecimento e pertencimento do ser quilombola. Desse modo, essas vivências foram essenciais para a construção do questionário semântico-lexical, pois foi elaborado a partir da observação dessas práticas cotidianas dos quilombolas que evidenciavam em ocorrências lexicais espontâneas.

Por conseguinte, foram realizadas as entrevistas e aplicação do questionário, momento este reservado para escutar, tomar um café e viajar nas histórias e memórias narradas pelos moradores. De início, após o mapeamento e agendamento das entrevistas com os sujeitos que atendesse os critérios da pesquisa, o sujeito era convidado a participar do estudo. Em seguida, ao aceite do convite foi apresentado para o entrevistado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e durante o processo de coleta de dados, seguiu-se mecanismos metodológicos Geossociolinguístico (CARDOSO, 2010), para deixar o sujeito entrevistado confortável durante sua participação da entrevista, além do mais neste momento se sugeria a escolha de um local agradável para os entrevistados. Na sua maioria sugeriam que sua entrevista fosse realizada conforme mencionado pelos moradores na “cabeça da ponte” local este muito utilizado pelos moradores no final da tarde para reunir com os familiares e amigos para tomar café e conversar. Desse modo, apresento a seguir as ilustrações fotográficas registradas durante a imersão a campo

Figura 20 - Pesquisa de campo

Fonte: registro da autora desta pesquisa (2025)

Os registros fotográficos capturam a participação das entrevistadas na pesquisa, documentando momentos importantes, como a aplicação do QSL-A e a assinatura do TCLE. Esses registros são fundamentais para evidenciar a identificação do participante (por nome ou código, assegurando a confidencialidade), bem como o local e a data em que ocorreram as atividades. Além disso, eles incluem informações relevantes sobre as ferramentas utilizadas, a duração do processo e eventuais desafios enfrentados. É essencial também garantir que cada participante receba uma cópia do TCLE, reforçando os princípios éticos e a transparência da pesquisa. Dessa forma, os registros fotográficos tornam-se uma peça valiosa para ilustrar e validar o processo de pesquisa de campo.

Na próxima subseção será explanado o processo após a pesquisa de campo, a transcrição e sistematização dos dados coletados.

3.9 Transcrições e sistematização da coleta de dados

Neste momento da pesquisa, as ocorrências semântico-lexicais registradas na fala dos moradores do território quilombola rio Arapapuzinho por meio da aplicação do questionário semântico-lexical adaptado foram transcritas, organizadas em tabelas e analisadas

quantitativamente. Este processo se deu em vista da organização e sistematização das lexias coletadas para a construção das Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do quilombo Arapapuzinho. Diante disso, utilizou-se o programa computacional *Microsoft Excel 365* para sistematização e cálculo das lexias, assim esses dados tabulados serviram de base para construção da cartografia computadorizada no programa de software QGIS.

3.10 O *corpus* da pesquisa

O *corpus* desta pesquisa é formado pelas ocorrências semântico-lexicais registradas no falar dos quilombolas do rio Arapapuzinho, as quais foram coletadas, transcritas, organizadas por tabelas e analisadas com base nas lexias propostas pelo QSL-A adaptado. Os resultados das lexias são analisados de três formas: as lexias que comparadas ao QSL-A são iguais não resultam em cartas lexicais; as lexias que apresentam ocorrências igual ou superior a 75% que constituem cartas, e as lexias que apresentam frequência 100% diferente das sugeridas no QSL-A, as quais também geram as cartas lexicais do quilombo rio Arapapuzinho. Assim, este processo se deu por meio da análise descritiva das lexias catalogadas, registradas em mapas linguísticos, os quais organizados resultam nas Cartas Linguísticas Semântico-Lexical que representa o falar dos moradores do território Arapapuzinho, atendendo os aspectos socioculturais e identitários que revelam o pertencimento dos moradores.

3.11 O tratamento do *corpus* e procedimento de análise

O processo de análise das riquezas lexicais foi realizado a partir dos dados tabulados por meio de quatro (04) tabelas, cada uma representa um campo semântico, as quais foram elaboradas da seguinte maneira: número da questão conforme o Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A), variante do Questionário-Semântico Lexical Adaptado (QSL-A), número das variantes registradas, riquezas lexicais, efetivos reais, os efetivos percentuais e o ponto linguístico que as frequências foram registradas.

Posteriormente a análise das quatro (04) tabelas, a cada campo semântico foram selecionadas e registradas em cores. Na cor laranja faz referência as lexias que alcançaram um número abaixo de 75% de frequência, ou seja, não possibilitando a produção da carta lexical. Já na cor branca foram marcadas as lexias com frequência 100% ou com uma frequência menor que 100% igual a lexia sugerida pelo Questionário Semântico-Lexical (QSL-A) não sendo possível gerar carta lexical também. Quanto a linha em destaque com a cor azul representa o

registro da lexia que apresenta frequência 100% diferente da lexia sugerida pelo Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A). Por fim, também na cor azul será representada a lexia com percentual igual ou superior a 75%, que ilustram as lexias registradas no território estudado.

A seguir mostra expõem-se a construção das cartas lexicais que compõem esta pesquisa.

3.12 As cartas lexicais: delineando sua construção

As Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do Quilombo Arapapuzinho são representações cartográficas que ilustram a distribuição geográfica de variações lexicais. Além disso, as cartas são mapas específicos que desencadeiam papel central nos estudos da dialetologia, sociolinguística e geolinguística, como mecanismo que facilita a visualização de forma clara e precisa de como o léxico varia geograficamente.

A construção das Cartas Linguísticas deste estudo começa com a definição do item lexical a ser investigado, sendo este, as variações linguísticas, as quais estão relacionadas com a base de relevância para a identidade sócio-histórica e cultural da comunidade quilombola de Arapapuzinho, buscando valorizar a riqueza lexical e o patrimônio linguístico do território. Em seguida, realizou-se a coleta de dados no ponto de inquérito, por meio de entrevista e aplicação do Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A), para registro das riquezas lexicais da comunidade quilombola Arapapuzinho. Após isso, os dados coletados foram organizados em tabelas,

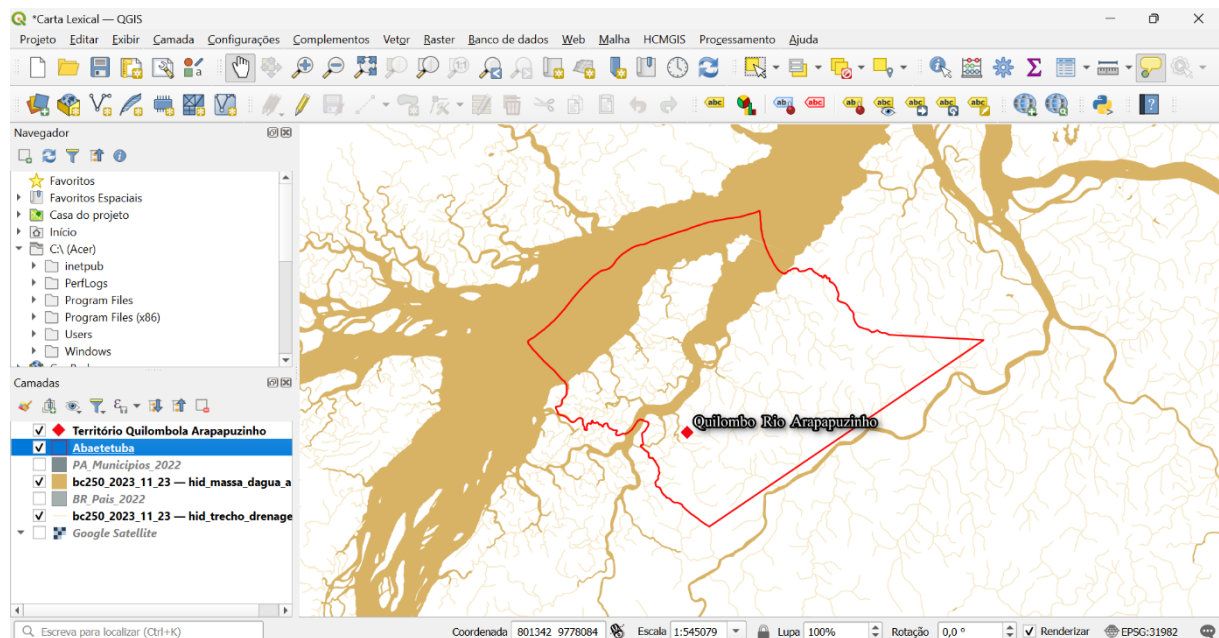
O próximo processo é a inserção dos dados no sistema de geoprocessamento QGIS 3.34, o qual nos permitirá o mapeamento cartográfico do ponto de inquérito coletado. As riquezas lexicais coletadas são representadas por cores e formas em círculos, para facilitar a identificação visual do registro das variantes em porcentagens. Desta forma, as Cartas Linguísticas, nos mostra as ocorrências lexicais registradas na fala dos moradores do território quilombola Arapapuzinho, com base nos aspectos de influência histórica, cultural e identitária dos falantes locais.

Para tanto, o software QGIS é o programa que nos auxiliará na unificação dos dados geográficos disponibilizados na base de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para construção das cartas que irão compor a coletânea deste estudo. Cada mapa ou carta instituída no software QGIS é composto por várias camadas chamadas de *shapefiles* que conforme o objetivo do mapa ou carta podem ser manuseadas livremente, possibilitando ser ativadas ou desativadas quando necessário. Portanto, no caso das Cartas Linguísticas aqui

propostas, utilizaremos das seguintes camadas: municípios; o ponto de inquérito, as bacias hidrográficas e, a camada dos trechos de drenagem.

Desse modo, na imagem a seguir, podemos visualizar a ilustração da janela principal do QGIS e a carta base delimitando o município de Abaetetuba com a localização em destaque do nosso ponto de inquérito.

Figura 21 - Captura de tela da janela inicial do software de geoprocessamento (QGIS)

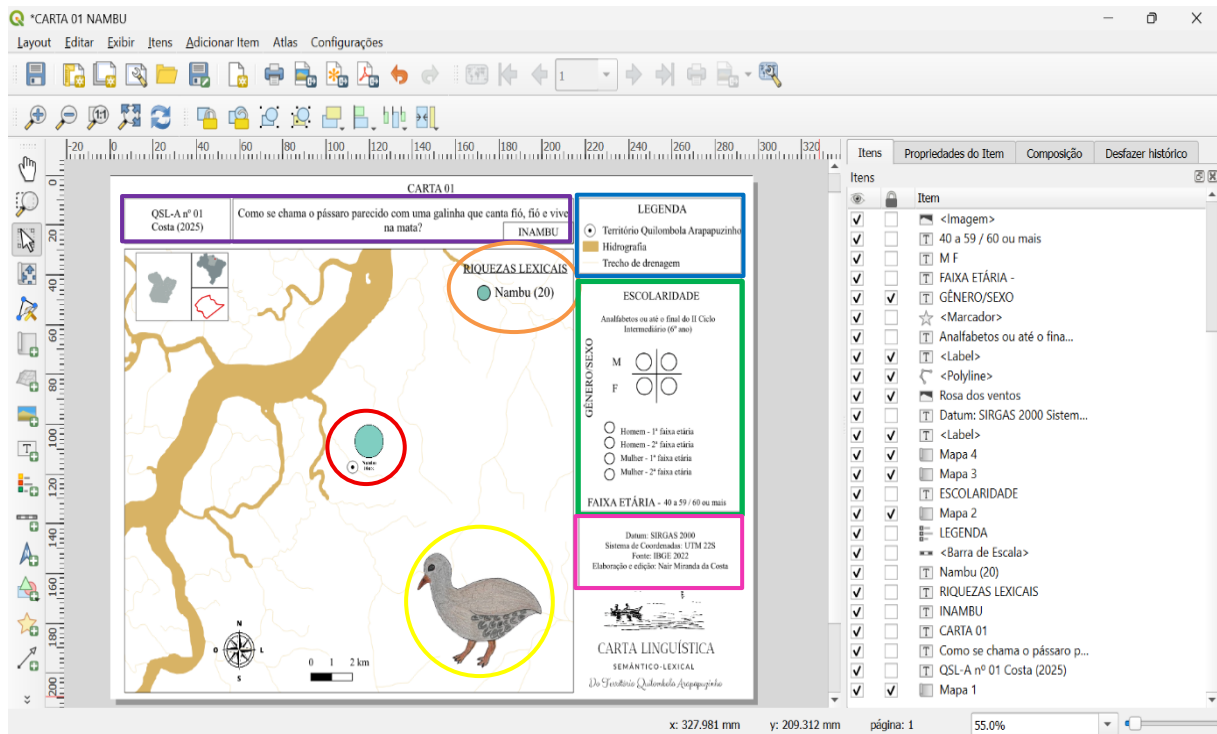


Ao apreciarmos a captura de tela da janela inicial do software de geoprocessamento (QGIS) podemos observar que as cores selecionadas para ilustra a hidrografia e os trechos de drenagem não seguem os padrões geográficos, no entanto, esta escolha se justifica por se tratar de uma pesquisa que busca considerar os aspectos identitários e de pertencimento do quilombo Arapapuzinho. Desta forma, as cores que compõem as cartas foram consideradas a partir da aprovação dos moradores, ilustrando as cores que mais se assemelham aos rios que banham o quilombo Arapapuzinho.

Posteriormente, com a junção das camadas podemos visualizar previamente como ficou a nossa carta. No entanto, para inserir os elementos explicativos que darão forma para carta precisamos transferir os dados das camadas para um novo layout de impressão, no qual iremos inserir os elementos que possibilitam a leitura da carta. Diante disso, para composição das cartas utilizaremos dos seguintes elementos: seta norte, rosa dos ventos, legenda, títulos, molduras e imagens.

Portanto, observa-se a seguir a ilustração na captura de tela do “compositor de impressão” do QGIS como se configura a composição das cartas.

Figura 22 - Carta base no compositor de impressão do QGIS.



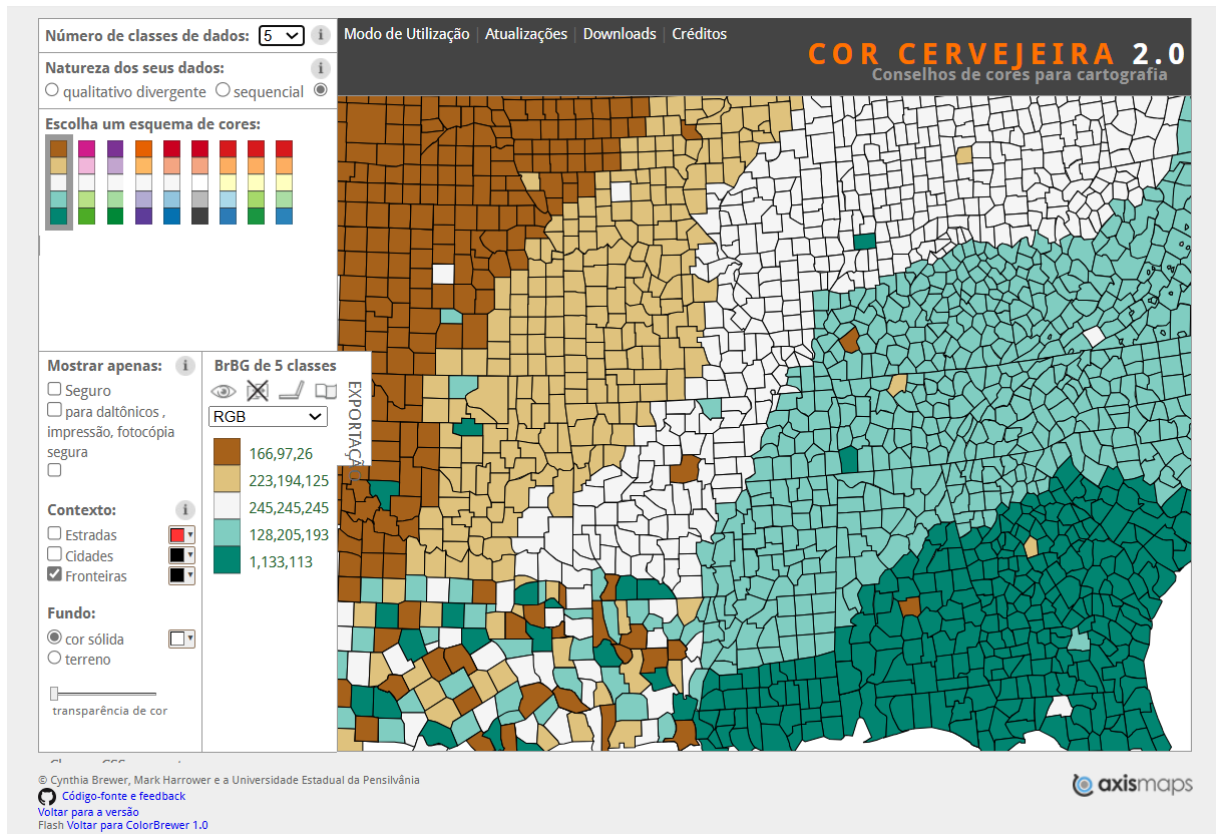
Para melhor explicar a composição da carta utilizou-se de ferramentas de edição, no qual o retângulo roxo sinaliza o questionário aplicado, o número da questão e a pergunta do Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A).

Quanto ao círculo laranja demarca as ocorrências que serão inseridas conforme as variações lexicais catalogadas no ponto de inquérito. Já no retângulo azul temos a legenda, no retângulo verde as informações referentes ao gênero/sexo, faixa etária/ geração e escolaridade simbolizando os fatores que foram considerados na coleta de dados dos colaboradores, partindo dos aspectos sociolinguísticos e o esquema de cruzamento dos dados pluridimensionais. No círculo vermelho temos o registro em porcentagem da lexia de maior frequência e no círculo amarelo a imagem dos croquis que representam as lexias de maior frequência. Já no retângulo rosa são representadas as referências das bases de dados utilizadas na construção das cartas. Os outros elementos inseridos na carta, tais como, rosa-dos-ventos e escala, seguem o padrão cartográfico vigente atualmente.

Ao finalizar a carta conforme os padrões cartográficos o documento foi salvo em seguida o arquivo foi gerado no formato PNG e PDF. Para o tratamento final da carta utilizou-se do software de design gráfico online Canva para os detalhes mais precisos. Por fim, para definição das cores seguiu-se os critérios colorimétricos do Color Brewer 2.0.

A seguir podemos observar a paleta de cores utilizada nas Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do Quilombo Arapapuzinho:

Figura 23- Paleta de cores base utilizadas na produção das cartas lexicais



Fonte: ColorBrewer 2.0.

Desse modo, o uso do Color Brewer 2.0 é essencial para garantir clareza e estética na escolha das cores, pois considerou seu uso nas cartas para garantir uma paleta de cores mais próximas da realidade visual do território quilombola Arapapuzinho, como exemplo, a cor da hidrografia e dos trechos de drenagem representados nas cartas para que fossem visualmente harmoniosas.

Na próxima seção será apresentada as Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do Quilombo Arapapuzinho, abordando suas proporções diatópica, diageracional e diassexual, com base nos aspectos linguísticos, culturais e identitários do território. Para tanto, realizaremos um panorama geral dos passos que culminaram na concretização das Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do Quilombo Arapapuzinho.

PATRIMÔNIO LEXICAL CARTOGRAFICO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA ARAPAPUZINHO

Nesta seção, será apresentado os resultados do mapeamento linguístico realizado no território quilombola Arapapuzinho, o qual consistiu nas particularidades de um patrimônio lexical cartográfico representativo do quilombo. Para tanto, das quarenta e sete (47) questões que compõem o Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A), foram possíveis elaborar vinte e seis (26) Cartas Linguísticas, distribuídas em quatro campos semânticos: fauna, flora, utensílios domésticos da pesca, caça e roça e religiosidade e crenças. Ademais, a construção das Cartas Linguísticas representa uma etapa fundamental desde estudo, possibilitando a análise detalhada das variações lexicais e dos usos semânticos característicos da comunidade, bem como a identificação de traços diatópicos, diageracionais e diassexuais, com base nos dados coletados por meio do Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A). Desta forma, cada Carta Linguística não apenas registra as riquezas lexicais, mas também valoriza a cultura, a história e a identidade do quilombo Arapapuzinho por meio de sua linguagem.

A seguir dá-se início com a apresentação do perfil dos sujeitos entrevistados, em seguida a explicação das cartas não destinadas a compor este estudo e a análise das Cartas Linguísticas. Desse modo, faremos um panorama geral dos passos para concretização das Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do Quilombo Arapapuzinho.

4.1 Perfil dos sujeitos entrevistados

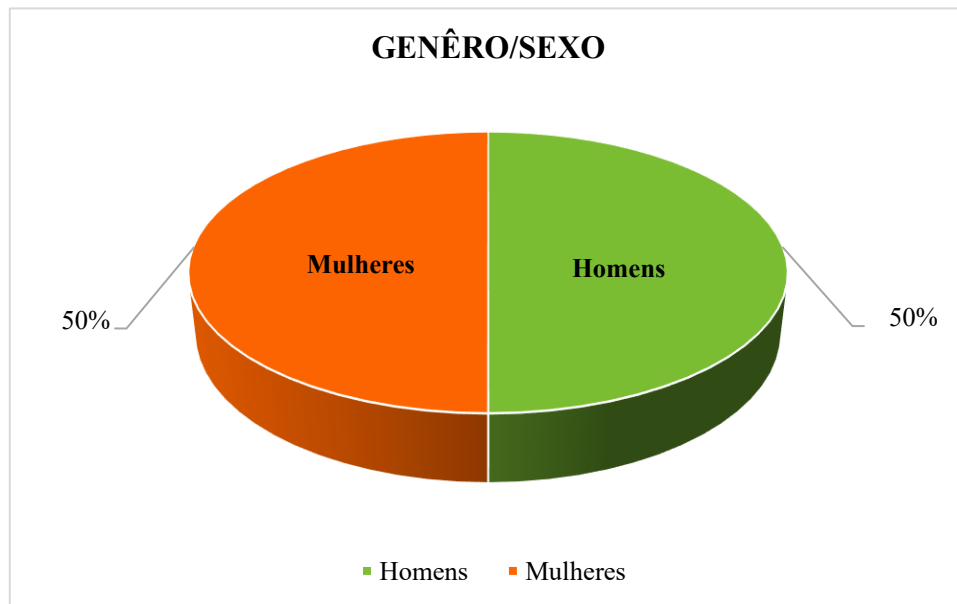
Os dados coletados por meio da ficha dos sujeitos, os quais foram extraídos dados de cunho pessoal e socioeconômicos, possibilitaram delinear o perfil detalhado dos sujeitos desta pesquisa, considerando que o perfil dos sujeitos é de extrema importância para a compreensão do contexto de uso das diferentes variantes linguísticas permitindo uma análise mais precisa e contextualizada das escolhas lexicais e de suas variações. Portanto, na tabela a seguir será possível visualizar os detalhes que caracterizam o perfil dos indivíduos entrevistados nesta pesquisa, a partir do ponto de vista geral do perfil dos sujeitos que compõem este estudo:

Tabela 3- Perfil dos sujeitos que compõem esta pesquisa (feminino e masculino)

Ponto de inquérito	Nº de sujeitos	Gênero/Sexo	Escolaridade	Faixa etária	
			Analfabetos ou ter cursado até o final do I Ciclo Intermediário (6º ano)	40 a 59 anos	60 anos ou mais
Quilombo Arapapuzinho	1	Feminino	X	X	
	2	Feminino	X	X	
	3	Feminino	X	X	
	4	Feminino	X	X	
	5	Feminino	X	X	
	6	Feminino	X		X
	7	Feminino	X		X
	8	Feminino	X		X
	9	Feminino	X		X
	10	Feminino	X		X
	11	Masculino	X	X	
	12	Masculino	X	X	
	13	Masculino	X	X	
	14	Masculino	X	X	
	15	Masculino	X	X	
	16	Masculino	X		X
	17	Masculino	X		X
	18	Masculino	X		X
	19	Masculino	X		X
	20	Masculino	X		X

Fonte: elaborado pela autora da pesquisa (2025)

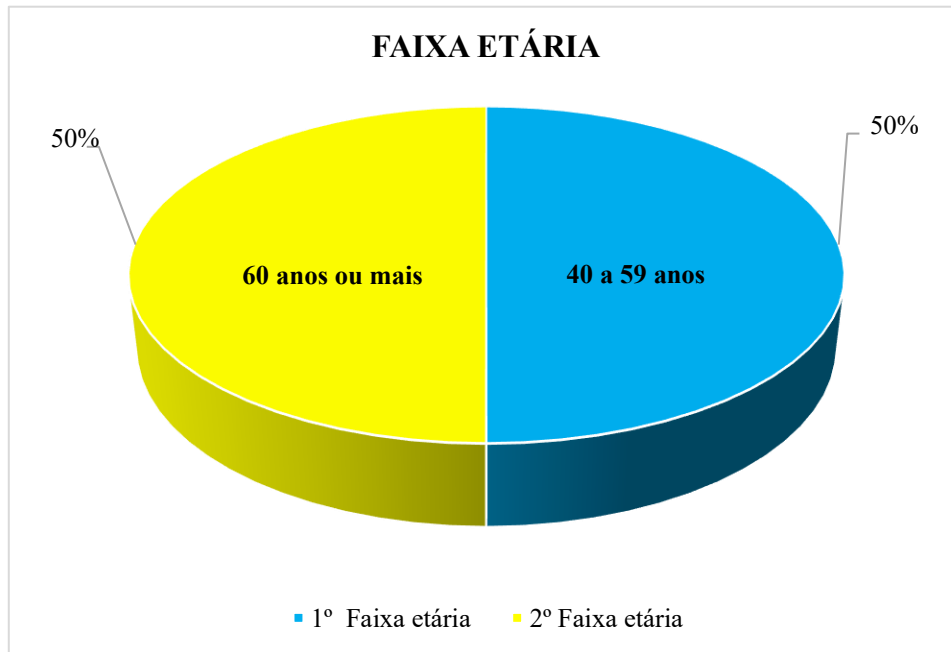
Ao compreendermos como se deu a distribuição geral para seleção dos sujeitos entrevistados, vejamos a seguir o critério gênero/sexo distribuído em porcentagens no gráfico 01:

Gráfico 01- Perfil dos sujeitos gênero/sexo

Fonte: elaborado pela autora da pesquisa (2025)

No gráfico 01, representa a distribuição considerada neste estudo, no critério gênero/sexo, distribuídos entre mulheres e homens pertencentes ao território quilombola Arapapuzinho. Desse modo, pode-se observar a distribuição em porcentagens iguais para esta categoria (gênero/sexo), sendo este um total de vinte (20) entrevistados distribuídos em dez mulheres (50%) e dez homens (50%).

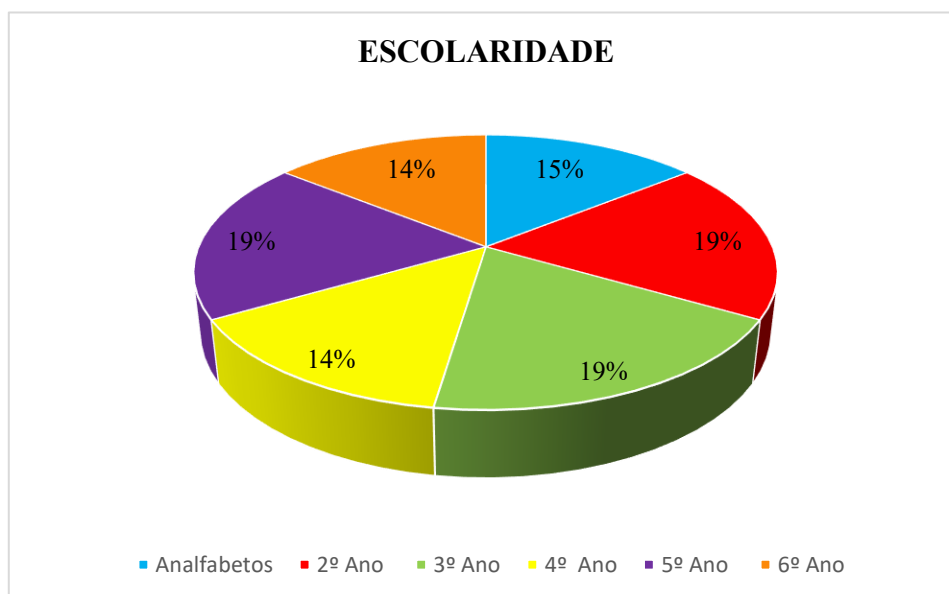
Também, considerou-se a faixa etária dos sujeitos para serem entrevistados, sendo distribuídas em duas categorias, a primeira de 40 a 59 anos e a segunda de 60 anos ou mais. Assim, podemos observar esta distribuição na ilustração abaixo no gráfico 02:

Gráfico 02- A faixa etária dos sujeitos entrevistados

Fonte: elaborado pela autora da pesquisa (2025)

Na perspectiva diageracional, adotou-se o critério de seleção de cinco homens da 1ª faixa etária (40-59 anos) e cinco homens da 2ª faixa etária (60 anos a mais). Para as mulheres, seguiu-se a mesma distribuição: cinco mulheres da 1ª faixa etária (40-59 anos) e cinco da 2ª faixa etária (60 anos a mais), categorizando a distribuição em 50% de cada faixa etária. Assim, os dados coletados serão expostos nas cartas lexicais para fins de ilustração e, serão descritos na análise das cartas que apresentarem mais de uma variante, pois o critério de representatividade estatística justifica-se por assegurar uma amostra equilibrada e expressiva de ambas as faixas etárias, contribuindo para uma análise mais imparcial conforme a realidade do território quilombola Arapapuzinho.

Com relação aos dados da escolaridade, considerou-se um único grupo, sendo este, analfabetos ou ter cursado até o final do I ciclo intermediário (6º ano) levando em consideração a realidade da comunidade. Diante disso, podemos observar no gráfico 03 a seguir:

Gráfico 03- Escolaridade dos sujeitos entrevistados distribuídos em anos.

Fonte: elaborado pela autora da pesquisa (2025)

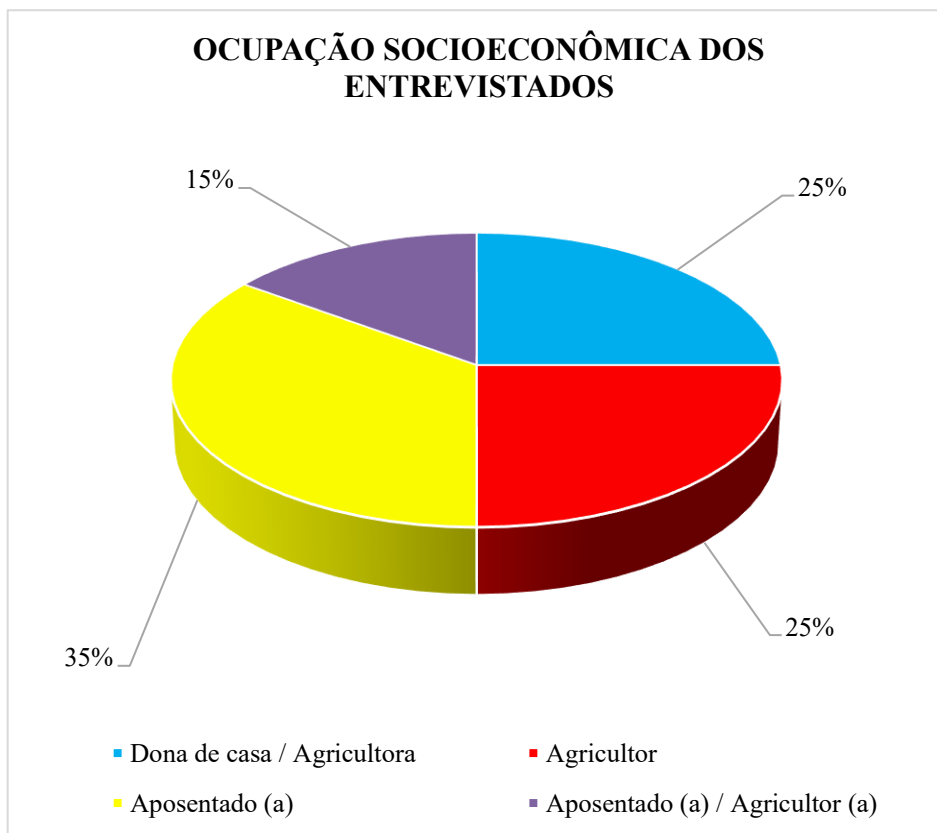
O gráfico apresenta a distribuição da escolaridade dos vinte entrevistados, o qual evidencia que 15% são analfabetos, enquanto os demais possuem algum nível de escolarização entre o 2º e o 6º ano do ensino fundamental. Além disso, observa-se que os maiores percentuais estão centrados no 2º, 3º e 5º ano, com representatividade de 19%, indicando maior frequência nesses níveis de ensino. Quanto, ao 4º e o 6º ano apresentam os menores índices, com 14% cada, sugerindo uma interrupção nos anos subsequentes. Portanto, os dados apresentados revelam uma predominância de escolaridade básica incompleta.

Enfatiza-se, que se levou em consideração não descrever a análise das cartas do ponto de vista da escolaridade, uma vez que todos os entrevistados se enquadram no mesmo grupo educacional, ou seja, analfabetos ou com escolaridade até o final do I ciclo intermediário (6º ano). Dado que não há variabilidade nos dados relacionados à escolaridade, tal análise diastrática agregou este critério por considerar a realidade educacional dos informantes desta pesquisa relevantes a serem exemplificados na carta. Portanto, essa decisão permite direcionar a discussão para aspectos mais alinhados às questões centrais da pesquisa, garantindo uma abordagem mais objetiva.

Também registramos na ficha dos sujeitos entrevistados, a ocupação socioeconômica, como forma de conhecer a realidade socioeconômica e identitária que faz parte do pertencimento linguístico e cultural do território. Também, como forma de auxiliar a construção do QSL-A que esteja verdadeiramente adaptado à realidade linguística, identitária e econômica da comunidade pesquisada, uma vez que se entende que as atividades desempenhadas fazem

ligação direta ao vocabulário utilizado no cotidiano, refletindo nos saberes linguísticos, vinculados às atividades produtivas, como agricultura, pesca, artesanato ou comércio. Desse modo, podemos notar a seguir a distribuição socioeconômica dos entrevistados:

Gráfico 04- A ocupação socioeconômica dos sujeitos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora da pesquisa (2025)

Os dados ilustrados no gráfico 04, revelando que a maioria dos entrevistados, representando 35%, é composta por aposentados (as), o que indica uma presença significativa de pessoas fora do mercado de trabalho ativo. Em seguida, nota-se com o mesmo percentual de 25% os grupos de donas de casa/agricultoras e agricultores, demonstrando a forte ligação do território com atividades rurais e domésticas. Por fim, 15% dos entrevistados se identificam como aposentados(as) que ainda exercem a agricultura, o que demonstra que mesmo após a aposentadoria, parte da população continua desempenhando atividades produtivas no território tanto como forma de complementar a renda como cultivos para seu sustento alimentar.

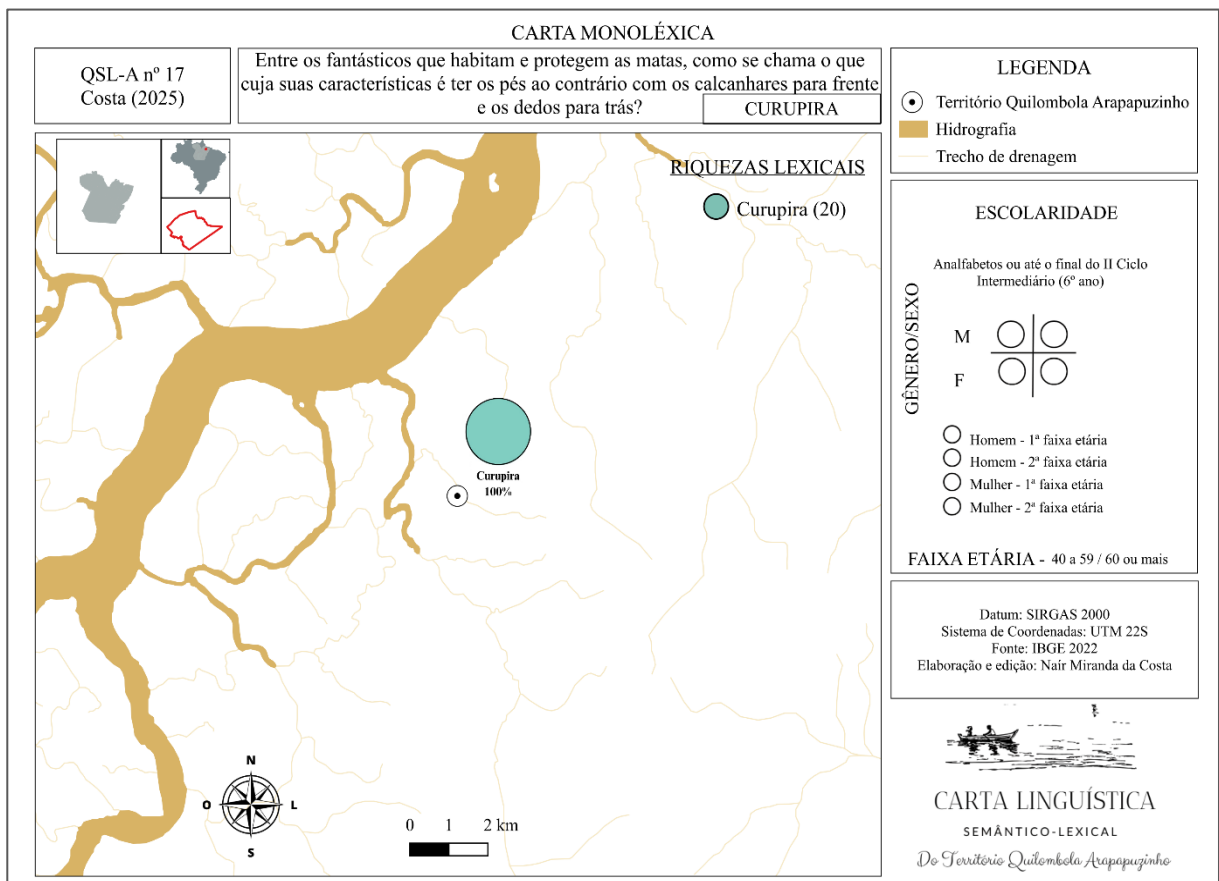
A seguir, veremos a amostra das cartas não designada para exposição, mas que se fazem presentes nos dados do mapeamento linguístico desta pesquisa.

4.2 Cartas monoléxicas: não designadas para exposição

As cartas monoléxicas são as cartas que não apresentaram variações lexicais durante a aplicação do questionário e, portanto, não foram parte da apresentação das Cartas Linguísticas deste estudo. Seguindo esse mesmo critério, optou-se por não inserir os croquis correspondentes a essas cartas, pois os croquis, nesse contexto, têm como principal função representar graficamente a lexia de maior frequência nas cartas que apresentam variação lexical. A ausência dos croquis, portanto, está de acordo com a proposta metodológica adotada neste estudo.

Neste sentido, vejamos a seguir, um exemplo de carta monoléxica:

Figura 24 - Carta L02/questão 02 do QSL-A (Curupira)



Fonte: elaborado pela autora da pesquisa (2025)

Para tanto, das quarenta e setes (47) questões que integram o mapeamento linguístico dezoisete (17) resultaram em cartas monolexicas, pois obteve-se o resultado idêntico ao sugerido no QSL-A. Vejamos na tabela 04 a seguir as cartas monolexicas conforme o campo semântico:

Tabela 4 – Cartas linguísticas semântico-lexicais que não compõem as análises deste estudo

CARTAS MONOLÉXICAS				
Campos semânticos	Nº da questão do QSL-A	Sugestão do QSL-A	Lexia coletada	Percentual
Fauna	02	Curupira	Curupira	100%
	03	Lobisomem	Lobisomem	100%
	04	Matintaperera	Matintaperera	100%
	05	Mucura	Mucura	100%
	06	Paca	Paca	100%
	07	Jucuraru	Jucuraru / jucuruti	90%
	08	Caramujo	Caramujo / uruá	75%
Flora	13	Maniva	Maniva	100%
	14	Miritizeiro	Miritizeiro	100%
	16	Lima	Lima	100%
Utensílios domésticos: pesca, caça e roça	26	Malhadeira	Malhadeira / Malha de pescar	85%
	28	Matapi	Matapi	100%
	30	Peneira	Peneira / Caroeira	95%
	31	Pilão	Pilão	100%
Religiosidade e crenças	37	Curandeiro	Curandeiro	100%
	39	Benzedeira	Benzedeira	100%
	41	Pagão	Pagão	100%

Fonte: elaborado pela autora da pesquisa (2025)

Diante disso, a seguir, podemos observar o processo de análise das riquezas lexicais do quilombo Arapapuzinho.

4.3 Análise das riquezas lexicais do quilombo Arapapuzinho

Como já mencionado na seção da metodologia deste estudo o processo de análise das riquezas lexicais foi realizado com base nos dados tabulados por meio de quatro (04) tabelas, cada uma representando um campo semântico. As tabelas foram elaboradas de acordo com os seguintes critérios: número da questão conforme o Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A), variante do QSL-A, número das variantes registradas, riquezas lexicais, efetivos reais, efetivos percentuais e o ponto linguístico onde as frequências foram registradas.

Após a análise das quatro (04) tabelas, as lexias de cada campo semântico foram selecionadas e destacadas por cores. A seguir, explicamos o significado de cada cor:

Cor laranja: Representa as lexias que alcançaram um número de frequência abaixo de 75%. Essas lexias não possibilitaram a produção da carta lexical.

Cor branca: Indica as lexias com frequência 100% ou com frequência inferior a 100%, mas que foram sugeridas pelo Questionário Semântico-Lexical (QSL-A), sendo, portanto, inviável a geração de carta lexical para essas lexias.

Cor azul: Esta cor foi utilizada para destacar duas situações: registros de lexias com frequência 100%, mas que são diferentes das lexias sugeridas pelo Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A), e para as lexias com percentual igual ou superior a 75%, que foram possíveis de utilizar na construção das cartas lexicais, ilustrando as lexias registradas no território estudado.

Após a descrição dos dados, realizaremos uma análise com base no Dicionário da Língua Portuguesa (Bechara 2011), e no Vocabulário Terminológico Cultural da Amazonia Paraense (Oliveira 2015), que servirão como referências fundamentais para a interpretação e compreensão da lexia em questão. A utilização dessas fontes nos permitirá obter uma visão mais aprofundada, levando em consideração as definições, contextos e variações linguísticas apresentadas por ambas as obras. Em seguida, descreveremos a relação entre a análise considerando as contribuições na perspectiva nacional do Dicionário da Língua Portuguesa e a contribuição na visão regional do Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, levando em consideração que as variantes em questão fazem parte dos aspectos linguísticos e identitários de pertencimento do quilombo Arapapuzinho. Dessa forma, poderemos enriquecer nossa

análise, oferecendo um entendimento mais claro e fundamentado das lexias analisada, com base nos aspectos de pertencimento do Quilombo.

A seguir será apresentado o campo semântico e como a análise foi realizada com base nas cores mencionadas nesta subseção.

4.3.1 Campo semântico: fauna

O campo semântico fauna foi elaborado para compor o QSL-A por esta relacionado as práticas de preservação da biodiversidade desempenhada pelos quilombolas do Arapapuzinho para sobrevivência do seu povo. O campo semântico abarca elementos fundamentais para o ecossistema, sendo estes, as diferentes espécies de animais, associados as matas e aos rios, encontrados em sua maioria somente na região amazônica. Desta forma, a seguir apresentamos a tabela 5 que corresponde a descrição dos dados do campo semântico I- Fauna, no qual compõem-se das questões 01 a 10 sugeridas no QSL-A

Tabela 5 - Campo semântico I- Fauna

Questão	Variante do QSL-A	Nº Variantes registradas	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Pontos pesquisados Território Arapapuzinho
			Lexias	Efetivos reais	Efetivos percentuais	
01	Inambu	01	Nambu	20	100%	X
02	Curupira	01	Curupira	20	100%	X
03	Lobisome m	01	Lobisome m	20	100%	X
04	Matintaperera	01	Matintaperera	20	100%	X
05	Mucura	01	Mucura	20	100%	X
06	Paca	01	Paca	20	100%	X
07	Jucuraru	02	Jucuraru	19	90%	X
			Jucuruti	01		
08	Caramujo	02	Caramujo	15	75%	X
			Uruá	05		
09	Cuamim	01	Quati	16	80%	X
			Cuamim	04		
10	Cuandu	01	Porco espinho	18	90%	X
			Cuandu	02		

Fonte: elaboração da autora desta pesquisa (2025)

Observa-se que na Tabela 5, a lexia de maior frequência registrada no campo semântico é **nambu** com registro de 100% dos efetivos percentuais, referente a questão 01 do QSL-A. Considerando a respostas sugerida no QSL-A a variante *nambu* é completamente diferente da proposta. Ademais, são registradas as lexias **porco-espinho** com frequência de 90% dos efetivos percentuais, referente a questão 10, **quati** com 80%, referente a questão 09 do QSL-A. Também, ressaltamos as lexias, **curupira** (100%) questão nº 02, **lobisomem** (100%), **matintaperera** (100%) questão nº 04, **mucura** (100%) questão nº 05, **paca** (100%) questão nº 06, **jucuraru** (90%) questão nº 7 e **caramujo** (75%) questão nº 8, todas com ocorrências iguais às do QSL-A. Desse modo, após a análise do campo semântico I-fauna, foi possível elaborar as cartas lexicais com frequência igual ou maior que 75%, sendo estas, **nambu** (100%), **porco-espinho** (90%), e **quati** (80%).

A seguir, conforme mencionado apresentaremos a descrição das três Cartas Linguísticas com base nos dados descritos na tabela que compõem este campo semântico.

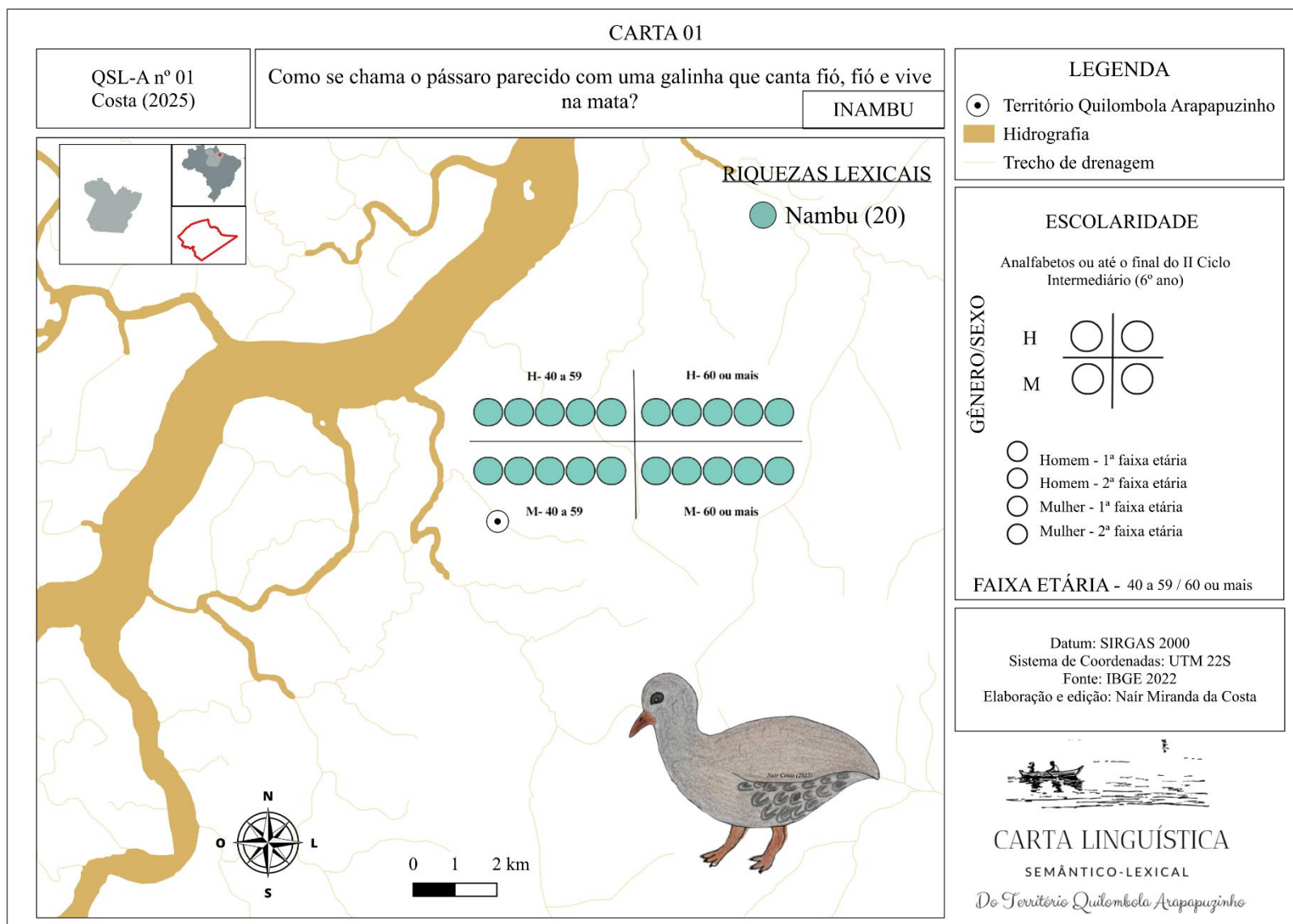
4.3.2. Inambu

Como se chama o pássaro parecido com uma galinha que canta fió, fió e vive na mata?

Com relação à carta de nº 01 do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A): *Como se chama o pássaro parecido com uma galinha que canta fió, fió e vive na mata?* Foi encontrado somente a variante lexical, *nambu* (20 ocorrências), sendo está totalmente diferente da opção sugerida no QSL-A (*inambu*). O **nambu**, segundo os entrevistados, é um pássaro que vive na mata Amazônica, mas que em algumas localidades sua espécie encontra-se extinta, no caso do território quilombola Arapapuzinho ainda se encontra esta espécie, pois é preservado pelos moradores. Desta forma, esta lexia corresponde a resposta dos vinte (20) sujeitos que contribuíram com esta pesquisa.

A seguir, podemos visualizar a distribuição diatópica desta lexia.

Figura 25 - Carta L01/questão 01 do QSL-A (inambu)



No território quilombola Arapapuzinho a lexia **nambu** prevaleceu, com destaque de 100% de ocorrência para esta variante. A lexia, registrada apresentou frequência de 100% diferente da proposta do QSL-A, caracterizando uma variante exclusivamente falada pelos moradores do território entrevistado.

A análise apresentada destaca a distribuição equilibrada de ocorrências da lexia tanto do ponto de vista diasssexual quanto diageracional. Sob a perspectiva diasssexual, foi constatado que homens e mulheres entrevistados mencionaram a lexia com a mesma frequência, totalizando dez ocorrências para cada grupo. Esse equilíbrio sugere que o uso da lexia não apresenta variações significativas em relação ao gênero. Da mesma forma, ao analisar a dimensão diageracional, verificou-se que a frequência de ocorrência foi idêntica entre a 1ª e a 2ª faixas etárias, ambas com dez registros. Esses resultados indicam que, independentemente do gênero ou da faixa etária dos entrevistados, a lexia foi utilizada de maneira uniforme.

Como podemos verificar nos resultados apresentados anteriormente, a lexia **nambu** se destacou como uma lexia de maior frequência falada pelos moradores do território quilombola Arapapuzinho em comparação com a variante sugerida no QSL-A (inambu), considerando que os dados coletados indicaram 100% de concordância entre os entrevistados. Portanto, podemos dizer que, para a questão de nº 01, a variante **nambu** representa a norma no território quilombola Arapapuzinho.

Com base nisso, realizaremos a seguir uma análise fundamentada no Dicionário da Língua Portuguesa de Bechara (2011) e no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense de Oliveira (2015), que serão utilizados como referências para compreender o significado e o uso da lexia **nambu**.

No Dicionário da Língua Portuguesa, encontramos a lexia **nambu**. De acordo com Bechara (2011, p. 851), essa designação refere-se às “aves dos gêneros *Tinamus* e *Crypturellus*, caracterizadas por um corpo robusto e uma cauda muito pequena; o termo tem origem no tupi (inhambu)”. No entanto, no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, não encontramos registro da lexia **nambu**. Desta forma, O Dicionário da Língua Portuguesa sendo uma obra de abrangência nacional, voltada para a padronização e o registro do vocabulário da língua portuguesa em geral, incluindo termos de uso mais amplo ou formal, a presença da variante **nambu** nesse dicionário indica ser uma lexia reconhecida dentro do léxico formal da língua, possuindo uma definição válida em um contexto mais amplo, que pode se aplicar a diversas regiões. Por outro lado, o Vocabulário Terminológico de Abaetetuba tem um foco mais específico, relacionado à terminologia local e regional, com ênfase na linguagem utilizadas na região de Abaetetuba, no Pará. A ausência da lexia **nambu** nesse vocabulário pode refletir a

existência de outras variantes lexicais mais utilizados pelos habitantes de Abaetetuba, como o caso da palavra **nambu** registrada como uma variação particular da comunidade de Arapapuzinho, que, por sua vez, preserva formas linguísticas próprias que refletem sua história, identidade e cultura.

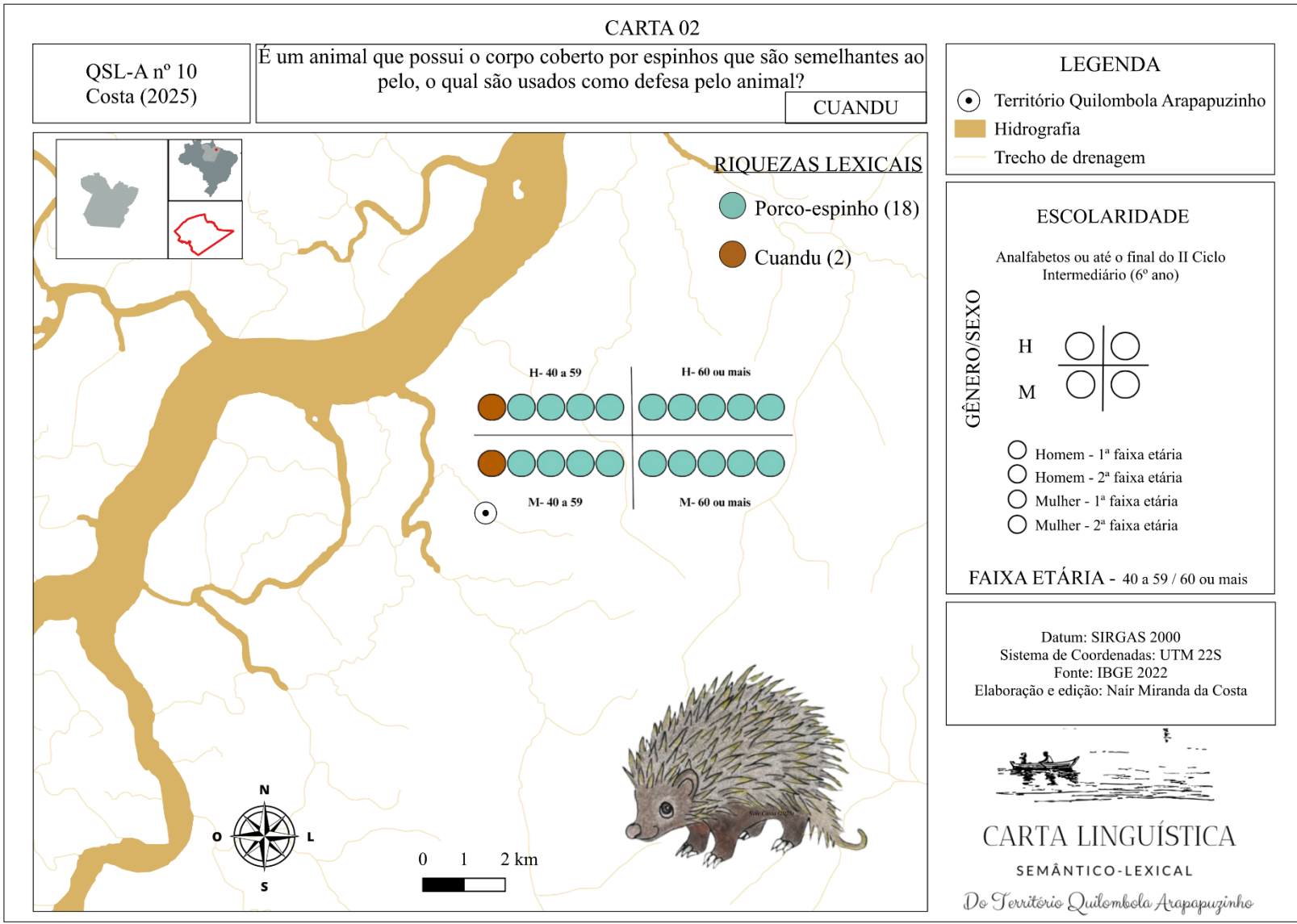
A análise e descrição da carta L01, pode ser explicada pela diversidade linguística e cultural existente no Brasil, onde o vocabulário regional pode divergir da língua registrada nos dicionários nacionais, refletindo as particularidades de cada comunidade ou área geográfica. Desse modo, destaco que o registro da variante **nambu** no território quilombola Arapapuzinho tenha uma carga cultural e simbólica precisa ser inserida ou reconhecida em registros mais amplos.

4.3.3 Cuandu

É um animal que possui o corpo coberto por espinhos que são semelhantes ao pelo, o qual são usados como defesa pelo animal?

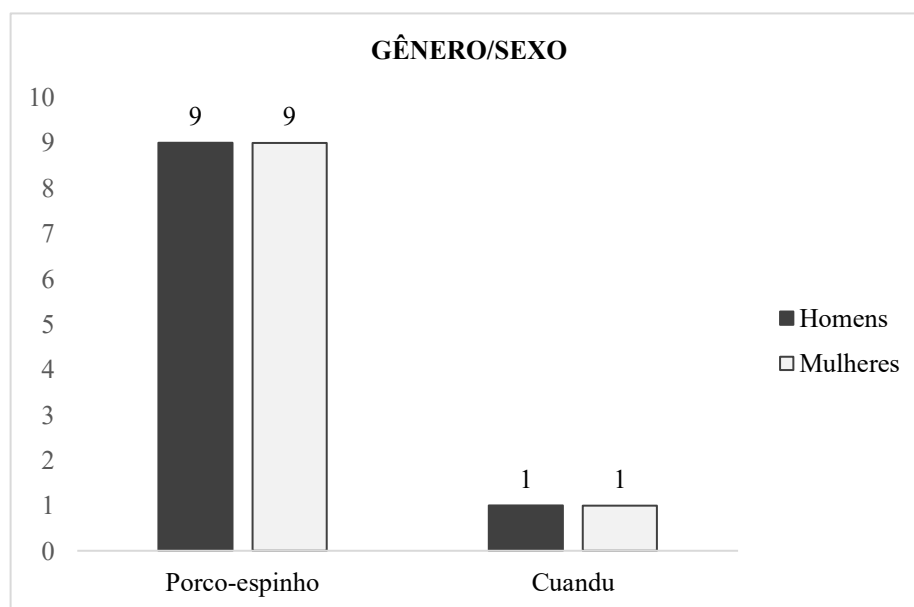
A questão de nº 10: *É um animal que possui o corpo coberto por espinhos que são semelhantes ao pelo, o qual são usados como defesa pelo animal?* Simbolizada na carta linguística 02, apresenta duas variações, a de maior frequência, **porco-espinho** (18 ocorrências), e **cuandu** (2 ocorrências) de baixa frequência, sendo esta igual a lexia sugerida no QSL-A. Desta maneira, pode-se observar a ilustração a seguir na carta lexical 02:

Figura 26 - Carta L02/questão 10 do QSL-A (cuandu)



Conforme registrado na carta, a lexia **porco-espinho** prevaleceu na fala dos entrevistados, com destaque de 90% de ocorrência para esta variante. Além disso, houve o registro da lexia **cuandu**, com frequência de 10% igual a proposta do QSL-A. Considerando o enfoque diassexual, a lexia de maior frequência (**porco-espinho**) apresentou nove ocorrências entre os entrevistados homens e entre as respostas das participantes mulheres nove ocorrências também. Quanto a lexia de menor frequência o número de registro também foi igual entre homens e mulheres (Homem: 1 ocorrência; mulher: 1 ocorrência). Desta forma, as ocorrências **porco-espinho** e **cuandu**, foram registradas tanto na fala de homens quanto na fala de mulheres, com base nos dados apresentados. Observa-se, portanto, esses dados representados a seguir no gráfico 5:

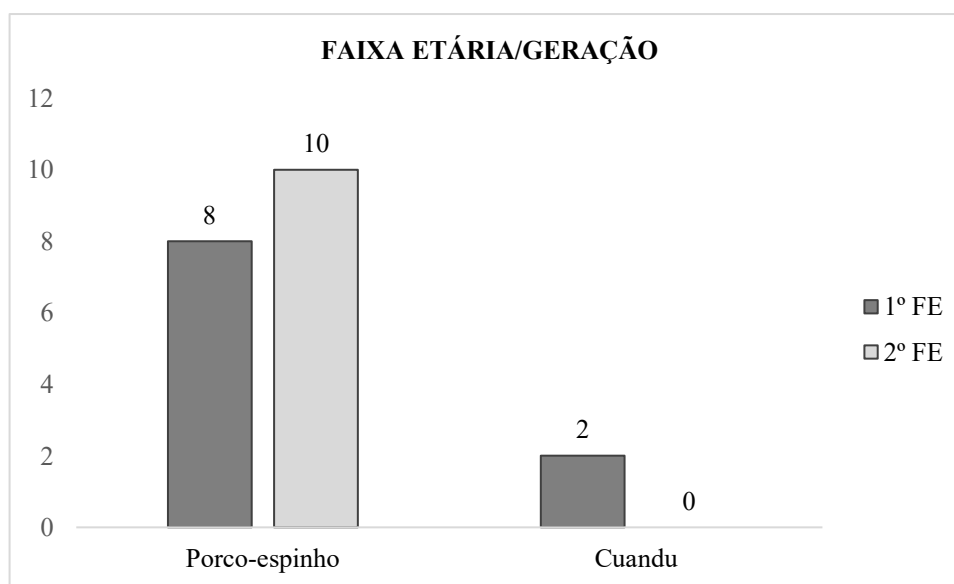
Gráfico 5: Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L02/questão 10 do QSL-A (cuandu)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Levando em consideração a dimensão diageracional, na variante de maior frequência **porco-espinho** houve um registro menor na 1ª faixa etária, com oito ocorrências. Já na 2ª faixa etária o registro foi maior, com dez ocorrências. Quanto a lexia, **cuandu**, foi possível catalogar somente na 1ª faixa etária duas ocorrências. Diante disso, os resultados sugerem que as variações linguísticas podem ser influenciadas pela idade dos falantes, com diferentes faixas etárias preferindo ou mantendo formas distintas de expressão, o que reflete tanto a dinâmica de uso da língua quanto a preservação de certos termos em faixas etárias específicas. Vejamos esses resultados ilustrados no gráfico 6:

Gráfico 6: Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L02/questão 10 do QSL-A (cuandu)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Como evidenciado nos resultados apresentados anteriormente, a lexia **porco-espinho** se destacou como a forma mais frequente utilizada pelos moradores do território quilombola Arapapuzinho, quando comparada à variante sugerida no QSL-A (cuandu), uma vez que os dados coletados mostraram 90% de concordância. Portanto, os dados evidenciam a preservação de formas linguísticas próprias do território, que por meio da fala refletem a história, identidade e cultura do território quilombola Arapapuzinho.

Diante disso, a seguir utilizaremos os estudos de Bechara (2011) no Dicionário da Língua Portuguesa e as considerações de Oliveira (2015), contidas no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense, que serão utilizados para aprofundamento da análise da lexia de maior frequência (porco-espinho). No Dicionário da Língua Portuguesa, encontramos a variante porco-espinho. De acordo com Bechara (2011, p. 940), esse termo designa ao “mamífero roedor, encontrado nas Américas, cujo pelos longos e pontiagudos, servem como mecanismo de defesa”. No entanto, no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, não há registro da lexia porco-espinho. Assim, o Dicionário da Língua Portuguesa considera o registro da variante **porco-espinho** como uma lexia válida dentro do léxico formal da língua, com uma definição que pode ser aplicada a diversas regiões do Brasil. Por outro lado, a ausência da lexia **porco-espinho** no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, por ser um mecanismo terminológico regional nos remete a lexia **porco-espinho** como uma variação particular da comunidade de Arapapuzinho, a qual evidencia a preservação de formas linguísticas próprias

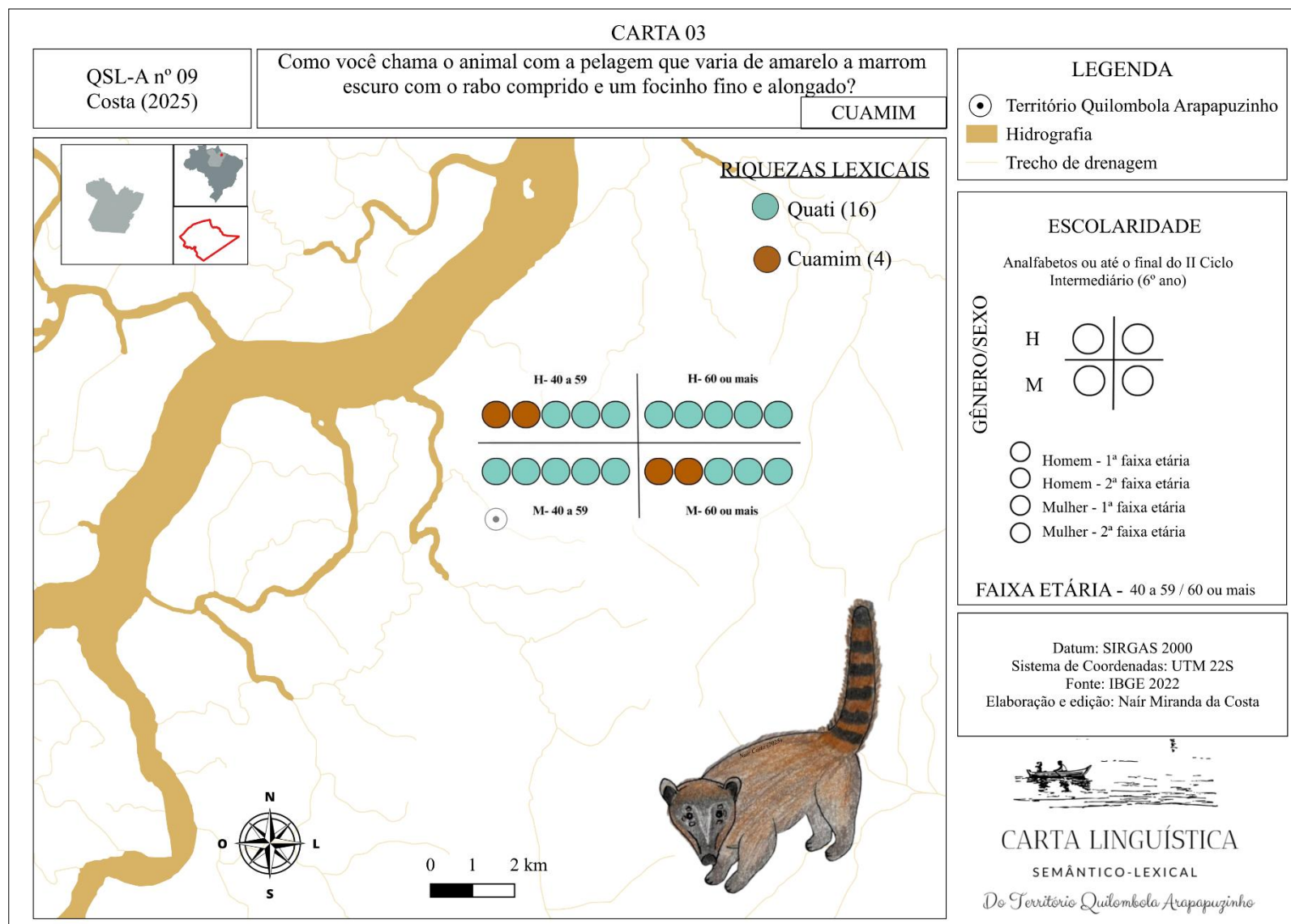
dessa localidade, que por meio da fala refletem a história, identidade e cultura do território quilombola.

4.3.4 Cuamim

Como você chama o animal com a pelagem que varia de amarelo a marrom escuro com o rabo comprido e um focinho fino e alongado?

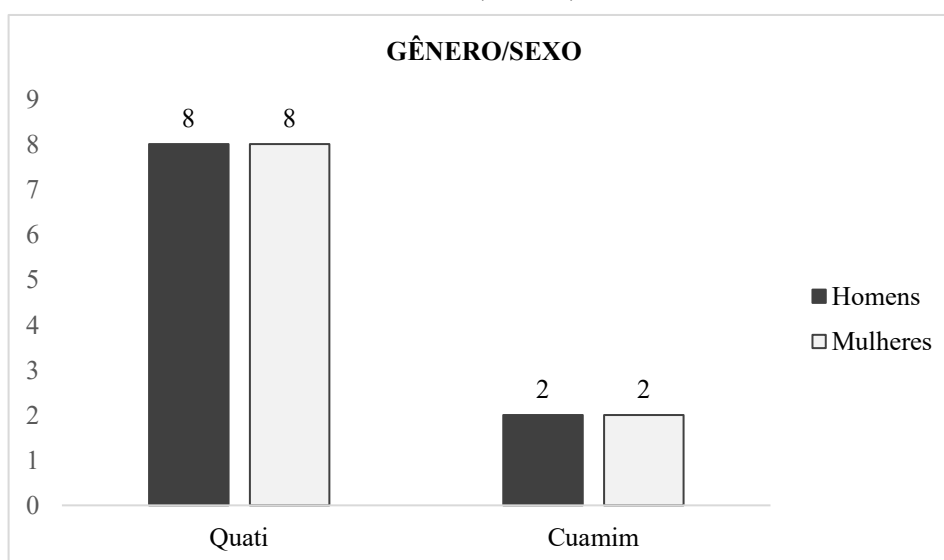
A questão de nº 09: *Como você chama o animal com a pelagem que varia de amarelo a marrom escuro com o rabo comprido e um focinho fino e alongado?* Podemos observar que houve o registro de duas ocorrências, sendo elas, **quati** (16 ocorrências) de maior frequência e **cuamim** (4 ocorrências) com menor frequência. Segundo os entrevistados, o **quati** é uma espécie comum nos biomas amazônicos, sua presença nas matas do território quilombola Arapapuzinho é muito comum, por muitos anos os animais mais velhos eram caçados para a alimentação dos moradores, no cenário atual com os avanços socioeconômicos a espécie é cuidada e preservada pelos moradores. Portanto, a seguir podemos observar a distribuição cartográfica desses dados

Figura 27 - Carta L03/questão 09 do QSL-A (cuamim)



Na carta L03, podemos observar que houve o registro de duas ocorrências, sendo elas, **quati** (80%) de maior frequência e **cuamim** (20%) com menor frequência. Sob o enfoque diassexual, a lexia de maior frequência, **quati**, foi registrada oito vezes tanto nas respostas dos entrevistados homens quanto nas respostas das participantes mulheres. Por outro lado, a lexia de menor frequência apresentou o mesmo número de ocorrências para ambos os gêneros/sexo, com dois registros para homens e dois para mulheres. Desse modo, a seguir podemos observar esta distribuição representada no gráfico 7:

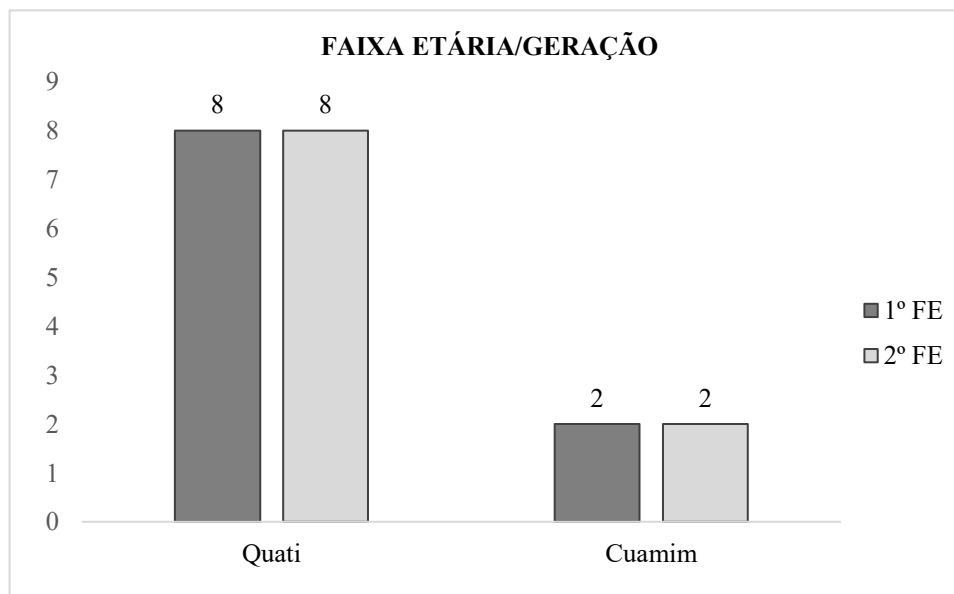
Gráfico 7: Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L03/questão 09 do QSL-A (cuamim)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Quanto ao ponto de vista diageracional, analisamos que a lexia **quati** apresentou oito ocorrências tanto na 1ª faixa etária, quanto na 2ª faixa etária. De maneira semelhante, a lexia de menor frequência, **cuamim**, também manteve uma distribuição equilibrada, com duas ocorrências em cada faixa etária. Esses dados indicam que o uso dessas lexias não apresenta variação significativa em relação à idade dos entrevistados. A seguir, o gráfico 8 ilustra essa distribuição de forma precisa:

Gráfico 8: Frequência total das lexias a respeito à faixa etária/geração (diageracional). Carta L03/questão 09 do QSL-A (cuamim)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Os resultados descritos anteriormente, apresentam que a variante **quati** se destacou como a forma mais frequente utilizada pelos moradores do território quilombola Arapapuzinho, no ponto de vista diasssexual e diageracional. Neste sentido, este resultado evidencia a preservação de formas linguísticas específicas dessa localidade, que, por meio da fala, refletem aspectos fundamentais da história, identidade e cultura do território quilombola, ou seja, o uso dessa variante linguística não apenas caracteriza a fala local, mas também serve como um marcador cultural e histórico da comunidade.

Neste sentido, a seguir utilizaremos os estudos de Bechara (2011) no Dicionário da Língua Portuguesa e as considerações de Oliveira (2015), contidas no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense, para aprofundamento da análise na perspectiva de registros em âmbito nacional e regional.

No Dicionário da Língua Portuguesa, o registro da lexia *quati*, segundo Bechara (2011, p. 972), descreve como “mamífero carnívoro de focinho longo e calda ereta com anéis escuros”. Já no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, não há registro da lexia **quati**. Diante disso, observa-se que o Dicionário da Língua Portuguesa reconhece o registro da variante **quati** como uma lexia válida dentro do léxico formal da língua, com uma definição que pode ser aplicada a diversas regiões do Brasil. Além disso, a análise indica que **quati** é amplamente compreendido e aceito em várias partes do país. No entanto, a ausência dessa lexia no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, que é um mecanismo terminológico regional, sugere que o uso de **quati** se configura como uma variação particular da comunidade de Arapapuzinho. Neste

sentido, este resultado evidencia a preservação de formas linguísticas específicas dessa localidade, que, por meio da fala, refletem aspectos fundamentais da história, identidade e cultura do território quilombola, ou seja, o uso dessa variante linguística não apenas caracteriza a fala local, mas também serve como um marcador cultural e histórico da comunidade.

A seguir, partiremos para análise e descrição das riquezas lexicais registradas no campo semântico flora:

4.3.5 Campo semântico: flora

O campo semântico flora foi elaborado para compor o QSL-A a partir das vivências no território quilombola Arapapuzinho, as quais possibilitaram observar a relação de pertencimento dos moradores com a flora. O campo semântico é composto por elementos fundamentais do cotidiano alimentar e socioeconômico, relacionada a diversidade de plantas existente no território quilombola, com espécies de plantas preservadas como heranças advindas dos seus ancestrais Africanos. Diante disso, a seguir apresentamos a tabela 6 que representa a descrição:

Tabela 6- Campo semântico II- Flora

Questão	Variante do QSL-A	Nº Variantes registradas	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Ponto pesquisado
			Lexias	Efetivos reais	Efetivos percentuais	Território Arapapuzinho
11	Aninga	02	Ninguera	15	75%	X
			Aninga	05		
12	Cuieira	02	Cabaça	14	70%	X
			Cabacinha	06		
13	Maniva	01	Maniva	20	100%	X
14	Miritizeiro	01	Miritizeiro	20	100%	X
15	Mata	02	Tapera	15	75%	X
			Mata	05		
16	Lima	01	Lima	20	100%	X
17	Fruta-pão com semente	01	Avapão	20	100%	X
18	Fruta-pão-de-massa	01	Fruta-pão	20	100%	X
19	Crueira	01	Curera	20	100%	X
20	Taboca	02	Tronqueira	18	90%	X

			Taboca	02		
--	--	--	--------	----	--	--

Fonte: elaboração da autora desta pesquisa (2025)

No segundo campo semântico, exposto na tabela 6, foi possível analisar que a lexia de maior frequência registrada é **avapão** (100%) referente a questão nº 17, **fruta-pão** (100%) referente a questão nº 18 e **corera** (100%) referente a questão 19, todas com registro de 100% dos efetivos percentuais e todas diferente da lexia sugerida no QSL-A. São registradas, também, as lexias **tronqueira** (90%) questão nº 20, **ninguera** (75%) questão nº 11 e **tapera** (75%) questão nº 15. Além das lexias, **maniva** (100%) referente a questão nº 13, **miritizeiro** (100%) referente a questão nº 14 e **lima** (100%) referente a questão nº 16, sendo todas monolexicas. Diante disso, após a análise do campo semântico II - Flora, foram geradas as seguintes cartas linguísticas: **avapão** (100%), **fruta-pão** (100%), **corera** (100%), **tronqueira** (90%), **ninguera** (75%) e **tapera** (75%).

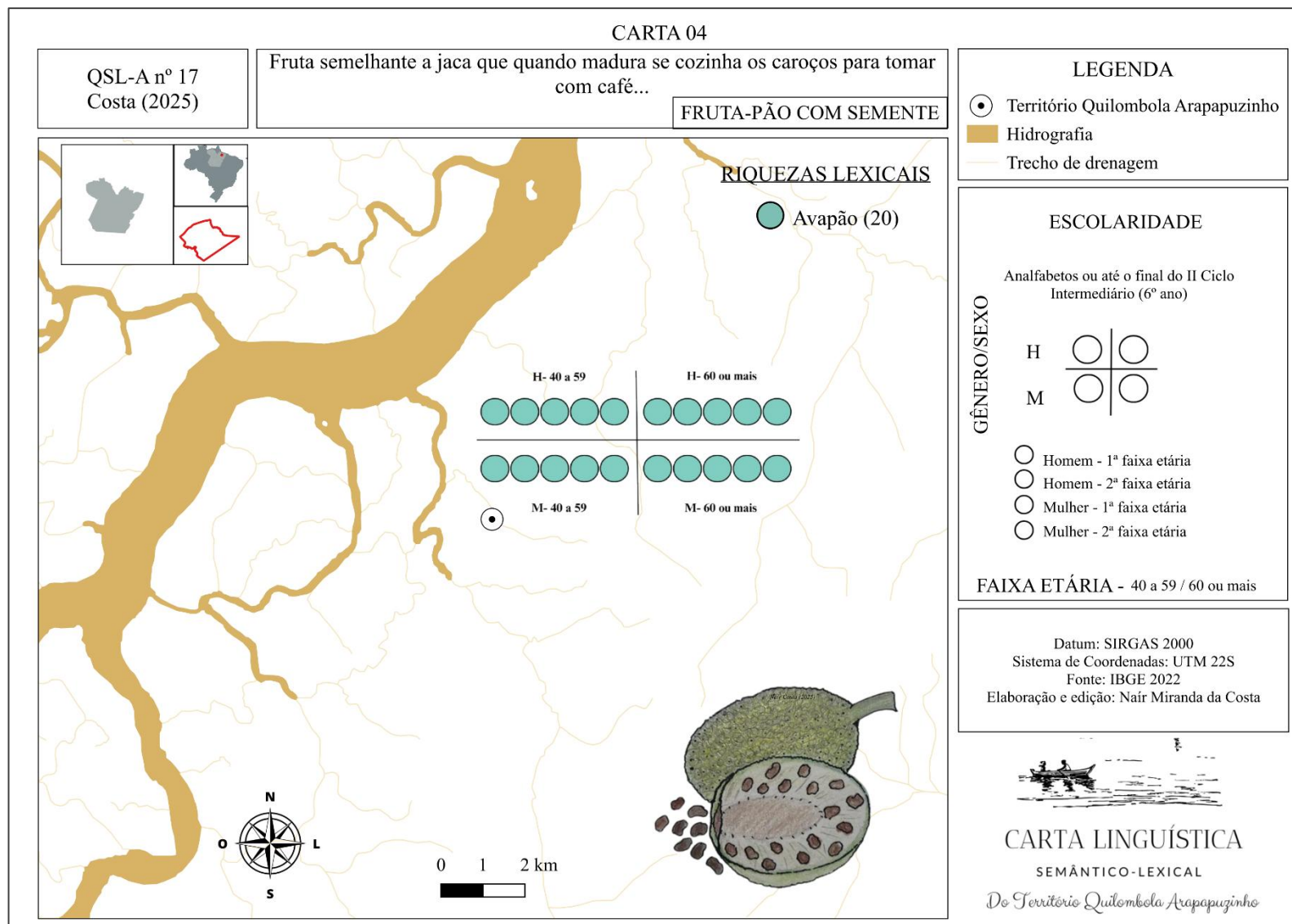
A seguir, apresentaremos a descrição das Cartas Linguísticas com base nos dados descritos na tabela que compõem este campo semântico.

4.3.6 Fruta-pão com semente

Fruta semelhante a jaca que quando madura se cozinha os caroços para tomar com café...

Com relação à carta de nº 04 do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A): *Fruta semelhante a jaca que quando madura se cozinha os caroços para tomar com café*. Foi registrada somente uma variante, **avapão** (20 ocorrências), sendo totalmente diferente da opção sugerida no QSL-A. A lexia **avapão** trata-se de uma fruta tipicamente consumida pelos moradores do Arapapuzinho, a qual por muitos anos serviu de sustento alimentar até mesmo substituindo uma refeição, assim a lexia corresponde as respostas dos vinte (20) sujeitos que contribuíram com esta pesquisa. Observa-se, portanto, os resultados completos na distribuição diatópica presente na carta L04 a seguir:

Figura 28- Carta L04/questão 17 do QSL-A (Fruta-pão com semente)



A carta linguística nos mostra que a lexia **avapão** destacou-se na fala dos sujeitos entrevistados, com frequência de 100% diferente da proposta do QSL-A. Ademais, o enfoque diassexual, nos revela que a lexia **avapão** apresentou um número de registro igual na fala dos entrevistados homens (10 ocorrências) e das respostas das participantes mulheres (10 ocorrências). Desta forma, a ocorrências **avapão** foram registradas tanto na fala de homens quanto na fala de mulheres, com base nos dados apresentados. Assim, a análise, ao considerar o fator diassexual, reflete a representatividade lexical de ambos os sexos.

A respeito da análise diageracional, verificou-se que a frequência de ocorrência foi igual nas duas faixas etárias, com dez registros em cada uma. Portanto, esse resultado inda que, entre as faixas etárias dos entrevistados, a lexia foi utilizada de forma consistente e uniforme.

Quanto a análise no Dicionário de Língua Portuguesa e no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba não encontramos registros da lexia **avapão** tanto na obra de nível nacional quanto na obra de cunho regional. No Dicionário da Língua Portuguesa, que possui um caráter nacional e abrange um léxico mais amplo da língua, a ausência de **avapão** indica que essa forma linguística não é reconhecida como parte do vocabulário formal e amplamente utilizado no país. Assim, o dicionário, sendo uma obra de referência para a língua portuguesa, registra termos que têm maior abrangência e uso generalizado.

Por outro lado, no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, que tem um enfoque regional e busca catalogar termos próprios de uma localidade específica, a ausência de **avapão** sugere que essa lexia não é amplamente reconhecida ou utilizada na região de Abaetetuba. A obra de cunho regional tem como objetivo registrar e documentar expressões e vocabulários específicos de uma determinada comunidade ou território, o que reforça a ideia de que **avapão** pode ser uma forma linguística ainda mais restrita a uma localidade ou grupo social muito específico, fora do alcance tanto do léxico formal quanto do regional.

Portanto, a falta de registros tanto no dicionário de nível nacional quanto na obra regional aponta para a possibilidade de **avapão** ser uma lexia de uso extremamente restrito, talvez em uma comunidade local ou em contextos mais informais, e ainda não reconhecida ou registrada por obras de referência amplamente utilizadas.

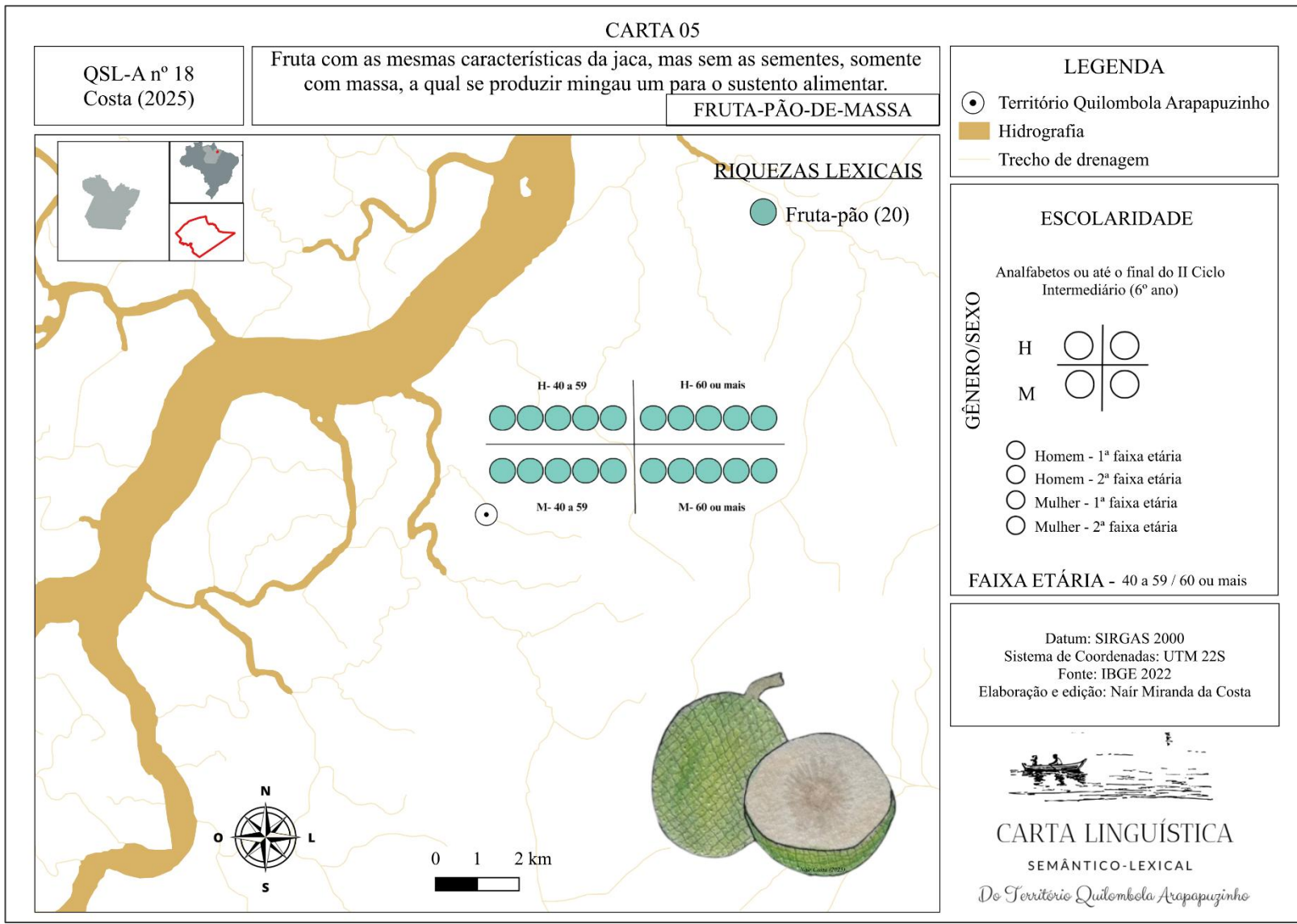
4.3.7 Fruta-pão-de-massa

Fruta com as mesmas características da jaca, mas sem as sementes, somente com uma massa, a qual se produzir mingau para o sustento alimentar.

A questão de nº 18 do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A): *Fruta com as mesmas características da jaca, mas sem as sementes, somente com uma massa, a qual se produzir mingau para o sustento alimentar.* Apresentou o registro de uma única variante lexical, sendo esta, **fruta-pão** com vinte ocorrências, sendo totalmente diferente da opção sugerida no QSL-A (fruta-pão-de-massa). De acordo com relatos dos moradores entrevistados, a **fruta-pão** é uma fruta tipicamente do território quilombola Arapapuzinho, uma vez que nas comunidades em torno do território quilombola não possuem esta espécie de planta, assim os moradores preservam em seus terrenos e realizam sua colheita sem desperdícios para que este fruto faça parte da vida das futuras gerações. Desse modo, a lexia **fruta-pão** faz parte da herança linguística e identitária do território, ou seja, corresponde a resposta dos vinte (20) sujeitos que contribuíram com este estudo.

A seguir, podemos visualizar a distribuição diatópica desta lexia.

Figura 29 - Carta L05/questão nº 18 do QSL-A (Fruta-pão-de-massa)



Na carta linguística acima podemos observar que houve o registro percentual de 100% para lexia **fruta-pão**, a qual destaca-se por ser diferente da proposta do QSL-A. do ponto de vista diasssexual, a variante **fruta-pão** nos apresentou um número igual de registro nas respostas dos entrevistados, sendo para homens (10 ocorrências) e para as participantes mulheres (10 ocorrências). Portanto, houve registro da lexia **fruta-pão** tanto na fala de homens quanto na fala de mulheres, conforme os dados representam, ou seja, a partir desta análise, pode-se considerar a representatividade lexical de ambos os sexos.

A análise na perspectiva diageracional, nos revela que a frequência de ocorrência foi igual nas duas faixas etárias, com dez registros em cada uma, indicando nos resultados que, entre a 1ª faixa etária e a 2ª faixa etária a lexia **fruta-pão** é parte da linguagem cultural e identitária dos falantes do território quilombola Arapapuzinho.

Em relação a análise no Dicionário de Língua Portuguesa encontramos o registro da lexia **fruta-pão**, sendo descrita segundo Bechara (2011, p. 659), como “árvore originária da Ásia, cultivada pelos seus frutos comestíveis”. Já no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba não encontramos registros da lexia **fruta-pão**, indicando pela ausência do seu registro uma lacuna na representatividade dessa variante linguística a nível regional do município de Abaetetuba. Assim, a falta de registro desta lexia do ponto de vista regional nos leva a observar que a variante **fruta-pão** precisa ser registrada, considerando seu significado linguístico, cultural e identitário para os moradores do território Arapapuzinho, assim sendo considerada uma lexia específica deste território quilombola.

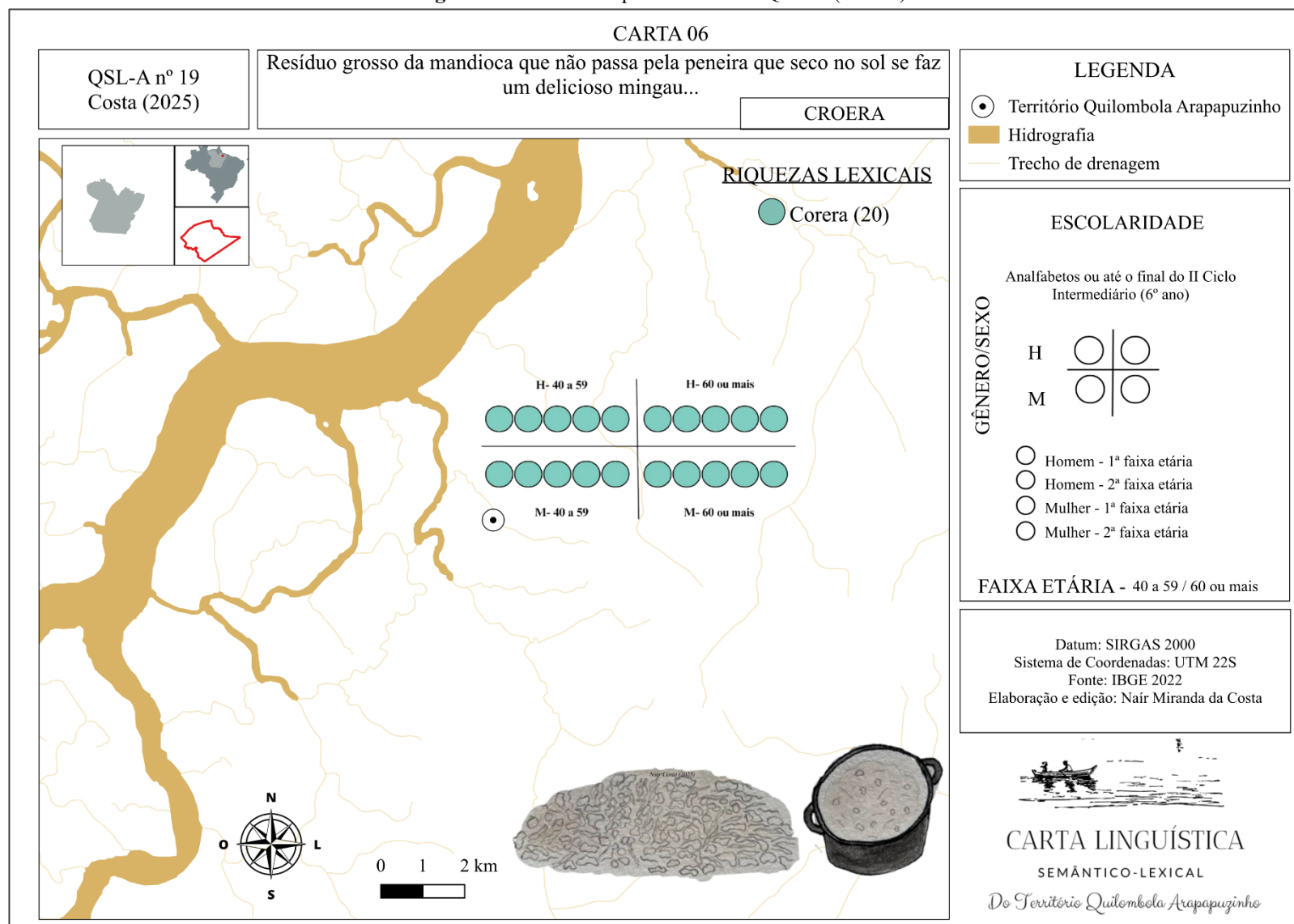
Por fim, a ocorrência **fruta-pão** sendo registrada apenas em nível nacional a ponta para importância deste estudo de mapeamento linguístico, o qual considera os aspectos de pertencimento regional, cultural e identitário da língua dos falantes do território quilombola Arapapuzinho.

4.3.8 Croera

Resíduo grosso da mandioca que não passa pela peneira que seco no sol se faz um delicioso mingau...

No mapeamento linguístico no que se refere a questão de nº 19 do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A): *Resíduo grosso da mandioca que não passa pela peneira que seco no sol se faz um delicioso mingau...* Registrou apenas a variante lexical **corera** com frequência 100% divergente da lexia sugerida como resposta no QSL-A (*croera*). Segundo os entrevistados a **corera** é o resido da mandioca após ser coada para fazer a farinha, a qual passa pelo processo de secagem no sol, escolha dos grãos para então está apta para produção do mingau. Então, a lexia **corera** está entre as variedades linguísticas do território quilombola Arapapuzinho, assim, vejamos a representação cartográfica desta lexia.

Figura 30 - Carta L06/questão nº 19 do QSL-A (Croera)



Na carta L06, registrou-se apenas uma lexia, **corera** com registro de 100% para esta variante. Sendo assim, este registro nos leva a compreender a representatividade única para esta variante na fala dos entrevistados.

Na visão diassexual, a ocorrência **corera** apresentou um quantitativo de 50% de registro entre as respostas dos entrevistados homens (10 ocorrências), e das entrevistadas mulheres, também 50% das ocorrências (10 ocorrências). Assim, a análise, ao considerar o fator diassexual, reflete a representatividade lexical tanto do gênero/sexo masculino quanto feminino.

Quanto a perspectiva diageracional, foram registradas as variantes com a mesma frequência na 1ª faixa etária (10 ocorrências) e na 2ª faixa etária (10 ocorrências). Assim, garantindo registros em ambas as faixas etárias.

Diante do aprofundamento na análise da lexia **corera** nos estudos de Bechara (2011), não encontramos registro nesta obra. No entanto, no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense de Abaetetuba foi possível observar o registro de **corera**, sendo está descrita como: “os restos da mandioca que, por serem grossos, não passam na peneira, destinando-se ao preparo de um mingau chamado de “carimã” (Oliveira, 2015, p. 35). Para tanto, a presença de registro somente no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense de Abaetetuba evidencia a importância de reconhecer também o léxico das comunidades tradicionais em uma perspectiva mais geral como Bechara (2011), associando-as as práticas culturais enraizadas no cotidiano paraense e do território quilombola Arapapuzinho.

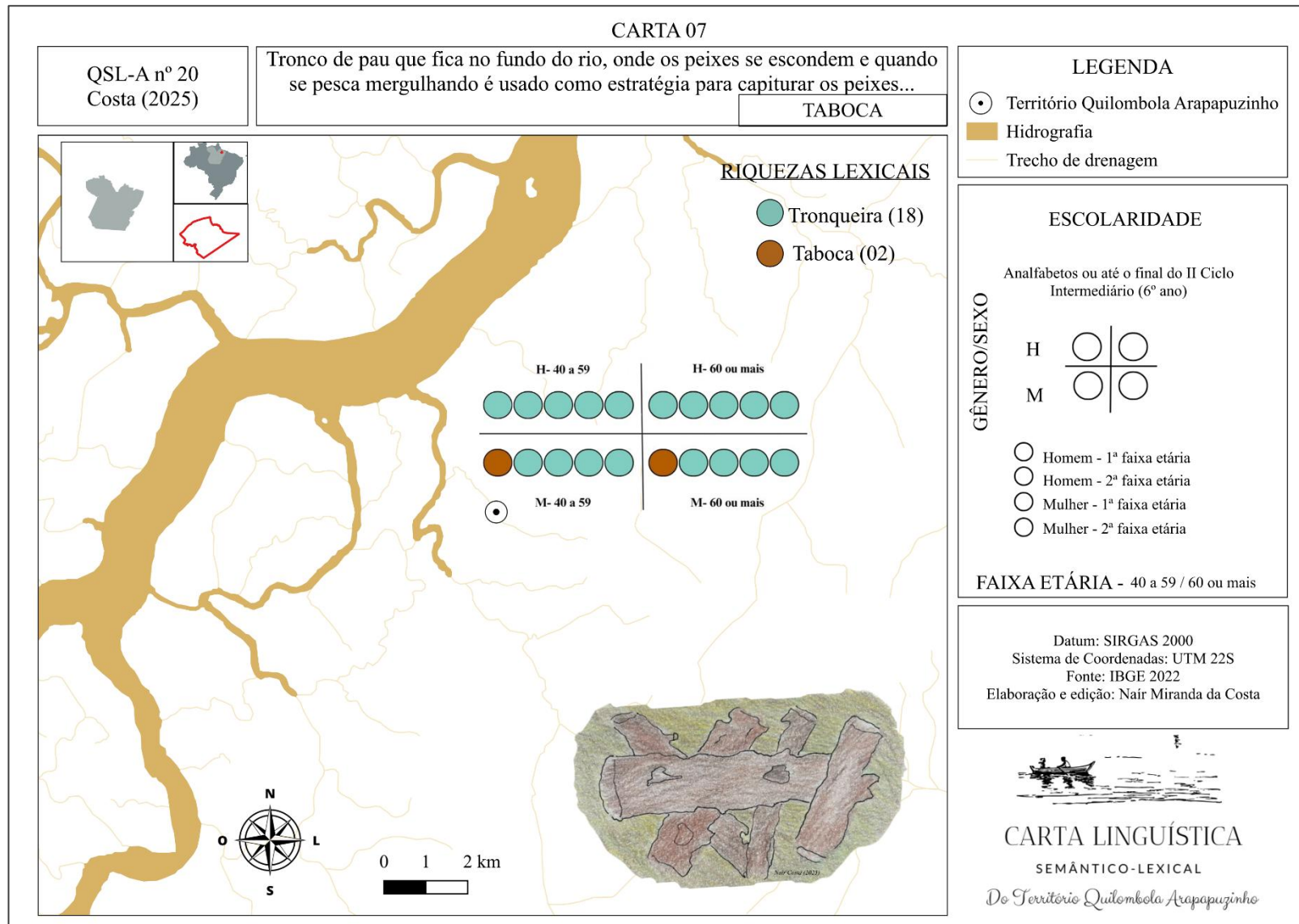
Portanto, a variante **corera** considerando seu significado ultrapassa o aspecto linguístico e revela uma dimensão sociocultural necessária a ser considerada para a construção de Cartas Linguísticas Semântico-lexicais, pois não buscamos apenas mapear e documentar estas variantes, mas também valorizar e preservar o patrimônio imaterial do território quilombola Arapapuzinho.

4.3.9 Taboca

Tronco de pau que fica no fundo do rio, onde os peixes se escondem e quando se pesca mergulhando é usado como estratégia para arpoar os peixes...

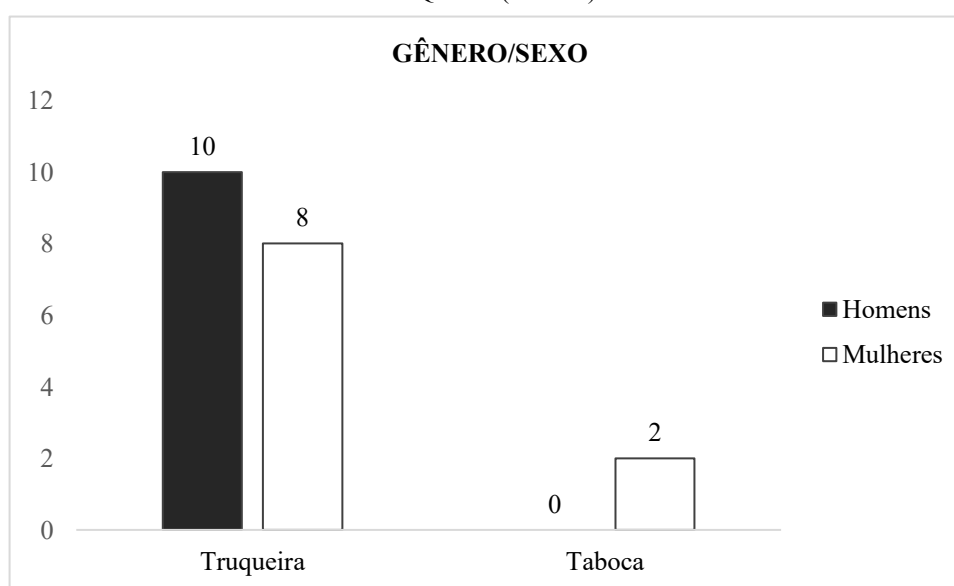
A questão de nº 20: *tronco de pau que fica no fundo do rio, onde os peixes se escondem e quando se pesca mergulhando é usado como estratégia para arpoar os peixes*. Simbolizada na carta lexical 07, a questão resultou em duas variantes, **tronqueira** (18 ocorrências) de maior frequência, e **taboca** (2 ocorrências) de baixa frequência. A lexia **tronqueira** é conhecida pelos moradores do Arapapuzinho, sendo as árvores mais antigas que ao longo dos anos se alojam no fundo do rio devido sua queda natural, as quais servem de moradia para os peixes e são utilizadas como estratégia para capturar os peixes. A seguir podemos observar o registro da lexia **tronqueira** conforme a distribuição diatópica.

Figura 31 - Carta L07/questão nº 20 do QSL-A (Taboca)



A carta L07 apresenta a lexia **tronqueira** com frequência de 90% na fala dos entrevistados do território quilombola Arapapuzinho. Também, houve o registro da lexia **taboca**, com frequência de 10% igual a proposta do QSL-A. Levando em consideração na análise a composição diasssexual, a lexia de maior frequência (tronqueira) apresentou um número maior registrado entre as respostas dos entrevistados homens (10 ocorrências) e um quantitativo menor entre as respostas das participantes mulheres (8 ocorrências). Quanto a lexia de menor frequência o número de registro foi igual entre mulheres (2 ocorrências). A seguir podemos observar os dados expressos por meio do gráfico 9:

Gráfico 9: Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). - Carta L07/questão nº 20 do QSL-A (Taboca)

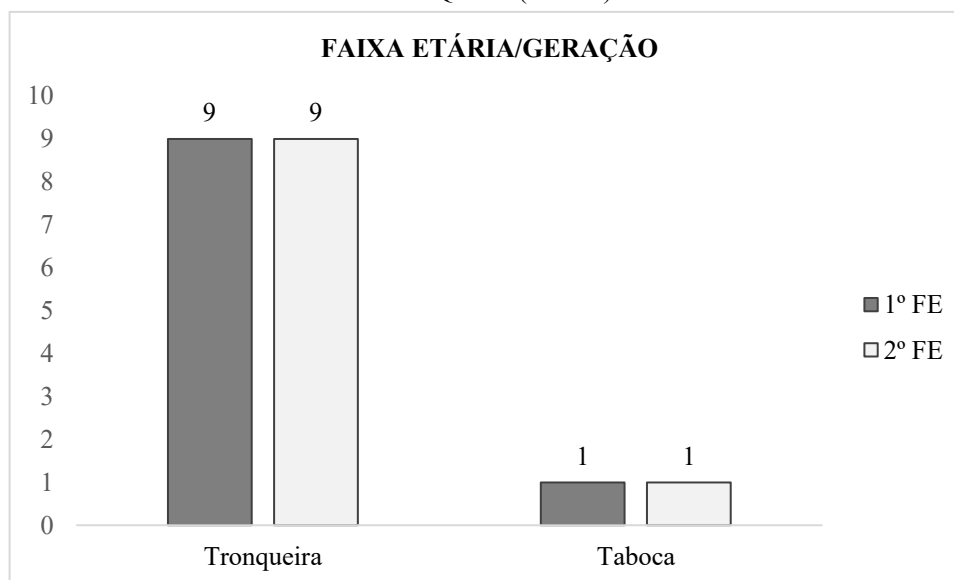


Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Com base nos dados apresentados, as ocorrências **tronqueira** e **taboca** foram registradas tanto na fala de homens quanto na de mulheres. Dessa forma, a análise, ao levar em consideração o fator diasssexual, evidencia a representatividade lexical dos dois gêneros/sexos.

Na dimensão diageracional, a variante de maior frequência **tronqueira** registrou frequência igual na 1ª faixa etária (9 ocorrências) e na 2ª faixa etária (9 ocorrências). Já a lexia, **taboca**, registrou em ambas as faixas etárias, distribuídas em uma ocorrência na 1ª faixa etária e uma ocorrência na 2ª faixa etária. Vejamos esses resultados ilustrados no gráfico 10:

Gráfico 10: Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). - Carta L07/questão nº 20 do QSL-A (Taboca)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Diante disso, os dados sugerem que o uso da lexia **tronqueira** é amplamente disseminado entre os dois grupos etários, sem variações significativas na sua frequência de uso, o que pode indicar uma forma linguística consolidada e com aceitação em diferentes gerações. Já a distribuição equilibrada da lexia **taboca**, embora limitada, sugere que essa lexia é utilizada de forma esporádica em ambas as faixas etárias, o que pode refletir uma forma mais antiga ou menos comum da linguagem, sendo preservada de maneira pontual nas duas gerações analisadas.

A variante **tronqueira** evidenciou-se como a lexia mais frequente utilizada pelos moradores do território quilombola Arapapuzinho, em relação à variante sugerida no QSL-A (taboca), uma vez que os dados coletados indicaram 90% de concordância. Diante disso, utilizou-se os estudos de Bechara (2011), destacados no Dicionário da Língua Portuguesa, e as contribuições de Oliveira (2015), contidas no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense, para aprofundar a análise da lexia de maior frequência (tronqueira).

Quanto ao Dicionário da Língua Portuguesa, não obtivemos registros da variante Truqueira, assim como no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, não há averbação da lexia. Portanto, observa-se que a lexia **tronqueira** não é encontrada nem no Dicionário da Língua Portuguesa nem no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, mas foi registrada no território quilombola Arapapuzinho, isso pode indicar que a palavra é uma variante específica do território quilombola Arapapuzinho, uma vez que não documentada em fontes de alcance nacional ou regional.

Portanto, nota-se que **tronqueira** faz parte das riquezas lexicais das raízes culturais e linguísticas próprias do território quilombola Arapapuzinho, refletindo uma característica linguística distinta dessa comunidade. Também, pode apontar para o fato de que as comunidades quilombolas, por sua resistência cultural e isolamento, frequentemente preservam e desenvolvem vocabulários, expressões e formas linguísticas que são únicas para elas e que podem não ser amplamente conhecidas ou utilizadas em outras regiões ou contextos.

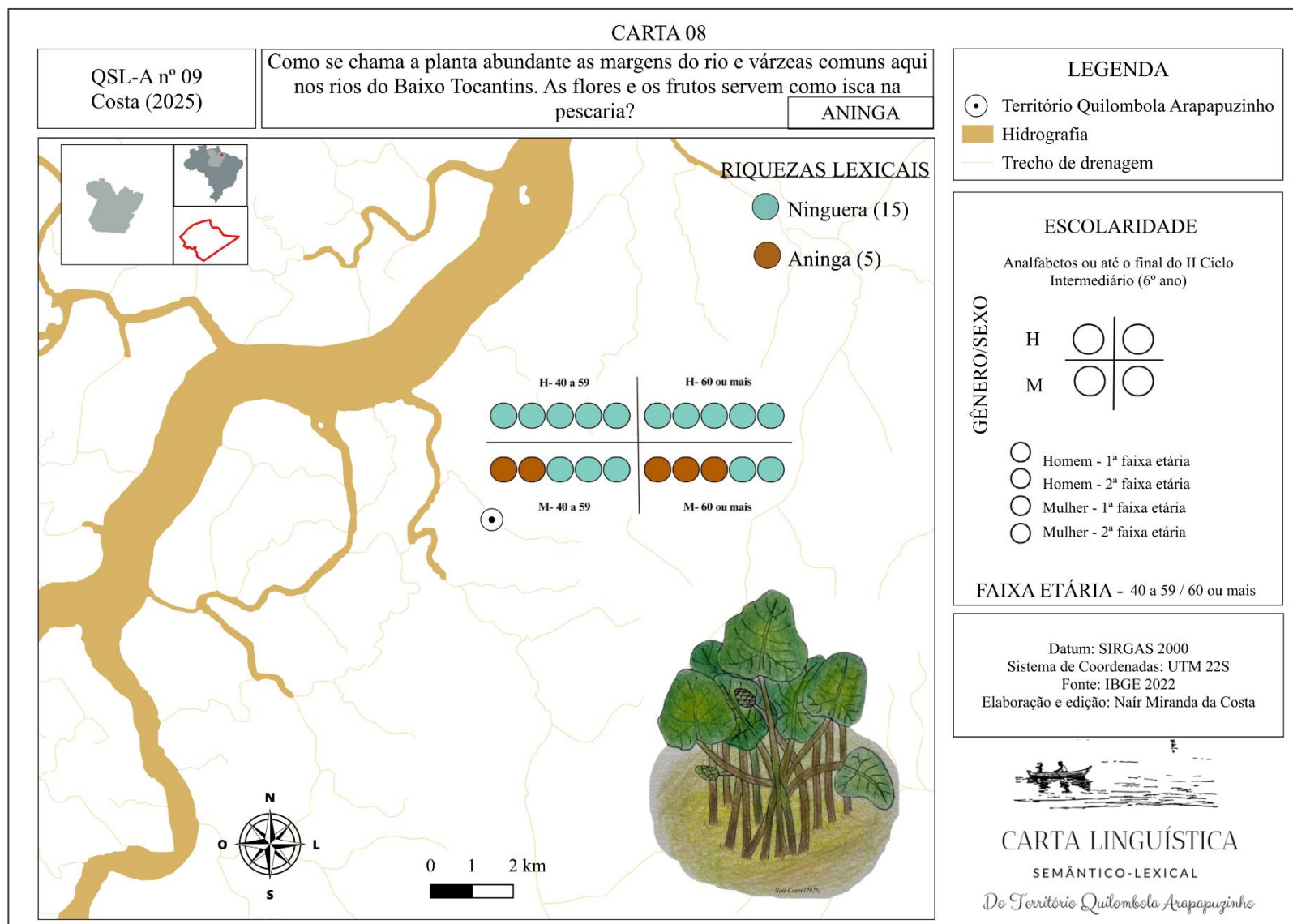
Neste sentido, a presença da variante **tronqueira** no território quilombola Arapapuzinho, mas sua ausência nos dicionários, revela a riqueza e a especificidade do vocabulário do *in loco* desta pesquisa, representando uma particularidade linguística que faz parte da identidade cultural e histórica deste território.

4.3.10 Aninga

Como se chama a planta abundante as margens do rio e várzeas comuns aqui nos rios do Baixo Tocantins. As flores e os frutos servem como isca na pescaria...

A questão de nº 09: *Como se chama a planta abundante as margens do rio e várzeas comuns aqui nos rios do Baixo Tocantins. As flores e os frutos servem como isca na pescaria...* Simbolizada na carta lexical 07, a questão resultou em duas variantes, a de maior frequência, **ninguera** (15 ocorrências) e a de menor frequência, **aninga** (5 ocorrências). Os moradores do território quilombola Arapapuzinho descrevem a **ninguera** como uma árvore tipicamente amazônica que faz parte da biodiversidade do território, a qual possui um fruto que contribui com alimentação dos peixes, havendo então seu aproveitamento para pesca. Portanto, a seguir podemos observar o registro da lexia **ninguera** conforme na carta linguística L08:

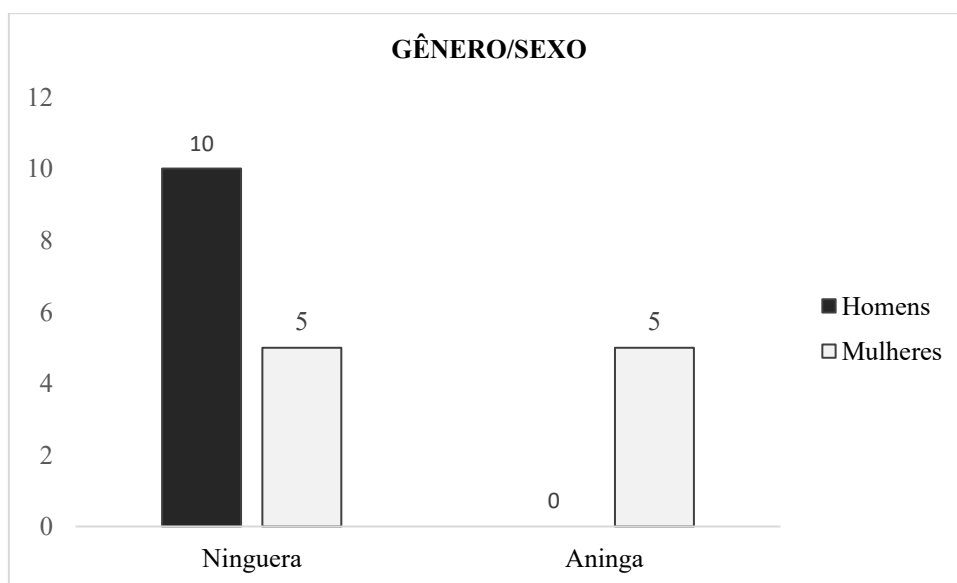
Figura 32- Carta L08/questão nº 09 do QSL-A (Aninga)



Na carta L08, a lexia de maior frequência registrada na fala de 75% dos entrevistados foi **ninguera**. No entanto, também foi mapeado a lexia **aninga** com frequência de 25% igual a variante proposta do QSL-A.

Do ponto de vista diasssexual, a lexia **ninguera** apresentou um quantitativo maior nas respostas dos entrevistados homens (10 ocorrências). Já entre as respostas das mulheres teve um quantitativo menor (5 ocorrências), assim podemos observar a preferência masculina pelo uso desta lexia. No que se refere a lexia **aninga** constatou-se que seu uso foi registrado somente entre as mulheres (5 ocorrências). Assim, a seguir podemos observar esses dados expressos no gráfico 11:

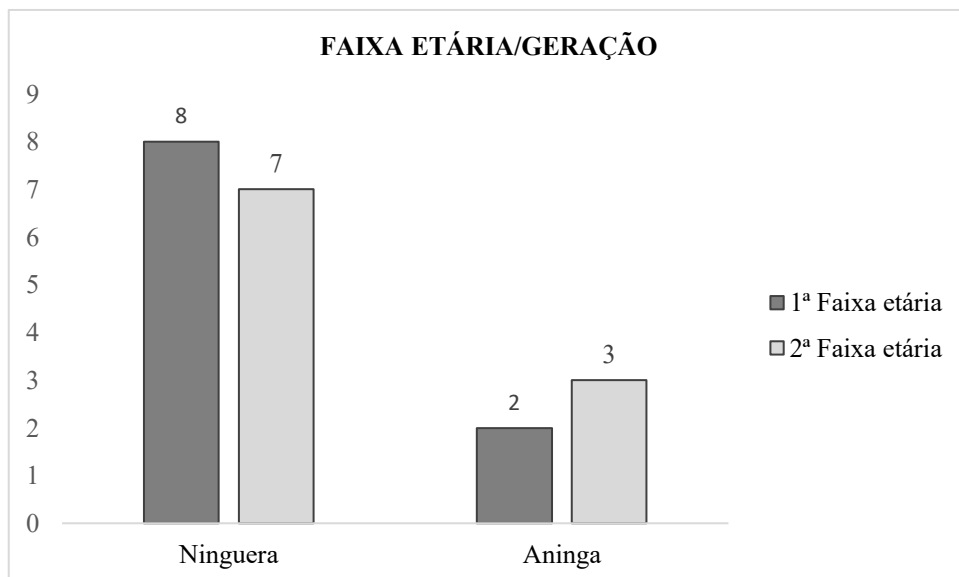
Gráfico 11: Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). - Carta L08/questão nº 09 do QSL-A (Aninga)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Na análise diageracional, a variante **ninguera** teve o registro de oito ocorrências na 1ª faixa etária e sete na 2ª faixa etária, indicando que o termo é amplamente utilizado em ambas as faixas etárias, com uma leve diminuição na frequência entre os mais velhos. Quanto a lexia **aninga**, foi possível mapear duas ocorrências na 1ª faixa etária e três na 2ª faixa etária, o que sugere que seu uso é mais presente entre os mais velhos, o que pode nos indicar que o manuseio desta planta esteja mais ligado aos contextos de prática dessa faixa etária. Diante disso, podemos observar esses dados ilustrados a seguir no gráfico 12:

Gráfico 12: Frequência total das lexias a respeito da faixa etária (diageracional). -Carta L08/questão nº 09 do QSL-A (Aninga)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Diante desse contexto, faremos um aprofundamento evidenciando a lexia de maior frequência, **ninguera**, com base nos estudos de Bechara (2011), contidos no Dicionário da Língua Portuguesa, e nas considerações de Oliveira (2015), no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense.

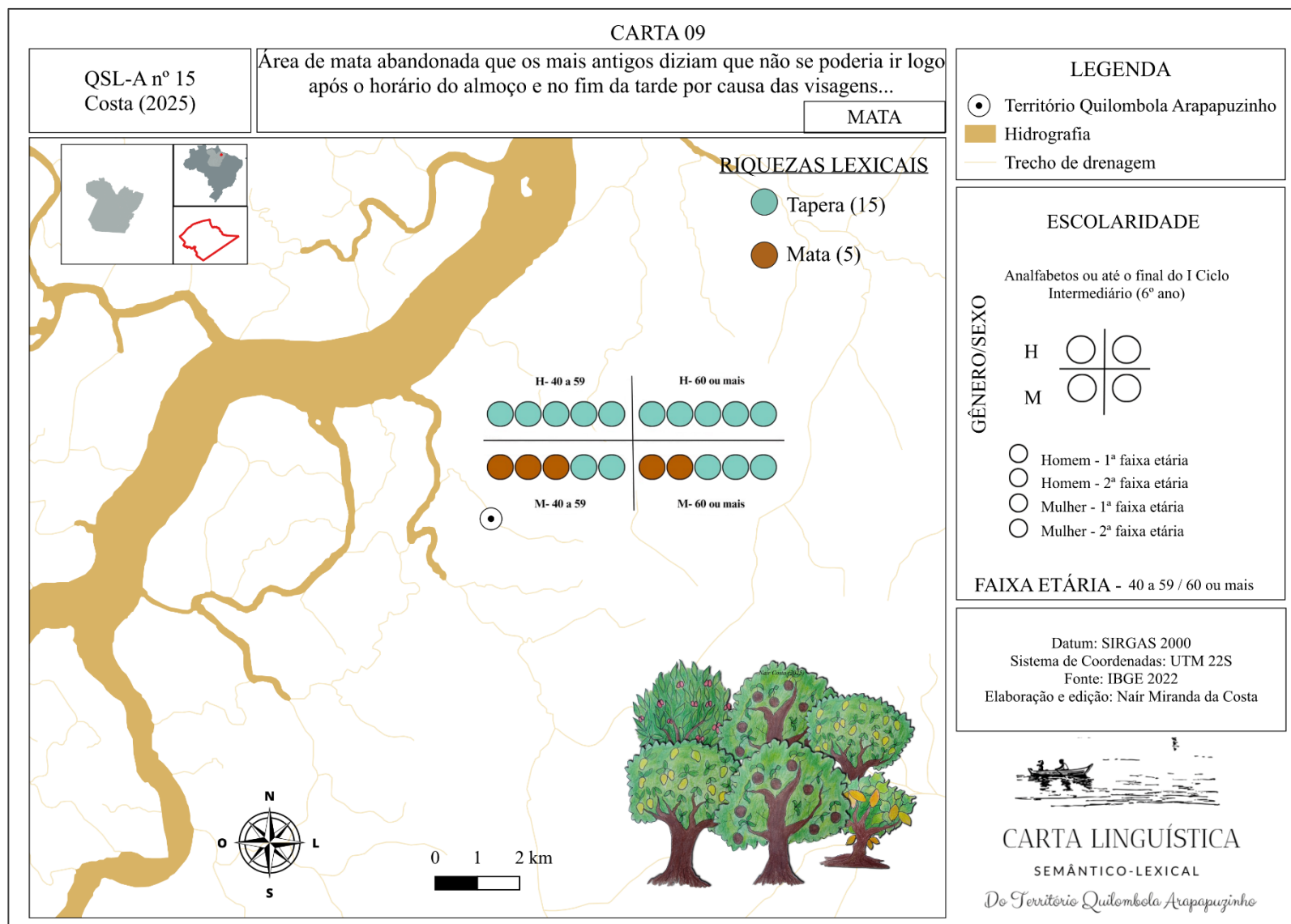
Conforme consultado no Dicionário da Língua Portuguesa não a registro da lexia **ninguera**, tampouco no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense, o que nos sugere a ausência da documentação da lexia **ninguera** tanto em fontes linguísticas de abrangência nacional quanto em registros específicos da região de Abaetetuba. Assim, o registro da variante **ninguera** na fala dos moradores do território quilombola Arapapuzinho nos revelar um vínculo com o contexto local, e com a identidade quilombola, pois está intimamente ligada as práticas de pertencimento cultural e linguístico do território.

4.3.11 Mata

Área de mata abandonada que os mais antigos diziam que não se poderia ir logo após o horário do almoço e no fim da tarde por causa das visagens...

Na carta de nº 09, representa a questão 15: *Área de mata abandonada que os mais antigos diziam que não se poderia ir logo após o horário do almoço e no fim da tarde por causa das visagens*. Apresentou duas variantes lexicais, **tapera** (15 ocorrências) e **mata** (5 ocorrências). No território quilombola Arapapuzinho encontramos várias **taperas** que ficam localizadas em torno das casas dos moradores, geralmente são propriedades deixadas de herança, que hoje representam a histórias e memórias do território quilombola. Desse modo, a seguir podemos observar o registro da lexia **tapera** mapeada na Carta Linguística semântico-lexical.

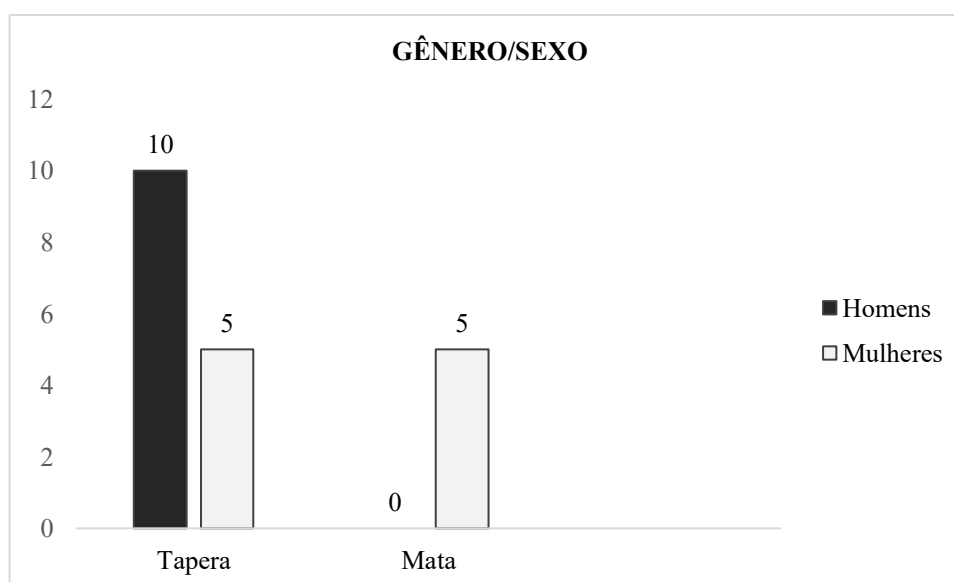
Figura 33- Carta L09/questão nº 15 do QSL-A (Mata)



Na carta L09, de maior frequência mapeada na fala dos entrevistados foi **tapera**, com registro de 75% para esta variante. Também, foram catalogadas a lexia **mata** (25%), sendo a última igual a proposta do QSL-A.

Do ponto de vista diasssexual, a lexia **tapera** apresentou um quantitativo expressivo nas respostas dos entrevistados homens (10 ocorrências), já na fala das mulheres quilombolas registrou-se um número menor (5 ocorrências), indicando uma preferência masculina por esse termo. Quanto a lexia **mata** obteve-se a ausência de resultado para esta lexia entre a fala dos homens e um quantitativo maior entre as mulheres (5 ocorrências), sugerindo que as mulheres podem associar mais esse termo ao seu contexto cultural. Assim, a seguir podemos observar esses dados expressos no gráfico 13:

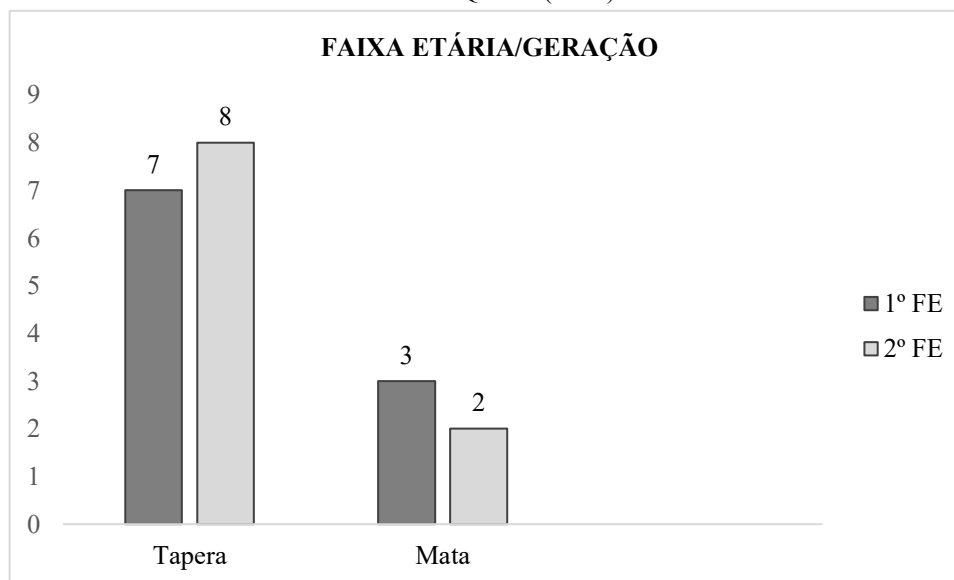
Gráfico 13: Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). - Carta L09/questão nº 15 do QSL-A (Mata)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Do ponto de vista diageracional, a variante **tapera** registrou sete ocorrências na 1ª faixa etária e oito na 2ª faixa etária, indicando que o termo é amplamente utilizado pelos entrevistados da 2ª faixa etária, com uma diminuição não tão significativa na frequência entre os mais novos. Quanto a lexia **mata**, foi possível mapear três ocorrências na 1ª faixa etária e duas na 2ª faixa etária, o que sugere que seu uso é mais presente entre os mais jovens, mas seu registro ainda é relativamente baixo em ambas as faixas etárias. Diante disso, podemos observar esses dados ilustrados a seguir no gráfico 14:

Gráfico 14: Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diageracional). - Carta L09/questão nº 15 do QSL-A (Mata)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Diante desse contexto, faremos um aprofundamento evidenciando a lexia de maior frequência (tapera) com base nos estudos de Bechara (2011), contidos no Dicionário da Língua Portuguesa, e nas considerações de Oliveira (2015), no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense.

De acordo com Bechara (2011, p. 1079), **tapera** significa “local abandonado”, estando em consonância com o significado empreendido no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense, o qual segundo Oliveira (2015, p.56) revela ser uma “habitação abandonada”. Para tanto, compreende-se que a lexia é reconhecida e documentada tanto em fontes linguísticas de abrangência nacional quanto em registros específicos da região de Abaetetuba.

Portanto, isso indica que, além de ser uma palavra documentada em fontes formais como o Dicionário da Língua Portuguesa e o Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, a variante **tapera** faz parte da linguagem cotidiana dos habitantes do Arapapuzinho, refletindo sua realidade cultural e ambiental. Assim, a presença da palavra na fala dos quilombolas do Arapapuzinho pode revelar um vínculo com o contexto local, embora esteja em conformidade com a língua portuguesa padrão e com o vocabulário regional, possui especificidades e variações que carregam a identidade cultural e as práticas da comunidade.

A seguir, partiremos para análise e descrição das riquezas lexicais registradas no campo semântico Utensílios domésticos: pesca, caça e roça.

4.4. CAMPO SEMÂNTICO: UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS: PESCA, CAÇA E ROÇA

O campo semântico utensílios domésticos: pesca, caça e roça foi construído para compor o QSL-A por meio das vivências no território quilombola Arapapuzinho. As visitas a comunidade permitiram observar que os elementos da pesca, da caça e da roça, fazem parte da identidade cultural e doméstica do território quilombola, uma vez que muitos dos utensílios desses três grupos são confeccionados pelas mãos quilombolas do Arapapuzinho, como uma prática herdada de seus antepassados. Diante disso, veremos neste campo semântico utensílios que fazem parte dos aspectos culturais e identitários do território.

A seguir apresentamos a tabela 7 que representa a descrição dos dados do campo semântico III- Utensílios domésticos: pesca, caça e roça, composto pelas questões de nº 21 a 35 propostas no QSL-A.

Tabela 7 - Campo semântico III- Utensílios domésticos: pesca, caça e roça

Questão	Variante do QSL-A	Nº Variantes registradas	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Ponto pesquisado Território Arapapuzinho
			Lexias	Efetivos reais	Efetivos percentuais	
21	Cesto	02	Aturá	18	90%	X
			Paneiro	02		
22	Cartucheira	01	Espingarda	20	100%	X
23	Canoa	02	Montaria	15	75%	X
			Casco	05		
24	Pia	01	Jirau	20	100%	X
25	Lamparina	02	Lamparina	13	65%	X
			Poronga	7		
26	Malhadeira	02	Malhadeira	17	85%	X
			Malha de pescar	03		
27	Prensa	01	Tipiti	20	100%	X
28	Matapi	01	Matapi	20	100%	X
29	Paneiro	01	Rasa	20	100%	X
30	Peneira	02	Peneira	19	95%	X
			Caroceira	01		
31	Pilão	01	Pilão	20	100%	X
32	Capturar	01	Gapuiar	20	100%	X
33	Casa de forno	01	Ritiro	20	100%	X

34	Crivo	01	Caroceira	20	100%	X
35	Tapagem	01	Mocooca	20	100%	X

Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

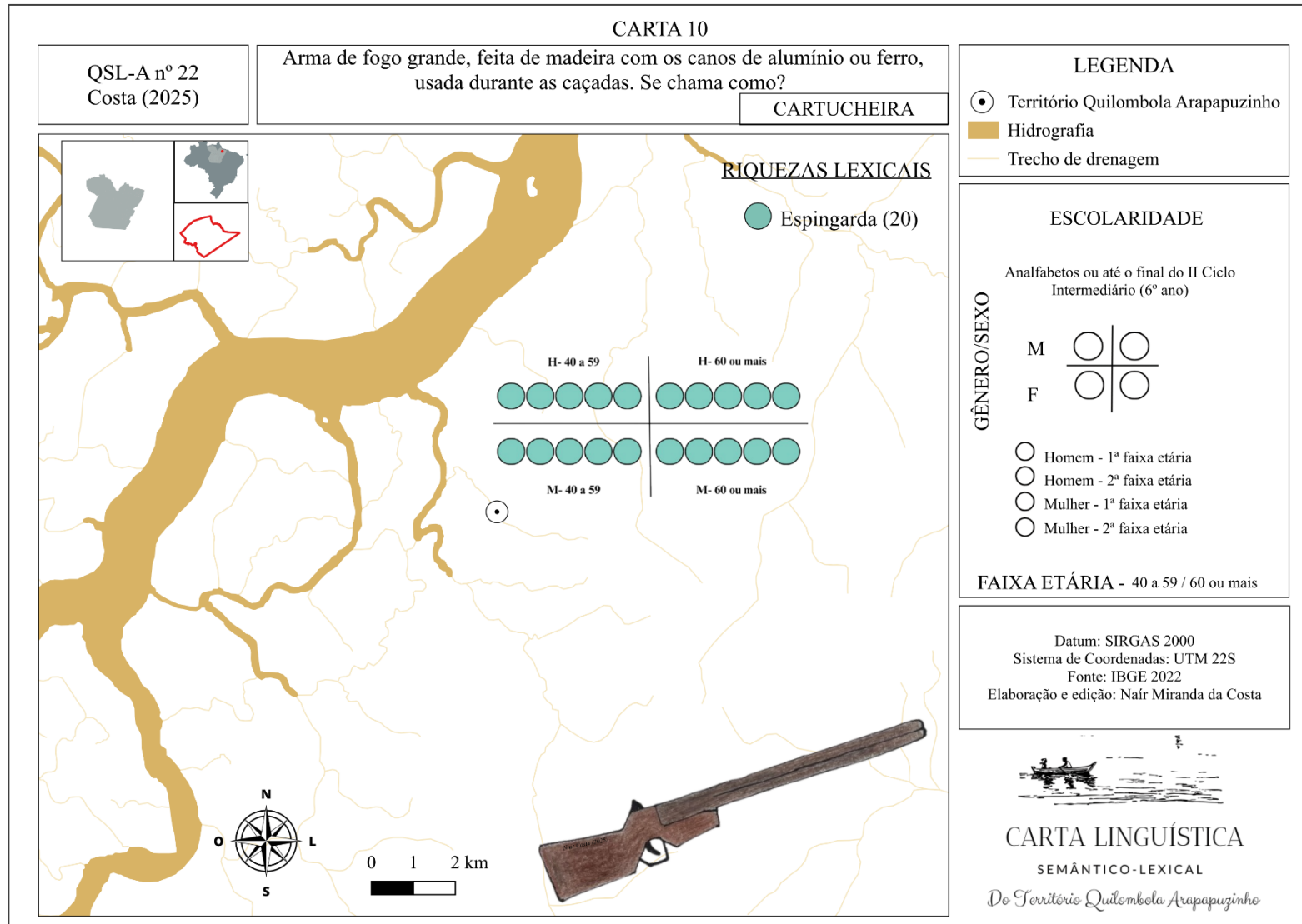
No terceiro campo semântico, exposto na tabela 7, foi possível analisar que as lexias de maior frequência registradas são **espingarda** (100%), **jirau** (100%), **tipiti** (100%), **rasa** (100%), **gapuiar** (100%), **ritiru** (100%), **caroceira** (100%), e **mocooca** (100%), todas diferentes das lexias sugeridas no QSL-A. São registradas, também, no campo semântico as lexias, **atorá** (90%) e **montaria** (75%). Além domais, enfatiza-se as lexias monolexicas encontradas, **matapi** (100%) questão nº 28, **pilão** (100%) questão nº 31, **peneira** (95%) questão nº 30, **malhadeira** (85%) questão nº 26, e uma lexias com registros percentuais menores que 75%, **lamparina** (65%) referente a questão nº 25. Diante disso, após a análise do campo semântico, a seguir serão descritas e analisadas das Cartas Linguísticas que resultaram neste campo semântico.

4.4.1 Cartucheira

Arma de fogo grande, feita de madeira com os canos de alumínio ou ferro, usada durante as caçadas. Se chama como?

Na análise da carta de nº 07 que ilustra as variantes da questão nº 22 do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A): *Arma de fogo grande, feita de madeira com os canos de alumínio ou ferro, usada durante as caçadas. Se chama como?* Foi registrada somente uma variante, **espingarda** (20 ocorrências), sendo totalmente diferente da lexia sugerida no QSL-A. De acordo com relato dos entrevistados a lexia **espingarda** trata-se de uma arma de fogo que era muito utilizada durante as caçadas a noite por antigos moradores, hoje não a necessidade do seu uso na comunidade. A seguir, pode-se analisar a carta lexical

Figura 34- Carta L10/questão nº 22 do QSL-A (Cartucheira)



Como pode-se observar na carta L10, houve o registro de uma lexia (espingarda) com registro de 100% para esta variante. O registro desta lexia nos mostra a unanimidade na fala dos entrevistados, sendo está totalmente diferente da variante proposta do QSL-A.

Na perspectiva diassexual, a lexia **espingarda** apresentou um quantitativo igual entre as respostas dos entrevistados homens (10 ocorrências), e das entrevistadas mulheres (10 ocorrências). De acordo com esses dados, as ocorrências foram registradas tanto na fala masculina quanto na fala. Assim, a análise, ao considerar o fator diassexual, reflete a representatividade lexical tanto do gênero/sexo masculino quanto feminino.

Quanto o ponto de vista diageracional, foram registradas as variantes com a mesma frequência na 1ª faixa etária (10 ocorrências) e na 2ª faixa etária (10 ocorrências). Assim, garantindo registros em ambas as faixas etárias.

Diante desse contexto, será realizado um aprofundamento na análise da lexia de maior frequência, **espingarda**. Essa abordagem será fundamentada nos estudos de Bechara (2011), apresentados no Dicionário da Língua Portuguesa, e nas considerações de Oliveira (2015), contidas no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense. Desta forma, seguimos a explorar o significado, a etimologia e os contextos de uso da lexia, relacionando-os às especificidades culturais e linguísticas do território quilombola Arapapuzinho.

De acordo com Bechara (2011, p. 601), **espingarda** significa “Arma de fogo com cano longo”, estando em consonância com o significado empreendido pelos moradores do Arapapuzinho. Já no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense de Abaetetuba, não a registro desta lexia. Para tanto, compreende-se que a lexia é documentada somente no registro de abrangência nacional, assim a ausência do termo em registros regionais destaca a importância de documentar palavras que fazem parte do vocabulário cotidiano das comunidades locais, não apenas para preservar a riqueza linguística da região, mas também reforçar sua identidade cultural.

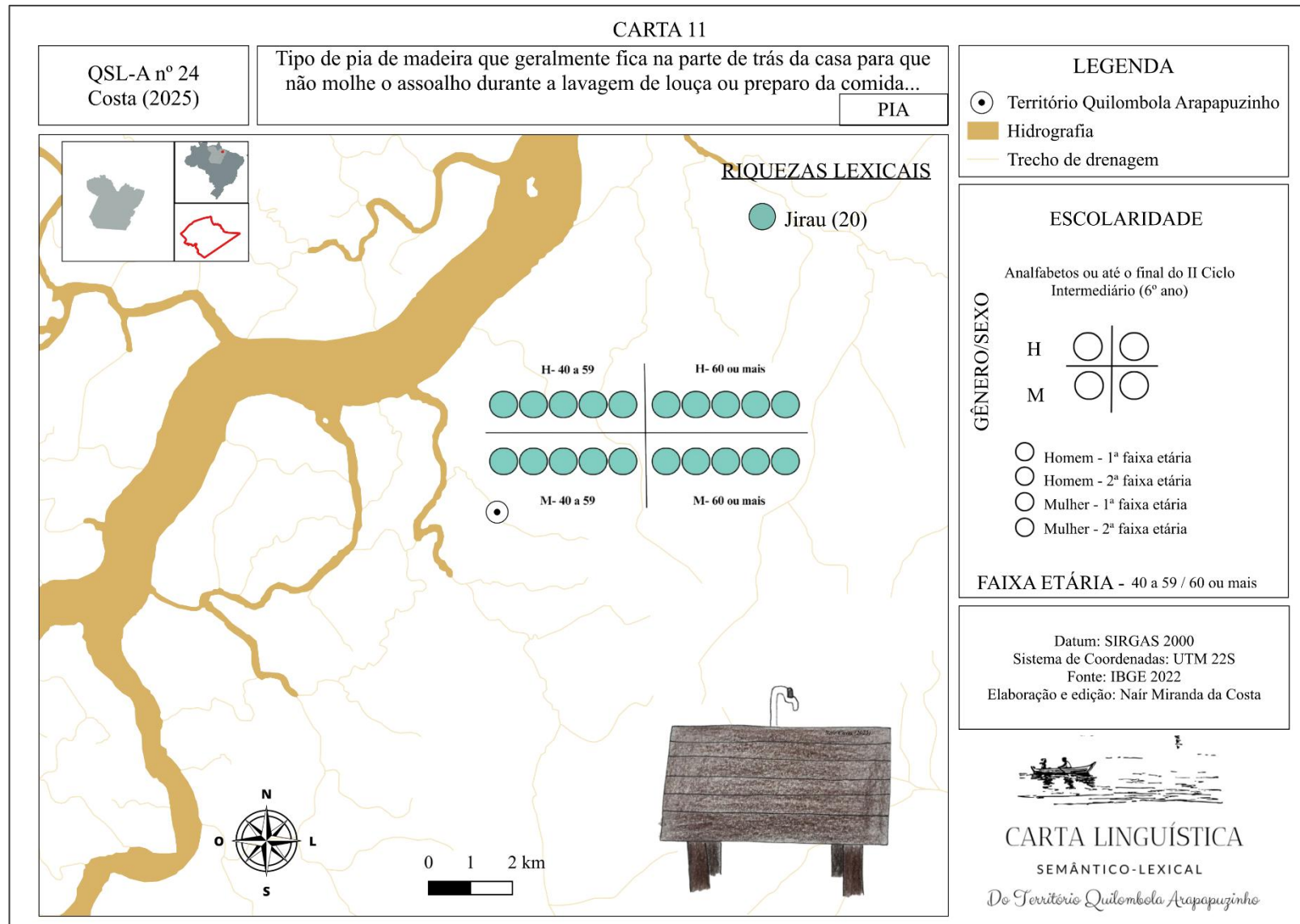
Portanto, essa análise evidencia a importância de um olhar mais atento às peculiaridades linguísticas regionais, fortalecendo a valorização cultural e histórica por meio do registro e estudo do vocabulário local.

4.4.2 Pia

Tipo de pia de madeira que geralmente fica na parte de trás da casa para que não molhe o assoalho durante a lavagem de louça ou preparo da comida...

Na questão de nº 24 do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A): *tipo de pia de madeira que geralmente fica na parte de trás da casa para que não molhe o assoalho durante a lavagem de louça ou preparo da comida...* Registrou-se uma lexia, **jirau** (20 ocorrências), sendo esta, diferente da opção sugerida no QSL-A. O **jirau** como é chamado pelos moradores do território quilombola Arapapuzinho é muito comum nas casas, geralmente ficam na área da cozinha ou no quintal, tendo duas funcionalidades, uma para o preparo dos alimentos, e outro para lavar as roupas e suporte para os baldes que armazenam água. Assim, podemos observar a seguir a distribuição destas lexias na carta L11:

Figura 35 - Carta L11/questão nº 24 do QSL-A (Pia)



Os dados distribuídos na carta linguísticas podemos apontar que houve o registro de apenas uma lexia (jirau) com percentual de 100% para esta variante. Ao analisarmos os dados na perspectiva diasssexual, observa-se que a variante **jirau** apresentou o quantitativo igual das respostas dos entrevistados homens (10 ocorrências), e das entrevistadas mulheres (10 ocorrências). Assim, ao considerar o fator diasssexual, tivemos a representatividade lexical tanto do gênero/sexo masculino quanto feminino.

Do ponto de vista diageracional, foram registradas as variantes com a mesma frequência na 1ª faixa etária (10 ocorrências) e na 2ª faixa etária (10 ocorrências). Assim, garantindo registros em ambas as faixas etárias.

Em seguida, ao analisar utilizando as considerações de Bechara (2011), no Dicionário da Língua Portuguesa, e os estudos de Oliveira (2015), contidas no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense, obtém-se uma análise mais aprofunda da lexia **jirau**.

No Dicionário da Língua Portuguesa, encontra-se registrado o termo **jirau**, *definido*, de acordo com Bechara (2011, p. 760) como uma “armação de madeira sobre a qual se identificam as casas em lugares úmidos ou passíveis de inundação”. Da mesma forma, no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, há averbação dessa lexia **jirau**, a qual segundo Oliveira (2015, p. 40), tem como descrição uma “espécie de pia de madeira bastante rustica, geralmente colocada na janela pela parte externa da casa, para que o assoalho não fique molhado na lavagem da louça”. Diante disso, nota-se que a variante **jirau** além de fazer parte das atividades do cotidiano das comunidades amazônicas, também está intimamente ligado ao legado cultural e identitários dos territórios tradicionais, um símbolo da relação entre o povo, a terra e a língua.

O registro da variante **jirau** tanto no Dicionário da Língua Portuguesa quanto no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense reforça a relevância de documentar o léxico como parte integrante do patrimônio linguístico e cultural dos territórios tradicionais, como os quilombolas. Portanto, o registro da palavra **jirau** contribui para a valorização da diversidade linguística e para a construção de uma memória lexical que representa as identidades e o pertencimento das comunidades.

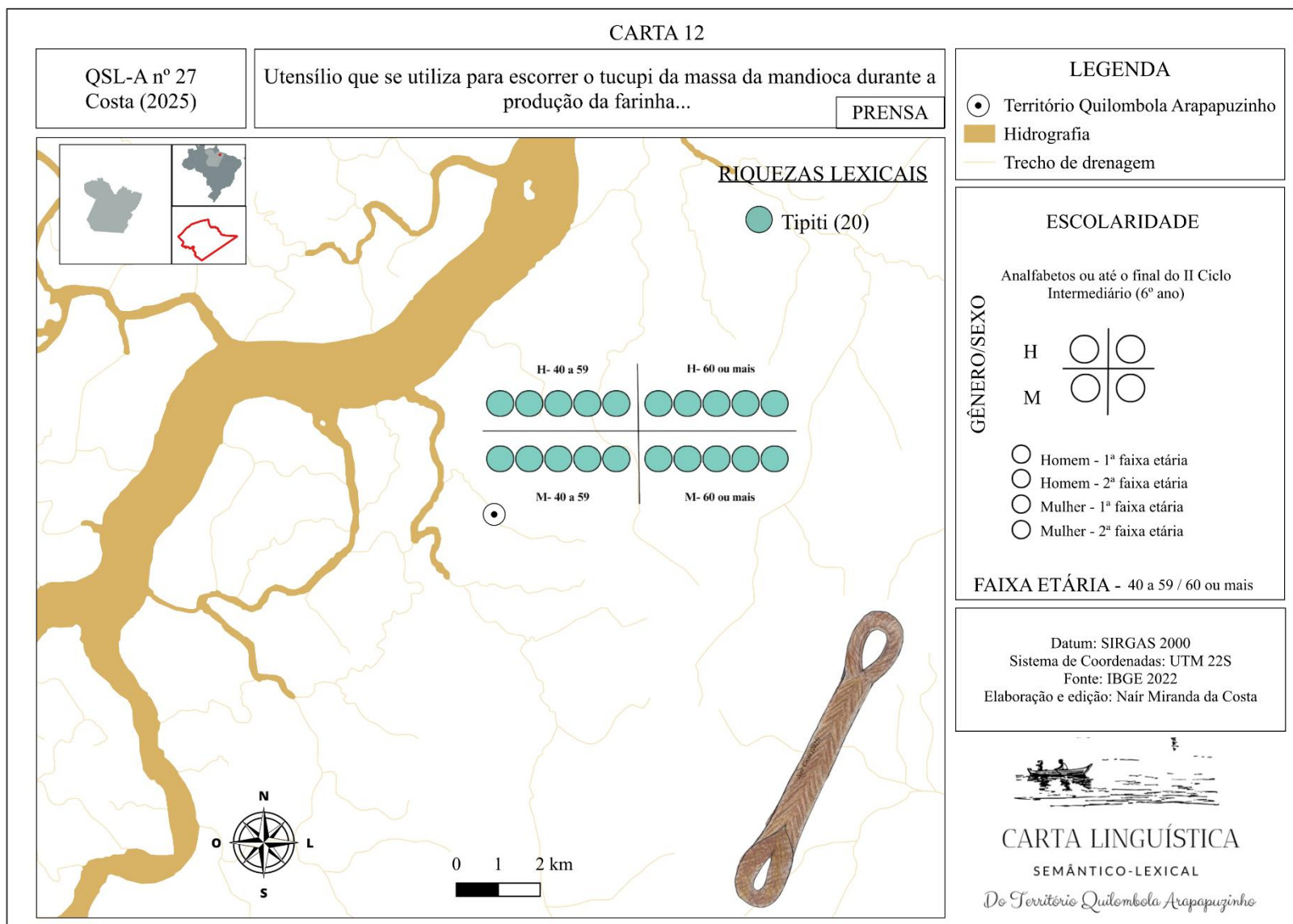
4.4.3 Prensa

Utensílio que se utiliza para escorrer o tucupi da massa da mandioca durante a produção da farinha ...

Na questão de nº 27 do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A): *Utensílio que se utiliza para escorrer o tucupi da massa da mandioca durante a produção da farinha...* Tivemos o registro da lexia **tipiti** com vinte ocorrências, no entanto, esta lexia é diferente da opção sugerida no QSL-A. De acordo com relatos dos moradores, o **tipiti** é um dos principais utensílios utilizados no processo de produção da farinha de mandioca, ou seja, este artefato faz parte da dinâmica cultural e socioeconomia do território, sendo confeccionado pelos próprios artesões do território quilombola Arapapuzinho, o que reforça ainda mais seu valor simbólico e identitário. Desta forma, o **tipiti** é mais do que um utensílio doméstico, uma vez que faz parte da identidade cultural e linguística dos povos tradicionais, pois seu uso e fabricação evidenciam a importância de valorizar essas riquezas culturais e linguísticas como patrimônio dos grupos acêntricos.

A seguir, observa-se a representação cartográfica dos dados desta lexia na carta L12:

Figura 36 - Carta L12/questão nº 27 do QSL-A (Prensa)



Ao analisarmos os dados da carta L12 do ponto de vista diasexual, podemos constatar uma distribuição igual entre homens (10 ocorrências) e mulheres (10 ocorrências), uma vez que houve uma distribuição igual diante deste critério. Assim, no estudo dos dados desta carta obtivemos a representatividade na fala tanto do gênero/sexo masculino quanto feminino.

Já a lexia **tipiti** na perspectiva diageracional, faz parte da fala dos entrevistados do território quilombola Arapapuzinho em ambas as faixas etárias. Conforme os dados expressos na carta, tanto os sujeitos que integram a 1ª faixa etária (40 a 59 anos) quanto os da 2ª faixa etária (60 anos ou mais) referem-se ao utensílio **tipiti** com a mesma variante, revelando uma continuidade lexical como parte do pertencimento linguístico do território. Desse modo, o registro de 100% da lexia **tipiti** pode ser considerado como uma lexia relevante na manutenção da resistência cultural e linguística e da valorização da memória coletiva dentro do território quilombola.

A respeito da variante **tipiti** em relação a análise realizada no Dicionário da Língua Portuguesa, foi possível encontrar o significado desta lexia, isto é, de acordo com Bechara (2011, p. 1093) **tipiti** é “cesto de palha, cilíndrico, onde se espreme a massa de mandioca”. Quanto ao Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, não encontramos verbetes de registro da lexia **tipiti**. Assim, é possível inferir que, embora a variante esteja dicionarizada ao conjunto da norma culta da língua portuguesa com um significado que condiz com o relato dos moradores a respeito do **tipiti**, sua ausência no registro do vocabulário regional do município de Abaetetuba pode indicar uma lacuna no levantamento lexical regional das comunidades tradicionais, pois isso reforça a importância de pesquisas de campo que visem mapear especificidades léxicas regionais, assim como este estudo.

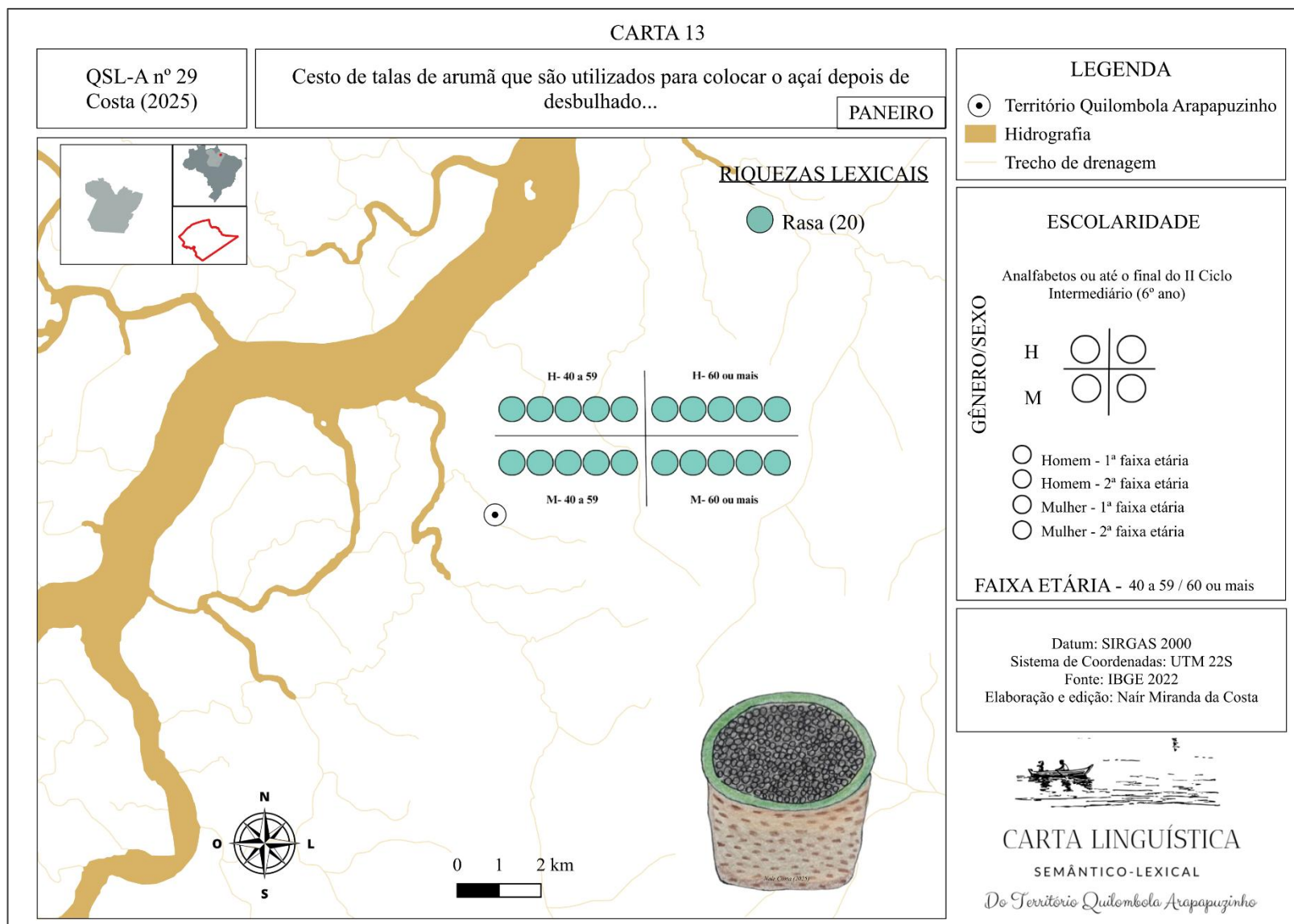
4.4.4 Paneiro

Cesto de talas de arumã que são utilizados para colocar o açaí depois de desbulhado...

A questão nº 29 do Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A), que indaga: "*Cesto de talas de arumã que são utilizados para colocar o açaí depois de desbulhado...*", revelou uma variante pela comunidade: **rasa** (com 20 ocorrências) totalmente diferente da opção originalmente sugerida no questionário. De acordo com os moradores, a **rasa** é um objeto tradicionalmente utilizado pelos moradores para armazenar e medir o açaí para revenda, este objeto é produzido pelas mãos quilombolas do território e faz parte da socioeconomia das artesãs que ainda produzem este utensílio. Desta forma, a *rasa* faz parte dos objetos significativos da história e da identidade do território quilombola Arapapuzinho.

A seguir, observa-se a distribuição destas lexias na carta L13:

Figura 37 - Carta L13/questão nº 29 do QSL-A (Paneiro)



Ao analisarmos os dados da carta L13 no que se refere ao gênero/sexo (diassexual) podemos constatar uma distribuição igualitária dos registros da lexia **rasa** na fala dos homens (10 ocorrências) e na fala das mulheres (10 ocorrências). Assim, caracterizando o registro homogêneo da representação de ambos os gêneros/sexo.

Quanto a averiguação considerando os critérios de faixa etária (diageracional), observamos que houve a participação equilibrada entre a 1ª faixa etária (40 a 59 anos) e a 2ª faixa etária (60 anos a mais). Desse modo, os dados descritos anteriormente, apresentam que a variante **rasa** é falada frequentemente pelos moradores do território quilombola Arapapuzinho, nos revelando como lexia específicas dessa localidade, que, por meio da fala, refletem aspectos de identidade e cultura do território quilombola.

Ao utilizarmos os estudos de Bechara (2011) no Dicionário da Língua Portuguesa e as considerações de Oliveira (2015), contidas no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense, para aprofundamento da análise na perspectiva de registros em âmbito nacional e regional, podemos constatar a ausência da lexia **rasa** em ambas as obras. Neste sentido, essa lacuna nos revela além da insuficiência dos registros lexicográficos que contemplem as riquezas lexicais dos territórios tradicionais, como também nos reforça a necessidade de mapeamentos linguísticos afim de valorizar os saberes linguísticos, culturais e identitários nas produções acadêmicas.

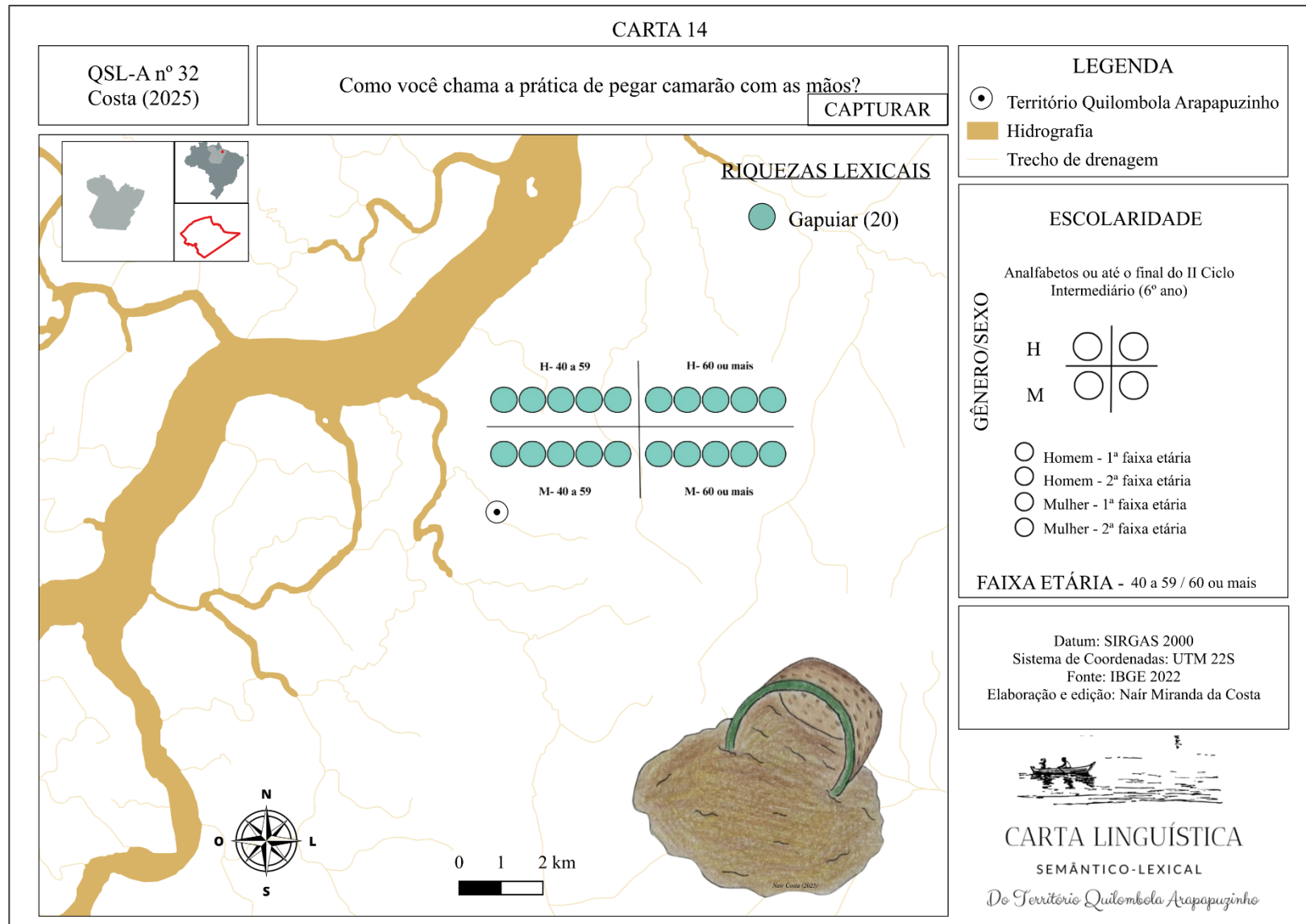
4.4.5 Capturar

Como você chama a prática de pegar camarão com as mãos?

No que se refere a questão de nº 32 do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A): *Como você chama a prática de pegar camarão com as mãos?* Foi mapeado somente a variante lexical, **gapuiar** (20 ocorrências), sendo está totalmente diferente da opção sugerida no QSL-A (capturar). Segundo as narrativas contadas pelos entrevistados, a prática de **gapuiar** faz parte das atividades econômicas e de sustento alimentar dos moradores, uma vez que se refere em prática de pegar camarão com as mãos e o auxílio de uma rasa nas áreas alagadas de baixa maré, onde os camarões ficam presos após as altas mares do rio. Assim, a lexia **gapuiar** representa o falar dos vinte (20) sujeitos que contribuíram com este estudo.

A seguir, podemos visualizar a distribuição dos dados da questão 24 na carta nº14:

Figura 38 - Carta L14/questão nº 32 do QSL-A (Capturar)



Na aplicação do QSL-A a variante **gapuiar** prevaleceu na fala dos moradores do território quilombola Arapapuzinho, com 100% de ocorrência para esta variante. A respeito da análise do ponto de vista diasssexual foi constatado que homens e mulheres entrevistados mencionaram a lexia com a mesma frequência, totalizando dez ocorrências entre os homens e dez ocorrências entre as mulheres. Desta maneira, o equilíbrio percentual dentre os dois gêneros/sexo evidencia uma representatividade homogêneo nesta categoria.

Da mesma forma, ao analisar a dimensão diageracional, verificou-se que a frequência de ocorrência foi similar na 1ª e a 2ª faixas etárias, ambas com dez registros cada. Portanto, as análises revelam que, independentemente do gênero ou da faixa etária dos entrevistados, a lexia foi utilizada de maneira uniforme.

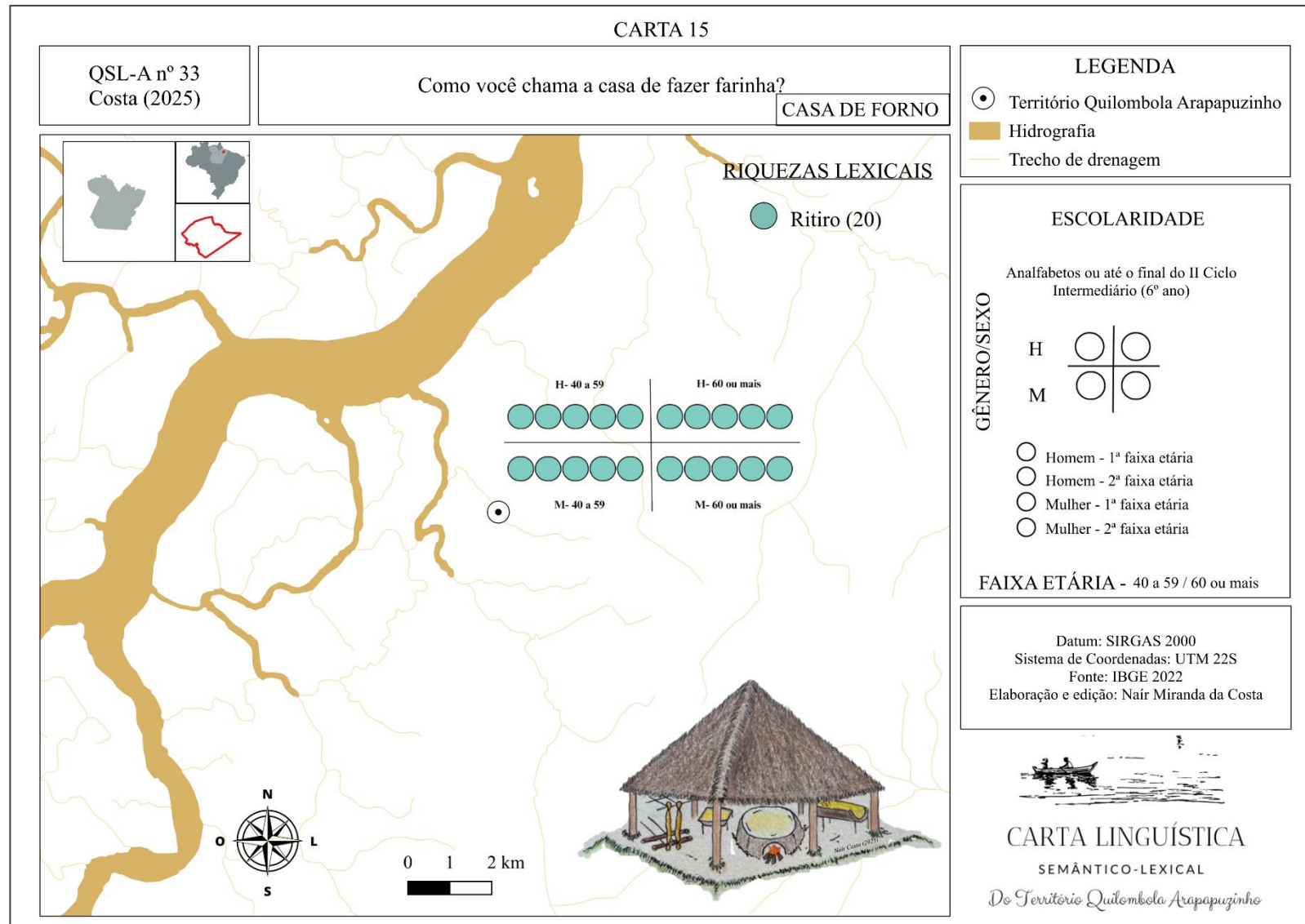
Com base nisso, direcionamos nossa análise da lexia **gapuiar** fundamentada no Dicionário da Língua Portuguesa de Bechara (2011) e no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense de Oliveira (2015), a fim de constatar se a registro desta variante. No Dicionário da Língua Portuguesa, não encontramos a lexia **gapuiar**, tampouco no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, não encontramos registro desta lexia. Portanto, está ausência nos principais registros lexicográficos indica que **gapuiar** é uma variante que representa o falar dos quilombolas do Arapapuzinho, possivelmente limitada a comunidades específicas da região do Baixo Tocantins.

4.4.6 Casa de forno

Como você chama a casa de fazer farinha?

A questão nº 33 do Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A), que indaga: “*Como você chama a casa de fazer farinha?*” teve como resposta uma lexia: **ritiro** (com 20 ocorrências), sendo divergente da opção originalmente sugerida no questionário. Os moradores do Arapapuzinho narram que o **ritiro** é um espaço construído pelos próprios moradores com troncos de árvores, os quais servem como pilar e com folhas de palha para cobrir o teto, além disso no interior do **ritiro**, encontram-se os instrumentos típicos do processo de fabricação da farinha, como o tipiti, forno de barro com o tacho, a peneira, o rodo de mexer a farinha no tacho e o local para armazenar o produto. Desta forma, o **ritiro** além de ser um espaço de intenso trabalho coletivo está entre os espaços significativos de pertencimento de identidade do território quilombola Arapapuzinho. A seguir, observa-se a distribuição destas lexias na carta L15:

Figura 39 - Carta L15/questão nº 33 do QSL-A (Casa de forno)



Nos dados apresentados na carta L15 a lexia de maior frequência foi **ritiro** conforme as respostas dos entrevistados, com evidência de 100% de ocorrência. No enfoque diasssexual, a lexia **ritiro** foi registrada tanto nas falas masculinas quanto nas femininas com a mesma representatividade, tendo em vista um percentual de 50% em ambos os gêneros/sexo. Na visão diageracional, a variante **ritiro** registrou dez ocorrências na 1ª faixa etária e dez ocorrências na 2ª faixa etária, evidenciando no uso desta variante igual entre as duas faixas etárias. Diante disso, podemos observar que a uma proporção lexical equilibrada, constatando que a lexia **ritiro** integra as riquezas lexicais empregadas por homens e mulheres de diferentes faixas etárias do vocabulário no território estudado.

Quanto a análise da lexia **ritiro** com base nos estudos de Bechara (2011) no Dicionário da Língua Portuguesa e de Oliveira (2015), contidas no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense, podemos enfatizar que não há registro desta variante com o significado atribuído pelos moradores do território quilombola Arapapuzinho. Diante disso, o não registro da lexia **ritiro** evidencia o significado regional e específico da lexia **ritiro** no contexto do território quilombola Arapapuzinho, nos mostrando a necessidade de registros linguístico-cultural local, como forma de contribuir com a inserção desses patrimônios lexicais nos repertórios lexicográficos da região do Baixo Tocantins.

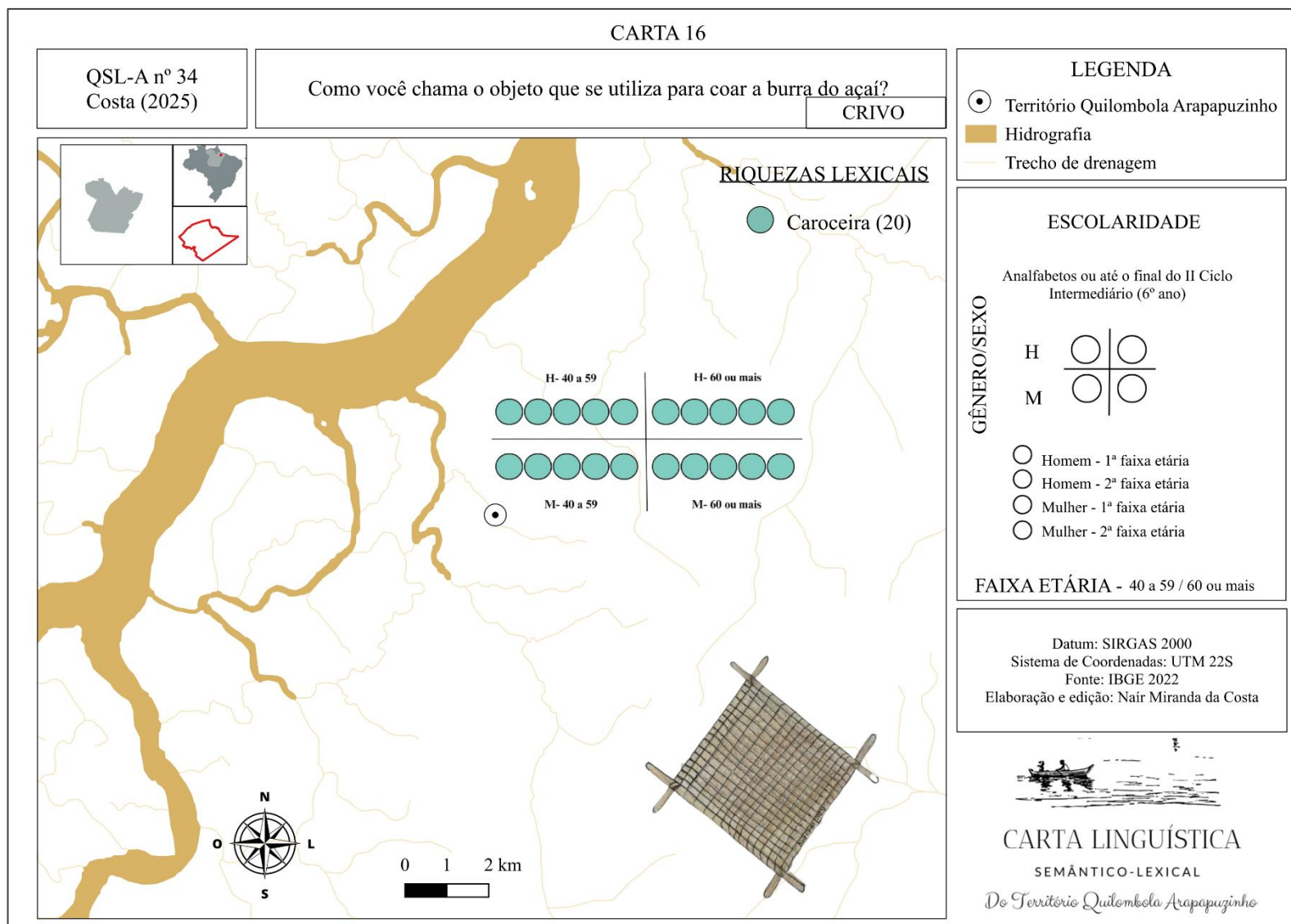
4.4.7 Crivo

Como você chama o objeto que se utiliza para coar a burra do açaí?

A questão de nº 34: *Como você chama o objeto que se utiliza para coar a burra do açaí?* Registrou a lexia **caroceira** (20 ocorrências), a qual comparada a opção sugerida no QSL-A (crivo) é completamente diferente. Desta forma, segundo os moradores do território a **caroceira** é uma espécie de peneira tecida com tala de arumã, planta está comum nos plantios dos moradores, assim a **caroceira** é utilizada para coar o resido mais grosso do açaí, sua característica diferente da peneira tradicional são os entrelaçados mais abertos.

A seguir, podemos observar na carta L16 ilustra os dados descritos na perspectiva diatópica

Figura 40 - Carta L16/questão nº 34 do QSL-A (Peneira)



A carta L16 representa o mapeamento linguístico, o qual na questão nº 34, coletou de uma lexia: **caroceira** com frequência 100% na fala dos entrevistados do território quilombola Arapapuzinho. Além disso, ao analisarmos da composição diasssexual, observamos que entre os homens e as mulheres houve o registro percentual igual para esta lexia, sendo este 50% para os homens e 50% para as mulheres. Para tanto, registrou-se a ocorrência tanto na fala de homens quanto na de mulheres, caracterizando a igualdade de registros para esta lexia, não sendo assim exclusivos de um único grupo de gênero/sexo.

Do ponto de vista diageracional, houve a representação linguística da ocorrência **caroceira** igual entre as duas faixas etárias. Isto é, para a 1ª faixa etária houve o registro de dez ocorrências para **caroceira** e na 2ª faixa etária também registrou-se dez ocorrências. Tendo assim, uma unanimidade expressiva e igual nas duas faixas etárias sugeridas nesta pesquisa.

Em relação a análise utilizando o Dicionário da Língua Portuguesa, não foram encontrados registros da variante **caroceira**. Da mesma forma, ao consultar o Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, não constou-se a averbação da lexia **caroceira**. Neste sentido, a variante **caroceira** não se encontra documentada em obras lexicográficas de alcance nacional e nem regional, que são os casos das duas bases teóricas utilizadas para análise.

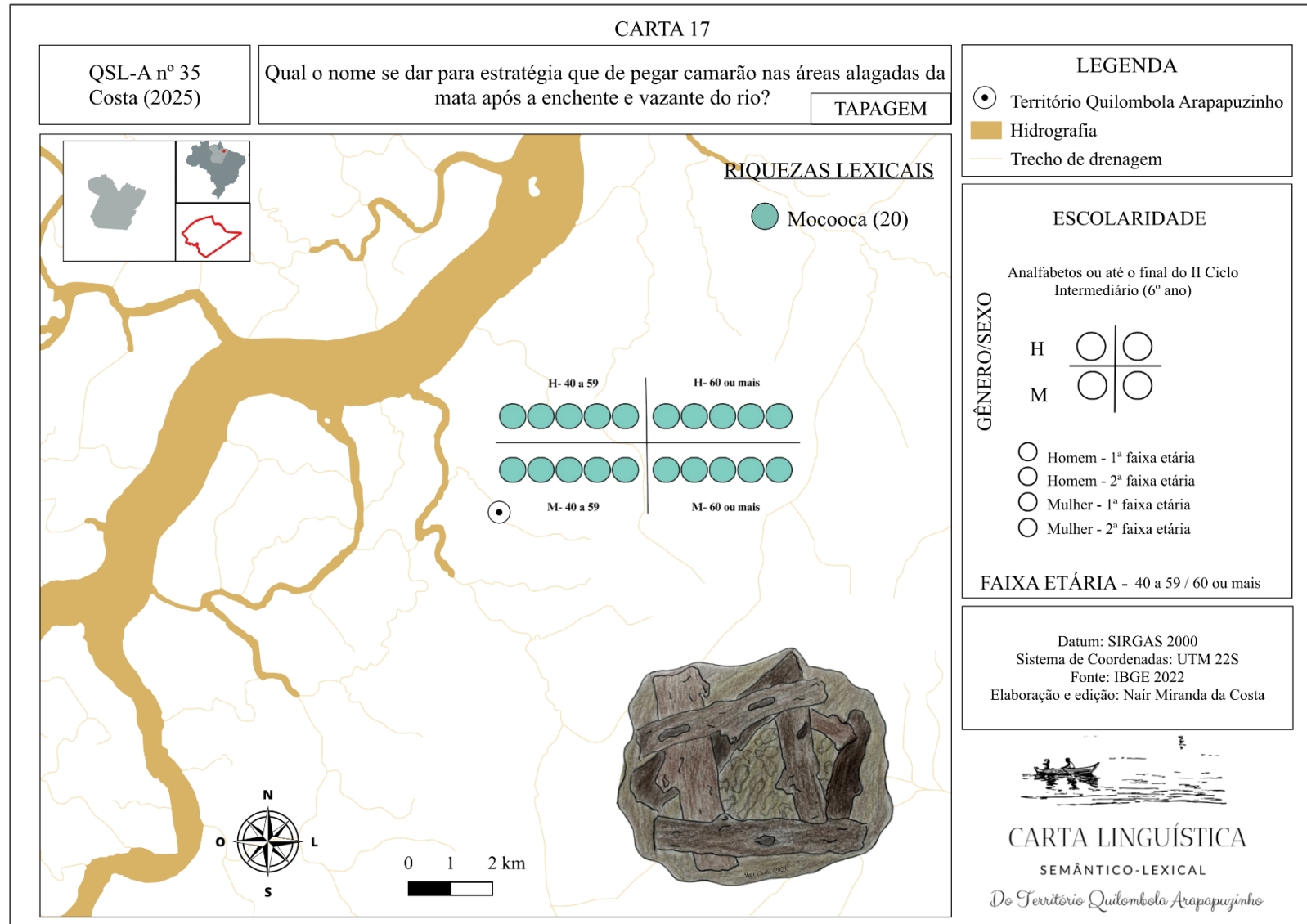
No entanto, a palavra faz parte do contexto linguístico e cultural do falar do território quilombola Arapapuzinho, o que nos leva refletir o uso desta lexia **caroceira**, como específica da fala dos moradores do ponto de inquérito, podendo ser considerada como parte da identidade e vivência cultural do território.

4.4.8 Tapagem

Qual o nome se dar para estratégia que de pegar camarão nas áreas alagadas da mata após a enchente e vazante do rio?

A questão de nº 35: *Qual o nome se dar para estratégia que de pegar camarão nas áreas alagadas da mata após a enchente e vazante do rio?* Mapeou a lexia **mocooca**, a qual teve vinte ocorrências, isto é, quando comparada a sugestão doo QSL-A é completamente divergente. Diante disso, os moradores do território explicam que durante as pescarias nas áreas de baixa maré, onde ficam pequenas poças de água, é realizada a estratégia chamada de **mocooca**, a qual é a atividade de tapar com troncos de pau a passagem dos peixes, realizando uma barreira para que eles sejam capturados. A seguir, podemos observar a ilustração na carta L17:

Figura 41 - Carta L17/questão nº 35 do QSL-A (Tapagem)



A lexia registrada na carta L17 foi **mocooca** com frequência 100% na fala dos entrevistados do território quilombola Arapapuzinho. Considerando na análise o ponto de vista diassexual, obtivemos um número de ocorrências igual para a lexia **mocooca**, entre as respostas dos homens foram dez ocorrências e entre as respostas das mulheres foram dez ocorrências também. Quanto a perspectiva diageracional, tanto na 1ª faixa etária quanto na 2ª faixa etária houve o registro de dez ocorrência da lexia **mocooca**, gerando um percentual de 50% igual em ambas as faixas etárias. Desta forma, analisou-se que houve um percentual homogêneo no que se refere à vista diassexual e diageracional, totalizando na evidência de 100% de porcentagem para variante **mocooca**.

Em relação a análise utilizando o Dicionário da Língua Portuguesa e o Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, constou-se a ausência do registro da variante **mocooca** em ambas as obras, o que nos leva a interpretar esta variante considerando seus aspectos atrelados ao significado empregado pelos moradores do território Arapapuzinho, como variante específica do falar quilombola do Arapapuzinho.

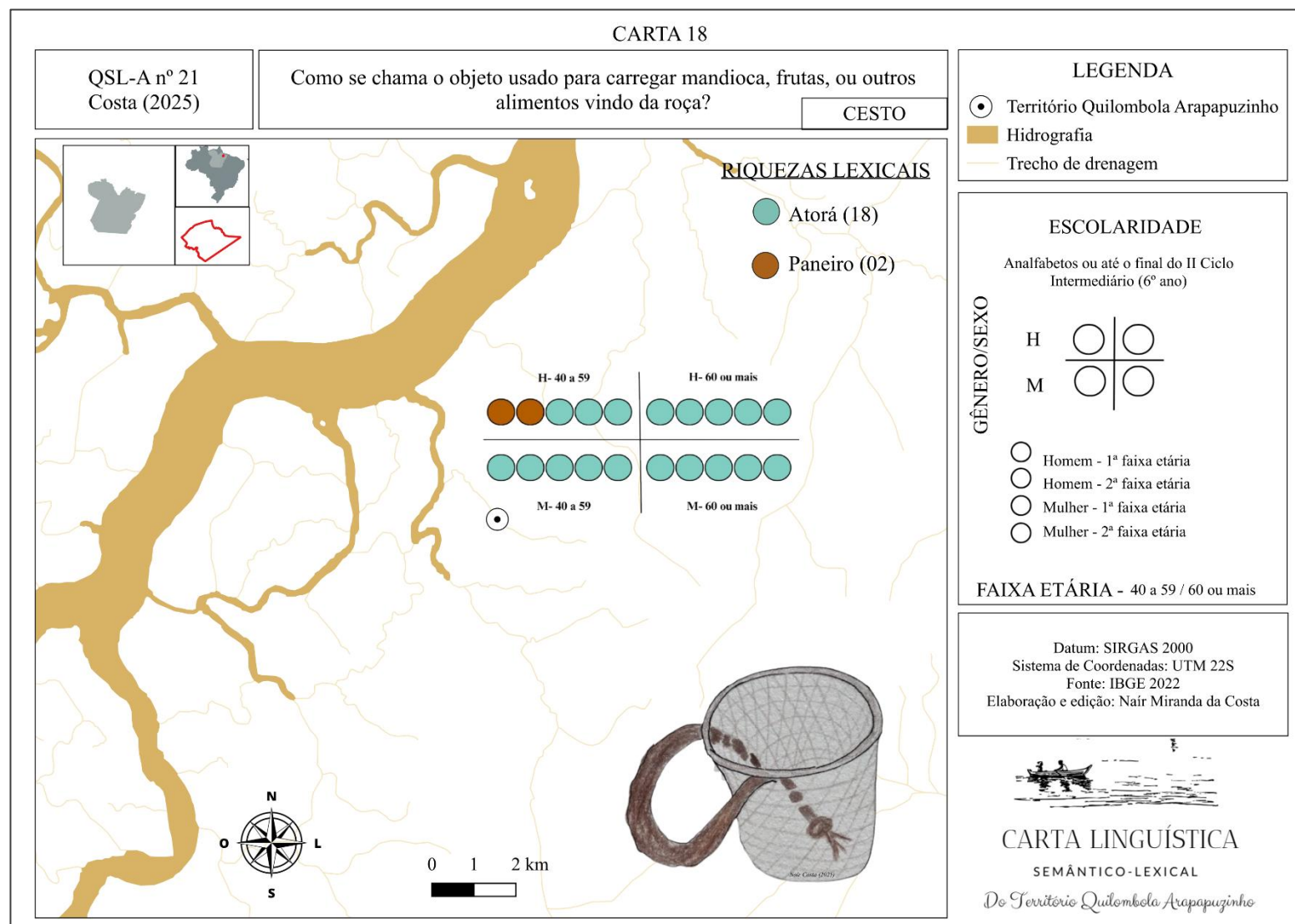
4.4.9 Cesto

Como se chama o objeto usado para carregar mandioca, frutas, ou outros alimentos?

A questão de nº 21 do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A): *Como se chama o objeto usado para carregar mandioca, frutas, ou outros alimentos vindos da roça?* Registrou-se duas variantes, **atorá** (18 ocorrências) e **paneiro** (2 ocorrências) ambas diferente da opção sugerida no QSL-A. Segundo os moradores o **atorá** é utilizado para transportar mandioca ou frutas pelos moradores após retornarem da roça para suas casas, o objeto possui uma alça grande colocada da testa para as costas com auxílio de um pano. Desta forma, objetos como estes fazem parte da história do território quilombola, pois ainda é utilizado e preservado pelos moradores.

A seguir, observa-se a distribuição destas lexias na carta L18

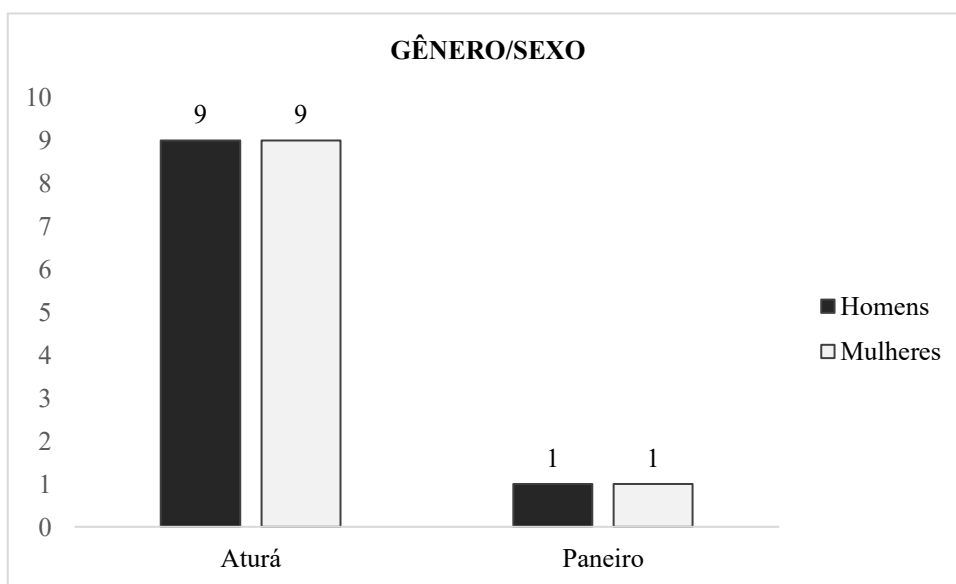
Figura 42 - Carta L18/questão nº 21 do QSL-A (Cesto)



No mapeamento descrito na carta L08 alexia de maior frequência foi **atorá** entre as respostas dos entrevistados, com evidência de 90% de ocorrência. Registrou-se, também, a lexia **paneiro**, com frequência de 10%, ambas as variantes são diferentes da proposta do QSL-A.

O enfoque diassexual, nos mostrou que a lexia de maior frequência (atorá) se sobre saiu na fala dos entrevistados de ambos os gêneros/sexos, entre os homens (9 ocorrências) e entre as respostas das participantes mulheres (9 ocorrências) também. Quanto a lexia de menor frequência (paneiro) o número de registro foi igual entre homens e mulheres (Homem: 1 ocorrência; mulher: 1 ocorrência). Observa-se, portanto, esses dados representados a seguir no gráfico 15:

Gráfico 15: Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). - Carta L18/questão nº 21 do QSL-A (Cesto)



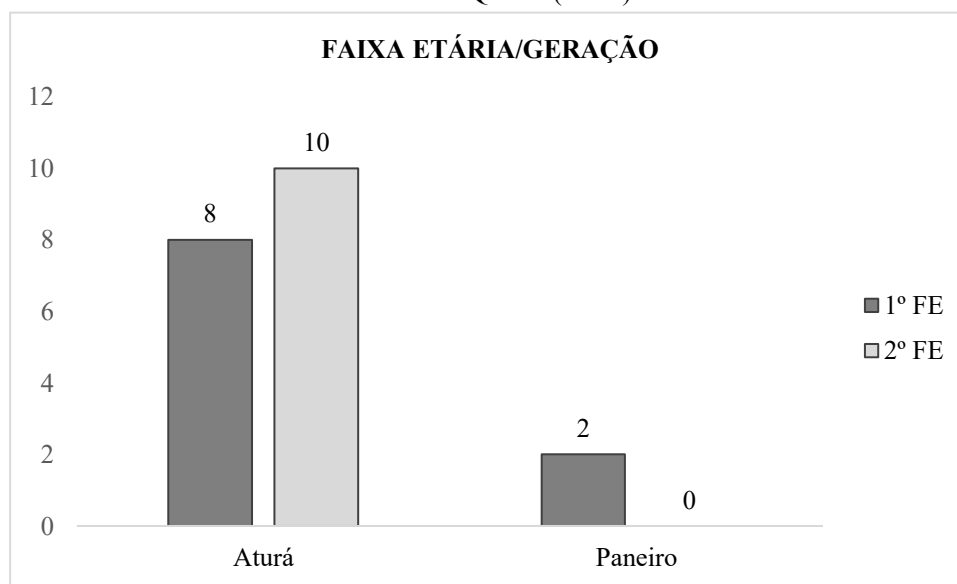
Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

De acordo com os dados apresentados, as lexias **atorá** e **paneiro** foram registradas tanto nas falas masculinas quanto nas femininas, apesar do registro ser menor na lexia **paneiro**, demonstrando sua utilização comum e transversal entre os gêneros. Essa constatação reforça que ambos os termos possuem relevância lexical compartilhada no contexto analisado, independentemente do gênero/sexo dos falantes. Diante disso, ao considerar o fator diassexual, a análise reflete uma representatividade lexical equilibrada, evidenciando que essas lexias são elementos linguísticos amplamente reconhecidos e empregados por homens e mulheres, o que enriquece a compreensão sobre o uso do vocabulário no território estudado.

Os dados apontam que na visão diageracional, a variante **atorá** registrou oito ocorrências na 1ª faixa etária e dez ocorrências na 2ª faixa etária, evidenciando no uso desta

variante mais entre os mais velhos. Quanto a lexia **paneiro** obteve o resultado de duas ocorrências somente na 1ª faixa etária, o que mostra que apesar desta lexia ser de menor frequência só houve registros entre os mais novos. Desta maneira, a seguir podemos observar esses resultados ilustrados no gráfico 16:

Gráfico 16: Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L18/questão nº 21 do QSL-A (Cesto)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Com os dados descritos aprofundaremos a análise da lexia de maior frequência **atorá** com base nos estudos de Bechara (2011) no Dicionário da Língua Portuguesa e de Oliveira (2015), contidas no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense.

No Dicionário da Língua Portuguesa, não encontramos o registro da lexia **atorá**. No entanto, no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, encontramos o registro da lexia **atorá**. Segundo Oliveira (2015, p. 30), a variante significa “Espécie de utensílio usado para transporte de farinha, frutas, legumes e outros gêneros de alimentos”. Diante disso, a análise aponta que a ausência do termo **atorá** no Dicionário da Língua Portuguesa e sua presença no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba destaca a diferença entre o vocabulário utilizado em contextos nacionais e regionais, ou seja, indica que termos específicos de certas comunidades podem não ser amplamente reconhecidos em dicionários de referência nacional, revelando lacunas na documentação linguística.

Desse modo, a análise da lexia **atorá** nos revela a necessidade de reconhecimento e valorização das particularidades linguísticas locais para uma representação mais precisa e inclusiva da diversidade cultural e linguística brasileira.

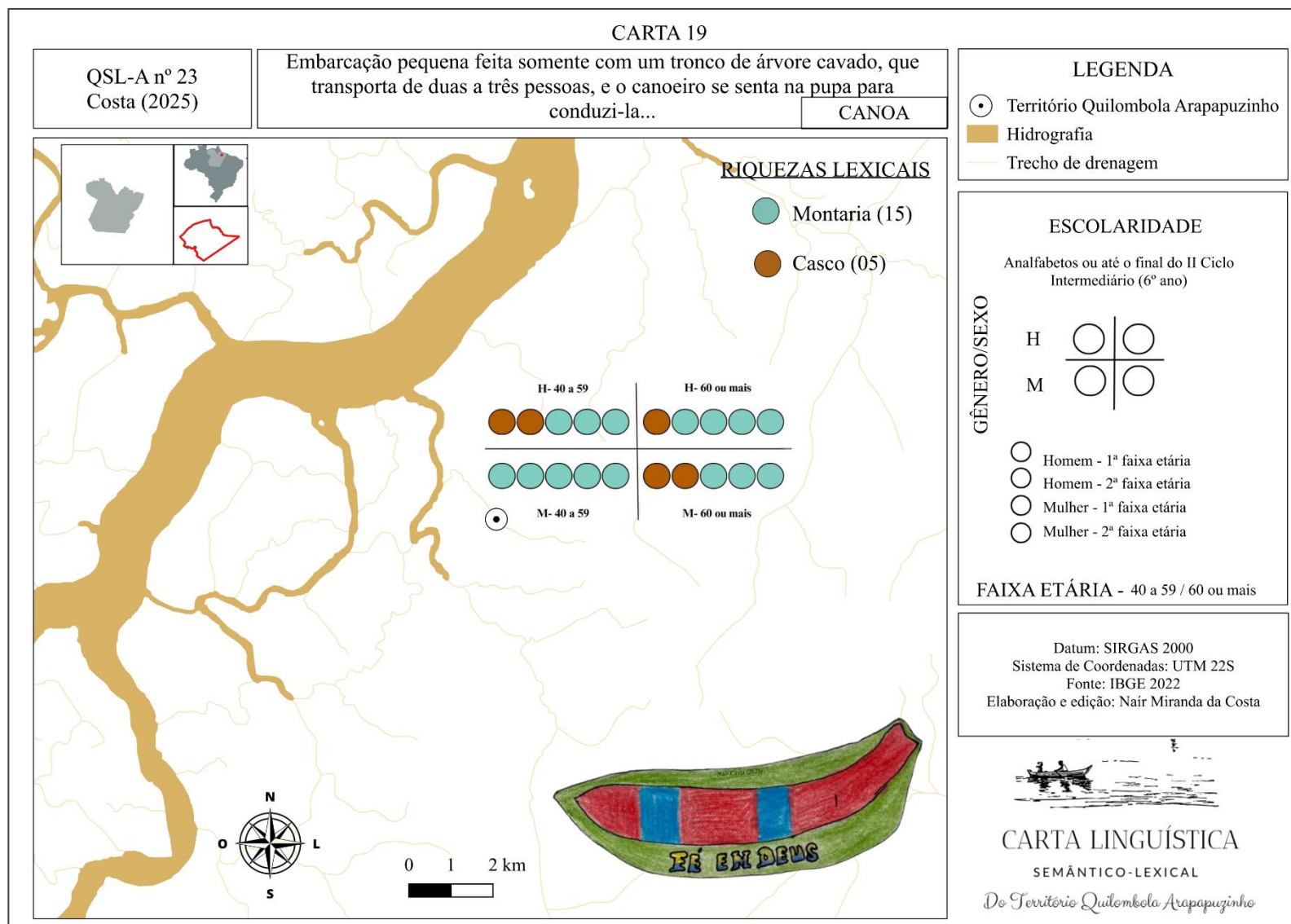
4.4.10 Canoa

Canoa pequena feita somente com um tronco de árvore cavado, que transporta de duas a três pessoas, e o canoeiro se senta na pupa para conduzi-la.

A questão de nº 23: *Canoa pequena feita somente com um tronco de árvore cavado, que transporta de duas a três pessoas, e o canoeiro se senta na pupa para conduzi-la.* Registrou duas ocorrências, **montaria** (15 ocorrências) e **casco** (5 ocorrências) sendo a de maior frequência divergente da sugerida no QSL-A. De acordo com relatos dos entrevistados a **montaria** é um dos meios de transportes mais utilizados pelos quilombolas do rio Arapapuzinho, são construídos e pintados conforme sua identidade, utilizam nomes, cores variadas e até enfeites. Diante disso, a lexia registrada mostra a especificidade linguística que representa a identidade dos quilombolas do Arapapuzinho.

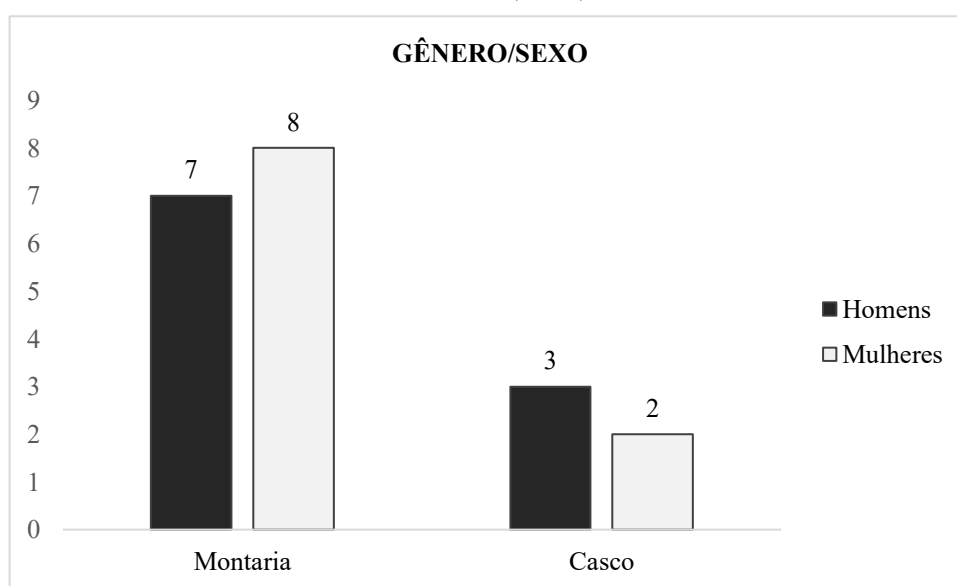
A seguir, podemos observar na carta L19 ilustra os dados descritos na perspectiva diatópica

Figura 43- Carta L19/questão nº 23 do QSL-A (canoa)



Na carta lexical nº 19, analisamos os resultados que apontam o registro da lexia **montaria** como a de maior frequência (75%) e a variante **casco** como a de menor frequência (25%). Levando em consideração o ponto de vista diasssexual, a lexia de maior frequência (montaria) apresentou um número maior de registrado entre as participantes mulheres (8 ocorrências) e um quantitativo menor entre as respostas dos entrevistados homens (7 ocorrências). Já a variante de menor frequência **casco**, obteve um registro maior entre os homens (3 ocorrências) e entre as mulheres (2 ocorrências). A seguir podemos observar os dados expressos por meio do gráfico 17:

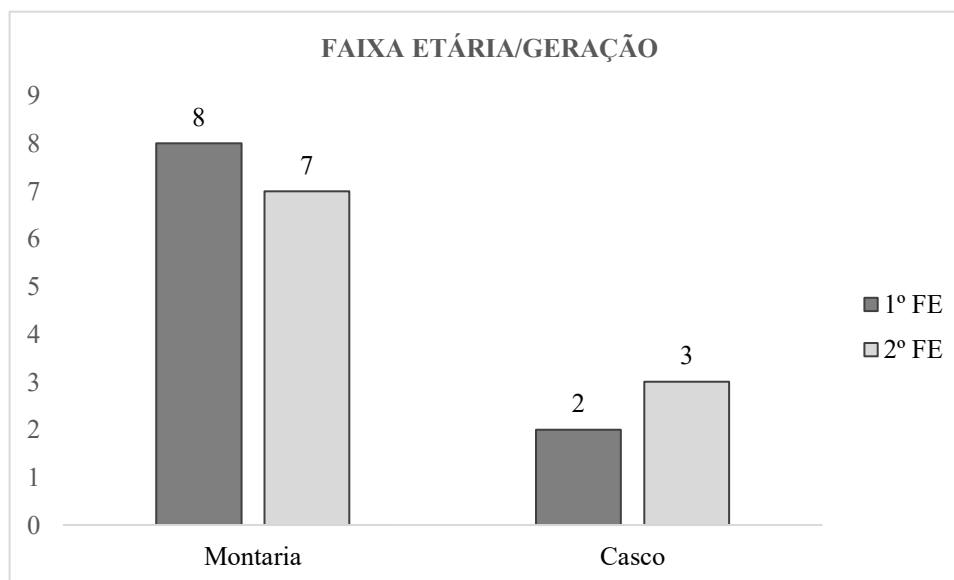
Gráfico 17: Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L19/questão nº 23 do QSL-A (canoa)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Na perspectiva diageracional, os dados apontam que a variante **montaria** obteve o maior resultado na fala dos entrevistados da 1ª faixa etária, com oito ocorrências e na 2ª faixa etária sete ocorrências. A segunda lexia registrada, **casco**, teve um resultado maior entre os entrevistados da 2ª faixa etária, com registro de três ocorrências e com registro de duas ocorrências na 1ª faixa etária. Desta forma, observar os dados a seguir:

Gráfico 18: Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L19/questão nº 23 do QSL-A (canoas)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Seguimos a examinar utilizando as considerações de Bechara (2011), contempladas no Dicionário da Língua Portuguesa, e os estudos de Oliveira (2015), contidas no Vocabulário Terminológico da Amazônia Paraense, para aprofundar a análise da lexia de maior frequência (montaria).

No Dicionário da Língua Portuguesa, não foi identificado qualquer registro da variante **montaria**. Da mesma forma, no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, também não há averbação dessa lexia. Diante disso, constata-se que **montaria** não está documentada em fontes de alcance nacional ou regional. Contudo, a ocorrência da palavra foi registrada no contexto do território quilombola Arapapuzinho, o que sugere que se trata de uma variante lexical específica dessa comunidade. Desta forma, tal especificidade reforça a importância de registrar e valorizar os vocábulos locais, que muitas vezes refletem práticas culturais e vivências singulares das populações tradicionais e que podem não estar representados em repertórios linguísticos amplos.

A seguir, podemos conhecer as riquezas lexicais registradas no campo semântico religiosidade e crenças.

4.5 Campo semântico: religiosidade e crenças

O campo semântico religiosidade e crenças compõe-se de doze questões que vão da questão nº 36 a nº 76 do QSL-A. O campo semântico versa sobre elementos de proporções

espirituais, crenças religiosas, costumes e princípios herdados da cultura quilombola. Neste sentido, veremos neste campo semântico aspectos que fazem parte da cultura e identidade dos moradores do território quilombola Arapapuzinho.

Vejamos, a seguir, a descrição a tabela com a distribuição das riquezas lexicais catalogadas.

Tabela 8 - Campo semântico IV- Religiosidade e Crenças

Questão	Variante do QSL-A	Nº Variantes registradas	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Ponto pesquisado Território Arapapuzinho
			Lexias	Efetivos reais	Efetivos percentuais	
36	Ladainha	02	Ladainha antiga	13	65%	X
			Ladainha	07		
37	Curandeiro	01	Curandeiro	20	100%	X
38	Culto	02	Culto dominical	14	70%	X
			Culto	06		
39	Benzedeira	01	Benzedeira	20	100%	X
40	Fantasma	03	Visagem	17	85%	X
			Vurto	02		
			Espírito	01		
41	Pagão	01	Pagão	20	100%	X
42	Feitiço	03	Despacho	17	85%	X
			Mandinga	02		
			Macumba	01		
43	Assombrado	02	Mundiado	19	95%	X
			Pateta	01		
44	Mal olhado	01	Quebranto	20	100%	X
45	Samba	01	Simbolada	20	100%	X
46	Festa	01	Cambi	20	100%	X
47	Rezas	01	Novenas	20	100%	X

Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Ao analisarmos a tabela 8, observa-se que as lexias de maior frequência registrada no campo semântico são, **quebranto** (100%) referente a questão nº 44, **simbolada** (100%) questão nº 45, **cambi** (100%) questão nº 46 e **novenas** (100%) questão nº 47, as quais apresentam 100% dos efetivos percentuais, sendo todas as respostas diferentes do sugerido no QSL-A. Além

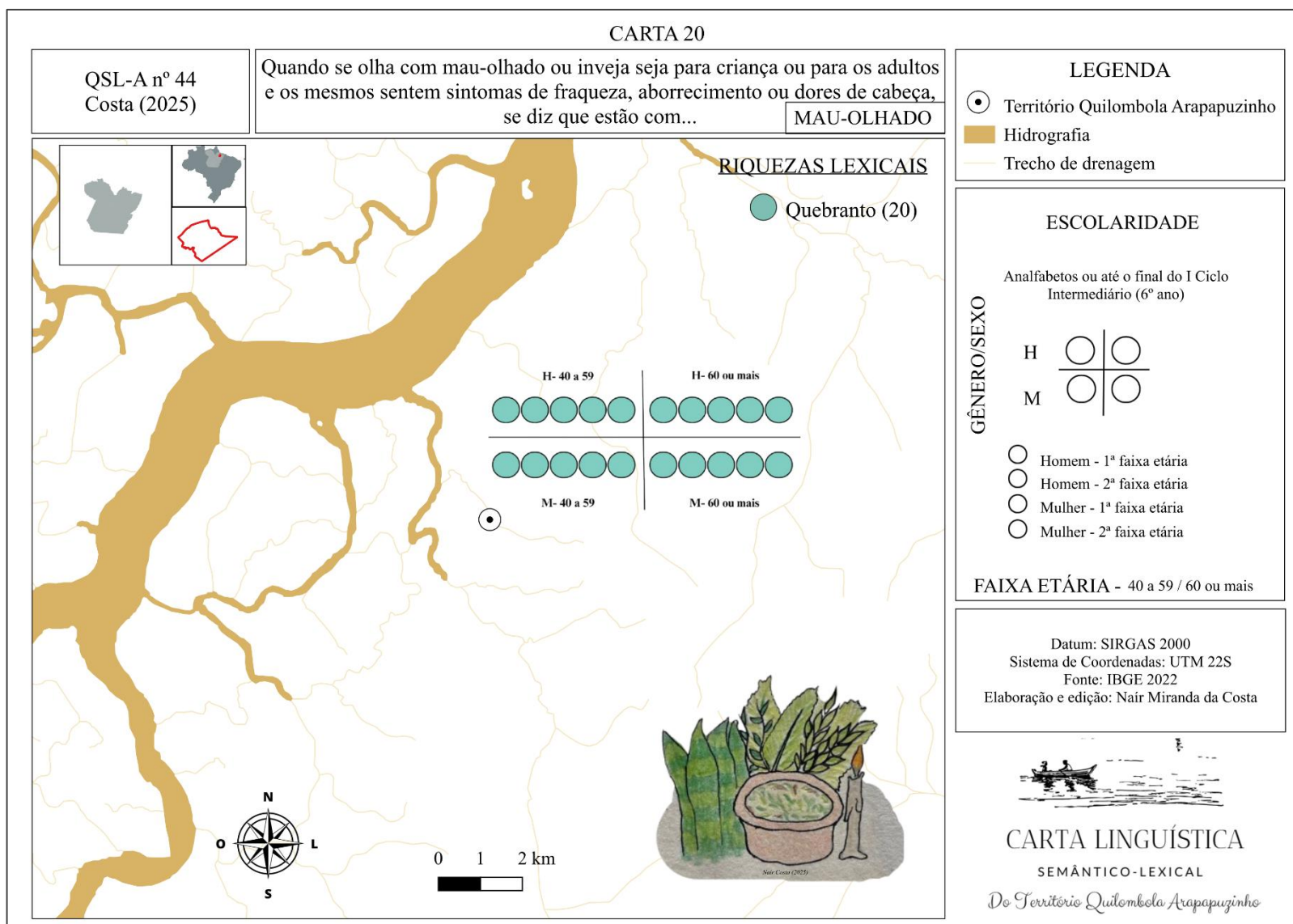
domais, são registradas as lexias **mundiado** (95%) referente a questão nº 43, **despacho** (85%), referente a questão nº 42, e **visagem** (75%) referente a questão nº 40 do QSL-A. Também, ressalta as lexias com ocorrências 100% iguais às do QSL-A, **curandeiro** (100%), **benzedeira** (100%) referente a questão nº 39, **Pagão** (100%) referente a questão nº 41, e tivemos duas ocorrências com percentual menor que (75%), sendo estas a lexia **ladainha** (65%) e **Culto** (70%). Neste sentido, após a análise do campo semântico IV- Religiosidade e Crenças, apresentaremos, a seguir, a análise das Cartas Linguísticas com frequência igual ou maior que 75%, sendo estas, **quebranto** (100%), **simbolada** (100%), **cambi** (100%), **novenas** (100%), **mundiado** (95%), **despacho** (85%) e **visagem** (85%), que fazem parte do conjunto de Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do Território Quilombola Arapapuzinho.

4.5.1 Mau-olhado

Quando se olha com mau-olhado ou inveja seja para criança ou para os adultos e os mesmos sentem sintomas de fraqueza, aborrecimento ou dores de cabeça, se diz que estão com...

A questão de nº 44 do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A): *Quando se olha com mau-olhado ou inveja seja para criança ou para os adultos e os mesmos sentem sintomas de fraqueza, aborrecimento ou dores de cabeça, se diz que estão com...* Mapeou a lexia **quebranto** com vinte ocorrências, apresentando uma divergência como opção sugerida no QSL-A (mau-olhado). Diante disso, o **quebranto** é uma expressão utilizada para nomear a pessoa que está com sintomas de aborrecimento ou que foi adoentada espiritualmente por alguém que tem inveja ou deseja energias maldosas, podendo ser tratadas pelas benzedeiras com o auxílio de banhos de ervas e orações utilizando plantas específicas, segundo os relatos dos moradores do território quilombola Arapapuzinho. Desta forma, observamos os resultados a seguir representados na carta linguística:

Figura 44- Carta L20/questão nº 44 do QSL-A (mau-olhado)



Na carta linguística nº 20, os dados apontam o registro de uma ocorrência, **quebranto** com frequência de 100%. Observa-se, portanto, a lexia **quebranto** é completamente divergente da qual foi sugerida no QSL-A, ou seja, é uma variante que nos revela fazer parte dos aspectos linguísticos de pertencimento do território.

A lexia **quebranto**, no que se refere a análise diasexual, expressou o quantitativo semelhante entre as ocorrências gênero/sexo, pois entre os homens foram dez ocorrências e entre as mulheres dez ocorrências também. Tendo assim, a representatividade linguística de ambos os sexos de forma homogênea.

Considerando ponto de vista diageracional, o qual abrange como critério duas faixas etárias (40-59 e 60 anos a mais), observou-se uma uniformidade nos registros por faixa etárias, pois na 1ª faixa etária houve registro de dez ocorrências e na 2ª faixa etária houve também o apontamento de dez ocorrências. Com isso, obteve-se o resultado de registro igual entre as duas faixas etárias, totalizando no percentual de 100% da riqueza lexical **quebranto**.

A respeito da variante **quebranto** conforme consultada no Dicionário da Língua Portuguesa, foi possível encontrar sua averbação da variante, sendo assim, segundo Bechara (2011, p. 973) **quebranto** significa “Suposto efeito danoso causado por feitiço, mau-olhado etc.”. Quanto ao Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, não se encontra registrada a lexia **quebranto**. Portanto, o mapeamento desta lexia revela uma variação semântico-lexical específica do falar quilombola, uma vez que seu registro no âmbito regional é ausente no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, demonstrando uma finalidade linguística atrelada as vivências e as tradições culturais locais.

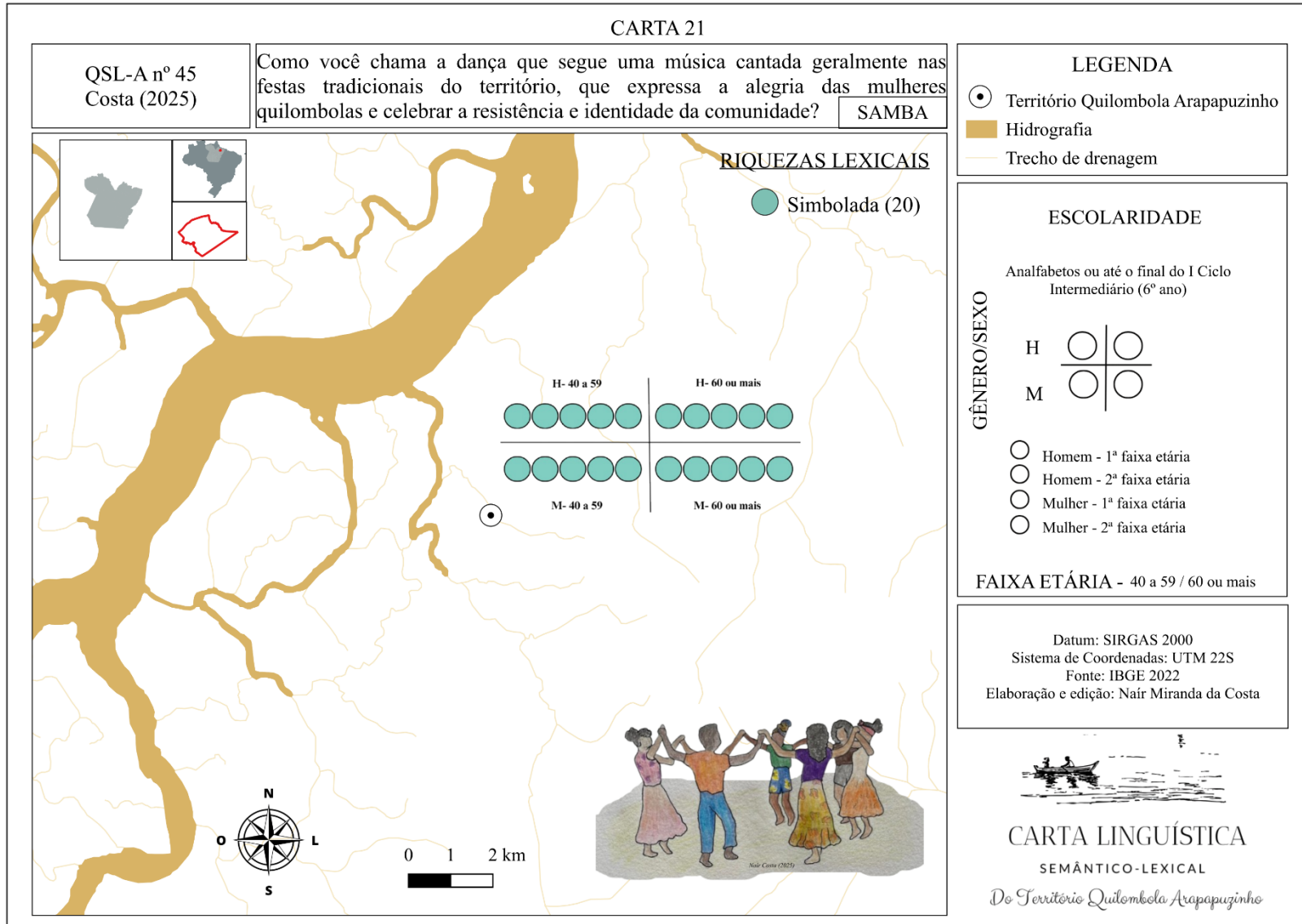
4.5.2 Samba

Como você chama a dança que segue uma música cantada geralmente nas festas tradicionais do território, que expressa a alegria das mulheres quilombolas e celebrar a resistência e identidade da comunidade?

A questão de nº 45 do Questionário Semântico Lexical Adaptado (QSL-A): *Como você chama a dança que segue uma música cantada geralmente nas festas tradicionais do território, que expressa a alegria das mulheres quilombolas e celebrar a resistência e identidade da comunidade?* Registrou-se uma variante, **simbolada** (20 ocorrências) diferente da opção sugerida no QSL-A. A **simbolada** é uma representação cultural que simboliza a identidade quilombola do Arapapuzinho, é um ritmo acompanhado do canto que em sua letra expressa as

lutas, resistência e história do território quilombola Arapapuzinho. Desta forma, a **simbolada** é herança cultural do território Arapapuzinho advinda dos seus ancestrais africanos, pois entre os territórios quilombolas do Baixo Tocantins ela só existe no território quilombola Arapapuzinho. Observamos os resultados a seguir:

Figura 45- Carta L21/questão nº 45 do QSL-A (Samba)



A carta L21 apresenta o mapeamento de uma lexia, sendo esta, a variante **simbolada** com frequência 100% na fala dos entrevistados do território quilombola Arapapuzinho. A lexia registrada é totalmente diferente da proposta do QSL-A. A respeito da composição diasssexual, a lexia **simbolada** apresentou um número de registrado igual entre as respostas dos entrevistados homens (10 ocorrências) e as participantes mulheres (10 ocorrências). Desta forma, foram registradas ocorrências tanto na fala de homens quanto na de mulheres, o que indica que os fenômenos observados não são exclusivos de um único grupo de gênero/sexo.

Do ponto de vista diageracional, a ocorrência **simbolada** apresentou um quantitativo igual em ambas as faixas etárias, sendo estes, dez na 1ª faixa etária e dez na 2ª faixa etária. Assim, evidenciando a representação linguística igual em ambas as faixas etárias.

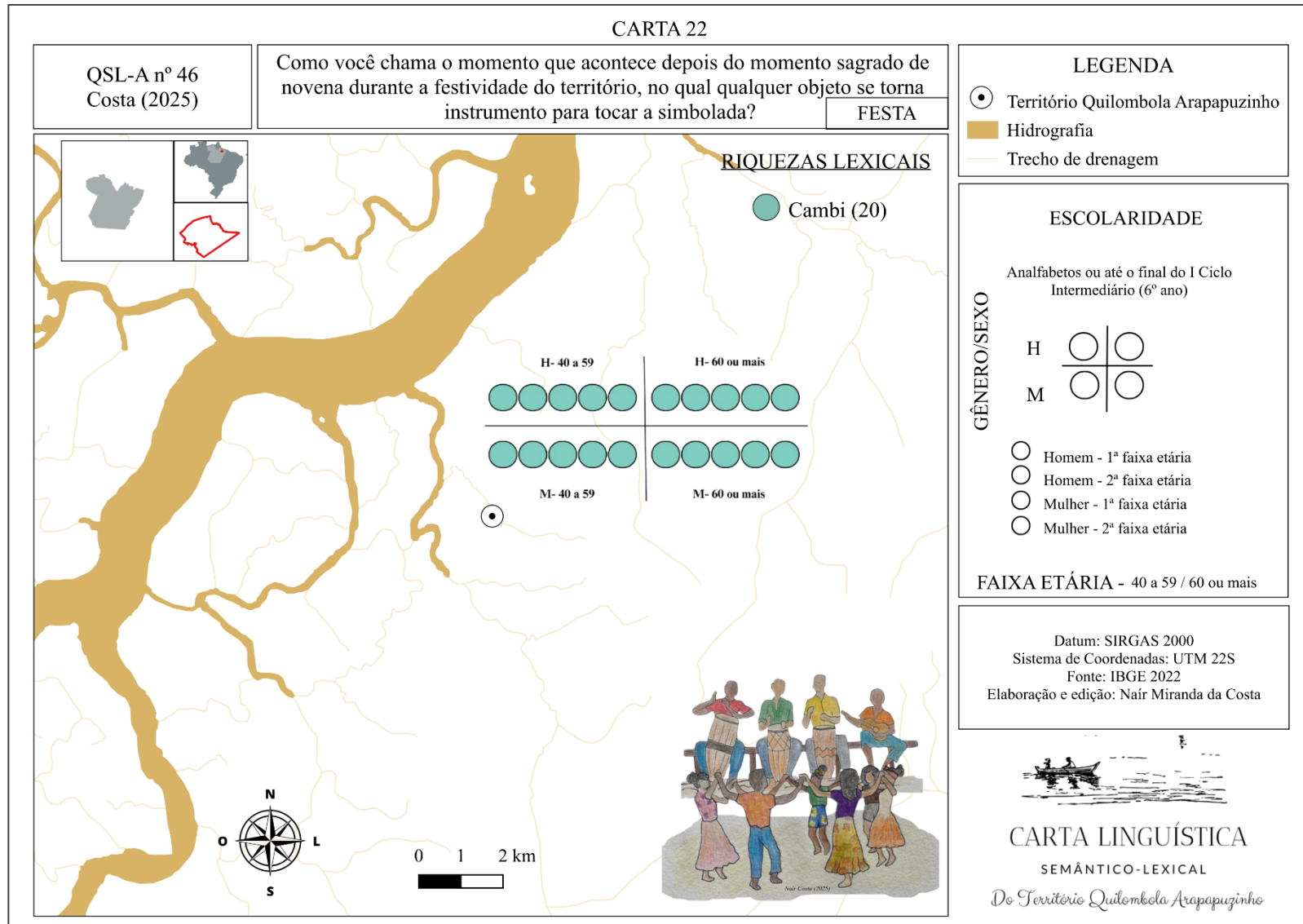
Em relação a análise utilizando o Dicionário da Língua Portuguesa, não foram encontrados registros da variante **simbolada**. Da mesma forma, ao consultar o Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, constou-se a ausência de averbação dessa lexia, ou seja, o termo **simbolada** não está documentado em fontes lexicográficas de alcance nacional, como o Dicionário da Língua Portuguesa, nem em compilações regionais específicas, como o Vocabulário de Abaetetuba. No entanto, a palavra foi identificada no contexto do território quilombola Arapapuzinho, o que sugere tratar-se de uma variante linguística de caráter específico do falar quilombola do Arapapuzinho, vinculada à identidade e à vivência cultural do território.

Portanto, a ausência de registro em fontes amplamente reconhecidas pode indicar que a lexia possui uso restrito e está profundamente enraizada nas práticas linguísticas da comunidade de Arapapuzinho, reforçando sua singularidade enquanto elemento do léxico quilombola. Assim, a lexia **simbolada** expressa uma importância no vocabulário quilombola pois está vinculada aos aspectos culturais, históricos e de pertencimento da comunidade de Arapapuzinho, por tal motivo compreende-se sua relevância em ser catalogada e documentada.

4.5.3 Festa

Como você chama o momento que acontece depois do momento sagrado de novena durante a festividade do território, no qual qualquer objeto se torna instrumento para tocar a simbolada?

Figura 46- Carta L22/questão nº 46 do QSL-A (Festa)



Na carta L22 podemos observar nos dados apresentados que houve o registro de uma lexia, a qual se intitula **cambi**, com representação de 100% das respostas dos entrevistados. Ademais, a variante catalogada é totalmente diferente da lexia sugerida na questão nº 46 do QSL-A.

Do ponto de vista diasssexual, a lexia **cambi** revelou o registro de dez ocorrências nas respostas dos homens e dez ocorrências nas respostas das participantes mulheres, sendo assim, tendo um número equilibrado das respostas entre gênero/sexo. Para tanto, esta análise indica que o fenômeno diasssexual não são exclusivos de um único grupo de gênero/sexo.

Quanto ao que se refere a perspectiva diageracional, para a ocorrência **cambi** tivemos um quantitativo idêntico nas duas faixas etárias, pois houve dez registros na 1ª faixa etária e dez na 2ª faixa etária. Desse modo, consta-se uma equivalência na representação linguística entre as duas faixas etárias.

Em relação a arguição manuseando o Dicionário da Língua Portuguesa, não foram identificados averbação da variante **cambi**, bem como no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, não encontramos registro desta lexia, isso é, a lexia **cambi** não encontra-se documentada em fontes lexicográficas de alcance nacional, como o Dicionário da Língua Portuguesa, tampouco em obras regionais específicas, como o Vocabulário de Abaetetuba. Entretanto, a palavra foi identificada exclusivamente no contexto linguístico do território quilombola Arapapuzinho, o que indica ser uma lexia de caráter específico do falar quilombola do Arapapuzinho, associada à identidade e as manifestações culturais que ecoam no território.

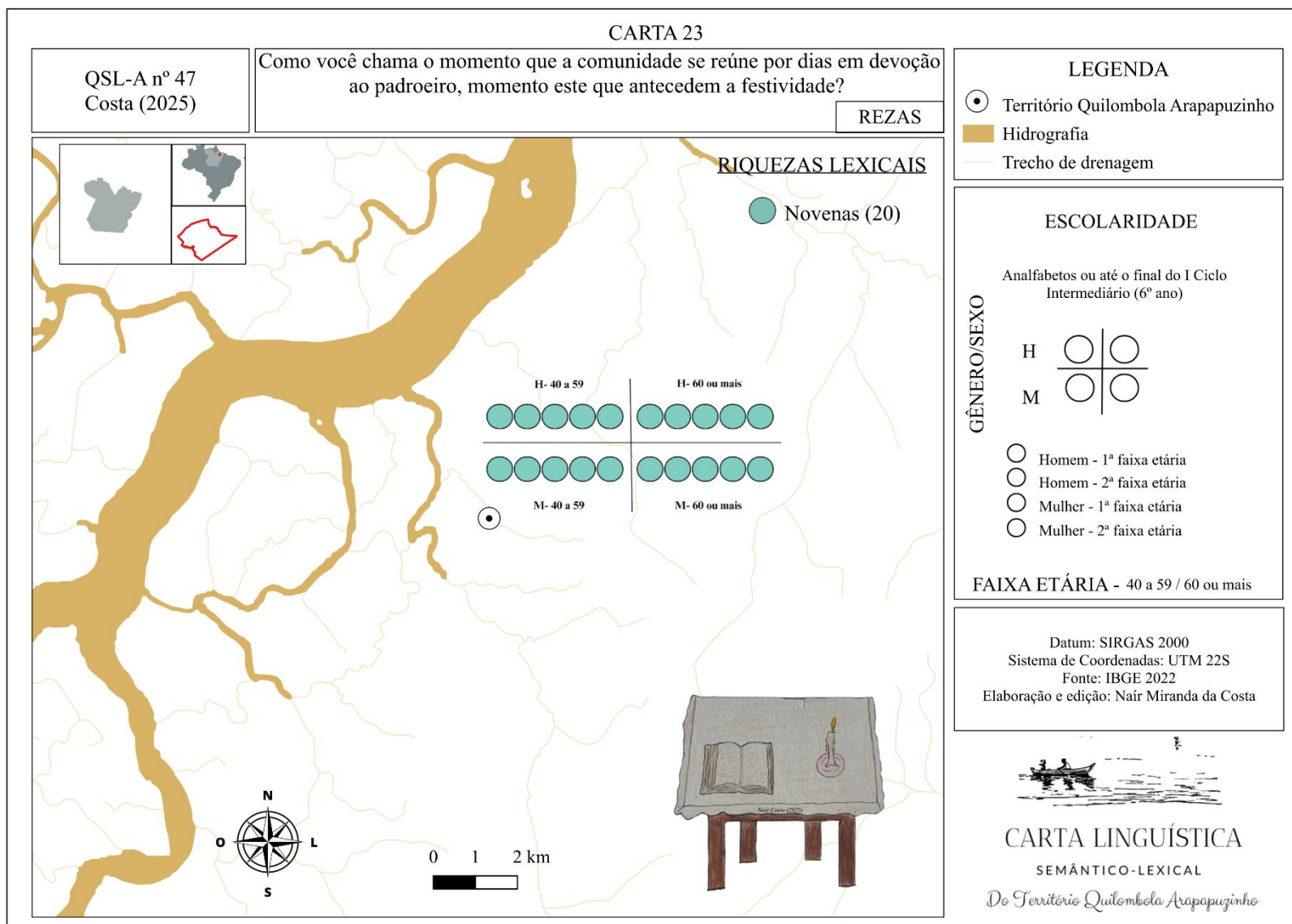
Portanto, compreende-se a relevância dos registros linguísticos cartográficos para o fortalecimento da identidade cultural e linguística do vocabulário dos grupos acêntricos, como o território quilombola Arapapuzinho.

4.5.4 Rezas

Como você chama o momento que a comunidade se reúne por dias em devoção ao padroeiro, momento este que antecede a festividade?

Na questão de nº 47: *Como você chama o momento que a comunidade se reúne por dias em devoção ao padroeiro, momento este que antecede a festividade?* Houve o registro somente da ocorrência **novenas** com 100% das ocorrências, logo observou-se sendo uma lexia diferente da referência sugerida no QSL-A. Dessa forma, conforme os relatos dos entrevistados as **novenas** são práticas de cunho religiosas que acontece todos os anos durante o período de festividade do padroeiro dos devotos da igreja católica, ou seja, as **novenas** fazem parte do pertencimento religioso, cultural e identitário do território quilombola Arapapuzinho. Diante disso, a seguir, podemos apreciar a ilustração dessas lexias na carta L23:

Figura 47- Carta L23/questão nº 47 do QSL-A (Rezas)



Na carta linguística nº 23, mostram os dados do mapeamento de uma ocorrência, **novena** (100%), sendo esta, divergente da resposta proposta no QSL-A. Portanto, observa-se que esta variante por seu percentual de registro está inserida entre os aspectos linguísticos de pertencimento histórico e identitário do território quilombola Arapapuzinho.

Na visão diassexual, a lexia **novena** apresentou um quantitativo homogêneo entre os homens (10 ocorrências) e as mulheres (10 ocorrências) entrevistados. Assim, foram identificadas ocorrências em discursos de indivíduos de ambos os gêneros/sexo, abrangendo a representatividade linguística na fala dos homens e das mulheres.

Considerando p ponto de vista diageracional, o qual abrange como critério duas faixas etárias (40-59 e 60 anos a mais), observou-se uma uniformidade nos registros por faixa etárias, pois na 1ª faixa etária houve registro de dez ocorrências e na 2ª faixa etária houve também o apontamento de dez ocorrências. Com isso, obteve-se o resultado de registro igual entre as duas faixas etárias, totalizando no percentual de 100% da riqueza lexical **novena**.

A respeito da variante **novena** conforme consultada no Dicionário da Língua Portuguesa, foi possível encontrar sua averbação da variante, sendo assim, segundo Bechara (2011, p. 864) **novena** significa “série de orações feitas por nove dias consecutivos”, no entanto no contexto cultural do território quilombola Arapapuzinho as **novenas** têm duração de cerca de vinte dias consecutivos antes da festividade do padroeiro São Sebastião, que ocorrem nas casas dos moradores ou na igreja católica. Quanto ao Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, não se encontra registrada a lexia **novena**. Portanto, o mapeamento da lexia **novena** revela uma variação semântico-lexical específica do falar quilombola, uma vez que seu registro no âmbito regional é ausente no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, demonstrando uma finalidade linguística atrelada as vivências e as tradições culturais locais.

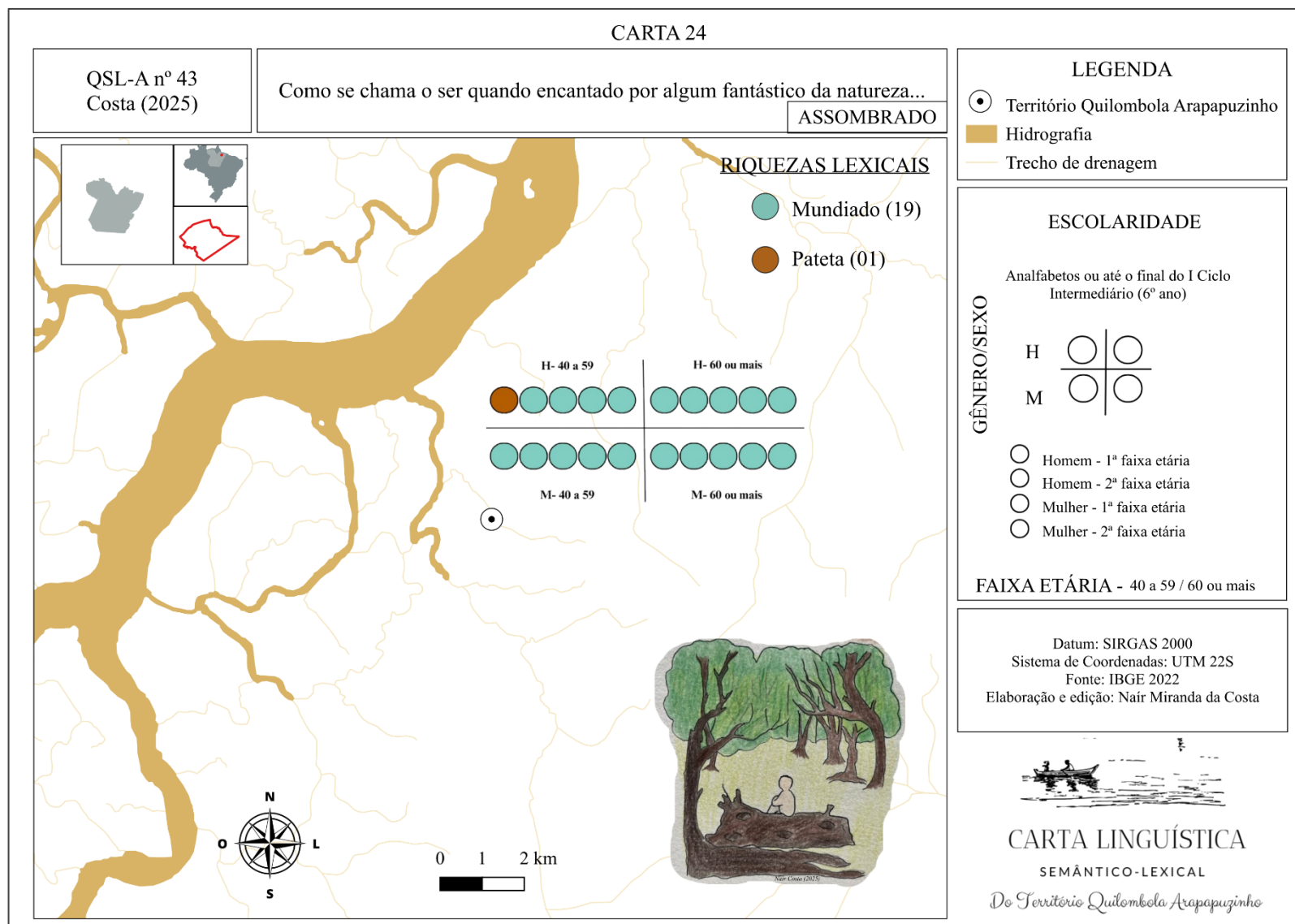
4.5.5 Assombrado

Como se chama o ser quando encantado por algum fantástico da natureza?

A questão de nº 43: *Como se chama o ser quando encantado por algum fantástico da natureza.* Mostra o registro de duas ocorrências, **mundiado** (19 ocorrências) e **pateta** (1 ocorrência) sendo ambas divergentes da sugerida no QSL-A. De acordo com relatos dos moradores o território do Arapapuzinho possui muitas histórias com moradores que já foram **mundiados** por algum fantástico da natureza. Diante disso, são essas variantes que representam a história e memória dos moradores, que representam as especificidades linguísticas e identitárias do território.

A seguir, podemos notar a ilustração dessas lexias na carta L24:

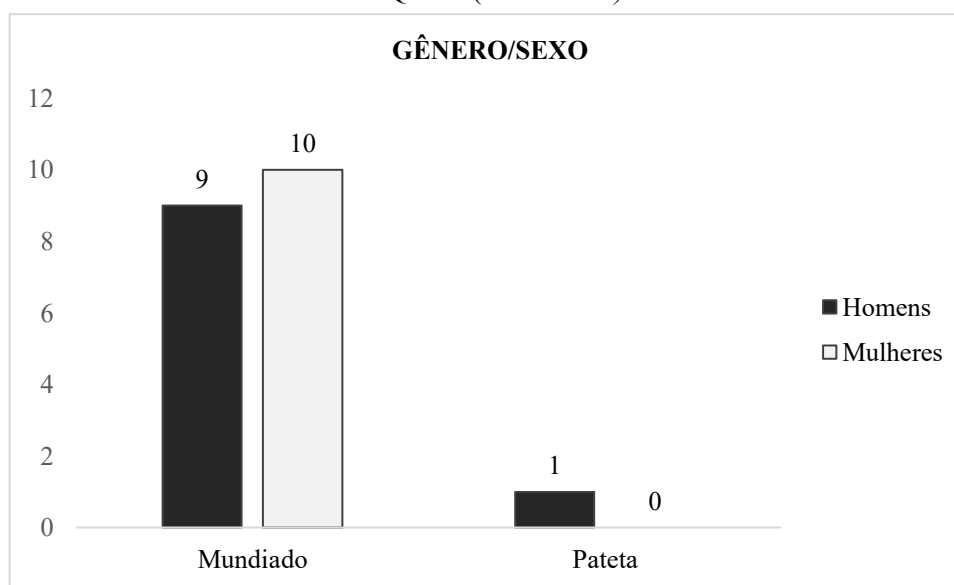
Figura 48 - Carta L24/questão nº 43 do QSL-A (Assombrado)



Ao analisarmos os dados contidos na carta L24, encontrou-se a variante **mundiado** com frequência de 95% na fala dos sujeitos entrevistados no território quilombola Arapapuzinho. Também, registrou-se a lexia **pateta** com frequência de 5% entre os vinte entrevistados. Diante disso, ambas as lexias registradas são totalmente diferentes da proposta do QSL-A.

A respeito da composição diassexual, a lexia **mundiado** apresentou um número de registrado menor entre as respostas dos entrevistados homens (9 ocorrências). Já entre as respostas das entrevistadas registrou-se um número maior (10 ocorrências). Quanto a lexia **pateta** houve a frequência somente entre homens (1 ocorrência). Diante disso, considerando a lexia de maior frequência foram registradas ocorrências tanto na fala de homens quanto na de mulheres.

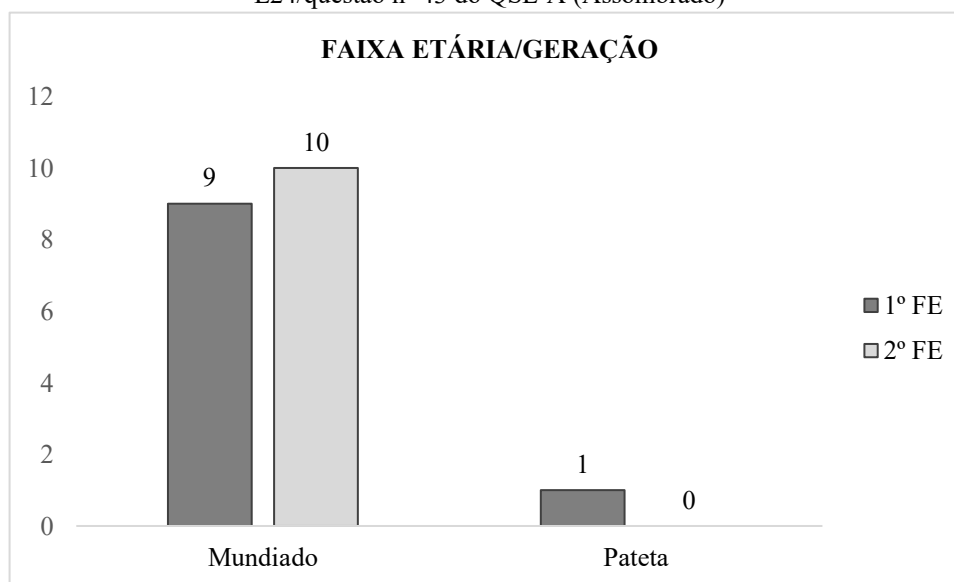
Gráfico 19: Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L24/questão nº 43 do QSL-A (Assombrado)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Considerando a visão diageracional, tivemos a variante **mundiado**, na qual seu registro prevaleceu entre os mais velhos (2ª faixa etária), com dez ocorrências e nove ocorrências entre os mais novos (1ª faixa etária). Por outro lado, a lexia **pateta** não obteve registro na 2ª faixa etária, mas teve uma ocorrência na 1ª faixa etária. A seguir podemos observar o resultado no gráfico 18:

Gráfico 20: Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L24/questão nº 43 do QSL-A (Assombrado)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Levando em consideração a variante de maior frequência **mundiado** na análise utilizando o Dicionário da Língua Portuguesa, não foram encontrados registros da variante **mundiado**. Ao consultar o Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, também se constou a ausência desta lexia, ou seja, a palavra **mundiado** não está documentada em ambas as fontes lexicográficas de nível nacional, como é o exemplo do Dicionário da Língua Portuguesa, nem em compilações regionais específicas, como o caso do Vocabulário de Abaetetuba. No entanto, o registro da variante **mundiado** no território quilombola Arapapuzinho, nos leva a refletir que se trata de uma variante linguística com características específicas do repertório linguístico dessa comunidade quilombola, isto é, uma forte conexão com a identidade coletiva e reforça o papel da lexia como um elemento simbólico da cultura e identidade, moldando a importância das especificidades linguística do território Arapapuzinho.

Portanto, a análise com base no dicionário e no vocabulário terminológico nos mostra a importância com a preservação deste patrimônio linguístico. Além de, incentivar o registro e inserção desta lexia em documentos de âmbito nacional e regionais.

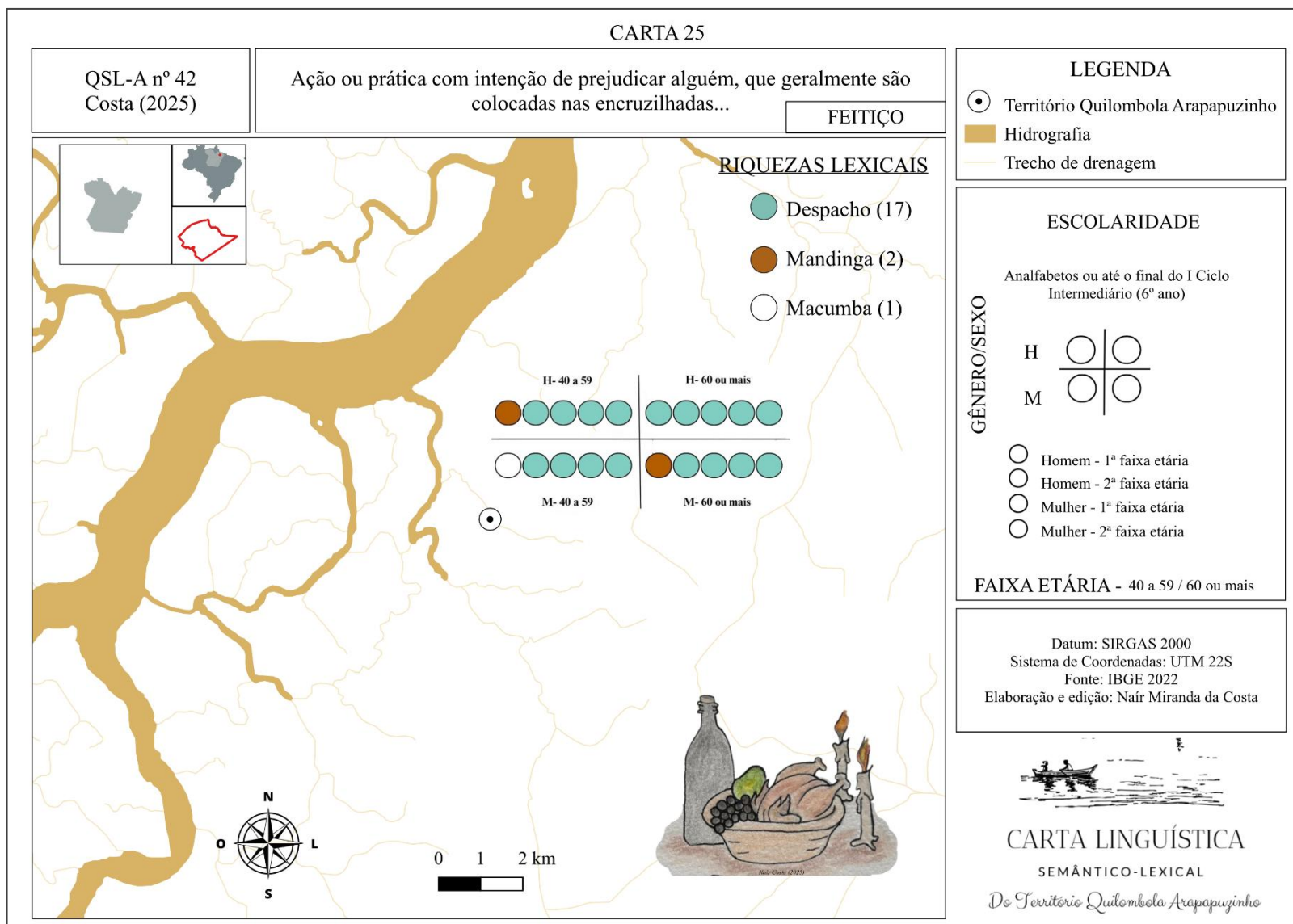
4.5.6 Feitiço

Ação ou prática com intenção de prejudicar alguém, que geralmente são colocadas nas encruzilhadas...

Na questão de nº 42: “*Ação ou prática com intenção de prejudicar alguém, que geralmente são colocadas nas encruzilhadas...*” Nos revela o resultado de três riquezas lexicais, **despacho** (17 ocorrências), **mandinga** (2 ocorrências) e macumba (1 ocorrências) sendo todas divergentes da lexia sugerida no QSL-A (despacho). Desse modo, conforme as narrativas dos moradores do território quilombola Arapapuzinho, a lexia de maior frequência **despacho** apresenta um significado que se transformou ao longo dos anos, pois durante as entrevistas, um dos moradores mais antigos da comunidade relatou que esta prática que tem elementos simbólicos possui uma função específica e diferente para seus ancestrais que ao longo dos anos. No princípio, tratava-se de uma prática ancestral com forte valor simbólico, interligada à sobrevivência, uma vez que os alimentos eram deixados nas encruzilhadas, cercados por lamparinas (hoje representadas por velas), com a finalidade de guiar os homens que passavam dias na mata caçando com fome, sede e, por vezes, feridos. A luz indicava direção e espantava animais os animais selvagens dos alimentos, os suplementos saciavam a fome e a cachaça era utilizada como remédio para tratar ferimentos. Neste sentido, ao passar dos anos, essa prática foi sendo reinterpretada pela sociedade externa, passando a ser associado a práticas negativas e místicas. Entretanto, os moradores de Arapapuzinho reconhecem essas novas leituras, mas continuam preservando e transmitindo o sentido original da prática, que permanece vivo na memória coletiva da comunidade como parte de seu pertencimento e patrimônio cultural e lexical, como reafirmação do ser quilombola por meio das narrativas orais.

A seguir, podemos apreciar a carta L25 com a distribuição cartográfica dos dados coletados:

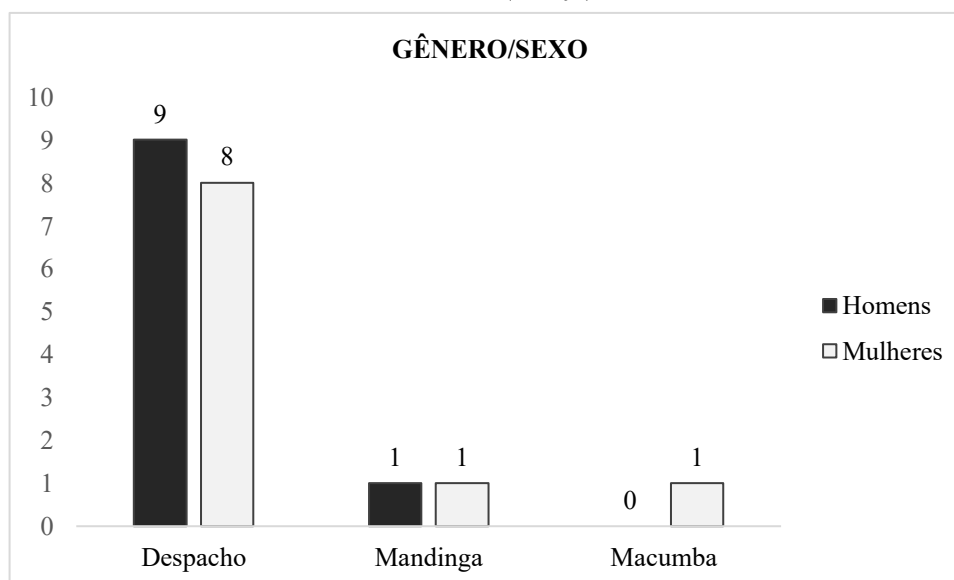
Figura 49 - Carta L25/questão nº 42 do QSL-A (Feitiço)



A carta lexical nº 25, apresenta o mapeamento de três ocorrências, **despacho** (85%), **mandinga** (10%) e **macumba** (5%) sendo as três variantes diferentes da resposta proposta no QSL-A. Diante disso, entende-se que essas variantes registradas os aspectos de pertencimento linguístico e cultural do território quilombola Arapapuzinho.

A respeito da análise diasssexual, a lexia **despacho** apresentou um percentual maior nas respostas dos homens entrevistados (9 ocorrências) já entre as mulheres registrou-se uma frequência menor (8 ocorrências). Quanto a lexia **mandinga** registrou um quantitativo igual entre as respostas dos entrevistados homens (1 ocorrência) e entre as mulheres (1 ocorrência). Já a variante **macumba** apresentou registro somente entre as mulheres (1 ocorrência). Portanto, foram mapeadas ocorrências em discursos de indivíduos de ambos os gêneros/sexo, abrangendo tanto a fala de homens quanto a de mulheres, vejamos a seguir no gráfico 19:

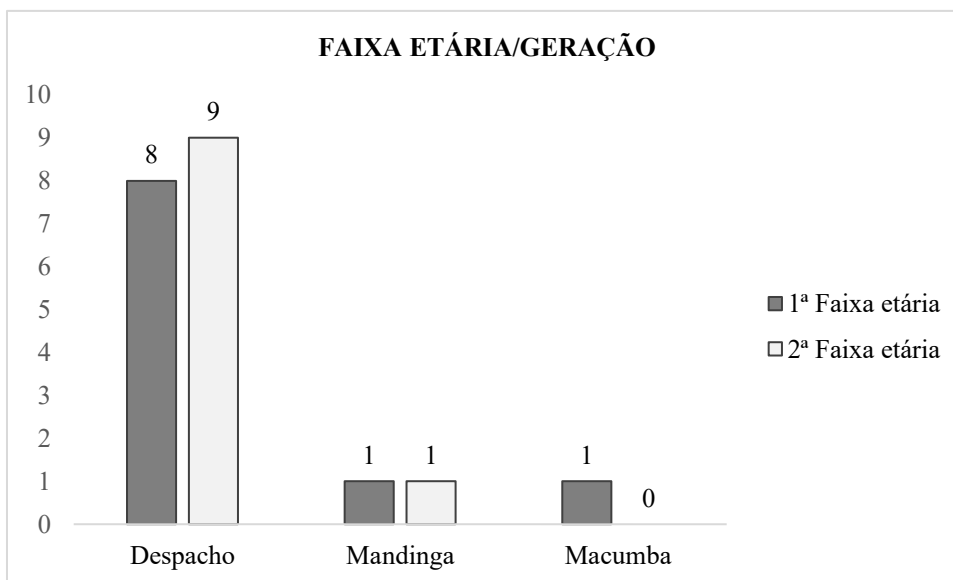
Gráfico 21: Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L25/questão nº 42 do QSL-A (Feitiço)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Na perspectiva diageracional, podemos observar que a variante **despacho** apresentou um número maior de ocorrência entre os mais velhos, com nove ocorrências (2ª faixa etária) e um quantitativo menor na 1ª faixa etária com oito ocorrências. Já a variante **mandinga** teve um resultado equilibrado entre as duas faixas etárias (1ª faixa etária: 1 ocorrência; 2ª faixa etária: 1 ocorrência). E a lexia **macumba** registrou uma ocorrência somente na 1ª faixa etária. Desta forma, podemos visualizar, a seguir, os dados distribuídos no gráfico 20:

Gráfico 22: Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L25/questão nº 42 do QSL-A (feitiço)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Desta forma, a análise sugere que as variantes **despacho** é mais comuns entre os mais velhos (dentro do grupo analisado), e a lexia **mandinga** teve um resultado igual entre as faixas etárias, com representatividade mais baixa, porém igual, enquanto a variante **macumba** é exclusivo dos mais novos, ou seja, isso reflete possíveis diferenças de uso linguístico baseadas na geração a que os falantes pertencem, indicando que determinadas palavras ou expressões podem estar em transição de uso ou são específicas de certos grupos etários.

A respeito da análise da variante de maior frequência **despacho** com base no Dicionário da Língua Portuguesa, foi possível encontrar registros desta lexia, isto é, conforme Bechara (2011, p. 514) **despacho** pode ser compreendido como “Oferenda feita a Exu ou orixá para que se consiga o atendimento de um desejo”. Já no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, não foi possível encontrar o registro da variante **despacho**. Portanto, o registro somente a nível nacionais nos leva a refletir a importância dos trabalhos voltados para o registro e a valorização das riquezas lexicais.

4.5.7 Fantasma

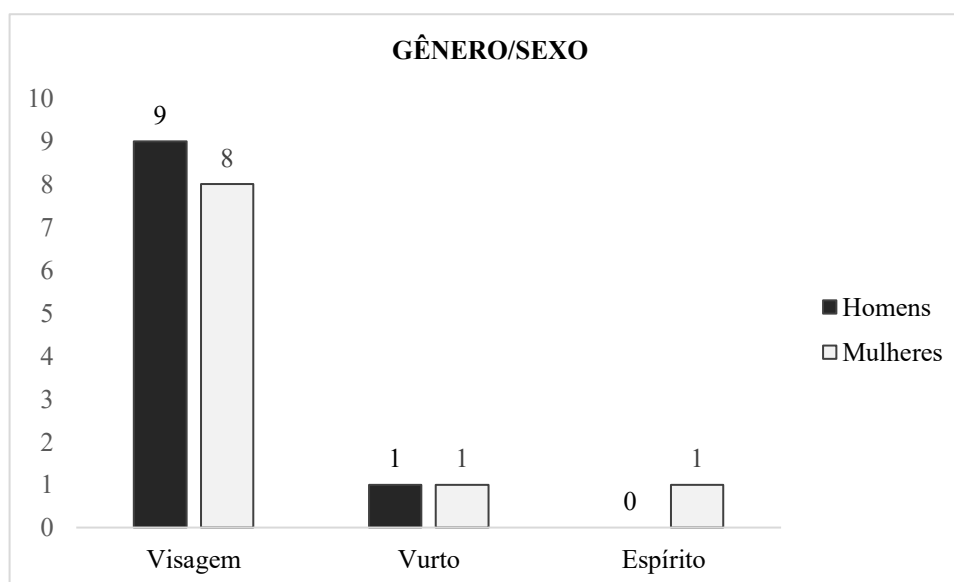
Aparição que geralmente aparece nos casos narrados pelos mais velhos, seja um vurto ou uma pessoa.

Os resultados da questão de nº 40: *Aparição que geralmente aparece nos casos narrados pelos mais velhos, seja um vurto ou uma pessoa*. Nos mostra o registro de três ocorrências, **visagem** (15 ocorrências), **vurto** (3 ocorrências) e **espírito** (2 ocorrências) sendo todas divergentes da sugerida no QSL-A. De acordo com os casos relatados pelos moradores o território do Arapapuzinho, pelo assentamento da comunidade ficar em volta de grandes matas é comum os relatos de **visagens** no território. Portanto, entende-se que essas variantes registradas demarcam a história e memória do quilombo, que por meio desta pesquisa foram possíveis ser rememoradas.

A carta lexical nº 26, expõe os resultados de três ocorrências, **visagem** (85%), **vurto** (10%) e **espírito** (5%) sendo as três ocorrências diferentes da resposta proposta no QSL-A. Portanto, entende-se que essas variantes registradas demarcam a história e memória do território quilombola Arapapuzinho.

Na visão diassexual, a variante **visagem** apresentou um quantitativo superior entre os entrevistados homens (9 ocorrências) já entre as mulheres registrou-se uma frequência menor (8 ocorrências). A lexia **vurto** aponta frequência igual entre as respostas dos entrevistados homens (1 ocorrência) e as participantes mulheres (1 ocorrência). Quanto a variante **espírito** apresentou frequência somente entre as mulheres (1 ocorrência). Diante disso, foram identificadas ocorrências em discursos de indivíduos de ambos os gêneros/sexo, abrangendo tanto a fala de homens quanto a de mulheres.

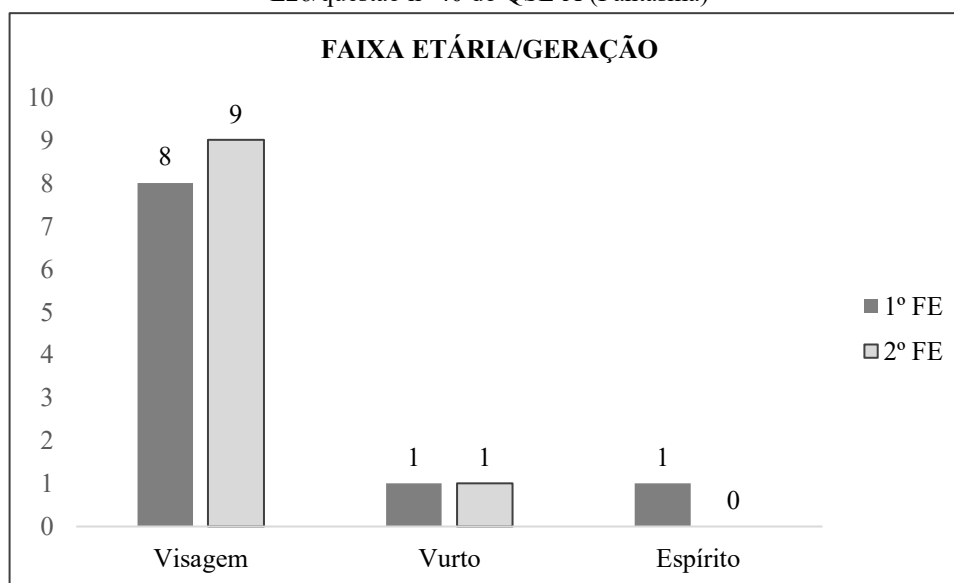
Gráfico 23: Frequência total das lexias a respeito ao gênero/sexo (diassexual). Carta L26/questão nº 40 do QSL-A (Fantasma)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Na perspectiva diageracional, considerando que para seleção dos sujeitos considerou duas faixas etárias (40-59 e 60 anos a mais), podemos observar que a variante **visagem** apresentou um número maior de ocorrência na 2ª faixa etária, com nove ocorrências e oito ocorrências na 1ª faixa etária. Quanto a variante **vurto** tivemos o mesmo registro, uma ocorrência na 1ª faixa etária, e uma ocorrência na 2ª faixa etária. Com a lexia **espírito** obteve-se resultado somente na 1ª faixa etária (1 ocorrência).

Gráfico 24: Frequência total das lexias a respeito da faixa etária/geração (diageracional). Carta L26/questão nº 40 do QSL-A (Fantasma)



Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa (2025)

Neste sentido, a análise sugere que as variantes linguísticas **visagem** e **vurto** são mais comuns entre os mais jovens (dentro do grupo analisado), enquanto **espírito** é exclusivo dos mais velhos, ou seja, isso reflete possíveis diferenças de uso linguístico baseadas na geração a que os falantes pertencem, indicando que determinadas palavras ou expressões podem estar em transição de uso ou são específicas de certos grupos etários.

A respeito da variante de maior frequência **visagem** em relação ao Dicionário da Língua Portuguesa, foi possível encontrar registros da variante, ou seja, segundo Bechara (2011, p. 1139) **visagem** é “Aparição de ente sobrenatural”. Quanto ao Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, também se encontrou o registro da variante, isto é, de acordo com Oliveira (2015, p. 60) a palavra **visagem** significa “Espírito; alma penada; assombração”. Portanto, o registro de âmbito nacionais e regionais evidencia como uma lexia pode ser compreendida e empregada em diferentes níveis de abrangência linguística.

Conclui-se, portanto, as análises das Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do Território Quilombola Arapapuzinho e, a seguir, serão apresentados os resultados gerais deste estudo.

4.5.8 Considerações gerais sobre os resultados: o léxico como expressão de identidade no território quilombola de Arapapuzinho

As considerações gerais sobre os resultados após a análise dos dados coletados por meio do mapeamento linguístico no território quilombola de Arapapuzinho permitiu constatar a existência de um léxico próprio e significativo, atrelado as práticas culturais e identitárias do território quilombola Arapapuzinho. Ademais, as riquezas lexicais representadas nas vinte e seis (26) Cartas Linguísticas, as quais estão organizadas nos campos semânticos da fauna, flora, utensílios domésticos da pesca, caça e roça, e religiosidade e crenças, expressam a representatividade linguística quilombola, além de refere-se a um patrimônio linguístico vivo, que revelam as vivências, os saberes e a resistência histórica e cultural dos grupos acêntricos.

Para tanto, o mapeamento cartográfico e análise dos dados nos revela que o falar dos moradores do território se constitui como um relevante registro sociocultural, o qual reflete as práticas, os saberes e os modos de vida na comunidade. Ademais, as riquezas lexicais não só intitulam os nomes dos elementos da fauna, flora, utensílios domésticos da pesca, caça, roça, ou os expressos da religiosidade e crenças do território, mas também ressignificam o espaço vivido, a história e memória além dos laços de pertencimento quilombola.

Das quarenta e sete (47) perguntas contidas no Questionário Semântico-lexical Adaptado (QSL-A), aplicadas durante o mapeamento cartográfico, resultou-se na construção de vinte e seis (26) Cartas Linguísticas, organizadas em quatro campos semânticos: fauna (3 cartas), flora (6 cartas), utensílios domésticos da pesca, caça e roça (10 cartas) e religiosidade e crenças (7 cartas). Por outro lado, vinte e uma (21) perguntas não geraram dados suficientes para a elaboração das Cartas Linguísticas. Desse modo, quatro (4) apresentaram percentual de ocorrência inferior a 75%, e dezessete (17) registraram 100% de coincidência com as respostas sugeridas no QSL-A, caracterizando-se como cartas monoléticas, ou seja, essas duas categorias não compuseram o conjunto de Cartas Linguísticas.

Das vinte e seis (26) Cartas Linguísticas construídas, onze (11) apresentaram o registro de uma única riqueza lexical recorrente entre os vinte (20) moradores que participaram da pesquisa, as quais diferem-se totalmente das respostas previstas no Questionário Semântico-Lexical (QSL-A). Distribuídas entre os campos semânticos, fauna (nambu), flora (avapão, fruta-pão e curera), utensílios domésticos da pesca, caça e roça (espingarda, jirau, tipiti, rasa, gapuiar, ritiro, caroceira e mocooca) e religiosidades e crenças (quebranto, simbolada, cambi e novenas). Desta feita, os dados mostram um falar característicos do território quilombola

Arapapuzinho, o qual alinha-se a pergunta norteadora deste estudo, ao evidenciar a existência de um patrimônio lexical singular preservado no território.

Para tanto, a análise realizada nos revela que as vinte e seis (26) Cartas Linguísticas, representam os moldes de sobrevivência dos moradores baseados na cultura tradicional, imprimindo, por meio da linguagem, as características que os identificam, a sua identidade, o território que ocupam e todo o seu patrimônio lexical, registrado por meio de seus hábitos, costumes e atividades que desenvolvem na comunidade.

A análise sob o recorte diasexual, nos indica o uso equilibrado entre homens e mulheres na maioria das lexias. No entanto, com uma diferença de poucos registros que se sobre saíram entre os homens (5 cartas) no campo semântico flora e entre as mulheres (2 cartas) nos campos semântico religiosidades e crenças. Já os resultados das demais cartas foram iguais entre os gêneros/sexo, resultando em 19 Cartas Linguísticas. Desse modo, podemos apreciar, a seguir, a distribuição desses resultados:

Tabela 9: registro dos resultados por gênero/sexo (diasexual)

Gênero/sexo (diasexual)	Nº de cartas	Campo semântico	Riquezas lexicais (percentual)
Masculino	5 cartas	Flora	Tronqueira (55,56%); Ninguera (66,67%); Tapera (66,67%).
		Religiosidades e crenças	Despacho (52,95%); Visagem (52,95%).
Feminino	2 cartas	Utensílios domésticos: pesca, caça e roça	Montaria (53,33%)
		Religiosidades e crenças	Mundiado (55,56%)
Igualdade entre gênero/sexo (masculino e feminino)			19 cartas (73,08%)

Fonte: elaboração da autora (2025)

A análise das lexias sob o ponto de vista diasexual evidência como o gênero/sexo dos falantes influencia o uso e a frequência de determinados lexias. Além disso, demonstra que o vocabulário não é neutro, mas moldado pelas práticas e papéis socioculturais específicos da

comunidade Arapapuzinho. Desta forma, a perspectiva enriquece a compreensão da linguagem como um reflexo das dinâmicas culturais e sociais, mostrando como as diferenças de gênero se manifestam no léxico cotidiano de uma comunidade.

Do ponto de vista diageracional alcançamos o resultado de duas Cartas linguísticas de maior registro percentual na 1ª faixa etária, nos campos semânticos flora e utensílios domésticos: pesca, caça e roça. Já na 2ª faixa etária registrou-se seis Cartas Linguísticas com maior percentual, distribuídas nos quatro campos semânticos: fauna, flora, utensílios domésticos: pesca, caça e roça e religiosidades e crenças. Quanto os dezoito Cartas Linguísticas restante apresentaram o resultado semelhante entre a 1ª faixa etária e a 2ª faixa etária. Neste sentido, vejamos a seguir a distribuição desses resultados na tabela 10.

Tabela 10: registros dos resultados por faixa etária (diageracional)

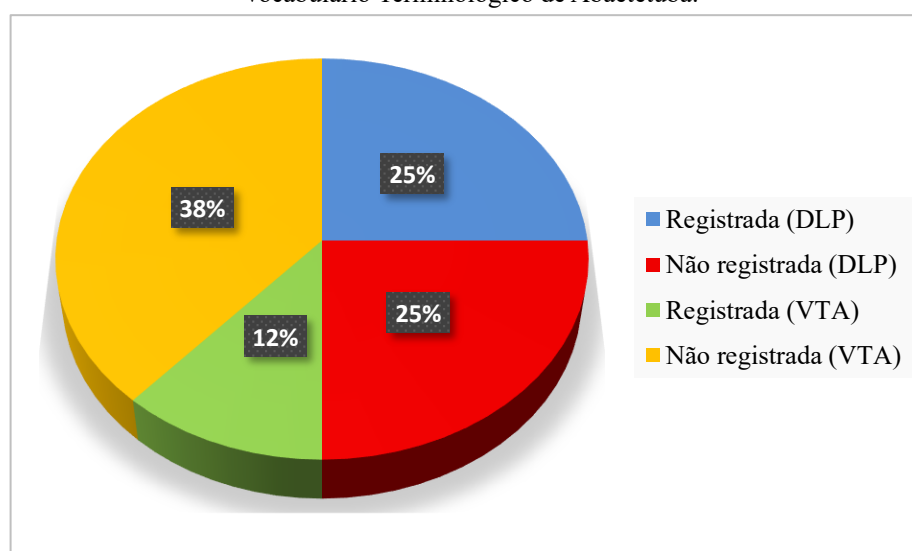
Faixa etária (diageracional)	Nº de cartas	Campo semântico	Riquezas lexicais (percentual)
1ª Faixa etária	2 cartas	Flora	Ninguera (53,33%)
		Utensílios domésticos: pesca, caça e roça	Montaria (53,33%)
2º Faixa etária	6 cartas	Fauna	Porco-espinho (55,56%)
		flora	Tapera (53,33%)
		Utensílios domésticos: pesca, caça e roça	Atorá (55,56%);
		Religiosidades e crenças	Mundiado (52,64%); Despacho (52,95%); Visagem (52,45%)
Igualdade entre a 1ª Faixa etária e a 2º Faixa etária			18 cartas (69,23%)

Fonte: elaboração da autora (2025)

Ao considerar a dimensão diageracional essa abordagem revelou padrões de uso consolidados, bem como padrões mais restritos e específicos, observados nas ocorrências limitadas a determinadas gerações. Assim, a aplicação do enfoque diageracional foi essencial para identificar não apenas as dinâmicas de mudança no uso da linguagem, mas também para compreender como aspectos culturais e históricos contribuem para a preservação e resistência do vocabulário no território quilombola Arapapuzinho.

Quanto aos resultados gerais da análise no Dicionário de Língua Portuguesa e no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba, obtivemos a apuração que das vinte e seis Cartas Linguísticas 25% tiveram a averbação e 25% não apresentaram nem um registro no Dicionário de Língua Portuguesa. Quanto ao Vocabulário Terminológico de Abaetetuba houve o registro de 13% das lexias de maior frequência e 38% não estão documentados. Desta forma, o gráfico a seguir apresenta a ilustração desses dados:

Gráfico 25: Percentual das lexias de acordo com a análise no Dicionário de Língua Portuguesa e no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba.



Fonte: elaboração da autora (2025)

Diante disso, os dados apontados acima houve onze cartas não registradas em ambos os documentos, distribuídos no campo semântico flora (avapão, tronqueira e ninguera); utensílios domésticos: pesca, caça, roça (rasa, gapuiar, ritiro, caroceira e mocooca); e religiosidades e crenças (simbolada, cambi e mundiado). Observou-se, também, que quatro Cartas Linguísticas estão registradas tanto no DLP quanto no VTA, sendo estas, no campo semântico flora (tapera), utensílios domésticos: pesca, caça, roça (jirau e montaria) e religiosidade e crenças (visagem). No entanto, verificou-se nove Cartas Linguísticas com a averbação somente no DLP, contidas no campo semântico fauna (nambu, porco-espinho e quati), flora (fruta-pão), utensílios

domésticos: pesca, caça, roça (espingarda e tipiti) e religiosidade e crenças (quebranto, novenas e despacho), bem como no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba que houve exclusivamente registro das lexias no campo semântico flora (curera) e utensílios domésticos: pesca, caça, roça (atorá). Neste sentido, a tabela 11 a seguir nos revela os dados em questão:

Tabela 11: Distribuição das lexias de acordo com a análise no Dicionário de Língua Portuguesa e no Vocabulário Terminológico de Abaetetuba.

Campo semântico	Lexia	Dicionário de Língua Portuguesa (DLP)	Vocabulário Terminológico de Abaetetuba (VTA)
Fauna	Nambu	Registrada	Não registrada
	Porco-espinho	Registrada	Não registrada
	Quati	Registrada	Não registrada
Flora	Avapão	Não registrada	Não registrada
	Fruta-pão	Registrada	Não registrada
	Corera	Não registrada	Registrada
	Tronqueira	Não registrada	Não registrada
	Ninguera	Não registrada	Não registrada
	Tapera	Registrada	Registrada
Utensílios domésticos: pesca, caça e roça	Espingarda	Registrada	Não registrada
	Jirau	Registrada	Registrada
	Tipiti	Registrada	Não registrada
	Rasa	Não registrada	Não registrada
	Gapuiar	Não registrada	Não registrada
	Ritiro	Não registrada	Não registrada
	Caroceira	Não registrada	Não registrada
	Mocooca	Não registrada	Não registrada
	Atorá	Não registrada	Registrada
	Montaria	Registrada	Registrada
Religiosidade e crenças	Quebranto	Registrada	Não registrada
	Simbolada	Não registrada	Não registrada
	Cambi	Não registrada	Não registrada
	Novenas	Registrada	Não registrada

	Mundiado	Não registrada	Não registrada
	Despacho	Registrada	Não registrada
	Visagem	Registrada	Registrada

Fonte: elaboração da autora (2025)

Diante dos dados apresentados, constata-se que o território quilombola Arapapuzinho preserva um léxico próprio, fortemente associado às práticas culturais, saberes ancestrais e à identidade coletiva de seus moradores. uma vez que, as riquezas lexicais catalogadas representam elementos simbólicos de pertencimento e resistência cultural. Portanto, a representação dos dados mapeados em Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do Território Quilombola Arapapuzinho, permitiu além da visualização dos dados, mas também a valorização das lexias registradas, pois possibilitou reconhecer e preservar as riquezas lexicais como parte da história e memória do território quilombola Arapapuzinho.

A seguir, apresentamos a conclusão deste estudo, fundamentada nos resultados obtidos ao longo do processo de construção teórica e metodológica desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou vivenciar e enaltecer a resistência do território quilombo Arapapuzinho por meio da construção das Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do Território Quilombola Arapapuzinho, considerando os aspectos sócio-histórico, sociocultural, linguístico e identitário dos quilombolas pertencentes ao território. Essa elaboração escrita e cartográfica foi/está sendo delineada gradativamente, por meio de experiências, as quais possibilitam viver, apreender e construir novos saberes.

Estremecida, pelo desejo de dar voz e valorizar os grupos acêntricos do Baixo Tocantins, abracei a ideia de construir esta pesquisa, sobre orientação da professora Dr^a Brayna Conceição dos Santos Cardoso e coorientação do professor Dr^o Alexandre Assis Tomporoski, a fim de registrar as riquezas lexicais do território quilombola Arapapuzinho como valorização e contribuição para as pesquisas linguísticas do Baixo Tocantins, ainda pouco desenvolvidas. Assim, após apresentar aos moradores o que de fato seria esta pesquisa, despertou o interesse deles em debruçar-se sobre a história e memória do seu povo, por meio das longas horas de contação da história viva, narradas pelos mais idosos, ou a partir da aplicação do QSL-A, o qual tem como finalidade evidenciar os aspectos identitários e culturais por meio das variantes linguísticas.

Para tanto, o ponto de partida desta pesquisa esteve ancorado na seguinte questão de investigação: Existe um léxico específico na fala dos moradores do território quilombola Arapapuzinho considerando seus aspectos culturais, linguísticos e identitários? A partir dessa problematização, estruturaram-se os objetivos específicos, que nortearam cada etapa da pesquisa. O primeiro objetivo consistiu em registrar o léxico do território quilombola Arapapuzinho, o que foi possível por meio da aplicação do QSL-A e de entrevistas com moradores considerando gênero/sexo (diassexual), faixa etária/geração (diageracional), escolaridade (diastrática). Tendo em vista, que esse registro resultou na elaboração das vinte e seis (26) Cartas Linguísticas, organizadas em quatro campos semânticos: fauna, flora, utensílios domésticos da pesca, caça e roça, e religiosidade e crenças. Portanto, a organização dos campos semânticos não apenas sistematizou os dados, mas também reafirmou a íntima ligação entre a linguagem, o cotidiano e as práticas culturais do quilombo que moldam sua identidade e seu pertencimento.

Quanto ao segundo objetivo buscou identificar as variações lexicais na fala dos moradores do território quilombola Arapapuzinho, no qual foi possível constatar que a diversidade lexical se manifesta a partir de fatores sociais do ponto de vista diassexual,

diageracional e diastrática. O registro dessas variações, fortalecem o léxico coletivo, bem como reforçam sua vitalidade, revelando como a oralidade, a memória e a vivência comunitária moldam a língua falada e a tornam reflexo da resistência cultural. Desse modo, a catalogação de riquezas lexicais inéditas, próprias do falar do território quilombola Arapapuzinho, reforça a existência de um léxico identitário, que, ao mesmo tempo em que funciona como meio de comunicação, constitui um marcador de pertencimento e de memória coletiva do território.

O terceiro objetivo esteve voltado para a construção das Cartas Linguísticas Semântico-Lexicais, compreendidas não apenas como registros descritivos, mas como instrumentos de valorização e preservação do léxico falado pelos moradores do território quilombola Arapapuzinho. As cartas linguísticas foram elaboradas com base no método cartográfico, a partir de um processo que uniu rigor científico e respeito às práticas locais. Ademais, a história, a memória e a identidade dos moradores foram os elementos que orientaram a escolha das lexias, e sua sistematização em cartas reforçou a relevância de compreender o léxico como patrimônio imaterial e como parte do pertencimento linguístico e cultural dos moradores. Neste sentido, as cartas funcionam como um material de resistência, capaz de preservar a memória linguística e cultural do território e, ao mesmo tempo, servir como recurso pedagógico e cultural para uso em espaços educativos, promovendo práticas que valorizem a identidade quilombola.

Os resultados obtidos ao longo da pesquisa evidenciam que o território quilombola Arapapuzinho apresenta, de fato, um léxico específico que demarca a identidade linguística de seus moradores. Uma vez que esse léxico não se limita à função comunicativa, mas carrega significados profundos de pertencimento, resistência e memória ancestral. Observa-se, também, que ao registrar o falar do território de acordo com a identidade socio-histórica e cultural dos moradores, foi possível notar que o quilombo preserva um conjunto de riquezas lexicais fortemente enraizadas em suas práticas culturais, tradições orais e saberes herdados de seus ancestrais. Assim, as lexias mapeadas se consolidam como mecanismos de comunicação, mas também como extensões da memória coletiva e da resistência cultural, reafirmando que a linguagem é parte integrante da luta quilombola no Baixo Tocantins.

Para tanto, o mapeamento cartográfico das variações lexicais e resultaram na elaboração das Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do Território Quilombola Arapapuzinho permitiram visualizar os patrimônios linguísticos, e valorizando a diversidade linguística e cultural do território, bem como fortalecer a preservação dessas lexias como um bem imaterial. Portanto, a conclusão desta dissertação de mestrado é um mecanismo afim de contribuir com os estudos linguísticos da Região do Baixo Tocantins com enfoque sociocultural, assim como para o

fortalecimento e incentivo de novas pesquisas que vise valorização dos territórios quilombolas enquanto espaços de saberes culturais e linguísticos.

Por fim, refletindo a relevância da construção das Cartas Linguísticas Semântico-Lexical do Território Quilombola Arapapuzinho, recomenda-se a construção de futuras pesquisas que ampliem o escopo deste estudo, em termos geográficos e metodológicos, com investigação cartográfica em outros territórios quilombolas da região do Baixo Tocantins. Também, propõe-se o desenvolvimento de materiais didáticos adaptados baseados nas Cartas Linguísticas, com intuito de integrar os saberes tradicional ao contexto educacional, a fim de promover práticas pedagógicas que destaque os aspectos linguísticos, culturais e identitários como parte importante do pertencimento do território quilombola Arapapuzinho.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística (parte I). In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, V.1, 9ªed., rev., p. 23-50, 2001.

BAGNO, M. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola, 2014.

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: Pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola Editorial, outubro de 2014.

BARBOSA, José Luiz. **Cidadania, Território e Políticas Públicas**. Observatório das Favelas, 2009. Disponível em: https://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2021/07/Cidadania-Territo%CC%81rio-e-Poli%CC%81ticas-Pu%CC%81blicas_Por-Jorge-Luiz-Barbosa.pdf

BARBOSA, José Luiz. **O Território como conceito e prática social**. Observatório das Favelas, 2015. Disponível em: <https://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2021/07/O-territorio-como-conceito-e-pratica-social.pdf>

BECHARA, Evanildo. **Dicionário de Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Terminologia e Lexicografia**. TRADTERM, v. 7, 2001. p. 153-181. Disponível em: [Vista do Terminologia e lexicografia](#). Acesso em: 10 jul. 2024.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Unidades complexas do léxico**. In Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela. vol. 2. Unesp, 2005. p. 747-757. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf> . Acesso em: 18 jan. 2024

CARDOSO, Brayna conceição dos Santos; RAZKY, Abdelhak. **A variação diatópica no dicionário escolar**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2015.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzane FERREIRA, Carlota. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CIAMPA, A. da C. **Identidade**. In: LANE, S.T.M; CODO, W. (orgs). O homem em movimento. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense. p 59 – 75, 1987

COSTA, Silvano Santana de Oliveira. **Cartografia Linguística**: Um estudo semântico-lexical da fala dos moradores do município de Igarapé-Miri/PA. Revista Ribanceira. Belém, v. n 15, p 112-132, 2018.

COSTA, Silvano Santana de Oliveira. **Cartografia Linguística**: Um estudo semântico-lexical da fala dos moradores do município de Igarapé-Miri/PA. 2015. 297 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015.

DANTAS, Rictor de Oliveira; CARLOS, Valeska Gracioso. **DIALETOLOGIA: DE GILLIÉRON À ATUALIDADE DIALECTOLOGY: FROM GILLIÉRON TO NOWADAYS**. Mestrado em Estudos da Linguagem. Muitas vozes, Ponta Grossa, v.9, n 1, p 388-409, 2020.

DIAS, Marcelo Pires. **Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará**. 2017. 569 f. Tese (Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

DIAS, Marcelo Pires; OLIVEIRA, Marilucia Barros de. **Inflorescência terminal da bananeira em dois atlas Linguísticos brasileiros**: um estudo comparativo. Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. v. 5, nº 02, p 01-14, 2019.

FIORIN, José Luiz (Orgs). **Introdução à Linguística I**: Objetos Teóricos. 5ª Edição, 2ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e interdisciplinaridade**. Alea, v. 10, n. ja/ju 2008, p. 29-53, 2008 Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-106x2008000100003>. Acesso em: 01 jun. 2024.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2005 (1972).

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012

LUNARDI, Márcia Lise. **Língua, cultura e identidade**: 2º semestre - Revisão pedagógica e de estilo Profª Ana Cláudia Pavão Siluk ... [et al.]]. - 1. ed.- Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância de Educação Especial, 2005.

MENDONÇA, Onaide Schwartz Correa De. **A eficiência do método sociolinguístico: uma nova proposta de alfabetização**. In: Sônia Maria Coelho. (Org.). Caderno de Formação: formação de professores didática dos conteúdos. 02ed.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 02, p. 120-130. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40145/1/01d16t10.pdf> Acesso em: 10 set. 2024

MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA Maria Luiza. **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do Quilombo na África**. In: Revista USP, n. 28, São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, Maria Odaia Espinheiro de. **Vocabulário Terminológico cultural da Amazonia Paraense**: com termos culturais das áreas de Abaetetuba, Belém e Santarém. 2 ed. Belém, PA: Cultural Brasil. 2015.

PELEGRINI, Sandra; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. Brasiliense, 2008.

PEREIRA, Geovana Ribeiro. **Diversidade Linguística como Patrimônio Cultural: a construção de uma política pública**. Instituto de Letras-IL. Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma Linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; PONTES, Antônio Luciano; MONTEIRO, Jamyle dos Santos. **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas** – homenagem a Socorro Aragão. São Luís: EDUFMA, 2010. p. 124 – 138.

RICARDO, Bortoni. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Editorial, 2010.

SÁ, Talita Rodrigues de. **Pelos Caminhos da Cartografia Linguística paraense: uma análise semântico-lexical no contexto educacional amazônico**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará, 2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 122 pp.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; "LÍNGUA, CULTURA, LÉXICO", p. 65-84. In: Sobral, Gilberto Nazareno Telles; Lopes, Norma da Silva; Ramos, Jânia Martins. *Linguagem, Sociedade e Discurso*. São Paulo: Blucher, 2015

SILVA, André Marcos de Paula e. **História e cultura Afro-Brasileira**. Curitiba: expoente, 2008. 224 p.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX e siècle. In: ENGLEBERT, Annick et al. (Org.). **Actes do XXII e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes**. Bruxelas: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 367-388.

APÊNDICE

Apêndice 1: Questionário Semântico-Lexical Adaptado (QSL-A)

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL ADAPTADO (QSL-A)

FAUNA

- 1- Como se chama o pássaro parecido com uma galinha que canta fió, fió e vive na mata?

(INAMBU)

- 2- Entre os fantásticos que habitam e protegem as matas, como se chama o que cuja suas características é ter os pés ao contrário com os calcanhares para frente e os dedos para trás?

(CURUPIRA)

- 3- Homem que se transforma em lobo ou em qualquer outro animal.

(LOBISOMEM)

- 4- Mulher velha que geralmente aparece a noite para assustar as pessoas com seu assobio seguido de seu nome.

(MATINTAPEREIRA)

- 5- Animal parecido com o gambá que geralmente tem seus filhotes na copa das arvores, que quando se sente ameaçado exala um odor muito forte.

(MUCURA)

- 6- Animal com a pelagem no tom de castanho, com linhas pontilhadas brancas que se estendem por todo o dorso.

(PACA)

- 7- Bicho parecido com o lagarto, mas de tamanho maior que gosta de comer os ovos e os pintinhos da galinha.

(JUCURARU)

- 8- Animal parecido com o caracol de tamanho pequeno que fica grudado nas toras de pau no fundo do rio, o qual se come com o auxílio de um espinho após ser cozido

(CARAMUJO)

- 9- Como você chama o animal com a pelagem que varia de amarelo a marrom escuro com o rabo comprido e um focinho fino e alongado?

(CUAMIM)

- 10- É um animal que possui o corpo coberto por espinhos que são semelhantes ao pelo, o qual são usados como defesa pelo animal?

(CUANDU)

FLORA

- 11- Como se chama a planta abundante as margens do rio e várzeas comuns aqui nos rios do Baixo Tocantins. As flores e os frutos servem como isca na pescaria.

(ANINGA)

- 12- Como você chama a árvore que com o seu fruto maduro, depois de esvaziado o miolo, é usado para fazer cuia?

(CUIEIRA)

- 13- Planta que com suas raízes pode ser feito a farinha e com suas folhas trituradas se faz a maniçoba.

(MANIVA)

- 14- Palmeira amazônica que brota nos alagadiços, da qual produz um fruto delicioso que pode-se fazer um vinho amarelado.

(MIRITIZEIRO)

- 15- Area de mata abandonada que os mais antigos diziam que não se poderia ir logo após o horário do almoço e no fim da tarde por causa das visagens.

(MATA)

- 16-** Fruto de casca fina na cor verde parecida com a laranja e que tem um sabor meio amargo e mais suave que o limão.

(LIMA)

- 17-** Fruta semelhante a jaca que quando madura se cozinha os caroços para tomar com café.

(FRUTA-PÃO SEM SEMENTES)

- 18-** Fruta com as mesmas características da jaca, mas sem as sementes, somente com uma massa, a qual se produz mingau para o sustento alimentar.

(FRUTA-PÃO-DE-MASSA)

- 19-** Resíduo grosso da mandioca que não passa pela peneira que seco no sol se faz um delicioso mingau

(CROEIRA)

- 20-** Tronco de pau que fica no fundo do rio, onde os peixes se escondem e quando se pesca mergulhando é usado como estratégia para arpoar os peixes

(TABOCA)

UTENSÍLIO DOMÉSTICOS- CAÇA, ROÇA E DA PESCA

- 21-** Como se chama o objeto usado para carregar farinha, frutas, ou outros alimentos?

(CESTO)

- 22-** Arma de fogo grande, feita de madeira com os canos de alumínio ou ferro, usada durante as caçadas. Se chama como?

(CARTUCHEIRA)

- 23-** Embarcação pequena feita somente com um tronco de árvore cavado, que transporta de duas a três pessoas, e o canoeiro se senta na pupa para conduzi-la.

(CANOA)

- 24-** Tipo de pia de madeira que geralmente fica na parte de trás da casa para que não molhe o assoalho durante a lavagem de louça ou preparo da comida.

(PIA)

25- Objeto feito de lata com pavio, o qual é colocado querosene para ser queimado e gerar luz nas casas sem energia ou durante a caçada.

(LAMPARINA)

26- Espécie de rede que se utiliza para pescar.

(MALHADEIRA)

27- Utensílio que se utiliza para escorrer o tucupi da massa da mandioca durante a produção da farinha.

(PRENSA)

28- Utensílio confeccionado com tala de miriti utilizado na pesca de camarão.

(MATAPI)

29- Cesto de talas de arumã que são utilizados para colocar o açaí depois de desbulhado.

(PANEIRO)

30- Objeto que se utiliza para coar a massa da mandioca ou para amassar o açaí.

(PENEIRA)

31- Objeto feito de madeira para socar arroz

(PILÃO)

32- Como você chama a prática de pegar camarão com as mãos?

(CAPTURAR)

33- Como você chama a casa de fazer farinha?

(CASA DE FORNO)

34- Como você chama o objeto que se utiliza para coar a burra do açaí?

(CRIVO)

35- Qual o nome se dar para estratégia que de pegar camarão nas áreas alagadas da mata após a enchente e vazante do rio?

(TAPAGEM)

RELIGIOSIDADE E CRENÇAS

36- Oração dialogada rápida em que os fiéis se ocupam da resposta, que consiste em demonstrar a comunhão com Deus através e aos santos para intercederem pelos fiéis

(LADAINHA)

37- Ser capaz de curar dores e doenças físicas e da alma com auxílio de plantas ou chás

(CURANDEIRO)

38- Celebração que ocorre todos os domingos no horário da manhã na igreja católica

(CULTO)

39- Geralmente é uma mulher que tem o dom de tirar mau olhado por meio de rezas com o auxílio do galho de uma planta específica

(BENZEDEIRA)

40- Aparição que geralmente aparece nos casos narrados pelos mais velhos, seja um vulto ou uma pessoa

(FANTASMA)

41- Como se chama as crianças quando ainda não são batizadas

(SEM BATISMO)

42- Ação ou prática com intenção de prejudicar alguém, que geralmente são colocadas nas encruzilhadas

(FEITIÇO)

43- Como se chama o ser quando encantado por algum fantástico da natureza

(ASSOMBRADO)

44- Quando se olha com mau olhado ou inveja seja para criança ou para os adultos e os mesmos sentem sintomas de fraqueza, aborrecimento ou dores de cabeça, se diz que estão com...

(MAL OLHADO)

45- Como você chama a dança que segue uma música cantada geralmente nas festas tradicionais do território, que expressa a alegria das mulheres quilombolas e celebrar a resistência e identidade da comunidade?

(SAMBA)

46- Como você chama o momento que acontece depois do momento sagrado de novena durante a festividade do território, no qual qualquer objeto se torna instrumento para tocar a simbolada?

(FESTA)

47- Como você chama o momento que a comunidade se reúne por dias em devoção ao padroeiro, momento este que antecede a festividade?

(REZAS)

Apêndice 2: Ficha do Sujeito**FICHA DO SUJEITO**

- DADOS PESSOAIS DO COLABORADOR DA PESQUISA

NOME: _____

APELIDO: _____

DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____

IDADE: _____

ENDEREÇO: _____

PONTO DE REFERÊNCIA: _____

ESTADO CIVIL: _____

NATURALIDADE: _____

NATURALIDADE:

Da mãe: _____

Do pai: _____

Do cônjuge: _____

01 - HÁ QUANTOS ANOS VOCÊ MORA NA COMUNIDADE?

02 - COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA COMUNIDADE? (Caso não seja natural da localidade)

04 - VOCÊ SE CONSIDERA QUILOMBOLA? GOSTA DE SE IDENTIFICAR COMO QUILOMBOLA?

05 - VOCÊ FREQUENTOU A ESCOLA REGULAR? SE SIM, ATÉ QUAL ANO DE ENSINO?

06 - QUAIS OS MOTIVOS INFLUENCIARAM NO FATO DE VOCÊ NÃO TER FREQUENTADO OU TER ABANDONADO A ESCOLA?

07 - QUAL A SUA ESCOLARIDADE?

08 - SABE LER E ESCREVER?

09 - QUAL A SUA PROFISSÃO?

10 - QUAL A SUA RENDA?

11 - VOCÊ VERIFICA DIFERENÇAS NA FALA OU NAS PALAVRAS DITAS ENTRE OS MAIS VELHOS E OS MAIS JOVENS DA COMUNIDADE?

12 - A ESCOLA UTILIZA OS SABERES DA COMUNIDADE NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS?

13 - VOCÊ CONSIDERA SEU FALAR COMO UM PATRIMÔNIO LEXICAL?

Características psicológicas aparentes: tímido () entusiasmado () sarcástico ()
--

Gral de espontaneidade da fala:

Observações:

Entrevistador (a):

Data da aplicação: ____/____/____

Assinou o TCLE: sim () não ()

Apêndice 3: Ficha da Localidade**FICHA - DADOS DA COMUNIDADE**

01 – NOME DO TERRITÓRIO

02 – NOMES ANTERIORES

03 - ONDE A COMUNIDADE FICA LOCALIZADA?

04 - COMO SE DEU A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE? (Relate esse processo histórico e cultural que demarcou o surgimento do Quilombo)

05 - QUAL É A ORIGEM DO NOME DA COMUNIDADE?

06 - QUEM FORAM OS FUNDADORES DA COMUNIDADE?

07 - QUAIS ERAM OS MEIOS DE TRANSPORTES PARA TER ACESSO A COMUNIDADE?

08 - QUANTOS HABITANTES RESIDEM HOJE NA COMUNIDADE?

09 - QUAL A MAIOR FONTE DE RENDA DOS MORADORES?

10 - A COMUNIDADE POSSUI ESCOLA? QUANTAS? ATÉ QUAL ANO DE ENSINO?

11- A COMUNIDADE DISPÕE DE POSTO DE SAÚDE?

12 - AS RESIDÊNCIAS POSSUEM ACESSO AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO? QUAIS?

13 - DE QUE FORMA ACONTECE O ABASTECIMENTO DE ÁGUA UTILIZADA PELOS MORADORES DO TERRITÓRIO?

14 - QUAL A RELIGIÃO PREDOMINANTE NA COMUNIDADE?

15 - POSSUI IGREJAS? DE QUAIS RELIGIÕES?

16 - QUAIS MANIFESTAÇÕES/ FESTEJOS SÃO REALIZADOS PARA MANTER A CULTURA DA COMUNIDADE?

17 - QUAL É A MAIOR FONTE DE RENDA DOS MORADORES?

18 - VOCÊ VERIFICA DIFERENÇAS NA FALA OU NAS PALAVRAS DITAS ENTRE OS MAIS VELHOS E OS MAIS JOVENS DA COMUNIDADE?

19 - VOCÊ NOTA QUE NA COMINIDADE OS MORADORES CONSIDERAM SEU FALAR COMO UM PATRIMÔNIO LEXICA?

20 - A ESCOLA UTILIZA OS SABERES DA COMUNIDADE NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS?

21 - OS MORADORES DA COMUNIIDADE TÊM ACESSO À UNIVERSIDADE? HÁ INCENTIVO PARA O INGRESSO NA GRADUÇÃO?

22 - QUAIS OS BENEFÍCIOS PARA A COMUNIDADE QUANDO O QUILOMBOLA VOLTA FORMADO?

23 - O QUE OS REPRESENTANTES POLÍTICOS FAZEM EM PROL À COMUNIDADE?

Características psicológicas aparentes: tímido () entusiasmado () sarcástico ()
--

Gral de espontaneidade da fala:
--

Observações:

Entrevistador (a):

Data da aplicação: ____/____/____
Assinou o TCLE: sim () não ()

ANEXOS

Anexo 01: Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

UFPA - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARÁ



Continuação do Parecer: 7.113.468

linguísticas. Nas cartas constarão as variantes lexicais que demonstram a variação de idade, sexo e escolaridade e com a aplicação de todos os procedimentos se desdobrará na construção do Atlas Quilombola do Território do Arapapuzinho. Esperamos que o nosso trabalho venha a contribuir de maneira significativa no meio acadêmico no que diz respeito a valorização da cultura da identidade e do léxico das comunidades tradicionais, em especial o Território Quilombola Arapapuzinho.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Registrar o falar do Território do Quilombola Arapapuzinho de acordo com a sua identidade sócio-histórica e cultural, visando a construção de Atlas Linguístico como forma de valorizar a riqueza lexical da comunidade quilombola e as suas vivências, como forma de documentar o seu patrimônio lexical

Objetivo Secundário:

1) Registrar o léxico do Território Quilombola Arapapuzinho; 2) Identificar variação lexical na fala dos moradores do Território Quilombola Arapapuzinho; 3) Construir Atlas Linguístico do Território Quilombola Arapapuzinho, de acordo com sua história memória e identidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos mínimos de constrangimento durante as respostas do questionário e da ficha do sujeito, caracterizam-se pela possibilidade de risco psicológico, intelectual ou/e emocional. Além do risco de quebra de confidencialidade (algum dado que possa identificar o sujeito da pesquisa a ser exposto publicamente). Então, caso o participante apresente alguma dúvida ou desconforto ao realizar alguma atividade, a pesquisadora poderá esclarecê-la imediatamente e minimizar o desconforto. Portanto, pretende-se usar como medidas minimizadoras manter o sigilo das informações e anonimato dos sujeitos, além de diálogo prévio com objetivo de gerar aproximação entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, o uso do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), também servirá de instrumento de garantia legal do sigilo dos dados da pesquisa.

Benefícios:

Como benefícios da pesquisa espera-se o aumento do conhecimento sobre o assunto de variação linguística e ensino de língua brasileira a partir dos falares dos moradores do Território

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamá, UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.
Bairro: Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br

**UFPA - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARÁ**



Continuação do Parecer: 7.113.468

Quilombola Arapapuzinho. A construção de estudo registrado em cartas lexicais dos aspectos semânticos-lexicais de moradores do quilombo Arapapuzinho. Portanto, contribuir com os estudos voltados à valorização de grupos minoritários da Amazônia especificamente da Região do Baixo Tocantins, dado toda sua heterogeneidade que demarca sua identidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O protocolo encaminhado dispõe de metodologia e critérios definidos conforme resolução 466/12 do CNS/MS. Trata ainda em resolver pendências citadas no parecer nº7.082.901, que depois de avaliação por este colegiado entende-se como, não haver problemas de riscos como descrito no parecer anterior e que os documentos estão anexados na brochura do projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados, nesta versão, contemplam os sugeridos pelo sistema CEP/CONEP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto somos pela aprovação do protocolo. Este é nosso parecer, SMJ.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2367691.pdf	27/09/2024 11:51:09		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	29/08/2024 10:38:39	NAIR MIRANDA DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	29/08/2024 10:38:21	NAIR MIRANDA DA COSTA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	27/06/2024 16:30:51	NAIR MIRANDA DA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	27/06/2024 16:30:09	NAIR MIRANDA DA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamá ,UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.
Bairro: Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br

UFPA - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARÁ



Continuação do Parecer: 7.113.468

Não

BELEM, 01 de Outubro de 2024

Assinado por:
Wallace Raimundo Araujo dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamá ,UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.
Bairro: Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br